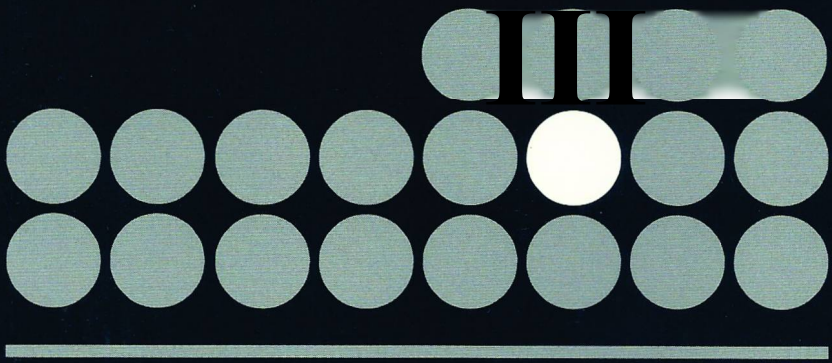
Efésios

Introdução
e comentário

Francis Foulkes



·SÉRIE CULTURA BÍBLICA* VIDA NOVA

Efésios

Introdução e comentário

Francis Foulkes



Tradução

Márcio Loureiro Redondo

VIDA NOVA

Copyright © 1963 Inter Varsity Press
Título do original: *The Epistle of Paul to the Ephesians, an Introduction and Commentary*
Traduzido da edição publicada pela
InterVarsity Press (Londres, Inglaterra)

1.ª edição: 1981
2.ª edição: 1983
Reimpressões: 1984, 1986, 1989, 1993, 2001, 2005, 2006, 2007, 2008, 2011

Publicado no Brasil com a devida autorização
e com todos os direitos reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA,
Caixa Postal 21266, São Paulo, SP
04602-970
www.vidanova.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer
meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos
fotográficos, gravação, estocagem em banco de
dados, etc.), a não ser em citações breves,
com indicação de fonte.

Impresso no Brasil */Printed in Brazil*

ISBN 978-85-275-0115-6

TRADUÇÃO
Márcio Loureiro Redondo

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Sérgio Siqueira Moura

PREFÁCIO GERAL

Todos os que se interessam, tanto pelo ensino como pelo estudo do Novo Testamento, não podem deixar de preocupar-se com a falta que há atualmente de comentários que não sejam, nem demasiadamente técnicos, nem muito superficiais. O organizador desta série e os editores têm esperança de que ela venha a suprir, ao menos em parte, tal carência.

O propósito dos editores é colocar a um preço acessível nas mãos dos leitores do Novo Testamento, tanto daqueles que o fazem com fins de estudo como dos que o fazem por devoção, comentários da autoria de vários eruditos que, conquanto livres para fazerem suas contribuições individuais, estão, ao mesmo tempo, presos ao mesmo objetivo comum, qual seja o de produzir obras teológicas eminentemente bíblicas.

Estes comentários são, basicamente, exegéticos, e somente em segundo plano, são homiléticos. Espera-se, assim, que tanto o pesquisador como o pregador os acharão informativos e sugestivos. Os problemas difíceis são analisados em maior profundidade nas seções introdutórias, ou ainda, a critério do autor, em notas adicionais.

Os comentários estão baseados no texto da Versão Autorizada (Authorized Version), *ou simplesmente* AV, *também chamada* Versão dc Rei Tiago (King James Version, *ou simplesmente* KJV). *Deve-se ter em mente, não obstante, que nenhuma tradução da Bíblia é considerada infalível, e nenhum manuscrito ou grupo de manuscritos originais, em grego, é considerado totalmente certo! As palavras em grego estão, aqui, transliteradas com o duplo objetivo: de ajudar os que não estão familiarizados com a língua grega, e de evitar que aqueles que a conhecem tenham dificuldade em reconhecer a palavra que está sendo analisada.*

Hoje em dia há inúmeros indícios de um renovado interesse no que a Bíblia tem a dizer, e um desejo geral de entendê-la da maneira mais clara e completa possível. Todos que, por vários modos, contribuímos para produzir esta série de comentários, esperamos que, com a ajuda da graça divina, sejam plenamente alcançadas essas finalidades.

R. V. G. TASKER

PREFÁCIO DO AUTOR

Nestes últimos cem anos, foram poucas as epístolas do Novo Testamento que tiveram, em inglês, comentários dignos de nota. Entre estas encontra-se a de Efésios. Nosso estudo dessa epístola foi enriquecido pelo trabalho judicioso de Armitage Robinson, Westcott e Abbott no texto grego, pelas exposições práticas de inestimável valor, de Findlay e Dale, e, acima de tudo, pela obra do Bispo Handley Moule, cujo trabalho sempre combina a cuidadosa erudição com a aplicação devocional. A esses mencionados, e a outros (professores, pregadores e alguns autores) cujos escritos freqüentemente muito me auxiliaram, confesso-me devedor e expresso minha gratidão; haverá, porém, casos em que, por insuficiência de dados, não poderei sequer saber a quem devo agradecer a colaboração.

Na introdução são estudados ligeiramente problemas ligados à natureza característica de Efésios, à relação da epístola com outros escritos neotestamentários, à autoria e à sua destinação original. Estes problemas, embora sejam interessantes, parecem ser menos importantes para a compreensão desta epístola, o que não é o caso da maioria das demais cartas do Novo Testamento. Não considero, portanto, a Introdução, como a parte mais importante deste comentário. Diferentemente do que fizemos no estudo da epístola aos Gálatas, apresentamos aqui tão-somente o ensino doutrinário, sem aplicações diretas a problemas específicos; os preceitos morais são apresentados como nas epístolas aos Coríntios, mas sem referências aos problemas peculiares de uma igreja. Pelo visto, o estudo da linguagem e do pensamento exposto na epístola em si. é que nos guiará, mais profundamente, ao entendimento que o escritor tem da glória de Deus em Cristo e da suprema vocação daqueles que passam a viver nEle. SirEdwin Hoskyns perguntou certa vez: "É possível estudar numa língua e despertar para a Verdade? É possível sepultar-se num léxico e ressuscitar na presença de Deus?" Muitos já descobriram que, de fato, isso é possível, principalmente quanto às palavras desta epístola, à qual Coleridge se referiu como "uma das mais divinas composições humanas."

FRANCIS FOULKES

PREFÁCIO DA EDIÇAO EM PORTUGUÊS

Todo estudioso da Bíblia sente a falta de bons e profundos comentários em português. A quase totalidade das obras que existem entre nós peca pela superficialidade, tentando tratar o texto bíblico em poucas linhas. A Série *Cultura Bíblica* vem remediar esta lamentável situação sem que peque do outro lado por usar de linguagem técnica e de demasiada atenção a detalhes.

Os Comentários que fazem parte desta coleção *Cultura Bíblica* são ao mesmo tempo compreensíveis e singelos. De leitura agradável, seu conteúdo é de fácil assimilação. As referências a outros comentaristas e as notas de roda-pé são reduzidas ao mínimo. Mas nem por isso são superficiais. Reunem o melhor da perícia evangélica (ortodoxa) atual. O texto é denso de observações esclarecedoras.

Trata-se de obra cuja característica principal é a de ser mais exegética que homilética. Mesmo assim, as observações não são de teor acadêmico. E muito menos são debates infindáveis sobre minúcias do texto. São de grande utilidade na compreensão exata do texto e proporcionam assim o preparo do caminho para a pregação. Cada Comentário consta de duas partes: uma introdução que situa o livro bíblico no espaço e no tempo e um estudo profundo do texto a partir dos grandes temas do próprio livro. A primeira trata as questões críticas quanto ao livro e ao texto. Examina as questões de destinatários, data e lugar de composição, autoria, bem como ocasião e propósito. A segunda analisa o texto do livro seção por seção. Atenção especial é dada às palavras-chave e a partir delas procura compreender e interpretar o próprio texto. Há bastante "carne" para mastigar nestes comentários.

Esta série sobre o N.T. deverá constar de 20 livros de perto de 200 páginas cada. Os editores, Edições Vida Nova e Mundo Cristão têm programado a publicação de, pelo menos, dois livros por ano. Com preços moderados para cada exemplar, o leitor, ao completar a coleção terá um excelente e profundo comentário sobre todo o N.T. Pretendemos assim, ajudar os leitores de língua portuguesa a compreender o que o texto neo-testamentário, de fato. diz e o que significa. Se conseguirmos alcançar este propósito seremos gratos a Deus e ficaremos contentes porque este trabalho não terá sido em vão.

Richard J. Sturz

ABREVIATURAS PRINCIPAIS

AV	English Authorized Version (King James).
LXX	A Septuaginta (tradução grega pré-cristã do Antigo Testamento).
NEB	New English Bible, 1961.
RSV	American Revised Standard Version, 1946.
RV	English Revised Version, 1881.
Abbott	*Ephesians and Colossians* (The International Critical Commentaries) por T.K.Abbott, 1899.
Allan	*Commentary on Ephesians* (The Torch Bible Commentaries) por J.A.Allan, 1959.
Barclay	*Commentary on Galatians and Ephesians* (The Daily Study Bible) por William Barclay, 1954.
Barry	The Epistles to the Ephesians, Philippians, and Colossians por A. Barry em *A New Testament Commentary for English,* editado por C. J. Ellicott, 1896.
BDB	*A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament* por F. Brown, S.R. Driver e C.A. Briggs, 1907.
Bruce	*The Epistle to the Ephesians* por F.F. Bruce, 1961.
Calvino	*Commentary on Galatians and Ephesians* por João Calvino, traduzido para o inglês por W. Pringle, 1957.
Dale	*The Epistle to the Ephesians* por R.W. Dale, 1883.
Findlay	*Commentary on Ephesians* (The Expositor's Bible) por G.G. Findlay, 1902.
Lock	*Commentary on Ephesians* (The Westminster Commentaries) por W. Lock, 1929.
LS	*A Greek-English Lexicon* por H.G.Liddell e R. Scott.
Mitton	*The Epistle to the Ephesians* por C.L. Mitton, 1951.
Moffatt	*A New Translation of the Bible* por J. Moffatt, 1913.
Moule	*(CB) Commentary on Ephesians* (The Cambridge Bible for

	Schools and Colleges) por H.C.G. Moule, 1884.
Moule *(ES)*	*Ephesians Studies* por H.C.G. Moule, 1900.
Murray	*Commentary on Ephesians* (The Cambridge Greek Testament) por J.O.F. Murray, 1914.
Phillips	*The New Testament in Modem English* por J.B. Phillips, 1958‘
Robinson	*St. Paul's Epistle to the Ephesians* por J. Armitage Robinson, 1904.
Simpson	*The Epistles to the Ephesians and Colossians* (New London Commentary por E.K. Simpson e F.F. Bruce, 1958.
Scott	*Commentary on the Epistles to Colossians, Philemon and Ephesians* (Moffatt New Testament Commentary) por E.F. Scott, 1930.
Westcott	*Saint Paul's Epistles to the Ephesians* por B.F. Westcott, 1906.
Weymouth	*The New Testament in Modem Speech* por R.F. Weymouth, 1903.

CONTEÚDO

PREFÁCIO GERAL 3

PREFACIO DO AUTOR 5

PREFÁCIO DA EDIÇÃO EM PORTUGUÊS 7

INTRODUÇÃO

A Natureza e o Ensino da Epístola 13
Destinatários 16
Efésios e Colossenses 19
Efésios e Outros Escritores do Novo Testamento 23
Argumentos em Favor de uma Data Posterior 27
Outras Provas da Autoria 29
Obra de um Imitador ou do Próprio Apóstolo? 32

ANÁLISE

COMENTÁRIO 37

CONCLUSÃO 140

INTRODUÇÃO

I. A NATUREZA E O ENSINO DA EPISTOLA

Assim que iniciamos a leitura da epístola aos Efésios, descobrimos que ela começa da mesma maneira que as outras cartas do Novo Testamento reconhecidas como paulinas: "Paulo, apóstolo de Cristo Jesus por vontade de Deus, aos santos...". Mas ao continuarmos a ler defrontamos muitos aspectos que a fazem sobressair por ser, neles, diferente de todas as outras. Em primeiro lugar, além do fato de referir-se a Paulo como tendo o privilégio de ser um ministro do evangelho da graça de Cristo **(3:2-12),** de estar aprisionado em conseqüência de seu ministério **(3:1;4:1; 6:20),** e de ter Tíquico como o portador da carta **(6:21),** não há qualquer outra referência pessoal, nem saudações, nem reminiscências, nem recados particulares, tal como em grande número existem em outras cartas que sabemos serem de Paulo. Além do mais, aparentemente, não há problemas específicos, sejam de ordem doutrinária, sejam de ordem prática, que tivessem dado motivo a esta epístola pela necessidade de serem tratados, fato que ocorre com todas as outras cartas paulinas[1] as quais foram escritas para tratar de assuntos específicos e situações reais, conforme podemos inferir das próprias epístolas.

Sob muitos aspectos, Efésios parece mais um sermão — e em algumas partes mais uma oração ou uma vigorosa doxologia — do que uma carta escrita para atender a alguma necessidade especial de determinada igreja ou de um grupo de igrejas. Parece um sermão sobre o mais excelente e mais amplo de todos os temas para o cristão — o eterno propósito de Deus, o qual Ele está cumprindo por meio de Seu Filho Jesus Cristo e vem executando na Igreja e através dela. No decorrer de toda a epístola, passa-se de um pensamento a outro, sem que haja referência à situação dos leitores destinatários. Os capítulos 1 a 3 são constituídos principalmente da elaboração doutrinária do grande tema, e os capítulos

[1] Para as finalidades desta Introdução, as epístolas que levam o nome do apóstolo Paulo serão aqui chamadas de epístolas paulinas.

4 a 6 ensinam quais deveriam ser as conseqüências práticas para a vida e as relações humanas, desse propósito divino. Não há, entretanto, qualquer divisão definida entre doutrina e ética, ao contrário, há um entrelaçamento estreito e profundo entre ambas.

Às vezes tem sido mencionado o fato de haver, nesta epístola, aspectos doutrinários que não são encontrados em nenhuma outra carta paulina. Quanto à questão da autoria, será tratada mais adiante, de maneira mais completa. Mas, sem nos precipitarmos no exame do assunto, diríamos de antemão que temos aqui todas as grandes doutrinas da fé cristã que encontramos também nas outras cartas paulinas. Todavia, enquanto que naquelas cartas essas doutrinas são tratadas na medida em que ajudam a solucionar os problemas específicos com que o apóstolo se defronta na vida das igrejas às quais ele escreve, aqui elas são desenvolvidas de modo a servirem de subsídio para expor o grande tema de toda a epístola: o propósito de Deus em Cristo para Sua Igreja. Podemos ver isso melhor, por meio de um rápido exame de algumas das doutrinas principais.

Primeiro, tomemos o ensino da reconciliação mediante a cruz de Cristo. A obra da cruz é apresentada como suficiente para obter nossa redenção, e o perdão de nossos pecados **(1:7; 2:13, 16;** Rm 5:6-10; 1 Co 15:3; Cl 1:14), com o qual recebemos a capacidade de nos tornarmos filhos de Deus e herdeiros do Seu reino **(1:5, 18;** Rm 8:14-17; G1 3:26; 4:5-7). Temos uma afirmação clara e tipicamente paulina da doutrina da justificação pela fé: "pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie" **(2:8;** Rm 3:21-26; G1 2:16; 3:11, 24) — embora seja acrescentado enfaticamente o propósito ulterior: "Pois somos feitura dEle, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas" (2:10). Então, depois de afirmar que Ele fez a paz pelo sangue da cruz, para que os que estavam mortos no pecado pudessem receber nova vida **(2:1;** Rm 5:12-21; 6:21-23), e ter acesso a Deus (Rm 5:1), acrescenta o mais importante de tudo: a afirmação de que a cruz é também o caminho da paz entre o homem e o seu semelhante, é o meio de derrubar a parede de separação entre judeu e gentio, é o instrumento para matar a velha inimizade existente entre eles. De modo a poder-se dizer que, devido ao fato de Cristo ter vindo para trazer paz, agora, "por Ele, ambos temos acesso ao Pai em um Espírito" **(2:18).** Esta mesma ênfase sobre a cruz como meio de unidade na comunhão da Igreja também é vista da maneira pela qual esta epístola fala do privilégio apostólico do ministério do evangelho. Paulo sempre falou do privilégio da pregação do evangelho e, em particular, de ter sido chamado para evangelizar os gentios (Rm 1:13-26; 11:13; 15:15-20; G1 1:15; 2:9; Cl 1:24-29); nesta carta, porém, há uma ênfase adicional à chamada do apóstolo e ao privilégio de

comunicar a outros o "mistério", o grande segredo revelado da fé, de "que os gentios são co-herdeiros, membros do mesmo corpo" (3:6).

No que diz respeito à ressurreição e à exaltação de Cristo temos a verdade apresentada de uma forma que já nos é familiar de outras epístolas paulinas **(1:20-22;** Fp 2:9-11; Cl 1:15-18). Mas aqui em Efésios, o clímax da exaltação de Cristo é a afirmação de que Deus "pôs todas as coisas debaixo dos Seus pés e, para ser o cabeça sobre todas as coisas, O deu à igreja, a qual é o Seu corpo, a plenitude dAquele que a tudo enche em todas as coisas" **(1:22).** O propósito de Deus é que os que estão mortos em delitos e pecados sejam ressuscitados juntamente com Cristo (Rm 6:3-11; Cl 2:12; 3:1-3), e com Cristo sejam colocados nos lugares celestiais **(2:5);** mas a discussão sobre a ressurreição e a exaltação nesta epístola vai muito além. Ele "subiu acima de todos os céus, para preencher todas as coisas, e, dessa maneira, para dar dons à Sua Igreja, a fim de que ela possa crescer até à medida da estatura da plenitude de Cristo" **(4:9-16).**

Também encontramos aqui o ensino tipicamente paulino a respeito do Espírito Santo. É pelo Espírito que Deus habita naqueles que crêem em Cristo **(2:22; 3:16; 5:18;** Rm 8:9-11; 1 Co 3:16; 6:19); o Espírito é o "selo" e o "penhor" dados aos crentes por Deus **(1:13; 4:30;** Rm 8:23; 2 Co 1:22; 5:5). Ele os ajuda em oração **(4:18;** Rm 8:26), e é o meio, não apenas de acesso a Deus **(2:18),** mas também de conhecimento das coisas de Deus e de iluminação quanto aos detalhes da vida prática **(1:8,17; 3:5;** 1 Co 2:10-13). Mais uma vez, aqui, o ensino da obra do Espírito alcança seu maior desenvolvimento ao afirmar da sua conexão com a Igreja e de sua unidade. A unidade da Igreja é a unidade do Espírito **(4:3);** o Espírito é o Provedor dos dons de que a Igreja necessita para seu crescimento **(4:7;** 2 Co 12:4-11), e o objetivo do uso destes dons em sua diversidade é "a unidade da fé", ou seja, o desenvolvimento da Igreja como um todo, pelo crescimento de cada um dos seus membros até "à perfeita varonilidade".

O que já foi dito a respeito de outras doutrinas é indicação suficiente de que a doutrina da Igreja tem, nesta epístola, o maior destaque. Mas a grande diferença entre estas e as outras epístolas paulinas é mais de ênfase e de posição do que de ensino básico. Aqui não há nada, ou quase nada, de novo, pois temos apenas uma ênfase maior sobre a Igreja universal e sua unidade, e uma variedade maior de meios de expressar o propósito da Igreja do que em qualquer outra carta de Paulo. A mente do autor está claramente tomada pela idéia do elevado propósito de Deus para com Sua Igreja. Ele fala, como já vimos, da exaltação de Cristo, e aponta como clímax de tudo a Sua autoridade sobre a Igreja, a qual é o Seu corpo **(1:22;** 1 Co 12:27; Cl 1:18, 24; 2:17). Ele fala da reconciliação de homens não apenas com Deus, mas também uns com os outros, e enfatiza que isto se dá na Igreja, "a família de Deus" **(2:19;** G1 6:10). A Igreja é, também o templo construído sobre o fundamento dos apóstolos e profetas **(2:21;** 1 Co 3:16; 2 Co 6:16), a habitação de Deus no Espírito.

Ressaltamos o que o autor diz no capítulo quatro acerca da Igreja e da unidade que nele deve existir. E notamos que ele prossegue tratando de um assunto bem diferente — a vida conjugal do crente — e toma como ilustração, a figura do Antigo Testamento que apresenta o Povo de Deus como a noiva (2 Co 11:2), e, dessa maneira explica as grandes verdades acerca do relacionamento do Senhor com Sua Igreja. Finalmente devemos notar o significado cósmico que ele atribui à Igreja. Ela obedece a um grande propósito divino no mundo: o de proclamar Cristo e trazer homens à unidade nEle; mas tem também um propósito eterno, uma tarefa que não se cumpre neste mundo e nesta era — o de fazer conhecido "dos principados e potestades nos lugares celestiais" qual é "a multiforme sabedoria de Deus" (3:10).

De modo que é legítimo dizer que a doutrina desta epístola é essencialmente paulina, mas já aqui desenvolvida dentro de um esquema ainda mais adequado à tarefa de expor o grande tema de toda a carta. Imediatamente vem-nos à mente a idéia de perguntar, por que esta carta, diferentemente de todas as outras, deveria se preocupar apenas com doutrina e ética sem se referir a qualquer situação específica? Por que, também a sua forma é tão diferente das demais? Por que motivo teria sido escrita uma carta como esta? E o próximo passo importante nesta seqüência de perguntas deveria ser a tentativa de responder a uma pergunta ainda mais profunda: o título "Aos Efésios" teria sido o verdadeiro e original?

II. DESTINATÁRIOS

A partir do segundo século esta epístola já era aceita quase que universalmente sob o título de "Aos Efésios". Entretanto, há indícios de que. possivelmente não tenha sido este o título verdadeiramente original, e de que, pelos menos até certo ponto, trata-se de uma designação incorreta. O mais antigo manuscrito de Efésios que possuímos, o papiro "Chester Beatty" de cerca do ano 200, os grandes códices do quarto século, Sinaítico e Vaticano, e algumas outras fontes autorizadas, não têm as palavras "em Éfeso..." de 1:1. Márcion, que se tornou famoso na metade do segundo século por seus ensinos heréticos, refere-se a esta carta como a epístola aos Laodicenses. Isto pode ter acontecido porque ele tinha uma cópia com a expressão "em Laodicéia" introduzida em 1:1, ou, mais provavelmente, seria uma dedução da referência à carta "de Laodicéia" em Colossenses 4:16. Pelo menos não haveria razões doutrinárias evidentes para que ele dissesse que fora escrita a crentes que não

os de Éfeso, se é esse o título original. Neste ponto o caso se complica, pois o Fragmento Muratoriano sobre o cânon (cerca do segundo século) se refere a duas epístolas, uma aos Efésios e outra aos Laodicenses. Entretanto, quando chegamos ao terceiro século encontramos o grande erudito da Bíblia, Orígenes, a dizer que as palavras "em Éfeso" não se encontravam nos manuscritos que ele conhecia. Tertuliano, na mesma época, acusou os marcionistas de terem mudado o título, mas não fez referência ao texto. Basílio e Jerônimo, no quarto século, deixam claro que os melhores manuscritos que tinham à mão não incluíam essas palavras.

Se imaginarmos esta epístola sem as palavras em 1:1 e sem título, teríamos de admitir não haver provas claras, a partir do conteúdo da carta, de ela ter sido enviada a Éfeso, e sim boas razões que surgem de que ela, dificilmente, teria sido destinada apenas à igreja naquela cidade. Durante três anos Paulo morou e trabalhou em Éfeso (At 19 e 20:31). Quando analisamos isoladamente a maneira tão comovente como Paulo se dirigiu aos anciãos da igreja de Éfeso em At 20:18-35, bem podemos perguntar se ele poderia ter escrito uma carta a esta igreja sem referir-se ao tempo que lá esteve, sem mencionar as pessoas que conhecera tão bem na igreja, e sem notícias pessoais de qualquer espécie. Ao contrário, a carta está escrita como se alguns, pelo menos, de seus leitores destinatários, não fossem bem conhecidos do autor **(1:15; 3:2; 4:20).** A evidência da natureza da epístola, como uma unidade, fortemente apóia a prova textual de 1:1 de que esta carta dificilmente teria sido uma mensagem escrita pelo apóstolo Paulo para seus muitos amigos e convertidos na igreja de Éfeso.

Assim, há duas perguntas que devemos tentar responder: para quem a epístola teria sido escrita? E, como veio ela a ser conhecida por "epístola do apóstolo Paulo aos Efésios?" Nenhuma das duas perguntas pode ser respondida com certeza, entretanto, damos aqui algumas das explicações que têm sido sugeridas sobre o assunto:

a. Não foi enviada a uma igreja em particular, mas a qualquer cristão que viesse a lê-la. Alguns têm sustentado que 1:1 faz sentido sem as palavras "em Éfeso" ou mesmo sem referência a qualquer outra localidade, lendo-se então, "aos santos que também são fiéis em Cristo Jesus". Gramaticalmente esta é uma interpretação bem difícil, pois "fiéis" é uma expressão que, juntada a "santos", dificilmente requereria a ênfase que é dada pelo artigo, pelo particípio e pela conjunção "e" juntos. Os textos paralelos nas epístolas aos Romanos, 1 e 2 Coríntios e Filipenses nos levam quase inevitavelmente à conclusão de que, originalmente, havia de fato um nome de lugar no versículo. Além do mais, há passagens que, evidentemente foram escritas, tendo o autor, leitores específicos em mente, mesmo que tenham sido leitores de várias e diferentes igrejas **(1:15; 6:21).**

b. Foi enviada a uma igreja local, mas o endereço e as saudações pessoais foram posteriormente omitidos a fim de que a carta pudesse ter um alcance mais geral. Então, de algum modo, a carta se tornou particularmente ligada a Éfeso. A maior dificuldade que esta sugestão apresenta é que na maioria das cartas de Paulo há freqüentes referências à situação e às pessoas a quem eram endereçadas. Não poderíamos remover as referências aos destinatários simplesmente retirando as saudações e o endereço. Este fato se opõe de forma especial ao ponto de vista de Márcion, de que a epístola fora enviada a Laodicéia. Pode ser acrescentado que Colossenses 4:16 fala de uma carta "de Laodicéia" e não apenas "a Laodicéia", e, de fato, Paulo dificilmente teria enviado saudações em particular a crentes de Laodicéia, em Colossenses 4:15, se ele tivesse escrito uma outra carta a eles na mesma época.

c. Foi enviada a certas igrejas de uma determinada área, provavelmente a província romana da Ásia. As evidências internas e externas proporcionam bastante apoio a este ponto de vista. Há duas alternativas quanto a esta sugestão. Supõe-se que cópias da carta foram distribuídas a diferentes igrejas, e foi deixado um espaço para que o portador preenchesse o nome da igreja assim que ele a visitasse. Contra isto argumenta-se que tal expediente não encontra paralelo na maneira de escrever cartas naquele tempo, mas a resposta que pode ser dada é de que, "um plano tão simples e de tanto bom senso não necessita ser justificado por precedente"[1] . Por outro lado, sugere-se que havia inúmeras cópias da carta, tendo cada uma um destinatário diferente. A cópia endereçada a Éfeso tornou-se a carta aceita, porque Éfeso era a igreja mais importante. Se este foi o caso, no entanto, é estranho que não haja referência a qualquer outro lugar nos manuscritos que chegaram até nós. A mais forte objeção ao ponto de vista de que a epístola foi escrita a um grupo de igrejas na província romana da Asia é que temos inúmeros escritos no Novo Testamento que foram enviados a um grupo de igrejas — 2 Coríntios, Gálatas, 1 Pedro, Apocalipse — mas em cada caso o fato está claro em suas introduções. Por que não poderia ter sido endereçada da mesma maneira a estas igrejas da Asia? Não podemos dar uma resposta a esta pergunta, exceto dizer que a idéia de um mensageiro preencher o nome do lugar à medida que visitava as igrejas não é uma alternativa impossível como maneira de se dirigir a todas elas.

d. Por último, tem sido defendido, em anos recentes, que esta estranha incerteza acerca do destinatário da epístola, considerada juntamente com outras características particulares da carta, fornece provas em apoio à hipótese de que não foi Paulo, pessoalmente, que escreveu

---

[1] GRAHAM E. "Efésios" in: *A New Commentary on Holy Scriptures,* Gore, Goudge and Guillaumme, 1928.

Etésios, mas que ela teria origem na mão de uma outra pessoa, posteriormente à morte do apóstolo. Devemos nos voltar agora a esta questão da autoria, mas antes de tentarmos dar qualquer palavra final, devemos primeiro considerar a relação de Efésios com outros escritos neotestamentários.

III. EFÉSIOS E COLOSSENSES

Sem medo de contestação pode ser dito que as semelhanças entre Efésios e Colossenses são mais numerosas e mais bem fundadas do que as existentes entre quaisquer outras duas epístolas do Novo Testamento. Reconhece-se que, dentro de vários graus de semelhança, 75 dos 155 versículos de Efésios encontram-se em Colossenses. Há diferentes categorias nas quais os paralelos entre as duas epístolas deveriam ser considerados.

O plano e o argumento das epístolas são semelhantes. Ambas começam com uma seção doutrinal que demonstra a glória de Cristo e a grandeza do Seu propósito; ambas prosseguem na aplicação disto à vida pessoal, e ambas fazem exortações semelhantes com respeito às relações humanas. Dentro deste quadro, há seções inteiras que se assemelham muito. Nos trechos iniciais das cartas **(1:16** e Cl 1: 3), em linguagem semelhante, mas não idêntica, Paulo dá graças pelos leitores destinatários e ora por eles; mas, reconhecidamente, este é um aspecto comum a muitas das epístolas paulinas. De maior significado é a maneira pela qual ambas abordam a vivência cristã, falando no despir-se do velho homem, e no vestir-se do novo **(4:17** e Cl 3:5). O "andar" do cristão é tratado em ambas as cartas, bem como o dever de dar graças, e sua expressão através de louvor e cântico **(5:15** e Cl 3:16; 4:5). Há uma estreita semelhança nas instruções aos maridos e esposas, pais e filhos, escravos e senhores, embora a passagem em Efésios **5:22-6:9** seja mais completa que a de Colossenses 3:18-4:1. No pedido que o escritor faz para que orem por ele, há, em ambos os casos, uma referência às suas algemas, e ao mistério a ser proclamado **(6:18-20** e Cl 4:3), e há semelhança também, em referências anteriores, à missão do apóstolo de fazer conhecido o mistério do evangelho **(3:1-13** e Cl 1:23-29). Os paralelos não podem ser mera coincidência, mas eles não poderiam levar ninguém a pensar que aí o autor dependeu de outro escrito que tivesse à sua frente. Podem apenas ser explicados pela pressuposição de que a mente do escritor de Efésios estava impregnada do pensamento e da expressão de Colossenses.

Além do mais, tanto nas seções já mencionadas, como virtualmente de começo a fim nas duas cartas , há muitas expressões paralelas , as quais

têm de ser explicadas em termos do reconhecimento da existência de alguma conexão especial existente entre Efésios e Colossenses. É impossível tratar aqui de todos esses paralelos, mas uns poucos exemplos podem ser dados. [1] Temos nos casos que seguem, palavras ou expressões que não se encontram noutras epístolas paulinas, mas que se encontram tanto em Efésios quanto em Colossenses: a plenitude de Deus ou de Cristo **(1:23; 3:19; 4:13;** Cl 1:19: 2:9), a alienação para longe de Deus e de Seu povo **(2:12; 4:18;** Cl 1:21); aproveitamento do tempo **(5:16;** Cl 4:5); estar enraizado em Cristo ou no Seu amor **(3:17;** Cl 2:7); a redenção interpretada especificamente como "o perdão dos pecados" **(1:7;** Cl 1:14); a palavra da verdade do evangelho **(1:13;** Cl 1:5); a tolerância para com os outros **(4:2;** Cl 3:13); a cobiça definida como idolatria **(5:5;** Cl 3:5); o perdão aos outros assim como o Senhor já nos perdoou **(4:32;** Cl 3:13); as juntas, que devem ser mantidas para a ligação do corpo, para sua conseqüente edificação **(4:16;** Cl 2:19).

O que já dissemos sobre a relação entre a doutrina de Efésios e das outras epístolas paulinas é pertinente de uma forma bem especial para com a de Colossenses. Tem-se a impressão de que as grandes afirmações doutrinárias de Colossenses são aqui retomadas, e sobre elas são construídas doutrinas que constituem a ênfase especial desta carta. Encontramos em Colossenses uma grande exposição sobre o lugar que Cristo ocupa no universo. Isto ocorre também em Efésios, mas esta epístola vai mais além e mostra o significado cósmico da Igreja em cumprir a grande obra de Cristo. Em Colossenses a ênfase é dada sobre a reconciliação do homem com Deus através da cruz de Cristo. Em Efésios, conforme vimos, isto é reconhecido como verdadeiro mas temos a verdade ainda mais profunda da reconciliação do homem com seus semelhantes por meio da cruz no Corpo de Cristo, o qual é a comunhão da reconciliação.

Por fim, devemos atentar para as referências a Tíquico como portador. Em passagens paralelas já analisadas nas duas cartas, dificilmente haverá mais do que algumas poucas palavras em sucessão que sejam idênticas. A exceção disto é a referência a Tíquico no final de cada carta. Mitton (p. 59) chama a atenção para o fato de termos, aqui, cerca de vinte e nove palavras que existem tanto em Efésios como em Colossenses. Ê aqui que se encontra o único argumento suficientemente forte para nos levar a crer na dependência literária (6:21; Cl 4:7), e parece que somos forçados a concluir que, ou o mesmo autor escreveu as duas juntas, ou um outro autor por alguma razão especial copiou as palavras do primeiro.

Este paralelo específico necessita considerações adicionais, mas deixando-as de lado , devemos dizer que as semelhanças entre Colossenses

---

[1] Para uma classificação destes paralelos, veja Mitton, p. 280

e Efésios são tantas que não podem necessariamente ser consideradas como tendo sido uma copiada da outra. Por outro lado, os paralelos são tão compridos e pormenorizados que não podem ser explicados como mente tenham vindo da mente do mesmo autor. Quaisquer que sejam as conclusões a que possamos chegar acerca da autoria, há, manifestamente, uma conexão especial entre as duas epístolas. Por muito tempo predominou a opinião de que esses aspectos que descrevemos podiam encontrar explicação no mero fato de Paulo ter escrito as duas cartas aproximadamente na mesma ocasião. A carta aos Colossenses ele teria escrito para enfrentar uma situação e perigo específicos na igreja de Colossos. Então, com sua mente ainda influenciada pelo tema da grandeza e da glória de Cristo, mas indo mais adiante, prosseguiu considerando o lugar da Igreja no propósito de Deus, e assim escreveu Efésios, desta feita porém, sem a limitação de qualquer alvo polêmico. A grande identidade que há entre 6:21 e Colossenses 4:7 poderia ser explicada pela suposição de que o apóstolo escreveu as duas conclusões simultaneamente, quando ambas as cartas já tinham sido escritas e deviam ser despachadas. No entanto, nos últimos cem anos a autoria paulina de Efésios tem sido vigorosamente contestada e tem-se argumentado que as semelhanças (e diferenças) entre Colossenses e Efésios, bem como vários outros aspectos de Efésios, são mais bem explicados pela opinião de que Paulo não escreveu Efésios, mas que alguma outra pessoa, cuja mente estava tomada pelo pensamento e expressões das cartas de Paulo, especialmente o texto de Colossenses, e numa data posterior a escreveu imitando o seu trabalho.

A investigação deste ponto de vista exige uma consideração mais cuidadosa da natureza das semelhanças entre as epístolas, do que a que fizemos até agora. Os que se opõem à autoria paulina têm mostrado que, em particular, embora haja semelhança nas palavras e frases usadas, às vezes a mesma palavra ou expressão é usada com uma conotação bem diferente. Por exemplo, embora a própria palavra "mistério" seja uma das palavras-chave em ambas as cartas, em Colossenses (1:27), o "mistério" é "Cristo em vós, a esperança da glória", em Efésios é que os gentios são co-herdeiros com os judeus **(3:3,6).** Em Colossenses (1:20), reconciliação é entre o homem e Deus, ao passo que em Efésios se refere à harmonia entre judeus e gentios no Corpo de Cristo, que é um só **(2:16).** Em Colossenses (2:10), fala-se de Cristo como "o cabeça *(kephale)* de todo principado e potestade", enquanto que Efésios **(4:15)** fala dEle como Cabeça da Igreja. (Mas aqui deveríamos notar que Colossenses também (em 1:18), fala dEle como Cabeça da Igreja). Há também a palavra *oikonomia* que é traduzida por "dispensação", e é usada somente uma vez mais no Novo Testamento, além de em Efésios e Colossenses; argumenta-se que em Colossenses 1:25 esta palavra tem o sentido de mordomia, ou de uma responsabilidade dada por Deus ao homem como

um mordomo, ao passo que em Efésios 1:10 e 3:2, a palavra assume a conotação de um plano ou um arranjo feitos por Deus. (Deve-se admitir, tendo origem na linguagem própria da Igreja primitiva, ou que simples-entretanto, que o uso em Efésios **3:2** é bem semelhante ao de Colossenses). Podemos então comparar a expressão de Colossenses 3:14 ao amor que é "o vínculo da perfeição", com a de Efésios **4:3** "o vínculo da paz".

Alguns chegaram à conclusão de que a mesma pessoa não poderia ter escrito ambas as epístolas porque uma diferença de tal monta não poderia ser encontrada no mesmo escritor. Entretanto, este mesmo fenômeno de pequenas diferenças e grandes semelhanças tem, a outros, parecido apoiar muito fortemente a conclusão pela autoria paulina. Barry, por exemplo, ao observar que "a semelhança é quase sempre mesclada com diferença clara e característica, assinalando uma coincidência independente" e que "expressões idênticas ocorrem vez após vez em contextos totalmente diferentes, e em níveis diferentes de importância", diz que: "Estes são exatamente os fenômenos que podemos esperar quando duas cartas são escritas ao mesmo tempo a igrejas que não são totalmente iguais, nem totalmente diferentes em caráter, e sob a orientação de idéias distintas, mas ainda assim complementares. Tais fenômenos são inteiramente incompatíveis com a idéia de dependência ou de cópia deliberada". É necessário fazer-se um estudo mais cuidadoso de palavras e frases específicas do que o que podemos fazer aqui a fim de obter-se um julgamento imparcial. Algumas dessas expressões são estudadas dentro do contexto do Comentário propriamente dito (veja em 3:4 a discussão sobre "mistério"). Aqui podemos apenas afirmar que em muitos casos o uso de termos nas duas epístolas difere exatamente da mesma maneira que suas doutrinas diferem.

Mitton (pp. 65-67), a partir da sua comparação cuidadosa das duas epístolas vai mais além ao afirmar que freqüentemente uma passagem em Efésios corresponde a duas passagens em Colossenses **(1:7** e Cl 1:14, 20; 1:15 e Cl 1:4, 9); alega ele que a razão para isto está em que o último escritor, automaticamente relacionou em sua mente duas passagens de Colossenses com as quais estava bem familiarizado. O argumento de Mitton só poderia ser completamente rebatido por uma análise tão cuidadosa quanto a mesma que fez. Parece, entretanto, que esse argumento pode ser contraposto por vários exemplos em que duas passagens de Efésios correspondem a uma de Colossenses **(3:1, 17** e Cl 1:23; 1:4 e 2:16 e Cl 1:21; 1:10 e 2:13 e Cl 1:20). Pelo menos não há aqui um argumento decisivo com relação à autoria; mas, para se fazer justiça a Mitton, torna-se necessário dizer que ele considera o assunto juntamente com o que ele crê ser um fenômeno semelhante quando se compara Efésios com outras epístolas paulinas. Vamos então nos voltar agora, para essa comparação.

IV. EFÉSIOS E OUTROS ESCRITORES DO NOVO TESTAMENTO

a. Outras epístolas paulinas

Uma comparação de Efésios com outros escritos paulinos revela certos aspectos que têm sido usados como provas contra a autoria paulina da epístola. Mitton, por exemplo, encontra três desses aspectos. Em primeiro lugar, ele vê uma fusão do conteúdo de outras epístolas em Efésios, como já notamos em seu argumento quanto ao relacionamento com Colossenses. E somente outro argumento tão pormenorizado quanto o de Mitton poderia fazer-lhe frente; é possível, também encontrar exemplos dos quais se poderia dizer que duas passagens de Efésios fundiram-se em uma única, de outra epístola.

Um segundo argumento dele envolve, de fato, um paralelismo entre uma passagem de alguma outra epístola paulina e duas ou mais passagens de Efésios. Mitton acha que quando comparamos Efésios com outras cartas de Paulo, não encontramos a mesma semelhança que se deveria esperar caso o mesmo autor tivesse extraído idéias de sua própria mente, e repetindo, portanto, inevitavelmente, alguns de seus antigos pensamentos c expressões (i.é., não encontramos a mesma espécie de semelhança que há entre outras epístolas paulinas); mas, sem dúvida, algumas das grandes passagens paulinas são predominantes na mente do escritor de Efésios. Segundo Mitton, há razões para a existência de paralelos com "passagens áureas'' dos escritos paulinos; Romanos 1:21-24 e Efésios 4:17-19; Romanos 3:20-4:2 e Efésios 1:7, 19; 2:5,8; Romanos 5:1 e Efésios 2:17, 18; 3:11; Romanos 8:9-39 e Efésios 1:4-7, 11, 13, 21; 3:6, 16, 18; e cita também outros exemplos. Vê-se bem que este argumento poderia ser utilizado contra a sua própria teoria de "fusão". Não queremos negar a existência de paralelos dignos de nota entre passagens de Efésios e as "passagens áureas" de Romanos e 1 e 2 Coríntios, Gálatas, Filipenses e 1 Tessalonicenses. Aliás, pelo fato de Efésios, diferentemente das outras cartas, não tratar de problemas específicos, deveríamos esperar que os paralelos mais parecidos da epístola ocorressem com as grandes passagens doutrinárias daquelas cartas, e este é o caso. Deveríamos esperar que Efésios se assemelhasse mais de perto com aquelas epístolas que têm seções doutrinárias maiores do que as outras (p. ex., Romanos e Colossenses), e este é o caso. Deveríamos esperar que Efésios, caso fosse uma carta de doutrina e ética puramente paulina sem referências locais, tivesse um número maior de versículos ou expressões em comum com outras epístolas paulinas do que uma das cartas em que há abundantes referências locais. Mais uma vez cremos ser este, inegavelmente, o caso.

Um terceiro argumento que Mitton apresenta contra a autoria paulina é o fato de 88% de Efésios serem constituídos de paralelos com

outras epistolas, ao passo que a percentagem de paralelos convincentes entre qualquer outra carta e os 12% restantes é muito baixa. Entretanto, não podemos chegar a uma conclusão simplesmente através de números. O assunto e o comprimento variável das epístolas devem ser considerados. O fato de Paulo escrever suas outras cartas tendo em mente problemas e situações locais específicos automaticamente reduz-lhe a possibilidade de estender seu vocabulário. No caso de Efésios, entretanto, seu principal tema são as implicações doutrinárias e práticas do propósito redentor de Deus em Cristo, um tema sobre o qual ele baseia seus preceitos específicos nas outras epístolas, e que esta razão reitera palavras e frases encontradas mais provavelmente em outras cartas.

Desta comparação com outras epístolas paulinas, comparação esta não conclusiva para o estabelecimento da autoria, devemos nos voltar para a comparação de nossa epístola com escritos não paulinos no Novo Testamento.

Consideraremos os diferentes escritos do Novo Testamento por autor, e em cada caso tentaremos ver se há provas de dependência, ou se, por outro lado, podemos descobrir aspectos que dêem alguma indicação da data provável da composição de Efésios.

b. 1 Pedro

Há alguns paralelos importantes entre 1 Pedro e Efésios. Os prefácios e as saudações são semelhantes (mas o de 2 Co 1:3 não é diferente); e o tratamento das relações entre maridos e esposas, senhores e servos é parecido **(5:22-33; 6:5-9;** 1 Pe 2:18; 3:7); mas o paralelo aqui não é tão próximo quanto o existente entre 1 Pedro e Colossenses. Há também paralelos em que se fala da exaltação de Cristo e da sujeição a Ele de todos os poderes **(1:20;** 1 Pe 3:22); do combate cristão **(6:10;** 1 Pe 5:8); do evangelho como tendo estado escondido anteriormente, mas agora tornou-se conhecido, e da sua comunicação aos anjos **(3:5;** 1 Pe 1:10); do propósito de Deus antes da fundação do mundo **(1:4;** 1 Pe 1:19): das concupiscências da carne e dos filhos da obediência e da desobediência **(2:2** ; 1 Pe 1:14; 2:11), do abandono da malícia e da conversa inconveniente **(4:25,**31; 1 Pe 2:1); e do povo como propriedade pessoal de Deus **(1:4;** 1 Pe 2:9). No Novo Testamento encontramos a palavra *eusplanchnoi* (compassivos) apenas em **4:32** e 1 Pe 3:8. Muitos paralelos são suficientemente explicáveis a partir da semelhança de linguagem que foi usada pelos diferentes escritos da Igreja primitiva para falar do ensino e da conduta cristã. Uma explicação ainda mais satisfatória destes paralelos tão parecidos é dada pela teoria do Arcebispo Carrington, tal como foi desenvolvida por Selwyn, de que havia certas formas padronizadas que os

ensinos catequéticos estavam adquirindo mesmo neste estágio primitivo. [1] Se há freqüentemente uma semelhança maior entre 1 Pedro e Efésios do que 1 Pedro e Colossenses, tal deve ter acontecido pela necessidade de adaptar-se, em Colossenses, o ensino catequético a uma situação específica, ao passo que em Efésios isto não se faz necessário. Várias teorias da dependência literária de Efésios sobre 1 Pedro ou vice-versa têm sido apresentadas, mas é difícil provar conclusivamente uma tal dependência, como bem o mostra a incapacidade dos defensorew destas teorias de concordarem sobre quem teria tomado emprestadas idéias de outrem.

c. Lucas e Atos

Foram apontadas semelhanças também de Efésios com Lucas e Atos. Há em Efésios **(1:20; 4:8-10)** a mesma ênfase sobre a ascensão e exaltação de Cristo que existe em Lucas e Atos (Lc 24:51; At 1:9; 2:32-36; 7:55), mas que se encontra, também, em outras epístolas paulinas; de qualquer modo, constitui matéria doutrinária fundamental. As referências ao "beneplácito" de Deus **(1:5;** Lc 2:14), ao objetivo da obra de Cristo como sendo santidade e justiça **(4:24;** Lc 1:75), ao contraste entre luz e trevas **(5:8-13;** Lc 11:33-36; At 26:18), ao cingir dos lombos **(6:14;** Lc 12:35), têm sido todas apresentadas como prova de dependência literária, mas o uso de tais expressões na Igreja primitiva foi de tal modo generalizado que não nos permite argumentar em favor de uma dependência literária a partir desta prova tão superficial. Por esta mesma razão nenhum argumento pode ser baseado no fato de que a expressão "encheivos do Espírito" **(5:18)** (literalmente: sede cheios do Espírito), tão comum nos escritos de Lucas, seja achada nos escritos paulinos apenas em Efésios. Muito se escreveu a respeito da estreita semelhança entre Efésios e o sermão aos presbíteros de Éfeso em Atos 20 — as menções ao "conselho" *(boulé)* de Deus, à humildade, ao ministério da graça de Deus. Mas se Efésios é obra paulina e se Lucas deu um relato substancialmente correto do sermão de Paulo aos presbíteros de Éfeso, isto é o que poderíamos esperar; e esta explicação é pelo menos tão plausível quanto a teoria de um escritor ter feito uso do que já havia sido escrito por Lucas em Atos 20. Mais do que sugerir dependência literária, os paralelos inclinam-se a conceder um elo de verdade a ambos os textos.

d. A literatura joanina

A literatura joanina deve ser brevemente considerada, porque tem-se dito que em Efésios encontramos ensinos e expressões paulinas da mesma

[1] CARRINGTON P., *The Primitive Christian Cathechism* 1940, e SELWYN E.G., *The First Epistle of Peter* 1949, p. 363.

Veja também o comentário da Epístola 1 Pedro desta série.

forma influenciados da teologia e terminologia joaninas. Moffatt diz que o escritor de Efésios sofreu influência da atmosfera viva na qual a literatura joanina tomou forma. É verdade que há uma ênfase maior sobre a compreensão escatológica do que em outras cartas de Paulo. Há um uso freqüente de algumas das principais expressões joaninas, "luz" e "trevas", "vida" e "morte", "amor", "conhecimento", etc. Há uma ênfase sobre a unidade da Igreja em Efésios que se assemelha mais a João 17 do que a quaisquer outras epístolas paulinas. Há freqüentes referências ao cristão achar sua vida "em Cristo" (Jo 15:1-7), a Cristo habitar em Sua Igreja **(3:17;** Jo 14:20; 15:4-7), para purificá-la e santificá-la **(5:26;** Jo 15:3; 17:17,19; 1 Jo 1:7), à descida e ascensão de Cristo **(4:9;** Jo 3:13, 31; 7:39), a Jesus como amado do Pai **(1:6;** Jo 3:35; 10:17; 15:9; 17:23-26). Mais uma vez, entretanto, a dependência literária não pode ser provada. O problema de data pode ser levantado (veja logo a seguir), mas quase todos os paralelos mencionados contêm expressões cujo uso pode ser ilustrado a partir de escritos cristãos anteriores à literatura joanina.

Há também paralelos específicos observados entre Efésios e Apocalipse, bem como paralelos semelhantes aos que acabamos de mencionar. Há referências aos apóstolos e profetas como fundadores da Igreja **(2:20; 3:5;** Ap 10:7; 18:20; 21:14), à repulsa a atitude de cumplicidade com o pecado **(5:11;** Ap 18:4), à Igreja como noiva de Cristo **(5:25;** Ap 19:7; 21:2, 9; 22:17), ao assentar-se nos lugares celestiais com Cristo **(2:6;** Ap 3:21), ao símbolo do selo **(1:13; 4:30;** Ap 7:2). Em nenhum destes casos, porém, a linguagem e o pensamento são peculiares a Efésios e Apocalipse, nem podem ser utilizados como apoio a qualquer argumento sobre a data de Efésios.

e. Hebreus

Uma comparação entre Efésios e Hebreus revela certas doutrinas semelhantes enfatizadas por ambas as epístolas: redenção através de Cristo, purificação da Igreja, exaltação de Cristo, e nosso acesso ao Pai através dEle; mas dificilmente podemos usá-las para basear qualquer argumento sobre a autoria ou sobre a data em que foi escrita.

Que há paralelos evidentes entre Efésios e esses escritos não-paulinos é inegável. Duas coisas porém devem ser ditas a respeito: pelo menos um bom número dos paralelos mencionados são igualmente comuns a outras epístolas paulinas e aos demais escritos do Novo Testamento. Isso nos leva a concluir que o fato de Efésios possuir mais paralelos com os demais escritos do Novo Testamento do que qualquer outra epístola demonstra que Efésios não foi escrita com finalidade de controvérsia; e naturalmente deve haver mais repetição onde o vocabulário normal dos cristãos esteja sendo utilizado na pregação e no ensino, do que onde estejam sendo tratados certos problemas específicos.

Esta epístola, se é paulina, é, acima de tudo, uma de suas últimas e mais maduras produções, e poderia ser prontamente estabelecido, como argumento, que há mais semelhanças entre os escritos não-paulinos mencionados e as últimas cartas de Paulo, do que entre essas cartas e as primeiras epístolas de Paulo. Bem poderíamos perguntar se as semelhanças entre Efésios e estes vários escritos não são um mero testemunho eloqüente da grande e cada vez maior unanimidade na pregação e no ensino dos primitivos cristãos, seja na Ásia, Roma, Éfeso ou Antioquia, seja dos lábios de Pedro, Paulo, João ou qualquer outro. Em nenhum lugar são as semelhanças suficientes para fazer da dependência direta uma dedução necessária (tal como é bem manifesta no caso de 2 Pedro e Judas), nem ainda para fazer crer na inevitável existência de alguma conexão especial (como entre Efésios e Colossenses).

V. ARGUMENTOS EM FAVOR DE UMA DATA POSTERIOR

Além do problema da semelhança de Efésios com outros escritos do Novo Testamento, afirma-se que há indícios na própria epístola de que ela foi escrita em data posterior à morte de Paulo.

Tem-se afirmado, em especial, que Paulo gastou a maior parte de sua vida lutando pela igualdade entre judeus e gentios na Igreja. Poderia ele ter escrito, como parece ser o caso de Efésios, como se esta controvérsia tivesse sido superada, e não necessitasse de argumento mais desenvolvido? Mas para Paulo *estava* superada, pois seu próprio argumento em Romanos (com a polêmica de Gálatas encerrada) o demonstra. Ele não afirma em qualquer outro lugar que o objetivo da obra de Cristo em Sua cruz foi reunir judeus e gentios, mas tal afirmação bem pode ter sido o resultado natural de uma meditação mais profunda sobre a obra de Cristo e a unidade da Igreja. A tarefa da Igreja de realizar o propósito de Deus é básico nesta epístola, e isto explica a maneira pela qual o problema de judeus e gentios é tratado. Justificação pela fé não é o argumento básico, como em Romanos e Gálatas; portanto o significado que encontramos aqui da morte de Cristo pode ser relacionado mais preeminentemente com o estabelecimento da paz não só entre homens e Deus, como também entre homem e homem. As razões para a já passada divisão entre judeus e gentios não são vitais como o eram ao tempo em que Gálatas foi escrita, e assim o estabelecimento da união entre os dois pode ser usado como uma ilustração da unidade que Cristo traz (de fato, era a mais importante ilustração de Paulo). Findlay (pp. 5) expressa firmemente sua convicção de que seria difícil que qualquer outro, que não o apóstolo Paulo, tivesse escrito sobre judeus e gentios da maneira como o

capítulo 2 desta epístola foi escrito. Ele os viu como alguém que, tendo sido judeu praticante havia olhado para os gentios através "da parede de separação" **(2:14),** e depois, tendo se convertido a Cristo, tornara-se o apóstolo dos gentios.

Devemos nos estender um pouco mais quanto ao ensino sobre a unidade da Igreja. Afirma-se que o conceito de Efésios é mais parecido com o de Inácio, do que com a posição que nos é familiar das epístolas de Paulo, onde geralmente apenas a unidade da igreja local é considerada. Diz-se que esta epístola deve datar da época em que as seitas começaram a aparecer e florescer. É verdade que o autor de Efésios desenvolve conceitos sobre a natureza e a função da Igreja que estão à frente de qualquer outro ponto nas cartas paulinas (em **2:20-22; 3:10, 21; 5:23-32),** mas em outras epístolas temos uma visão da Igreja universal, e não apenas da igreja local, e temos até considerações sobre as funções da Igreja que alcançam além deste mundo (1 Co 4:9; 12:28; 15:9; G1 1:13; Fp 3:6). Deveríamos esperar um desenvolvimento e uma compreensão crescente num homem com mente tão enérgica e receptiva como a de Paulo; e se ele tinha acabado de tratar do significado cósmico de Cristo em Colossenses, não é de surpreender que ele fosse tratar, numa outra carta, do lugar cósmico da Igreja. Há, portanto, uma grande diferença entre o pensamento de Efésios e o das cartas de Inácio no que concerne à unidade da Igreja. Na primeira, toda a ênfase recai sobre a unidade espiritual sem referência à organização, enquanto que nas últimas sua ênfase está na unidade debaixo de um único líder, o bispo.

Um outro argumento particular deve ser considerado a esta altura. Pergunta-se: Por acaso um apóstolo falaria como o escritor desta epístola faz em **2:20** e **3:5** de "santos apóstolos e profetas" como sendo aqueles a quem a mensagem é revelada, e como sendo o fundamento da Igreja? Mitton (p. 19) diz que a ênfase sobre a autoridade dos apóstolos "é reminiscência da campanha em favor do reconhecimento dos líderes devidamente confirmados, o que se deu na geração que se seguiu a Paulo". Ainda em 1 Coríntios 3:10 e 9:2 Paulo falava dos apóstolos como os primeiros construtores sobre o fundamento de Jesus Cristo e de tal trabalho de construção como o sinal e o selo da genuinidade de um apóstolo. Paulo se apercebeu da prioridade da posição dos apóstolos (1 Co 12:28), e sem orgulho, sentiu a sua própria dignidade e responsabilidade colocar-se entre eles (1 Co 9:1; G1 1:11-17; 2:6-9), e certamente em Efésios não há ênfase indevida sobre a autoridade apostólica. É desnecessário acrescentar que o uso feito pelo Novo Testamento da palavra "santo" não envolve uma conotação de santidade especial de vida, mas sim uma chamada à dedicação da vida (veja comentário sobre **1:1**).

Por outro lado, existem de fato muito mais argumentos convincentes que colocam esta epístola como tendo aparecido no máximo pouco tempo depois da morte de Paulo (senão antes). Ela já estava em uso num período

bem primitivo. Clemente de Roma, no ano 95, provavelmente já a conhecia. Hipólito diz que Basilides, os ofitas e os valentinianos já a usavam, e todos estes estavam entre as seitas gnósticas mais primitivas. A evidência de que no segundo século já se usava a epístola é algo que os que duvidam da autoria paulina dificilmente podem explicar. E nela também não há referência à perseguição do Cristianismo, o que seria deveras estranho se ela tivesse sido primitivamente escrita às igrejas da província romana da Ãsia ao tempo em que o Apocalipse foi escrito, ou até mesmo um pouco antes. Além disso, não há referência às heresias que se difundiram largamente na Ásia não muito depois da morte de Paulo. Estas coisas, pelo menos, levam inevitavelmente à conclusão de que se Efésios não foi escrita por Paulo, deve ter sido escrita pouco depois de sua morte.

Devemos voltar-nos agora às considerações que nos ajudem mais objetivamente a descobrir se a epístola teria sido provavelmente escrita pelo apóstolo ou por outro escritor em seu nome.

VI. OUTRAS PROVAS DA AUTORIA

Já destacamos bem no início desta Introdução que Efésios é diferente na forma, de qualquer outra das cartas atribuídas a Paulo. Diz-se com certa razão que ela dificilmente seria uma carta, e sim mais um sermão escrito ou uma homília. Pergunta-se mesmo, se uma "carta circular" escrita para um certo número de igrejas, como é o caso de Gálatas, teria sido escrita de maneira tão impessoal como Efésios. Também argumenta-se que referências pessoais como as existentes não correspondem à verdade. Diria Paulo a qualquer dos cristãos a quem escrevera, "se é que tendes ouvido a respeito da dispensação da graça de Deus a mim confiada para vós outros" (3:2)? Em nosso comentário abaixo sobre este versículo, veremos que esta tradução não é totalmente fiel ao original, pois há um elemento de dúvida que Paulo dificilmente teria expresso para com a igreja em Éfeso, mas ele bem podia conclamar seus leitores a reconhecer e aceitar o fato de que Deus o tinha iluminado com Sua sabedoria. É bem plausível que Paulo falasse desta maneira e então dissesse, "quando lerdes, podeis compreender o meu discernimento no mistério de Cristo" (3:4), especialmente se levou em conta que estava escrevendo para cristãos de uma vasta área, alguns dos quais o conheciam bem, enquanto outros pouco mais sabiam do seu nome e apostolado.

Então, 3:8 levanta uma dificuldade para alguns, ao falar Paulo de si mesmo como "o menor de todos os santos". Fala-se dessas palavras como

uma imitação exagerada de 1 Coríntios 15:8, "um eco suave e calmo do sentimento cheio de surpresa pela falta de mérito pessoal da graça, que é expresso nos versículos de Coríntios" (Allan). Já outros encontram nestas mesmas palavras uma indicação das mais claras da genuinidade desta epístola. Abbott comenta que a expressão não se origina de uma "imitação calculada; ela tem a marca do brotar espontâneo de um sentimento intenso de falta de mérito". Bruce diz que "nenhum discípulo de Paulo teria sonhado em atribuir ao apóstolo uma atitude tão baixa". Pelo menos é difícil imaginar um imitador que numa hora tenta mostrar a grandeza que Paulo tem da compreensão e afirmação do evangelho, como é o ponto de vista de Mitton sobre 3:2-4, e logo a seguir atribui a Paulo uma humilde posição.

Que há uma diferença de estilo entre esta e as outras cartas paulinas não resta dúvida. O estilo aqui é mais difuso. Não há qualquer argumento muito desenvolvido. As passagens doutrinárias são mais líricas do que argumentativas. Há longas sentenças, cheias de particípios, expressões sinônimas, genitivos e exegéticos **(1:3-14, 15-23; 2:1-9; 3:1-7).** Além do mais, se formos comparar o estilo com o de Colossenses, não consideraríamos o de Colossenses superior e de maior valor, nem diríamos que a diferença é tal que torne impossível identificar sua autoria. As diferenças podem, com certeza, ser explicadas tomando por base a diferença de propósito entre as duas cartas, e a diferença inevitável entre escrever uma epístola para resolver um problema específico e a tentativa de colocar no papel o resultado de uma meditação profunda e frutífera sobre os temas centrais do evangelho. Em Efésios não houve necessidade de argumentação contra objeções e dificuldades; temos, sim, o que Dodd chama de "uma declaração profética de fatos patentes e incontroversos, numa apresentação nova e sublime de princípios eternos". [1] O escritor aqui "não argumenta, mas faz afirmações dogmáticas" (Lock); de modo que ele tem oportunidade de se tornar lírico. Podemos acrescentar que quando Colossenses (1:12-22) e Romanos (1:1-6 e 8:32-39) fazem o mesmo, seus estilos se aproximam bastante do de Efésios.

Uma análise do vocabulário de Efésios revela que a epístola possui quarenta e duas palavras que não aparecem em qualquer outro lugar do Novo Testamento. Este número não é grande quando comparado com o de outras epístolas paulinas; [2] pareceria mais significativo que trinta e oito palavras que são usadas aqui, bem como no restante do Novo Testamento, não o sejam nas outras cartas de Paulo. Mas tais argumentos a partir do vocabulário são precários. É necessário estudar o assunto das passagens em que as palavras aparecem. Por exemplo, em Efésios, um

---

[1] . DODD. C. H. *Ephesians, Colossians and Philemon* (Abingdon Commentary), 1929. detalhes desta comparação, veja Abbott, p. 15.

bom número de *hapax legomena* pertence a certas descrições específicas, como a da armadura cristã. Algumas das palavras existem no Novo Testamento, que não constam das demais epístolas paulinas, não são, na realidade, peculiares a esta carta, pois encontramos palavras que têm a mesma raiz nessas outras epístolas de Paulo. Algumas, novamente, são palavras comuns que Paulo ou qualquer outro escritor do primeiro século bem podia ter usado.

Determinadas palavras merecem consideração especial, mas isso não pode ser feito aqui, em profundidade. Limitemo-nos a dar uns poucos exemplos. Note-se que *diabolos* é palavra usada apenas aqui e nas epístolas pastorais, ao passo que outras cartas paulinas usam *Satanás.* Entretahto, Atos e João usam as duas indiferentemente, e não parece haver razão para que Paulo não usasse *diabolos.* Há frases como "nos lugares celestiais", "o Pai da glória", "antes da fundação do mundo", consideradas como não paulinas. Outros ainda mencionam como palavras que não podem ser paulinas, *kosmoskratõr* de **6:12** ("dominador deste mundo"), *sõtêrion* no sentido de "salvação", *methodeia* no sentido de "astúcia" para induzir ao mal. Mas não deveríamos ficar surpresos ao encontrar numa epístola como esta, que se supõe ser paulina, palavras que não são encontradas em outras epístolas do apóstolo, palavras mais familiares a nós vindas de outras fontes do pensamento cristão primitivo. A mente do apóstolo era fértil e aberta à influência da fraseologia de seus oponentes e também certamente, da terminologia de outros cristãos. Mais importante é o argumento a que já nos referimos, de que certas palavras-chave como *mistêrion* e *oikonomia* são empregadas em Efésios de modo diferente de seus usos nas outras epístolas paulinas. Mas neste caso, bem como geralmente em relação ao vocabulário, um imitador tentaria seguir de perto o uso paulino, e as diferenças são tão ou mais difíceis de explicar tendo por base a teoria de que uma outra pessoa escreveu Efésios em nome do apóstolo.

Temos considerado o desenvolvimento especial da doutrina que encontramos em Efésios, e temos comparado o ensino da epístola com o de Colossenses. Há alguns outros argumentos que têm sido usados com a intenção de mostrar que a epístola aborda doutrina e assunto que dificilmente poderiam ter vindo da pena do apóstolo. Afirma-se que em Efésios um número de atos divinos são atribuídos a Cristo, ao passo que em outras epístolas são atribuídos ao Pai — p. ex. a obra de reconciliação **(2:16;** Cl 1:20; 2:13); a escolha de apóstolos, profetas, etc. **(4:11;** 1 Co 12:28). Mas há exemplos de procedimento inverso. Em **4:32** encontramos que "Deus em Cristo vos perdoou" (Cl 3:13). Ambas as maneiras de falar das obras de Deus podem ser encontradas em inúmeras epístolas paulinas. Para o apóstolo, aquilo que é a obra do Pai é a obra do Filho. Desde que ele pôde dizer, "para nós há um só Deus, o Pai, de quem são todas as coisas e para quem existimos; e um só Senhor, Jesus Cristo, pelo

qual são todas as coisas, e nós também por ele" (1 Co 8:6), não pode haver validade neste tipo de argumento. O que Deus faz, Ele faz através de Cristo (2 Co 5:18); o que Cristo faz, Ele faz de acordo com a vontade do Pai.

Para alguns, um argumento mais importante é o de que a escatologia de Efésios é mais consumada do que futurista, sendo esta última a característica das epístolas anteriores de Paulo, inclusive Filipenses. Algumas vezes se diz que **2:7** e **3:21** implicam um longo espaço de tempo antes do fim, tal como o escritor de Efésios considera. No comentário deveremos considerar se esta seria uma interpretação correta das passagens existentes. Certamente as escatologias de Colossenses e Efésios não são dessemelhantes. Há sem dúvida, uma mudança de ênfase a partir das epístolas mais antigas de Paulo, mas a esperança da *parousia* [1] não se perdeu. O Espírito Santo é o penhor da herança futura, porque a experiência da salvação ainda não é completa na vida do crente aqui e agora **(1:13; 4:30).** Um dia no futuro a Igreja será apresentada sem mancha, a Cristo **(5:27).** Haverá um futuro dia de ajuste de contas quando todos terão de estar na presença de Deus, o Juiz **(5:6; 6:8).** Se pudesse ser feita uma sólida defesa a favor de uma diferenciaçãp real entre as escatologias de Colossenses e Efésios, isto poderia sustentar o problema da autoria, mas tal defesa não pode ser feita.

Nós já consideramos anteriormente a maneira pela qual esta epístola trata da questão do relacionamento entre judeus e gentios. Independentemente deste assunto, há quem diga que os judeus são tratados em Efésios de um modo que Paulo mesmo nunca o faria. De **2:3** alguns dizem que os judeus são culpados das mesmas imoralidades que os gentios, enquanto que em 2:11 existe o que tem sido chamado de referência escarnecedora à circuncisão. Todavia, pode-se perguntar se Paulo fala menos a respeito dos pecados dos judeus, mesmo dos pecados da carne, em Romanos 2:21, e se fala nesse trecho menos severamente do que nesta epístola. Além do mais, em Efésios, a circuncisão não é mais depreciada do que em Romanos 2:25, Filipenses 3:1 e Colossenses 2:2; de fato o espírito das quatro passagens é bem semelhante. (Veja mais a respeito em 2:11.)

VII. OBRA DE UM IMITADOR OU DO PRÓPRIO APÓSTOLO?

Devemos dizer, como Mitton, que nenhum argumento isolado a favor ou contra a autoria paulina de Efésios pode ser dado como con-

[1] N. do T. — Manifestação de Cristo em Sua segunda vinda.

clusivo. O que deve ser considerado é a força cumulativa de todos os argumentos. Porém, os primeiros escritores a lançar dúvida sobre a autenticidade da epístola satisfizeram-se com argumentos negativos. Só mais recentemente, é que foi feita por Goodspeed [1] e Mitton uma brilhante tentativa, de sugerir uma situação posterior à morte de Paulo, para a qual, acreditam eles, esta epístola teria sido escrita.

A teoria de Goodspeed é de que alguns anos depois de serem escritas as cartas de Paulo, dirigidas em sua maioria a igrejas locais, foram, em grande parte, negligenciadas ou esquecidas. Umas poucas pessoas reconheceram o seu valor e as guardaram, e houve alguns que reverenciavam o apóstolo especialmente por sua carta à igreja de Colossos, provavelmente membros daquela igreja que a princípio só tiveram contato com aquela carta. Um homem, em particular, conhecia e amava esta carta. Depois que Atos foi publicado — cerca do ano 85 conforme Goodspeed — onde Paulo foi exaltado em toda a sua grandeza devido à sua obra apostólica, este homem decidiu-se a encontrar o maior número possível de cartas de Paulo. Ele as colecionou, leu e releu, a ponto de saturar sua mente do conteúdo delas, principalmente da Aos Colossenses que foi a primeira de que tomou conhecimento, e a que mais apreciava. Decidiu, então, republicá-las com uma introdução que destacasse a mensagem de Paulo sobre os temas de dias passados, e que seria simplesmente uma reafirmação de sua compreensão da verdade eterna de Deus em Cristo. Não querendo destacar sua personalidade, escreveu em nome do próprio Paulo, e desejou que a mensagem do apóstolo pudesse ser novamente ouvida por meio dessa carta. Goodspeed diz que isto justifica o fato de Efésios ser "um mosaico de anotações paulinas", "quase uma antologia paulina". A estreita semelhança com Colossenses é justificada desta maneira; e as dificuldades quanto à autoria paulina são assim solucionadas.

Goodspeed chega ao ponto de supor que Onésimo teria sido o autor. Suas opiniões têm recebido muito apoio, principalmente na América do Norte.

O erudito inglês Mitton admitiu os elementos fundamentais da teoria de Goodspeed e crê que a relação de Efésios com as outras epístolas paulinas e com Colossenses em particular deve ser explicada de modo parecido. A dependência não era assim, de ordem literária; a composição da epístola teria sido feita por alguém cuja mente estava saturada das epístolas de Paulo. Apenas no fim da epístola, quando da menção a Tíquico, é que o autor se refere à sua cópia.

Existem inúmeras e importantes dificuldades para se aceitar tal teoria. A primeira é a forte evidência externa em favor da autoria paulina, e o uso bem antigo da epístola, o que já foi visto antes. De fato,

[1] GOODSPEED, E. J. *The Meaning of Ephesians,* 1933.

Colossenses é uma das epístolas paulinas mais bem comprovadas nos escritos cristãos do segundo século, e nunca encontramos qualquer dúvida expressa quanto à sua autenticidade. Além do mais, há aspectos tão tipicamente paulinos que é com dificuldade que iríamos esperar encontrá-los num imitador. Aparece a maneira caracteristicamente paulina de relacionar intimamente a verdade doutrinária com o dever moral. Há o costume paulino de interromper o pensamento para abordar um novo assunto **(3:1-14;** Rm 5:13; Fp 3:1). Por fim, não podemos questionar a partir das semelhanças ou diferenças de vocabulário e fraseologia, pois, como já vimos, o argumento pode funcionar como faca de dois gumes. Mas nesta epístola encontramos o louvor irreprimido da glória de Cristo, a *declaração desinibida da maravilha* de Seu propósito para com Sua Igreja, não em palavras comedidas de alguém que escreve com o sentimento de obrigação de seguir fielmente seu grande predecessor, mas com a inspiração livre do Espírito.

Sem nos importarmos quão diferentemente o problema de escritos sob pseudônimos possa ter sido encarado no mundo antigo da maneira como o fazemos hoje, ainda assim encontramos nesta epístola tal combinação de autoridade e humildade, e tal demonstração de privilégio e responsabilidade (ambos os traços tipicamente paulinos), que seria muito difícil imitar realmente o apóstolo. Qualquer imitador é afinal traído por sua inferioridade, mas, no dizer de Scott, esta epístola "nada contém que não pudesse ter sido escrita por Paulo, pois é, toda ela, marcada por uma grandeza e originalidade de pensamento que parecem estar muito além da capacidade de qualquer imitador". Poderia um imitador produzir uma obra tão parecida com aquelas do apóstolo e ainda assim escrever com tal liberdade e originalidade, mostrando um aprofundamento no pensamento de Paulo, tal qual é encontrado em Colossenses? Uma pergunta ainda mais importante é: uma pessoa de tal capacidade espiritual teria seguido Colossenses tão de perto? As explicações de Goodspeed e Mitton não são suficientes. É possível, embora improvável, que tenha havido uma pessoa de tal potencialidade espiritual — ainda que tenha permanecido desconhecida para nós — na geração que se seguiu à morte de Paulo, e que pudesse ter escrito algo assim. E permanece o fato de que a grandeza de um autor como esse e sua dependência de Colossenses (e outros escritos paulinos) é difícil de harmonizar. Ou, como afirma Dodd: "Poderíamos achar uma dependência tão fiel e uma originalidade tão marcante numa mesma e única pessoa?" [1]

Que ainda há problemas e muitas dificuldades levantadas a respeito da autenticidade de Efésios, não pode ser negado. Aspectos distintivos da epístola quando comparados com outras cartas paulinas re-

[1] DODD, C.H. *Ephesians, Colossians and Philemon,* in: Abingdon Commentary 1929.

querem explicação. Mas teríamos de perguntar se as dificuldades são totalmente solucionadas com a possibilidade de um imitador. De longe parece que a solução mais provável é a tradicional. De modo que supomos ter Paulo escrito Colossenses, quando estava preso em Roma, com a finalidade de solucionar certas dificuldades e perigos na igreja de Colossos. Depois, à medida que pensava mais profundamente e expressava a verdade concernente à Pessoa de Cristo, era levado em sua meditação a insistir sobre o propósito de Deus em Cristo, tal como devia ser desenvolvido na Igreja. Ele não pensou apenas em Colossos, mas em todas as Igrejas, especialmente aquelas da província romana da Ásia. Ele percebeu o quanto elas necessitavam receber uma visão da grandeza de sua chamada, e da importância da vida e unidade da Igreja como corpo de Cristo. Assim sendo, logo após ter escrito Colossenses, escreveu Efésios. Colossenses 4:15 faz menção não de uma carta escrita para Laodicéia, mas de uma que iria chegar a Colossos através de Laodicéia. Em outras palavras, parece que esta carta, a qual ele diz ter sido escrita na mesma época de Colossenses, era, por natureza, uma carta circular. Cremos, portanto, ser bem provável que a epístola que está diante de nós seja a mesma mencionada em Colossenses 4:15. Esta probabilidade é aumentada se pensarmos que, como a igreja de Colossos se empenhou em preservar a pequena carta a Filemon, por certo estaria ansiosa em preservar esta carta geral enviada às igrejas da região.

Deste modo imaginamos que primeiro foi escrita Colossenses, e então Efésios. Depois o apóstolo escreveu a conclusão aos Colossenses, e imediatamente voltou-se para a carta aos Efésios para dar sua mensagem pessoal final para um grupo maior de igrejas: "para que saibais também a meu respeito... de tudo vos informará Tíquico". Desse modo Tíquico partiu como portador das duas cartas e também da carta pessoal a Filemon. Teria também recebido instruções explícitas a respeito das igrejas da Âsia, às quais deveria levar uma carta. Nenhum nome foi colocado no prefácio de nossa epístola; o mensageiro é que colocaria o nome à medida que chegasse a cada lugar. Nos anos que se seguiram, muitas das igrejas podem ter chegado a ter uma cópia da carta. Como talvez apenas a cópia de Éfeso tivesse um título, e como Éfeso era a igreja mais famosa, o exemplar que lá se encontrava teria sido o mais freqüentemente copiado, de modo que a carta veio a ser intitulada como hoje a temos, "Epístola de Paulo aos Efésios".

COMENTÁRIO

I. INTRODUÇÃO (1:1-23)

a. Saudação (1:1,2)

1. Todas as cartas de Paulo começam de maneira semelhante. Seguindo o estilo de escrita epistolar de seu tempo, ele menciona primeiro o escritor, depois o leitor, e então vem a saudação. Mas aquela maneira convencional de seu tempo é posta num nível mais alto. Escritor e leitores são mencionados a partir do ponto de vista de seu relacionamento com Deus em Cristo, e a saudação convencional tornou-se uma bênção cristã.

Apóstolo é o título que Paulo mais usa com referência a si mesmo. Esse título diz respeito ao grande privilégio, e também à obrigação divina, da comissão posta sobre ele. Ele não poderia pensar de si mesmo em relação aos homens senão em termos de ser enviado a todos com o evangelho (2 Co 5:16). Ele é o que é, *por vontade de Deus;* e isto não é mera permissão, como o uso da mesma palavra nos versículos 5, 9 e 11 deixa claro. É o propósito positivo de Deus que faz de Paulo um homem sob autoridade e o capacita a escrever com autoridade. Ele sempre se esforça por enfatizar que sua chamada não se deve a mérito pessoal (1 Co 15:9; G1 1:13-15; 1 Tm 1:12-16); sua autoridade não é conquista própria. Ambas são inteiramente de Deus (G1 1:1), e sobre isso deposita confiança, especialmente quando sua missão é posta em dúvida.

A freqüente designação neotestamentária dos cristãos chamando-os de *santos* é a primeira de uma série de palavras neste primeiro capítulo cujo significado só pode ser inteiramente compreendido através de uma consideração de seu sentido no Antigo Testamento. Os santos são os separados, *hagioi.* Nos dias do Antigo Testamento, o tabernáculo, o templo, o sábado, e o próprio povo, eram santos por serem consagrados, separados, para o serviço de Deus. Uma pessoa não é "santa" neste sentido por mérito pessoal; ela é alguém separada por Deus, e, conseqüentemente, é chamada a viver em santidade. Assim sendo, a palavra tem

simultaneamente os sentidos de privilégio e de responsabilidade da chamada de cada cristão, e não a capacitação de uns poucos. Como já vimos na Introdução, ao considerarmos os destinatários da epístola, as palavras *em Efésios* não se encontram em alguns dos melhores manuscritos, ainda que a gramática quase certamente requeira um nome de lugar no original. Dessa maneira, chegamos à conclusão de que Efésios era apenas um dentre os vários lugares para os quais a carta fora enviada.

Os Fiéis (pistoi), um termo usado freqüentemente com relação aos cristãos no Novo Testamento, pode significar aqueles que têm fé, ou aqueles que são fiéis. Ambas as idéias podem ser aqui incluídas; eles são crentes e sua chamada é à fidelidade. O significado não se restringe a que o povo a quem a carta é endereçada tenha fé no Senhor. A frase *em Cristo Jesus,* usada por Paulo com tanta freqüência, especialmente nesta epístola, resume bem sua compreensão do evangelho. Essa frase, ou alguma outra equivalente, é usada onze vezes apenas nos versículos 1-14. O cristão não apenas tem fé em Cristo; toda sua vida está nEle. Como a raiz dentro da terra, o ramo ligado à videira (Jo 15:1), o peixe no mar e o pássaro no ar, assim o lugar da vida do cristão é em Cristo (Cl 3:1-3). Temos uma clara justaposição de duas frases quando Paulo se dirige a seus leitores em Colossenses 1:2 como "em Cristo" e "em Colossos". Existe a implicação de que onde quer que o cristão possa estar, em qualquer ambiente difícil, ameaçado pelo materialismo ou pelo paganismo, em perigo de ser envolvido pelo poder do Estado ou de ser derrotado pelas pressões de uma vida não-cristã, ele está *em Cristo.* Isto não é misticismo, mas pretende-se com isto expressar a verdade bem prática de que o cristão, se mantiver fiel à sua chamada, não tentará ser auto-suficiente, ou ir além do limite do propósito, do controle e do amor de Cristo, nem procurará orientação, inspiração e força no mundo. Ele encontra a satisfação de todas as suas necessidades nEle, e jamais em nenhum outro lugar ou em qualquer outra fonte. Esta descrição da vida cristã está implícita na expressão "fomos batizados em Cristo Jesus" (Rm 6:3), porque o batismo é o sinal exterior da entrada em tal tipo de vida. Também envolve a verdade de que a existência do cristão em coletividade é no corpo de Cristo, e este Corpo é a Sua Igreja.

2. A saudação grega usual era *cairein* (At 15:23; 23:26; Tg 1:1); aqui Paulo usa o cognato *cáris (graça). Paz* era a saudação hebraica comum *(shalom).* Foi usada, por exemplo, quando os setenta foram enviados pelo Senhor (Lc 10:5). Como em todas as suas saudações, Paulo traz as palavras graça e paz juntas, e pode-se dizer que as duas resumem todos os dons de Cristo. A saudação tornou-se então uma bênção, ou uma oração para que seus leitores possam conhecer inteiramente o favor gratuito e imerecido vindo de Deus, reconciliando-os com Ele, e acrescentando-lhes tudo de que necessitam (veja mais adiante sobre 3:2 a res-

peito de *cáris);* e para que possam conhecer a paz com Deus, paz em seus corações e paz uns com os outros. As duas palavras são, de fato temas gêmeos da epístola, como o são do próprio evangelho de Cristo. A graça e a paz vêm de *Deus nosso Pai,* como a Origem de todas as coisas, *e do Senhor Jesus Cristo,* que por aquilo que fez, trouxe ambas aos homens.

b. Louvor pelo propósito de Deus e pelas bênçãos em Cristo (1:3-14)

3.Agora, após sua breve saudação, e antes de expressar seus agradecimentos a Deus pelo bem-estar daqueles a quem está escrevendo (versículos 15, 16), o apóstolo compõe um grande hino de louvor — uma longa sentença, impossível de analisar, na qual cada pensamento liga-se ao que o precede. Não há ordem predeterminada na enumeração das bênçãos; a contemplação de uma leva naturalmente à seguinte — eleição já no princípio; filiação por adoção; redenção, que significa perdão; percepção dentro do propósito de Deus, propósito que a tudo abrange; o privilégio (tanto de judeus quanto de gentios) de se tornarem Seu povo; e o selo do Espírito, que é o penhor da herança final. Três linhas de pensamento permeiam esta grande doxologia. Primeiro, de eternidade a eternidade Deus opera todas as coisas de acordo com Seu plano perfeito. Toda a história, todos os homens, tudo o que existe nos céus e na terra estão incluídos no Seu propósito. Segundo, tal propósito é cumprido em Cristo, e portanto, cada bênção concedida aos homens encontra-se nEle. Terceiro, com relação aos homens, seu alvo é bem prático, que eles sejam "para louvor da Sua glória".

No Novo Testamento, a palavra *bendito (eulogetos)* é usada somente com referência a Deus. Só Ele é digno de ser bendito. Os homens são benditos quando recebem Suas bênçãos; Deus é bendito quando é louvado por tudo o que gratuitamente confere ao homem e ao seu mundo. Acima de tudo é bendito como *o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo* (cf. Rm 15:6; 1 Pe 1:3; Ap 1:6), pois Ele nos é revelado supremamente através de Cristo que, como Filho, é a imagem perfeita do Pai (veja Jo 1:18 e Hb 1:1-3).

A expressão grega que é traduzida por *que nos tem abençoado* é um particípio, que pode se referir a uma ocasião específica no passado quando aquelas bênçãos foram recebidas pela primeira vez, ou quando Ele as trouxe aos homens; mas o tempo verbal não dá idéia de uma necessidade a ser forçada. Estritamente falando, também o substantivo é singular; uma tradução seria melhor "com cada bênção espiritual". D'Ele vem um contínuo jorrar de bênçãos, e isto não deve ser entendido principalmente em termos de dons materiais, dos quais nos lembramos mais prontamen-

te, mas em termos de dons espirituais que transcendem, mas também incluem os materiais, pois a verdadeira apreciação das coisas que vemos é dependente de nosso gozo das coisas do Espírito.

Isto se torna mais claro ainda pela frase explicativa que segue, *nas regiões celestiais.* O grego, *en tois epouraniois,* significa literalmente "nas coisas celestiais", mas os outros usos da frase mostram que é muito mais do que um sinônimo para *espiritual,* de modo que nossos tradutores acertaram com essa tradução. Nesta epístola, diz-se que Cristo está exaltado para estar "nos lugares celestiais" (**1:20**); a sabedoria está sendo dada a conhecer aos principados e potestades "nos lugares celestiais" **(3:10).** a mesma frase é usada com relação à esfera do conflito espiritual contra as forças do mal (**6:12**); e, mais intimamente ligado ao assunto aqui tratado, em **2:6** fala-se dos cristãos como tendo sido ressurretos e feitos para "assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus". Suas vidas estão erguidas acima das coisas passageiras. Estão no mundo, mas também no céu, pois não são limitadas pelas coisas materiais que se dissipam (Fp 3:20). Vida neste instante, se é vida em Cristo, é nas regiões celestes.

4. O propósito de Deus é apresentado não como sendo desta terra, mas do céu, pelo fato de que já existia *antes da fundação do mundo.* Eleição, tal como disse Calvino, é o "fundamento e a primeira causa" de todas as bênçãos. E a doutrina da eleição permeia toda a Bíblia. Israel foi escolhido, não por algum mérito, mas para ser o meio de cumprir o propósito eterno de Deus (veja Dt 7:6-8; Is 42:1; 43:20). No Novo Testamento o princípio da eleição é confirmado, mas já não há uma limitação nacional — uma verdade que esta epístola desenvolve e expõe mais adiante. Esta doutrina da eleição, ou predestinação, não é levantada como um assunto de controvérsia ou especulação. Não é colocada em oposição ao fato auto-evidente da livre vontade do homem. Envolve um paradoxo que o Novo Testamento não procura resolver, e que nossas mentes finitas não podem compreender em sua profundidade. Paulo enfatiza tanto o propósito soberano de Deus quanto o livre arbítrio do homem. Ele tomou o evangelho da graça e o ofereceu a todos. Então, para aqueles que aceitaram o evangelho, ele apresentou a doutrina da eleição por duas razões, as quais encontramos ligadas de modo semelhante em João 15:16, Romanos 8:29, 2 Tessalonicenses 2:13, 2 Timóteo 1:9 e 1 Pedro 1:2. Primeiro, o cristão necessita perceber que sua fé descansa completamente sobre a obra de Deus e não sobre o fundamento inseguro de qualquer coisa que encontre em si mesmo. Tudo é trabalho do Senhor, e de acordo com o Seu plano, um plano que existia *antes da fundação do mundo.* Segundo, Deus nos escolheu *para sermos santos e irrepreensíveis perante ele* (cf. 5:27 e Cl 1:22). Eleição não é apenas para salvação, mas para santidade de vida. Fomos "criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andás-

semos nelas", conforme 2:10. Os cristãos foram predestinados "para serem conforme à imagem de Seu Filho" (Rm 8:29).

O objetivo e o alvo da vida cristã é, portanto, a perfeita santidade (Mt 5:48), que é expressa em seu aspecto positivo como dedicação da vida (veja a respeito no versículo 1) e, negativamente, como a possibilidade de livrar-se de todo o erro. Atrás da palavra *amõmous,* usada de modo semelhante eni Filipenses 2:15, e aqui traduzida por *irrepreensíveis,* (RV — "without blemish"), há uma conexão com os sacrifícios do Antigo Testamento. Somente um animal perfeito podia ser oferecido a Deus (veja Lv 1:3, 10). De maneira que, na expressão de Hebreus 9:14, Cristo a si mesmo se ofereceu moral e espiritualmente "sem mácula a Deus" (1 Pe 1:19). A vida do cristão também deve ser "sem mácula", não apenas de acordo com os padrões humanos, mas também *perante Ele*, o qual é a Testemunha de tudo o que um homem faz, pensa e diz. (A respeito desta mesma ênfase dada pelo apóstolo à vida do homem vivida a cada momento perante Deus, veja Rm 1:9; 2 Co 4:2; G11:20; 1 Ts 2:5).

As palavras *em amor* podem ser entendidas de acordo com as que seguem ou com as que precedem, e as diversas opiniões de tradutores e comentadores, tanto do passado como do presente, indicam que não é possível ser dogmático quanto à intenção do escritor. Uma possível tradução seria "Ele nos predestinou em amor para sermos Seus filhos". Talvez esteja certo; pelo menos é uma verdade que o parágrafo todo enfatiza. Mas a posição da frase e seu uso em outros lugares da epístola dentro de um contexto de amor do homem, mais do que amor de Deus (3:17; 4:2, 16; 5:2), levam a crer que a idéia do autor é de que santidade de vida somente é perfeita em amor e através dele (cf. 1 Ts 3:12).

5. A RV traduz *predestinados* por "preordenados". O grego *proorisas (predestinados)* significa literalmente "marcados de antemão". É apenas uma outra palavra que expressa o fato de que o plano de Deus para Seu povo vem desde a eternidade. Tal plano é o ato divino de *adoção de filhos por meio de Jesus Cristo.* Os homens foram criados para viverem em comunhão com Deus, como filhos com o Pai (Gn 1:26; At 17:28). Pelo pecado o privilégio se perdeu, mas pela graça em Cristo e através dEle, a restauração à filiação se tornou possível (Jo 1:12). *Adoção* — que não era um costume judeu, mas romano — é a melhor maneira de descrever isto (cf. Rm 8:15, 23; G1 4:5), porque um filho adotado deve sua posição à graça e não ao direito, e, ainda mais, é trazido ao seio da família, passando a ter os mesmos privilégios e deveres de um filho de nascimento.

O que Deus fez foi *segundo o beneplácito da sua vontade.* Ambas as expressões falam aqui do Seu propósito e do Seu amor soberano. *Beneplácito (eudokia)* tem dois sentidos nas Escrituras. Algumas vezes significa boa vontade para com alguma pessoa (Lc 2:14); mas onde não há referência à pessoa que sente esta boa vontade , geralmente significa

propósito, tal como bem se encaixa no contexto aqui e no versículo (cf. Mt 11:26)— embora também possa haver uma idéia do primeiro sentido (cf. o uso do verbo correspondente em Lc 12:32). O propósito de Sua vontade *(thelèmatos)* é o que Moule descreve como Sua "resolução deliberada e beneficente" [1]

6. Neste versículo aparece pela primeira vez a frase *para louvor da glória de sua graça* que ocorre mais duas vezes neste parágrafo, tal como um refrão no final de estrofes sucessivas num poema. A glória de Deus é a manifestação de Sua própria natureza e a graça é Sua suprema auto-manifestacão. (Veja Ex 33:10: 34:5-7). Assim como Israel foi escolhido para viver para Seu louvor (Is 43:21), assim também aqueles que são recebidos em Cristo como filhos devem demonstrar a natureza da graça do Pai e, dessa maneira, glorificá-lo (cf. 5:1; Mt 5:45; Lc 6:35). A palavra *graça* é significativa demais para que Paulo passasse por ela superficialmente (cf. versículo 7 e 2:7). Ela deve ser qualificada e definida. O verbo grego *caritoõ,* usado na cláusula *que Ele nos concedeu gratuitamente no amado,* tem sua raiz no substantivo *cáris (graça).* (Compare as construções das frases nos versículos 19, 20; 2:4 e 4:1). Algumas vezes tem-se entendido esta frase como "a graça com a qual Ele nos fez graciosos"; assim sendo, Crisóstomo (citado por Abbott) diz, "é como se alguém tomasse um leproso e o transformasse num jovem radiante". Mas de acordo com o contexto, significa mais "o favor com o qual Ele nos tem favorecido", ou ainda "graça, que ele nos concedeu gratuitamente". O que se tem em mente é a graça objetiva de Deus, o favor imerecido de Deus para conosco, mais do que qualquer virtude que recebemos.

Novamente é enfatizado que isto se dá *em Cristo* que é o *amado.* Esta expressão *(o amado)* também foi usada para Israel, e desta forma veio a ser usada como título do maior Representante de Israel, o Messias.[1] Mas o significado literal não se perdeu (cf. Mt 3:17 e 17:5) tal como a expressão paralela em Colossenses 1:13 — "Filho do Seu amor" — indica. Ou, como Dale diz, "Cristo habita para sempre no amor infinito de Deus, e como estamos em Cristo, o amor de Deus para com Cristo está em nós de uma maneira maravilhosa".

7. Uma vez que ser redimido é a necessidade básica que o homem tem da graça de Deus, a bênção da *redenção* segue-se à graça restauradora. Tal redenção encontra-se em Cristo — não apenas através dEle, mas por homens vindos a viver nEle (Rm 3:24; Cl 1:14). Novamente o Antigo Testamento nos fornece elementos para compreensão, pois nele havia provisão para serem redimidas terras ou pessoas que haviam

---

[1] Veja Robinson, p. 229.

deixado de pertencer ao proprietário original para se tornarem propriedade de outro (veja Lv 25:25-27, 47-49; Nm 18:15). Além do mais, o povo de Israel era um povo essencialmente redimido. Tinha sido escravo no Egito, e, posteriormente, devido à sua pecaminosidade, também o foi na Babilônia. Ainda assim Deus os redimiu, e pela redenção foram feitos Seu povo (Ex 15:13; Dt 7:8; Is 48:20; 59:9). A idéia fundamental de redenção é de tornar livre uma coisa ou pessoa que se tornara propriedade de outrem. As vezes, tanto no Antigo como no Novo Testamento, não há menção explícita quanto ao preço pago pela redenção, e a palavra possui então apenas o sentido básico de soltura (Lc 21:28; Rm 8:23; Hb 9:15). Mas a mente de Paulo freqüentemente se ocupava muito da idéia de redenção a um preço altíssimo, e em inúmeras passagens no Novo Testamento esta idéia está obviamente presente (At 20:28; 1 Co 6:20; 1 Pe 1:18; Ap 5:9).

Não podemos afirmar aqui que Paulo se refira explicitamente ao custo da redenção, mas logo a seguir diz que ela se dá *pelo Seu sangue.* Também não teria ele hesitado em declarar que aquilo que é o instrumento de libertação, é também o preço. No caso da páscoa, a redenção do povo estava associado a um sacrifício. Entretanto, o objetivo básico da maioria dos antigos sacrifícios era lançar fora o pecado. Estava profundamente arraigado na mentalidade do povo o fato de que o pecado não podia ser facilmente posto de lado. Pecado requeria sacrifício; "sem derramamento de sangue não há remissão" (Hb 9:22; Lv 17:11). Cristo satisfez a necessidade que estava patente em todo o sistema sacrificial do Antigo Testamento. Sua morte significa que houve derramamento de *sangue* como sacrifício pelo pecado; e isto também pode ser descrito em termos de derrota do pecado e, que tem como conseqüência, o homem libertar-se de sua escravidão. O sacrifício é, dessa maneira, o meio de redenção, que é *a remissão dos pecados.* O pecado implica escravidão da mente, vontade e membros, ao passo que remissão é liberdade, é *aphesis,* palavra usada aqui, que literalmente significa a soltura de uma pessoa de algo que a prenda. Paulo diz que esta remissão e perdão ocorrem *segundo a riqueza da sua graça,* graça que está além de qualquer bem terreno (Mt 6:19; 1 Tm 6:17; Hb 11:26). Por seis vezes o apóstolo fala nesta carta das riquezas de Deus, reveladas e acessíveis aos homens, da riqueza de Sua graça, da Sua misericórdia e da Sua glória (1:7, 18; 2:4, 7; 3:8, 16), e tal expressão é caracteristicamente paulina (Rm 2:4; 9:23; 11:33; 2 Co 8:9; Cl 1:27; 2:2). Deus não só compartilha conosco da sua *riqueza,* mas no-la dá *segundo* a medida que Ele tem como necessária (Fp 4:19).

8. Todavia, estes qualificativos da graça não estão exaustivamente explorados. "Abundância" é outra palavra favorita do apóstolo, a qual expressa a quantidade mais que suficiente da doação divina, o jorrar de uma fonte que tem origem abundante e profunda ; e , que também por

Sua graça, expressa a qualidade que se espera da vida de um cristão (1 Ts 3:12; 4:1,10). E é na expressão *em toda a sabedoria e prudência* que encontramos a quarta das grandes bênçãos que o apóstolo enumera. Deus não apenas recebe e perdoa àqueles que Ele reconciliou consigo mesmo como filhos. Ele também ilumina com a compreensão do Seu propósito. Este assunto é mais desenvolvido nos capítulos 2 e 3. Em muitos escritores clássicos faz-se distinção entre *sabedoria (sophia)* e *prudência (phronêsis).* Embora nem sempre ocorra esta distinção, talvez seja correto distinguir nesta passagem *sabedoria,* que Robinson define como "o conhecimento que olha para o coração das coisas, que as conhece tal como realmente são", de *prudência,* que ele chama de "compreensão que leva a agir corretamente". Se isto está certo, segue-se que a sabedoria de Deus não é apenas intelectual ou acadêmica, mera filosofia superior tal como a que os gnósticos nos dias primitivos da Igreja alardeavam possuir; mas é também a origem da compreensão de detalhes do viver diário (Fp 1:9). Como Barclay diz, "Cristo outorga aos homens a habilidade de ver as grandes verdades últimas da eternidade e de resolver os problemas de cada instante".

9. Os homens têm essa sabedoria e prudência porque Deus revela Sua *vontade* a respeito do objetivo e propósito da vida, bem como de seus detalhes (Cl 1:9). Aquilo que Ele revela, o apóstolo chama de *mistério.* Em grego clássico a palavra *mistêrion* tinha dois significados. O significado existente na raiz dessa palavra é de algo em que alguém era iniciado, e daí surgiu o sentido de segredo de qualquer tipo. Na Septuaginta[1] usou-se o termo mistério para indicar aquilo que é revelado por Deus (Dn 2:19), e também para indicar o mexerico que parte de um bisbilhoteiro (Eclesiástico 22:22). Dessa maneira o uso que os cristãos fizeram dessa palavra no Novo Testamento não é necessariamente derivado das religiões pagãs de mistério, tão comuns naqueles dias. É verdade, entretanto, que Paulo não poderia ter deixado de pensar neste uso da palavra, e não há dúvida de que, conscientemente, comparou os estranhos e infundados mistérios pagãos com a verdade de Deus, em Cristo revelada a todos os que a recebem, e por meio de Cristo dada à Sua Igreja para proclamar ao mundo. Pois para Paulo, o mistério essencial era a maneira pela qual Deus, por meio de Cristo, traz os homens de volta à comunhão Consigo mesmo. E mais do que isso, é a maneira pela qual Ele traz a uma unidade restaurada o universo inteiro que se tornara desordenado devido à rebelião e pecado do homem. Portanto, a palavra no Novo Testamento diz respeito não a alguma coisa misteriosa, mas a alguma coisa revelada, e, de um modo geral, as palavras que expressam abertura, e não guarda de segredo, é que melhor traduzem *mistêrion* (Cl

[1] N. do T. — Tradução grega do Antigo Testamento.

1:26; 2:2; 4:3). Por outro lado, a palavra tem também o significado de uma verdade que anteriormente ainda não fora revelada, mas que agora o é (Rm 16:25), e o fato ainda mais importante de que a compreensão depende da vontade de Deus em revelá-la e do desejo do homem de receber entendimento, o qual deve ser dado por Deus.[1]

Vemos, então, que o apóstolo, tal como nos versículos 7 e 8, onde procurava descrever e exaltar a generosidade da graça de Deus, aqui no fim deste versículo quer expressar a maravilha do Seu propósito. Isso ele faz pelo uso de três sinônimos (dois dos quais já foram usados no versículo 5), desta feita descrevendo *mistério* como *sua vontade, seu beneplácito,* o qual Deus *propusera em Cristo.*

10. Dentro desse plano soberano, aquilo que Deus fez e está fazendo em Cristo é mencionado como algo que tem em vista a dispensaçâo pertencente à *plenitude dos tempos*[2] em outras palavras, aquilo que é realizado no tempo certo. Simpson muito adequadamente traduz a expressão como o divino "programa da história". Devemos, entretanto, analisar a palavra *dispensaçâo* para compreender melhor o significado que lhe atribui o apóstolo. Esta palavra *(oikonomia)* usava-se tanto para a administração da casa (*oikos*), quanto para a responsabilidade daquele que a administrava. Foi usada várias vezes no Novo Testamento com este último sentido de mordomia. Pois a Igreja é a casa de Deus, Jesus Cristo é o principal Mordomo, e sob Ele Seus ministros são chamados a servir como mordomos (1 Co 4:1 ; 9:17; Tt 1:7; 1 Pe 4:10). O que se tem em mira aqui é o governo ou o arranjo das coisas para o povo de Deus e para todo o universo. Jesus Cristo ordena cada coisa a seu tempo, e com sabedoria infinita ordena o tempo de cada coisa. Deve-se também destacar que a palavra usada para *tempos* não é *chronos,* que dá a idéia de passagem de tempo em dias, meses e anos, mas *kairos,* que se refere a tempos particulares, os tempos decisivos de cumprimento dos propósitos de Deus. Bruce faz deste trecho uma boa paráfrase: "Quando todos os tempos e épocas que Deus fixou por Sua própria autoridade tiverem se completado, o eterno propósito de Deus, o qual Ele planejou em Cristo, alcançará completa realização".

A palavra grega *anakephalaiõsasthai {fazer convergir*) era usada no sentido de juntar várias coisas e apresentá-las como sendo uma só. O costume grego era somar uma coluna de números e colocar o resultado em cima, e este nome foi dado a tal processo. Desse modo usava-se a palavra em retórica para resumir o discurso ao seu final, de modo a mostrar a relação de cada parte para com o argumento todo. Em Romanos 13:9 é usada para resumir os vários mandamentos na exigência do amor. Aqui,

1 Para um estudo mais minucioso da palavra, veja Robinson, pp 234.
2 "to be put into effect when the time was ripe" (NEB).

três idéias estão presentes na palavra — os fatos da restauração, da unidade e de Cristo ser o cabeça. Weymouth deixa bem claras estas idéias ao traduzir: "o propósito... de restaurar toda a criação de modo a achar seu único Cabeça em Cristo". Todas as coisas foram criadas em Cristo (Cl 1:16). Devido ao pecado, vieram ao mundo desordem e desintegração intermináveis; mas ao final, todas as coisas serão restauradas à sua função original e à sua unidade pelo fato de terem sido trazidas à obediência a Cristo (Cl 1:20).

A frase *todas as coisas,* que em grego expressa universalidade absoluta (Cl 1:17; Hb 1:3), significa: *tanto as do céu como as da terra.* Paulo tem em mente toda a criação, tanto a espiritual como a material. Ao escrever esta epístola, ele estava preocupado com a heresia corrente na Ásia Menor, a qual colocava muitos poderes espirituais em oposição a Cristo, e também outros mediadores entre Deus e os homens. Sua resposta a tal ensino — que está explícito em Colossenses e apenas implícito nesta epístola — é de que existe apenas Um que pode reconciliar e unificar todas as coisas, e Ele o fará. É uma heresia de nossa época dividir a vida em sagrada e secular. Cristo está relacionado com todas as coisas, e todas acharão seu verdadeiro lugar e unidade nEle. Além do mais, esta epístola não fala apenas de um objetivo distante, mas apresenta — agora num mundo dividido por barreiras de raça, cor, cultura e sistema político — a tarefa da Igreja, qual seja, de trazer todas as coisas e todos os homens ao cativeiro da obediência a Cristo (2 Co 10:5), e a descoberta de suas verdadeiras funções e unidade nEle.

Este versículo tem sido usado como o texto-chave da doutrina do "Universalismo", a qual afirma que todos os homens, no fim serão salvos. Na realidade implica dizer que no fim, todas as coisas e todos os seres existentes estarão debaixo de Sua autoridade, mas é perigoso formular uma doutrina a partir de um só versículo, sem levar em conta o equilíbrio das afirmações das Escrituras como um todo, e, neste caso, sem respeitar a afirmação solene encontrada de um extremo a outro das Escrituras, de que a alternativa de vida ou de morte depende de aceitar ou rejeitar a salvação de Deus.

11. A frase final do versículo 10 reitera que a bênção nele mencionada, bem como as demais, é recebida *em* Cristo e o mesmo se aplica ao versículo onze, pois Paulo continua dizendo *no qual* (Cristo) *fomos também feitos herança.* Basicamente o verbo aqui, *klêroõ,* significa "escolher por lote". Freqüentemente no uso da palavra desaparece a idéia de "lote", e o pensamento é essencialmente aquele que ocorre com freqüência no Antigo Testamento quando se fala de Israel como a porção de Deus (Dt 4:20; 9:29; Zc 2:12). A palavra *herança (klêronomia;* v. 14) é palavra cognata, e embora não seja exatamente o que significa aqui, dá essa idéia, de que aqueles que são porção de Deus, têm sua herança nEle.

Neste ponto quando diz que *nós,* os judeus, nos tomamos Seu povo, Paulo está falando da realização do propósito de Deus para os homens iniciada no Velho Testamento.

Nesta epístola a mudança de pronomes pessoais da primeira para a segunda pessoa freqüentemente se refere à diferença entre judeus e gentios. O final do versículo 12 deixa claro que aqui se dá o mesmo. O plano divino para a redenção do homem começou com os judeus sendo *predestinados segundo o propósito dAquele que faz todas as coisas conforme o conselho da Sua vontade.* A mesma palavra *predestinados* foi usada no versículo 5. Eles foram "marcados de antemão", para participarem do Seu propósito. E tal propósito não é como planos ou projetos da história, os quais se concretizam ao sabor das circunstâncias, à medida que passam os anos e séculos. Esse propósito parte de um Deus pessoal que está ativo no mundo, operando Sua própria vontade em sabedoria e graça (Rm 8:28). As palavras aqui usadas possuem esta força: primeiro, da ação de Deus "impulsar" (*energountos)* ou seja "energizar"[1] todas as coisas; portanto, Seu plano determinado *(boulê;* At 2:23; 4:38; 13:36; 20:27); portanto Seu querer ou vontade (*thelêma;* vs. 5 e 9). Weymouth traduz assim: "cujo poder em tudo leva a efeito o desígnio de Sua própria vontade".

12. O apóstolo diz que o objetivo deste plano para com os judeus era de que eles deveriam servir para *louvor da Sua glória.* Não foi com outro propósito que Deus escolheu Abraão, e operou Seu desígnio na história de Israel, senão o de que eles manifestassem ao mundo a Sua glória (Is 43:21), Seu caráter e natureza revelados (veja comentário do v. **6**). De modo que aqui Paulo fala daqueles *que de antemão esperaram em Cristo.* Aqui o verbo esperar possui o prefixo *pro* o que pode dar margem a dois significados: primeiro, que eles já esperavam em Cristo antes dos outros (mas depois da encarnação); ou, segundo, que eles tinham colocado sua esperança em Cristo antes de Sua vinda. O fato de que os judeus tinham o conhecimento do evangelho antes dos gentios é expresso em Romanos 1:16 e 2:9. Entretanto, é mais provável que aqui se refira à esperança judaica em "o Cristo" (o grego possui o artigo) antes de Sua vinda (At 28:20). Scott comenta a respeito: "séculos antes que Cristo tivesse aparecido, eles sabiam que Ele estava vindo e contavam com essa vinda. Sua religião, em último recurso, dependia da esperança em Cristo..."

13. Este versículo tem sido traduzido de inúmeras maneiras, mas o sentido mais provável é: *em Quem* (Cristo...) *também vós* (...) *fostes selados.* Os gentios que outrora estavam sem esperança (2:12) passaram a

[1] No original: "His 'in-working'... 'energizing'..." (ação no sentido de dotar de energia própria). (N. do T.).

participar do mesmo propósito que os judeus, pelas mesmas razões, pois Paulo continua a dizer o que isso significava para eles.

Os gentios passaram a participar do propósito de Deus porque vieram a conhecer Jesus como o Cristo, e este conhecimento transformador é descrito de duas formas. Primeiro, é a *palavra da verdade,* ou seja, a palavra que lhes trouxe ao conhecimento da realidade última, a revelação de Deus em Seu Filho (4:21; Cl 1:5). E em segundo lugar, aquela verdade é *o evangelho* ou as boas novas, não apenas por ser revelação, mas também por ser mensagem de amor e misericórdia e *salvação* de Deus para homens pecadores (Rm 1:16).

Ouvir essa palavra é de importância vital, porque só pelo ouvir é que se chega ao conhecimento da verdade do evangelho (Rm 10:14). Ouvir é coisa vã, a menos que conduza à fé, o único instrumento da parte humana pelo qual as bênçãos de Deus podem ser recebidas. *Tendo* (...) *Crido* deve ser interpretado como uma expressão verbal de sentido completo; *nEle fostes selados,* pois é "em Cristo" que esta nova bênção tal como todas as outras, é dada aos crentes. Tanto gentios como judeus, tendo ouvido e crido, *foram selados.* No mundo antigo, o selo representava o símbolo pessoal do proprietário ou do remetente de alguma coisa importante, e, por isso, tal como numa carta, distinguia o que era verdadeiro do que era espúrio. Era também a garantia de que o objeto selado havia sido transportado intacto. Na época do Novo Testamento havia certos cultos religiosos que tinham o costume de fazer tatuagens com o emblema do grupo em seus seguidores, com o que se dizia "terem sido selados" os iniciados. Esta idéia pode ter estado também na mente de Paulo ao usar esta expressão, bem como no texto de um outro contexto como o de Gálatas 6:17, embora não necessariamente. Os judeus consideravam a circuncisão como um selo (Rm 4:11). O Espírito Santo é o selo do cristão. A experiência do Espírito Santo na vida é, para o cristão prova cabal, e também uma demonstração para os outros, da genuinidade do objeto da sua fé, além da segurança interior proporcionada pela convicção de pertencer a Deus como filho (Rm 8:15; G1 4:6). Posteriormente, talvez devido à analogia da circuncisão, talvez devido à linguagem usada para a iniciação nas religiões de mistério, o batismo tornou-se conhecido como o selo do Espírito. De fato, é "um sinal exterior e visível" da obra interior de Deus, sinal que é dado ao crente. Mas aqui está bem claro que a presença do Espírito Santo é que é o selo. O espírito na vida do crente é o sinal inegável da obra de Deus nele e para ele. O Espírito constitui também o meio pelo qual o cristão pode ser guardado "intacto" até o dia do Senhor. (Deve-se compreender que os contextos aqui, em 4:30 e em 2 Co 1:21 — passagens em que se fala do "selo" — todos versam sobre a posse plena das bênçãos de Deus no final).

A expressão *Santo Espírito da promessa* pode, no grego, ter o sentido de "o Santo Espírito prometido", ou seja, o Espírito que foi pro-

metido no Antigo Testamento (Ez 36:26; 37:1-14;.J1 2:28) e, posteriormente, pelo Senhor (Lc 24:49; Jo 14 e 16; At 1: 4). Se tal é o sentido, é um pouco estranho que Paulo tivesse deixado de fazer uso do particípio. Parece mais provável que com essa expressão quisesse falar do Espírito Santo cuja presença traz a promessa das boas coisas vindouras, uma vez que este é o pensamento que desenvolve nas metáforas do versículo 14.

14. Num negócio entre duas partes *o penhor (arrabôn* — uma palavra que os gregos herdaram dos mercadores fenícios) era um pagamento parcial, que dava a certeza de que o pagamento total seria feito. A palavra grega é usada três vezes na *LXX* (em Gêneses 38:17-20) com o sentido de garantia, e significativamente a mesma palavra é usada em grego moderno para designar o anel de noivado, ou seja, de compromisso (Bruce). A experiência que o cristão tem do Espírito e, presentemente, uma antecipação e uma garantia daquilo que será seu quando entrar na posse plena da herança legada por Deus. (Compare 2 Co 1:21 — onde penhor também está ligado à idéia de selo — 2 Co 5:5, e também Rm 8:23, onde, com sentido semelhante, o Espírito é chamado "as primícias", isto é. os primeiros frutos).

Até ao resgate da sua propriedade tem sido traduzido às vezes por "até à obtenção (plena) de nossa possessão divina" (Moffatt). A favor disto está o fato de que se continua o pensamento já expresso na metáfora do *penhor.* Mas as palavras *resgate (apolutròsis)* e *propriedade (peripoiêsis),* como muitos outros termos deste trecho, como palavras técnicas que são, devem, mais naturalmente, ser interpretadas à luz do seu uso no Antigo Testamento, uso este que os cristãos estavam adquirindo de novo. O *resgate* é a libertação de escravos do pecado para se tornarem povo de Deus. Com este sentido foi a palavra usada no versículo 7, e freqüentemente ocorre no Novo Testamento com esta acepção. Tal resgate é, parcialmente, alcançado agora, mas no fim o será totalmente (4:30 Rm 8:23; Lc 21:28); nessa ocasião Deus tirará das mãos estranhas aquilo que é Seu. O que Ele objetiva resgatar é o "povo exclusivo" do próprio Deus, e esta idéia ocorre em 1 Pedro 2:9, e faz lembrar Êxodo 19:5 e talvez Isaías 43:21 e Malaquias 3:17. [1] Se seguirmos esta idéia, devemos compreender que "a metáfora de uma transação mercantil a esta altura desapareceu" (Robinson), e as metáforas do Antigo Testamento, que se encontravam mais facilmente na mente do apóstolo, são retomadas.

Em qualquer outro caso, esta grande doxologia termina com o pensamento da possessão plena de tudo o que Deus planejou para os homens — tanto judeus como gentios — e isto, como tudo que tem sido dado aos

[1] Veja Robinson, p. 148.

homens em cada estágio da revelação do propósito de Deus, é *em louvor da Sua glória.*

c. Oração pedindo a iluminação divina (1:15-23)

15. Depois da grande doxologia dos versículos 3-14 a mente do apóstolo se volta para aqueles a quem está escrevendo. Agora agradece e ora por eles, mas não o faz simplesmente de acordo com o costume epistolar contemporâneo (veja comentário sobre o versículo 1 e Robinson, pp. 37, 275); pelo contrário, ele o faz no espírito da verdadeira oração cristã. Em particular — tal como a expressão *por isso* significa — o apóstolo ora à luz de riquezas de bênçãos celestiais, sobre as quais acabou de falar. O pensamento sobre o propósito de Deus em Cristo, as bênçãos da eleição, filiação, redenção, revelação, o dom do Espírito Santo, conduz natural e inevitavelmente ao louvor e à adoração pelos membros de Sua Igreja (3:14).

Também eu melhor seria traduzido "eu, de minha parte". Paulo tinha *ouvido* falar do fruto do evangelho entre seus leitores, talvez da mesma maneira que tinha ouvido da igreja em Colossos (Cl 1:6-8). Tal como vimos,[1] a falta de assuntos mais específicos e detalhados de agradecimentos, pois Paulo fez este tipo de menção ao escrever a igrejas que nunca visitara (Rm 1:8; Cl 1:3-9), constitui forte argumento contra ser Éfeso o destino original dado a esta epístola. Ao mesmo tempo, o escritor tem leitores definidos em mente, e pode agradecer por sua *fé... no Senhor Jesus,* aquele algo básico que pode levar à experiência de tudo aquilo que o mesmo Senhor Jesus procura realizar e dar. Mas não é esta *fé* um assunto que diz respeito apenas à relação dos cristãos com o Senhor. Ela afeta sua conduta *para com todos os santos.* A palavra *amor* não se encontra em alguns dos mais antigos manuscritos, e é mais provável que *amor* tenha sido acrescentada ao texto original (em concordância com Cl 1:4 e Fm 5), do que ter sido omitida pelo lapso de um copista, ainda que esta ausência a torne uma expressão sem paralelo do Novo Testamento. Há também uma dificuldade em usar a mesma palavra *fé* com sentido diferente para os dois objetos que lhe seguem. O apóstolo pode ter feito referência ao *amor para com todos os santos,* amor manifesto e sem preconceitos; e, por algum erro, deixou de ser copiado em algum manuscrito. De outra maneira, a idéia deve ser a de que a fé que possuíam era evidente, não apenas inteiramente em suas vidas espirituais, mas também em seus relacionamentos com todos os companheiros cristãos.

---

[1] Veja pp. (v. 17 ss).

16. Dois aspectos da vida de oração do apóstolo estão em evidência neste versículo. Em primeiro lugar, percebemos sua constância. Paulo exortava os demais cristãos a orar "sem cessar" (1 Ts 5:17; Ef 6:18; Rm 12:12; Cl 4:2), e em todas as suas cartas temos uma impressão positiva de suas orações e incessantes por "todas as igrejas" (2 Co 11:28), e compare as introduções da maioria de suas cartas. Em segundo lugar, notamos a importância que o agradecimento tem em sua oração. Ensinou a outros que o louvor deveria ser o companheiro infalível da intercessão (Ef 5:19s; Fp 4:6; Cl 3:15-17; 4:2; 1 Ts 5:18), e isto, tal como vemos em suas cartas, era um aspecto de sua própria oração. A frase *fazendo menção* poderia significar apenas "lembrando", mas significava provavelmente mais que isso.

17. Aquele que ouve e responde as orações é descrito primeiramente como o *Deus de nosso Senhor Jesus Cristo.* Mais freqüentemente encontramos o título "o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo" (veja o comentário sobre o versículo 3), mas aqui (onde as frases que se seguem sem dúvida influenciaram a forma do título) encontra-se apenas Seu *Deus.* isto é, o Deus que Cristo reconhece e nos revela. Não há nada nesta expressão que contrarie a comunicação que Cristo fez de ser superior a Ele, o Pai, pois Ele pôde se referir ao Pai como "meu Deus" (Mt 27:46; Jo 20:17). Em segundo lugar, Ele é *o Pai da glória.* (Compare com os títulos "Deus da glória" em At 7:2 e "Senhor da glória" em 1 Co 2:8). Ele é o Pai a Quem toda glória pertence, porque todo o poder e majestade revelados na criação, providência e redenção (veja comentário sobre o versículo **6**) a Ele pertencem, e Ele é a origem de tais coisas. Tal pensamento sobre quem é Deus dá à oração um sentido de reverência e fortalece a fé daqueles que oram (3:14).

O dom, aquele presente que Paulo pede a Deus para seus leitores, mais que qualquer outro, é *o espírito de sabedoria e de revelação* (Cl 1:9). Algumas vezes nas epístolas a palavra *espírito* se refere ao espírito humano (4:23; Rm 1:9; 2 Co 7:13), ou pode se referir a uma qualidade de mente ou de alma que um homem pode receber ou demonstrar numa atitude ou talento especial. De maneira que 1 Coríntios 4:21 e Gálatas 6:1 falam respectivamente de "espírito de mansidão" e "espírito de brandura", e 2 Coríntios 4:13 de "espírito de fé". E freqüentemente, é natural, refere-se ao Santo Espírito de Deus. Robinson diz, "Com o artigo, na maioria das vezes a palavra indica a pessoa do Espírito Santo; ao passo que sem ele, indica alguma manifestação ou concessão especial do Espírito Santo". De modo que, provavelmente, devêssemos entender a expressão como [1] "os poderes espirituais de sabedoria e revelação", e compreender tais poderes tão-somente como o dom do Espírito de tornar

[1] *"the spiritual powers of wisdom and vision* (NEB).

alguém sábio, entendendo-se isso possível somente por meio de uma dotação do Espírito (veja comentário sobre o versículo **8**) que é o único a revelar a verdade (Jo 14:26; 16:13; 1 Co 2:12). Além do mais, tal conhecimento e revelação não vêm da mesma forma que a mente humana apreende certas verdades, nem simplesmente pela doação da parte de Deus de uma inteligência superior, mas pelo *conhecimento de Deus,* isto é, o conhecimento pessoal do próprio Deus, que na Bíblia tem o sentido de experiência de vida em união e comunhão com Ele (veja comentário sobre 4:13). Paulo orou primeiro pedindo sabedoria porque, para ele, o evangelho era tão maravilhoso que se tornava impossível aos homens ver a glória dessas boas novas, a menos que fossem ensinados por Deus, e também porque sabia que o conhecimento de Deus era a própria vida em si mesmo (lo 17:3; Fp 3:10).

18. Esse conhecimento de Deus é descrito a seguir, tal como freqüentemente acontece no Antigo e no Novo Testamento, como iluminação do homem. O Antigo Testamento deu aos homens esperança de um futuro em termos de vinda de luz a um mundo em trevas e de abertura dos olhos dos cegos (Is 9:2; 35:5; 42:6; 60:1- 19). Quando Cristo veio, Sua presença foi descrita em termos de alvorecer de um novo dia, de jorrar a luz de Deus (Mt 4:16; Lc 1:79; Jo 1:9; 8:12; 2 Co 4:6). Fora dEle, ou em atitude de rejeição a Ele, os olhos dos corações dos homens estão fechados, e eles próprios estão nas trevas do pecado, ignorância e desespero (Ef 5:8; Mt 13:15; Rm 1:21); mas aqueles que O recebem em suas vidas têm *os olhos iluminados,* portanto, estão capacitados a ver (Mt 13:16; At 26:18; Hb 6:4;10:32). É necessário lembrar que, na linguagem bíblica, o *coração* (no grego *kardias)* não é apenas o centro das emoções, nem apenas o centro do intelecto ou compreensão, mas o centro de toda personalidade, "o homem interior em sua inteireza" (Barry). Isso se torna claro ao estudar o uso desta palavra na Bíblia, mas mesmo aqui é evidente esse sentido quando consideramos o que o apóstolo diz sobre os resultados ou objetivos dessa iluminação do coração.

O apóstolo ora para que, através dos olhos do coração, seus leitores sejam iluminados a fim de saberem *(para saberdes)* três coisas. A primeira delas é *qual é a esperança do Seu chamamento.* O apóstolo poderia falar do "chamamento deles" (4:4), mas, no sentido de enfatizar novamente que tudo o que eles têm depende da iniciativa de Deus, ele usa a expressão "seu chamamento" (de Deus). Este chamado pode ser mencionado como tendo ocorrido no passado — Deus chamou homens para Si (2 Tm 1:9); e continua ocorrendo no presente (1 Ts 2:12; 5:24), de modo a envolver uma vocação de serviço e santificação que dura a vida toda (4:1; Fp 3:14; Hb 3:1). Mas também, por ser a chamada do Deus eterno, traz aos homens sem esperança (**2:12**) a expectação de um destino eterno. Esta esperança, além do mais, não é apenas "um vago e melan-

cólico anseio pelo triunfo da bondade", mas algo garantido pela posses-são presente do Espírito como penhor (v. 14) e devido à fidelidade do Deus que prometeu a herança futura.[1] O chamamento da parte de Deus, em outras palavras, é efetivo não apenas na vida presente (1 Co 15:19), pois ao prometer seguramente uma vida com Ele como Seus filhos para sempre, e esta esperança, por sua vez, deve afetar profundamente a vida do cristão aqui e agora (1 Jo 3:2).

hm segundo lugar, o apóstolo ora para que conheçam *qual* é *a riqueza da glória da sua herança nos santos.* Alguns interpretaram esta declaração como significando aquilo que Deus possui em Seus santos. Eles são "a porção do Senhor" como o versículo 11 mostrou. Mas essa idéia dificilmente se encaixa aqui com o contexto, nem concorda com o significado mais freqüente da palavra *herança* no Novo Testamento (v. 14; 5:5 e Cl 1:12). A preposição *(en)* tem aqui o sentido de "entre" tal como deixam claro os dois paralelos bem semelhantes da expressão de Atos 20:32 e 26:18. A comunhão dos cristãos é a esfera na qual a herança de Deus é encontrada, da mesma forma que é certo dizer que através da Sua Igreja a verdade do propósito de Deus se torna conhecida e declarada (3:9-11 e 18). A medida que os homens são iluminados pelo Espírito de Deus, sendo Ele mesmo o selo da herança (1:14), vão compreendendo mais e mais a *riqueza* dessa herança (veja o comentário sobre o v. 7) e a glória que ela encerra, qual seja, a sua qualidade essencial como vida em Deus para todo o sempre. Também deve ser lembrado que, da mesma forma como a iniciativa da *chamada* é dEle (e não nossa), também é dEle a *herança,* a herança do Deus-Pai que os cristãos partilham com Seu Filho Jesus Cristo (Rm 8:17).

19. Em terceiro lugar, Paulo ora pedindo iluminação para que, em acréscimo à revelação e à aspiração, possam conhecer *qual a suprema grandeza do Seu poder.* Novamente expressa isto usando os termos mais fortes que o vocabulário possa oferecer, quer ao adjetivar especificamente sua magnitude que a tudo sobrepuja, quer ao coadjuvar de uma abundante sinonímia. A tradução mais correta deste versículo é a que encontramos na RV 1 "e qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos, segundo a eficácia da força do seu vigor". No texto grego aparecem quatro palavras sinônimas que passaremos a analisar. O *poder (dinamis)* de Deus que ele enfatiza em especial não é meramente uma qualidade abstrata, mas é conhecido *segundo a eficácia* desse poder, que pode ser visto e percebido. A palavra grega traduzida por eficácia é *energeia,* donde procede a palavra "energia", e a frase usada aqui é encontrada novamente em 3:7; 4:16, Filipenses 3:21 e Colossenses 1:29. Além disto, esse poder está relacionado com Sua grande *força (kratos),*

---

[1]. SCOTT, W. M. F. *The Hidden Mystery* (Mistério Encoberto) 1942, p. 23.

que é aquele atributo distintivo da natureza divina tão louvado nas doxologias do Novo Testamento (1 Tm 6:16; 1 Pe 4:11; 5:11; Jd 25; Ap 1:6; 5:13), e ao Seu "vigor *(ischus)* que Ele possui e que também é capaz de nos oferecer (6:10; 1 Pe 4:11). O tema da oração, de fato, é que o grandioso poder de Deus seja conhecido experimentalmente pela sua operação *para com os que cremos* (3:20), e o apóstolo está confiante em que tal poder pertence aos homens com a condição básica de que creiam, isto é, de que se apropriem desse poder, aceitando-o como um presente dEle, que Ele quer que tenhamos.

20. De forma que o poder que é colocado à disposição dos homens é o poder demonstrado e conhecido em sua verdadeira dimensão, pela própria operação de Deus, o qual *exerceu Ele em Cristo,* e isto através de duas ações decisivas. Primeiro, Ele demonstrou o Seu poder *ressuscitando-0 dentre os mortos.* Ê muito freqüente o Novo Testamento descrever a ressurreição como obra de Deus-Pai (At 2:24, 32, etc.). O fato de levantar Seu Filho dentre os mortos é o sinal de Sua aprovação, do reconhecimento de Cristo como sendo Seu Filho, e Sua proclamação como o Senhor de tudo (At 3:15; 4:10; 10:40; 17:31; Rm 1:4). Mas é também a manifestação do poder do Pai. Segundo, tal poder é demonstrado *fazendo-0 sentar à Sua direita.* A ascensão é pouco mencionada no Novo Testamento (Mc 16:19; Lc 24:51; At 1:9), mas é constantemente reconhecida, e seu significado é enfatizado (Rm 8:34; Cl 3:1; Hb 1:3; 1 Pe 3:22). Para Paulo, e também para o Novo Testamento em geral, a cruz, a ressurreição e a ascensão são consideradas como três partes de um único grande ato de Deus. A ascensão, tanto quanto a ressurreição, é enfatizada como sendo obra do Pai. Ele está a honrar Seu Filho com a honraria mais alta possível (Fp 2:9-11), e isso novamente constitui também demonstração do Seu poder.

Nas palavras aqui encontradas temos uma referência ao Salmo 110:1, que é um versículo freqüentemente citado no Novo Testamento. A exaltação do rei de Israel como o ungido de Deus emprestou uma aplicação suprema ao Cristo. Assim já era entendido antes de Sua vinda, mais especialmente, porém, depois de Sua morte, ressurreição e ascensão (At 2:34; Hb 1:13; veja também Mt 26:64; At 7:55; Rm 8:34; Cl 3:1; Hb 1:3; 8:1; 10:12; 12:2; 1 Pe 3:22). Inevitavelmente, quando a ascensão e a exaltação são mencionadas, temos a tendência de imaginá-las ocorrendo num determinado lugar, mas no dizer de Calvino, quando se diz que Ele está elevado à mão direita do Pai, "Não significa um determinado lugar, mas que o Pai tem dado o poder a Cristo, para que possa administrar em Seu nome o governo dos céus e da terra".

Por isso, a ressurreição e a ascensão exprimem a medida do poder do Pai que é posto à disposição dos homens. O apóstolo orou por si mesmo

para que pudesse conhecê-lo, conhecendo também o "poder da Sua ressurreição" (Fp 3:10). Freqüentemente ele pensava nestes grandiosos atos de Deus não apenas como a medida do poder que os cristãos podem possuir, mas como a indicação da força divina que pode levantá-los para uma nova vida com Cristo (1 Co 6:14; 2 Co 4:14; Cl 2:12), e fazê-los viver com Ele *nos lugares celestiais* (veja comentário sobre o v. 3). Este pensamento será desenvolvido mais profundamente na próxima seção (**2**:**6**).

21. Agora o pensamento sobre a ressurreição e a exaltação de Cristo conduz à declaração dEle como o Senhor de tudo. Sua posição é muito *acima de todo principado, e potestade, e poder, e domínio.* Esse sempre foi Seu lugar no universo, porque Ele é eternamente o Deus Filho (Jo 3:31). Para esse lugar Ele foi novamente exaltado depois de ter a Si mesmo Se humilhado para assumir nossa humanidade (Ef 4:10). Os títulos neste versículo talvez tenham sido tirados dos poderes espirituais venerados pelos mestres gnósticos, aos quais o apóstolo se opôs em Colossenses. Três dos quatro títulos usados aqui encontram-se no plural em Colossenses 1:16, onde se afirma que Cristo é o Criador de todo poder espiritual que existe. Aqui Paulo se preocupa em dizer que Cristo é Senhor sobre todos eles, sobre *todo nome que se possa referir,* toda dignidade que possa ser reverenciada pelo homem (Fp 2:9). Há poderes *não só no presente século, mas também no vindouro,* e com isto o apóstolo concordaria com os gnósticos. Mas ele afirmaria que nenhum destes seres tem qualquer origem aparte de Cristo; e dentre eles, todos os que são maus foram por Eles subjugados (Cl 2:15), e estão todos sujeitos a Ele como Senhor (Km 8:38; 1 Pe 3:22). Contra os poderes espirituais do mal, o servo de Cristo deve realmente batalhar na força de seu Mestre (6:12), e também Paulo dirá que para os "principados e potestades nos lugares celestiais" a Igreja deve unicamente declarar "a multiforme sabedoria de Deus" (3:10).

Presente século significa "este mundo" (no grego *aiõn),* mas no Novo Testamento as duas expressões são com bastante freqüência intercambiáveis, e certamente aqui a palavra não tem força temporal. O contraste entre esta era e a era vindoura era comum entre os rabinos e freqüentemente implícito no Novo Testamento pelo uso de um termo ou do outro (Lc 16:8; 20:34, Rm 12:2; 1 Co 2:6; Hb 6:5). Juntas estas expressões, tanto aqui como em Mateus 12:32, possuem um significado bem amplo.

22. O que aconteceu antes pode ser resumido dizendo-se que o Pai *pôs todas as coisas debaixo dos Seus pés,* e assim, sem dúvida alguma é de maneira intencional que são usadas as palavras do Salmo **8**:**6**. Este versículo é usado novamente em 1 Coríntios 15:27 é é importante perceber que o Salmo fala do lugar do homem, conforme Deus pretendeu

que fosse, coroado de "glória" e "honra", e criado para ter "domínio sobre as obras" das mãos de Deus. Em grande parte o homem perdeu esta posição devido à fraqueza e ao estado de sujeição a que foi reduzido pelo pecado. Portanto, vemos somente Um, o verdadeiro Homem Jesus Cristo, satisfazendo este propósito divino, mas, através dEle, e nEle, somos restaurados à nossa verdadeira dignidade. Hebreus 2:5-10 pode ser considerado como um comentário inspirado do Salmo **8**, o qual se cumpriu em Cristo e naqueles que, por meio dEle, são reconduzidos como "filhos à glória".

Jesus Cristo é o Senhor sobre todas as coisas, mas, em particular, esta é Sua relação com a Igreja, porque o Pai *O deu à igreja, para ser o Cabeça sobre todas as coisas.* Quando se fala de Cristo como Cabeça, às vezes o sentido primário é do Seu Senhorio, às vezes é do Seu lugar em relação ao corpo, orientando todas as partes que são juntadas a Ele como uma unidade orgânica. Em **4:15** e em Colossenses 2:19 este último sentido é o pensamento básico. Aqui, o pensamento é primeiro de Sua presidência sobre a Igreja **(5:23** e Cl 1:18), e isto, então leva a Igreja a ser chamada de Corpo de Cristo.

Deveríamos nos aperceber, no entanto, de que o apóstolo não apenas fala dEle como outorgado para ser o Cabeça da Igreja — Senhor de tudo, e da Igreja, em particular mas que Ele é o Cabeça supremo, ou mais literalmente, Cabeça sobre todas as coisas, para a Igreja. É dado à Igreja, e para benefício dela, um Cabeça, que é também sobre todas as coisas. A Igreja tem autoridade e poder para superar toda oposição porque seu Lider e Cabeça é Senhor de tudo. Jesus mesmo possuía autoridade porque estava sob a autoridade do Pai; estava fazendo Sua vontade e tinha, portanto, toda a autoridade de Deus (Mt 8:9; 11:27; Jo 17:2). Esta autoridade, Ele a transmite a Seus discípulos à medida que eles saem a campo em Seu nome, em obediência a Ele, para fazerem Sua obra (Mt 28:18-20; Mc 3:14; Jo 20:21-23).

23. Para benefício da Igreja, Cristo é o Cabeça, e Seu grande propósito para com a Igreja e a relação desta com Ele é expressa no fato de eonsiderá-la *Seu corpo.* Esta é uma expressão tipicamente paulina grandemente reveladora da Igreja. **(2:16; 4:4,12,16, 5:30;** Rm 12:5; 1 Co 10:17; 12:27; Cl 1:24; 2:19), embora a verdade essencial que subjaz ao seu uso seja encontrada em outros escritores do Novo Testamento. Significa, muito mais do que simplesmente dizer, que a Igreja é o ajuntamento dos discípulos de Cristo, ou o Povo de Deus; exprime a união essencial de Seu povo com Ele (tal como na parábola da videira e dos ramos em João 15) — a mesma vida de Deus transborda por meio de todos; e fala do corpo como um todo que funciona em obediência a Ele, desenvolvendo a Sua obra no mundo.

Esta designação da função da Igreja é ainda mais ampliada; ela não é apenas o Seu corpo, mas também é designada para ser a ***plenitude daquele que a tudo enche em todas as coisas.*** Podemos parafrasear isto dizendo que o propósito de Deus é de que a Igreja venha a ser a expressão plena de Jesus Cristo, que traz plenitude a todas as coisas que existem. Colossenses 1:19 e 2:19 falam de toda a plenitude divina que há no próprio Cristo, ou seja, Ele é cheio, e é a expressão plena, do Deus Pai. Colossenses 2:10 prossegue dizendo "nEle estais aperfeiçoados". Neste sentido os cristãos devem ser "tomados de toda a plenitude de Deus **(3:19;** Jo 1:14. 16), isto é, receber a plenitude dos atributos e dons de Deus queé possível aos homens receber. Desta maneira 4:13 também descreve o crescimento cristão em direção à maturidade espiritual como o desenvolvimento até "à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo".

Uma outra interpretação destas palavras, tal como fazem muitas versões antigas do grego, seguidas por muitos comentadores, é de que, em certo sentido, a Igreja preenche a Cristo, isto é, a Igreja é um complemento dEle. Robinson parafraseia, ''de modo que Cristo não tenha nada em falta, mas possa ser inteiramente completo e cheio". Semelhantemente Calvino diz, "Até que seja unido a nós, o Filho de Deus Se reconhece de algum modo imperfeito". Há inúmeras razões para se aceitar esta interpretação. Sente-se que proporciona um significado mais verdadeiro à palavra ***plenitude (plêrõma),*** aquilo que enche, e não tanto aquilo que é enchido. Também a forma do particípio traduzida por ***que*** **(...)** ***enche*** é a voz média-passiva no grego, e não ativa, que é o mesmo caso do verbo em **4:10.** Por outro lado, o sentido de ***plêrõma*** (um substantivo ***passivo*** devido à formação) parece ser melhor compreendido a partir dos textos citados acima, e em particular a frase em **4:10** favorece fortemente o sentido que foi proposto aqui. Se o particípio fosse passivo, não poderíamos interpretar tal.como e´ geralmente traduzido; mas sendo médio, o sentido é bem parecido com o ativo. Como Moule explica, o particípio médio "sugere intensidade e riqueza de ação; um poder que está de fato vivendo e dando vida" *(CB).* Em nenhum outro lugar do Novo Testamento encontramos a idéia de que Cristo encontra Sua plenitude e cumprimento na Igreja. (A idéia mais próxima a este conceito encontra-se em Cl 1:24) [1]**.** O reverso é a idéia mais natural, Cristo enchendo todas as coisas e trazendo-as todas à perfeição; isto se encaixa melhor com o contexto aqui, e é um dos grandes temas desta epístola **(1:10; 4:10,13, 16).** A seqüência de pensamento aqui parece ser: por sua ressurreição a ascensão Cristo é exaltado para ser Senhor de tudo; Ele é o Cabeça de todas as coisas para a Igreja ; a Igreja é Seu Corpo , e como tal , deve expressá-lo no mundo;

---

[1] . Veja Robinson, p. 43.

mais do que isso, a Igreja deve ser uma expressão plena dEle, ao ser preenchida por Ele, cujo propósito é encher tudo [1] o que existe.[2]

II. VIDA EM CRISTO (2:1-3, 21)

a. Nova vida a partir da morte (2:1-10)

1. A intercessão do apóstolo levou-o a falar do poder de Deus demonstrado supremamente ao levantar Seu Filho Jesus Cristo dentre os mortos, e a orar para que seus leitores possam conhecer semelhante poder espiritual em suas vidas (1:19). Também falou do chamamento dos leitores destinatários para o serem Seu Corpo, a Igreja. Ele quer demonstrar a grande verdade de que judeus e gentios são unidos nesse Corpo. Mas antes de fazê-lo, quer mostrar que tanto os judeus quanto os gentios receberam nova vida *em,* e *com,* o Cristo ressurreto. Esta seção é uma comprida sentença e a expressão *ele* (...) *deu vida* não pertence a este versículo, mas ao versículo 5, embora seja colocado aqui para tornar a sentença mais compreensível em português. No original a sentença começa com o objeto "e vós", e assim, como na grande exposição da salvação por Cristo em Romanos 1-8, o apóstolo não mostra a graça de Deus até que se tenha tornado totalmente clara a carência desesperadora e a pecaminosidade universal do homem (Cl 1:21, 22).

O problema do homem não é simplesmente o fato de estar em desarmonia no seu ambiente e com os seus semelhantes, pois todos os homens estão "alheios à vida de Deus" (4:18), o que significa com respeito à verdadeira natureza espiritual que estão *mortos* (...) *nos delitos e pecados.* Provavelmente não há diferença essencial entre os dois substantivos; a raiz do primeiro significa "errar o alvo" e do segundo, "errar" ou "sair do caminho", de modo que ambos exprimem a falha do homem em viver como poderia e deveria. Os homens foram feitos à imagem de Deus para viver como filhos em Sua família, estando cônscios de Sua presença, regozijando-se em Sua direção. Foi-lhe dada liberdade, juntamente com a advertência de que ela envolvia uma possibilidade de desobediência,

---

[1] Há também maior dificuldade com a frase *a tudo... em todas as coisas* se o particípio for entendido como passivo. Nesse caso, deve ser um acusativo adverbial, mas isto é talvez menos provável quando a frase está tão intimamente ligada com o particípio ao ser posta entre ele e o seu artigo.

[2] Uma outra alternativa tem sido proposta que traz o significado da expressão mais próximo ao de Colossenses. Nessa alternativa as palavras *a qual è o seu corpo* são entendidas como uma expressão entre parênteses. De modo que o próprio Cristo é descrito como a plenitude de Deus.

desobediência essa que levaria à morte (Gn 2:17). Esta morte não é basicamente física, mas a perda da vida espiritual recebida, da vida de comunhão com Deus e da conseqüente capacidade de atividade e desenvolvimento espirituais. Dessa forma a descrição aqui existente não é meramente metafórica, nem se refere apenas ao estado futuro do pecador. Descreve sim sua condição atual, e na realidade a Bíblia freqüentemente fala do homem como estando espiritualmente morto devido ao pecado (Ez 37:1-14; Rm 6:23; 7:10, 24; Cl 2:13), e necessitando de nada menos que uma nova vida da parte de Deus **(5:14;** Jo 3:3; 5:24).

2. A condição pecaminosa do homem é falta de vida e ausência de movimento com respeito a qualquer atividade dirigida a Deus. De um outro ponto de vista, é um caminhar ***(andastes)*** passo a passo no mal **(4:17).** Os judeus chamavam suas leis de conduta de ***Halachah,*** que significa "Andar" (Mc 7:5; At 21:21; Hb 13:9[1]). Esta figura de linguagem é usada mais tarde nesta carta **(2:10; 4:1; 5:2, 8, 15),** bem como em inúmeros outros lugares no Novo Testamento (2 Co 5:7; Cl 4:5; 1 Jo 1:6; 2 Jo 4), para representar o progresso da vida cristã; mas aqui o termo andar, descreve uma vida vivida de acordo com uma autoridade contrária a Deus.

Essa autoridade é designada de três maneiras: em termos de seu poder no mundo, de sua natureza espiritual e de sua atividade na vida dos homens. Primeiro, ela está de acordo com o ***curso deste mundo.*** Separadamente, essas duas palavras, ***aiōn*** que é aqui traduzida por ***curso,*** e ***kosmos,*** traduzida por ***mundo,*** são freqüentemente usadas no Novo Testamento para contrastar a vida dos homens separados de Deus, presos a motivos mundanos, com aquela vida de reconhecimento do reino de Deus e com Sua presença tornando-se realidade (veja o comentário sobre 1:21). Não há dúvida que as duas palavras estão juntas aqui por questão de ênfase. Bem poderíamos traduzir a expressão por "o espírito desta época".

Segundo, ela se deixa guiar ***segundo o príncipe da potestade do ar.*** Por meio desta frase, gramaticalmente difícil no original, é descrito o demônio; e o falar da autoridade do demônio como estando "no ar", Paulo não estava necessariamente aceitando a idéia corrente de que o ar é a morada e o domínio de maus espíritos. Basicamente seu pensamento era de um poder maligno com controle no mundo (veja comentário sobre 6:12), mas cuja existência não era material, mas espiritual.

E em terceiro lugar, Paulo fala dessa autoridade, como sendo o ***espírito que agora atua nos filhos da desobediência.*** Nesta frase ocorre uma outra dificuldade gramatical, mas que o ***espírito*** dependa como um genitivo de ***príncipe*** ou de ***potestade,*** o sentido essencial permanece

---

[1] R.V.

claro. A velha vida, sem aquela atuação de Deus que nos transmite poder (**1:11** e **20**), está sujeita à atuação dos poderes do mal (no grego *energountos),* controlada pelo espírito que tem o mal como sua única fonte. Pois a vida interior do homem deve render-se ou à obra de Deus ou à dos poderes do mal (Lc 22:3; Jo 13:2, 27; At 5:4; e veja especialmente Lc 11:24-26). E se eles se renderem ao poder do mal, tornam-se em homens cujo modo de vida é contrário ao Deus vivo. de maneira que mui apropriadamente sâo chamados *filhos da desobediência* (5:8).

3. Tendo o apóstolo começado a falar dos gentios, agora muda para a primeira pessoa (veja comentário sobre 1:11) de maneira a incluir-se a si mesmo e ao seu povo *(todos) entre* os filhos da desobediência (Rm 2:1-9; 3:9, 23) Outra maneira de entender a expressão refere-se aos delitos e pecados "nos quais" *também todos nós andamos outrora,* e é bem provável que ele tivesse pretendido se expressar propositadamente assim. Há, em essência, pouca diferença de sentido. A velha maneira de viver era uma vida no pecado e na desobediência seguindo *as inclinações da... carne.* A palavra "carne", tal como é empregada no Novo Testamento, significa, em primeiro lugar, simplesmente a matéria do corpo, que não é inerentemente má, tanto assim que o Verbo de Deus pôde se tornar carne (Jo 1:14). A palavra "carne", é também usada para designar toda natureza inferior do homem separado do Espírito regenerador e santificador de Deus. A expressão bíblica "concupiscências da carne" não deve ser entendida num sentido muito restrito, e sim, deve abranger as inclinações e impulsos de uma vida egocêntrica (Rm 8:4-9; G1 5:16-21). Sem que seja restaurado até Deus e sem habitação do Espírito de Deus em si, o homem não apenas é dominado por paixões *egoístas,* mas também é encontrado *fazendo a vontade da carne e dos pensamentos.* Este último termo, que é o plural de uma palavra freqüentemente usada no singular *(dianoia)* que tem o sentido de "mente", "propósito" ou "inteligência", significa claramente que os efeitos da maldade e do egocentrismo humano não se limitam apenas às emoções, mas também abrangem o intelecto e os processos mentais (Cl 1:21). Uma outra tradução, também possível é "atendendo aos desejos do corpo e da mente".

Paulo diz, finalmente, que os judeus *eram por natureza filhos da ira, como também os demais* ("os demais" no grego é expressão que significa "o resto", *hoi loipoi,* como muitos de seu próprio povo desdenhosamente se referiam aos gentios). Muitos tomam isto como base para afirmar que nascemos com uma natureza que já nos fez, antes de pecarmos, por nós mesmos, sujeitos à ira de Deus. Teríamos então neste versículo não apenas uma doutrina do "pecado original", mas da "culpa original" ou "culpa transmitida". Por outro lado argumenta-se que nem a frase *filhos da ira* nem *por natureza* se referem necessariamente à condição do homem desde seu nascimento. *Filhos,* neste trecho, caracterizam pessoas de um certo

tipo sem que haja necessariamente referência especial à sua origem ou àquilo que herdaram de seus pais. É somente nesta epístola que encontramos a expressão "filhos da desobediência" (2:2) e "filhos da luz" (5:8), e o Novo Testamento oferece exemplos semelhantes. *Por natureza* freqüentemente se refere àquilo que é inato, àquilo que uma pessoa é em virtude de seu nascimento (Rm 2:27; 11:24; G1 2:15), mas nem sempre é este o caso. Romanos 2:14, por exemplo, mostra que a expressão pode ter o sentido daquilo que as pessoas são por uma questão de práticas habituais em suas vidas, o que elas são se deixadas entregues a si mesmas, não necessariamente devido a uma natureza inata. De modo que uma outra maneira de se traduzir esta expressão seria: "Em nossa condição natural nós, como o resto, estávamos debaixo do temível julgamento de Deus". Além do mais, é feita a indagação sobre se o termo que logicamente é precedente — caso a idéia do autor seja de "culpa transmitida" — deveria ser posto no fim. Pelo contrário, a ordem bíblica é vista assim: — o pecado do homem, em pensamento e em ação, e, conseqüentemente, a ira de Deus. De fato, encontramos aqui numas poucas frases um resumo de grande abordagem do pecado e de suas conseqüências tal como encontramos em Romanos 1-3. Tanto judeus como gentios pecaram contra a luz e a lei que possuíam e conheciam, de modo que "todo o mundo" é "culpável perante Deus" (Rm 3:19).

4. Esta era a má condição de toda a humanidade. *Mas Deus* a interrompeu. Em forte contraste com a necessidade e pecaminosidade do homem, e indo de encontro a tal necessidade e pecaminosidade, surge o amor de Deus, e a ação que procede de Sua compaixão. O sujeito do verbo estava sendo mantido oculto desde o início do capítulo para aparecer só neste ponto. O verbo só aparece no próximo versículo, quando Paulo, em seu modo característico (1:17; 3:9,15), depois de ter mencionado o nome de Deus, fala então em termos veementes, de Sua graça e bondade. Ele, não só é misericordioso, ao mostrar Sua compaixão para com aqueles que são totalmente indignos e imerecedores; como também é *rico em misericórdia* (veja comentário sobre 1:7). E essa misericórdia procede do amor, Seu *grande amor com que nos amou.* Há um desejo profundo no coração de Deus pelos homens — o pronome *nos* significa tanto judeus como gentios — para que sejam restaurados para mais alto e para o melhor, conforme o que antes Ele planejou para os homens (Jo 3:16; 1 Jo 4:9); e assim mostrou-Se cheio de misericórdia, e agiu em graça para com eles.

5. Mas antes que o apóstolo descreva a ação do amor de Deus, resume o assunto e enfatiza mais uma vez a condição e a necessidade desesperadora do homem. Seu amor nos alcançou *estando nós mortos em nossos delitos* (Rm 5:6, 8) e Ele *nos deu vida juntamente com Cristo* . Já vimos

que a necessidade do homem era nada menos que nova vida. Por Sua morte e ressurreição, Ele fez nada menos que trazer "à luz a vida e a imortalidade" (2 Tm 1:10). Pois por Sua morte sofreu pelo pecado, e removeu a barreira causada pelo pecado e que impedia a comunhão com Deus, e por Sua ressurreição demonstrou Seu triunfo sobre a morte, física e espiritual. De modo que o perdão de pecados, tal como vemos em Colossenses 2:13, significa que uma vida nova pode ser recebida. Devido ao fato de Cristo ter sido ressuscitado dentre os mortos, os homens, por sua vez, são ressuscitados de sua morte no pecado, e possuem uma nova vida com Cristo e em Cristo (Rm 4:4-8; 8:11; 2 Co 4:14). A palavra *juntamente,* que ocorre uma vez aqui e duas vezes no versículo seguinte (no texto grego), é dada no grego pela adição do prefixo preposicional *sin* ao verbo . Paulo freqüentemente utilizou tal prefixo para exprimir uma união com Cristo (Rm 6:6, 8; Cl 2:12; 2 Tm 2:11), e no caso em foco foi provavelmente levado a formar uma nova palavra para expressar essa nova revelação. A preposição aqui pode também sugerir a idéia de que, seja qual for a origem racial ou nacional dos homens que se chegam a Cristo, eles são trazidos a essa nova vida de comunhão com todos em Cristo, esse tema é desenvolvido mais a fundo na próxima seção. [1]

Essa nova vida, tal como a exposição demonstrou, pode também ser descrita como salvação do pecado, e Paulo não pôde evitar de acrescentar aqui (embora tenha deixado para desenvolver mais tarde o assunto) o seu resumo favorito do evangelho: *pela graça sois salvos.* Porque a posição do homem poderia ser descrita não apenas em termos de morte espiritual, mas também como escravidão ao pecado, qual inescapável aprisionamento a um redemoinho. Cristo foi que libertou o homem dessa prisão (Rm 6:12-23). A forma precisa das palavras aqui enfatiza duas coisas. Primeiro, que essa libertação é inteiramente por Sua *graça,* tal como consistentemente Paulo enfatiza. Segundo, que esse seu favor para com a humanidade é livre e imerecido. E então, também apresenta essa salvação como fato consumado. O Novo Testamento refere-se a essa salvação por várias maneiras, como uma experiência presente (1 Co 1:18; 15:2; 2 Co 2:15) e também futura (Rm 5:9), uma vez que significa agora, a libertação do poder do pecado, e no fim, significará a libertação da própria presença do pecado. Mas como libertação da penalidade do pecado, isto é, como perdão gratuito, a salvação é descrita sempre por meio do uso do tempo perfeito, expressando uma ação acabada, que é "contínua e permanente" em seus resultados (Robinson), "Pela graça fostes salvos", é como melhor traduz a RV.

---

[1] A aceitação da variante *"em* Cristo" baseia-se na compreensão da força do verbo composto. No versículo seguinte, a expressão *"em* Cristo Jesus" certamente vem de verbos compostos do prefixo "sin", mas o texto original provavelmente omite o "em".

6. Em 1:20 lemos uma declaração sobre o poder do Pai, poder esse não apenas para levantar Cristo dentre os mortos, como também para fazê-lo "sentar à sua direita nos lugares celestiais". De modo que, como neste capítulo fala da doação que nos fez de vida, juntamente com Cristo, prossegue para dizer que Deus *juntamente com Ele nos ressuscitou e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus.* Em 1:3 o apóstolo disse que Deus nos abençoou "com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo". Agora ele diz mais especificamente que nossa vida passou a estar lá, entronizada com Cristo. Se isto não está explicitamente afirmado em qualquer outra epístola paulina, o sentido está implícito numa passagem como Colossenses 3:1-3. O homem, devido à virtude da vitória de Cristo sobre o pecado e a morte e por Sua exaltação, é levantado "do mais profundo inferno para o próprio céu" (Calvino). Sua cidadania é agora no céu (Fp3:20); e é lá que ele, liberto dos limites impostos pelo mundo, e não tendo mais de conformar-se aos seus padrões (Rm 12:2), encontra a sua verdadeira vida. *

7. O propósito de Deus para com Sua Igreja, tal como Paulo veio a compreendê-lo, ultrapassa à própria Igreja, vai além da salvação, da iluminação e da recriação de indivíduos, e além mesmo de sua unidade e comunhão, até mesmo além de seu testemunho ao mundo. A Igreja existe para exibir a toda a criação, a sabedoria, o amor e a graça de Deus em Cristo. (O verbo usado, *endeiknumi,* tem mais a significação de "exibir" "mostrar" (NEB), do que tão-somente "tornar conhecido" como é usado em outras passagens como Rm 2:15 e Tt 3:2). Isto foi em parte mencionado em 1:6,12 e 14, onde as bênçãos que chegaram aos homens em Cristo são entendidas como doadas e recebidas "para louvor da glória da sua graça". Isto será expresso ainda mais claramente em 3:9,10. Aqui o propósito de sermos ressuscitados a uma nova vida em Cristo, e elevados com Ele a uma cidadania celestial, é *para mostrar nos séculos vindouros a suprema riqueza da sua graça, em bondade para conosco, em Cristo Jesus.*

Algumas vezes a expressão *séculos vindouros* foi compreendida como uma referência a estágios ou períodos sucessivos desta presente ordem do mundo. O texto grego é contrário a esta interpretação, embora esta frase não encontre similar no Novo Testamento. (Veja comentário sobre 1:21 e Mt 12:32 e Mc 10:30). Paulo nunca viu esta ordem do mundo como uma visão panorâmica formada de períodos sucessivos. É verdade que em suas últimas epístolas deu menos ênfase à iminência da

---

* Deve-se também notar (para não perder a ênfase do autor) que no grego o prefixo *sin* precede os dois verbos existentes no versículo, o que deveria ser traduzido por "Ele nos ressuscitou *juntamente* e *juntamente* nos assentou nos lugares celestiais em Cristo Jesus". (N. do T.).

volta de Cristo, talvez por ter visto a vastidão da obra por cumprir, mas nunca trocou o sentido de urgência por um conceito de períodos sucessivos entre a sua época e a vinda do Senhor, nem reduziu a sua ênfase sobre a necessidade de se estar preparado para o encontro com o Senhor a qualquer momento (Fp 1:10; 2:16; 3:20;4:5; Cl 3:4). Devemos buscar ajuda em 3:10 para uma interpretação correta deste versículo. A visão que o apóstolo tem da função da Igreja no propósito de Deus é transportada para além desta ordem presente; é a vida que está por vir, na qual ele pensava em termo de séculos do porvir.

Deveríamos mais ainda perceber que, novamente aqui, a palavra *graça* requer qualificação a fim de mostrar a maravilha do Deus que é seu autor (1:7 e 2:4). Uma vez mais são mostradas como riquezas da graça, a verdadeira riqueza eterna (veja comentário sobre 1:7), riquezas excelentes, abundantes, sobrepujantes (o particípio foi usado a respeito do poder de Deus em 1:19) manifestas aos homens em Cristo. Tal graça, além do mais, é expressa em *bondade (chrêstotês),* uma palavra que denota a idéia de amor em ação (Rm 2:4; 11:22; Tt 3:4), compaixão pessoal e ajuda oferecida ao homem, da qual ele necessita muitíssimo.

8. Agora a afirmação feita parenteticamente no versículo 5 é repetida, expandida e explicada. Por que pode o homem possuir vida celestial aqui e agora? Como pode ocorrer tal manifestação do amor de Deus que permite a toda Sua criação aprender e maravilhar-se? Porque "pela graça fostes salvos". (RV). Esta salvação é inteiramente obra de Deus, a doação do Seu infinito amor. A parte dos homens em recebê-la pode ser descrita simplesmente pelas palavras *mediante a fé* (Rm 3:22, 25; G1 2:16; 1 Pe 1:5). E esta fé é melhor definida como um voltar-se para Deus com um sentido de necessidade, fraqueza, vazio e desejo de receber aquilo que Ele oferece, de receber o próprio Senhor (Jo 1:12).

Ansioso por enfatizar com profunda clareza a natureza desta fé e a natureza da graça, Paulo, por meio de suas frases características, bem explicativas, neste versículo e no seguinte, exclui a possibilidade de vir o homem a obter esta salvação por qualquer mérito ou esforço pessoal. Primeiro acrescenta à sua afirmativa de salvação pela graça através da fé as palavras *e isto não vem de vós, é dom de Deus.* Algumas vezes interpretou-se isto como significando que a fé não é do homem, mas um dom de Deus. Se aceitássemos esta interpretação, teríamos de considerar a segunda parte do versículo oito como um parêntese — o versículo nove deve se referir à salvação e não à fé. Parece melhor, todavia, especialmente à luz do paralelismo entre versículos oito e nove e *(não vem de vós...* "não de obras") entender todas as frases explicativas como em contraste com a salvação pela graça. O que o apóstolo quer dizer é que toda iniciativa e toda atitude no sentido de tornar acessível ao homem esta salvação pertencem a Deus. "De Deus é o dom" é a tradução que melhor

mostra a ênfase da disposição das palavras em grego. "Um homem **que** fique abandonado por Deus, cai em total desesperança. Ê a voz de Deus que acorda, que desperta, que leva o homem a pensar e inquirir; é o poder de Deus que fornece forças para agir; é o mesmo poder que proporciona satisfação à necessidade de uma nova vida." [1]

9. Então, a seguir, deparamos novamente com a terminologia de Romanos e Gálatas, e com aquilo que era um assunto vital para os judeus do tempo de Paulo devido à exaltação que faziam da lei. Mas o coração do homem é tal, e tão grande a sua tentação seja qual for a raça e em todas as épocas a cometer o engano de pensar que sua vida é suficientemente boa para Deus, que a lembrança deste versículo é ainda necessária. Se esta salvação é pela graça de Deus e os homens a recebem simplesmente pela fé, é porque ela *não* provém de *obras* (Rm 3:20, 28; 4:1-5; G1 2:16; 2 Tm 1:9; Tt 3:5). Porque "todos pecaram", e todos sofrem as conseqüências do pecado, qual seja a exclusão da vida em comunhão com Deus. Da parte do homem, ninguém, a não ser que estivesse sem pecado, poderia restaurar-se a si mesmo ou a outrem a uma posição aceitável perante Deus. Isto é assim, mais *para que ninguém se glorie* perante Deus, uma vez que todos são admitidos pela sua graça. "Algum lugar", diz Calvino, "sempre deve existir para a glória do homem, até o ponto cm que, independentemente da graça, os méritos sejam de alguma utilidade". Mas méritos não têm lugar. Deus não permitirá a ninguém gloriar-se (Rm 3:27). As palavras aqui podem, de fato, dar a entender que esta era uma parte 'do propósito de Deus e a razão de ter Ele trazido a salvação tal como o fez, de modo a não deixar margem ao orgulho do homem (Jz 7:2). Ou talvez devêssemos interpretar apenas como um resultado: "Não há nada em que alguém possa se gloriar". Em todo e qualquer caso está claro que a única atitude correta, a única atitude possível para os homens pecadores assumirem perante seu Criador e Juiz é a da penitência e da humilde dependência. Seu único orgulho só pode ser na cruz pela qual acharam salvação (G1 6:14) e no Salvador que lá sofreu (1 Co 1:29-31; Fp 3:3).

10. A obra de Deus em Cristo pela humanidade foi descrita com o dom de uma nova vida e como o dom da salvação. Agora se demonstra de modo mais completo que o homem, por si mesmo, não poderia ter tomado parte nisso, ao ser descrito como uma nova criação. Nós, nesta nova vida, nesta nova natureza que recebemos, *somos feitura dEle.* Novamente aqui o grego dá ênfase a esse fato pela ordem das palavras, ao colocar o

---

[1] BROWN, C. *St. Paul's Epistle to the Ephesians. A Devotional Commentary* (1911), p.48.

termo *dEle* em primeiro lugar na frase. O substantivo usado *(poiêma)* é de raiz diferente do termo *obras (ergõn)* do versiculo anterior, e além deste trecho é encontrado no Novo Testamento apenas mais uma vez em Romanos 1:20, onde é usado em referência à primeira criação de Deus. No princípio o homem foi Sua feitura, e devido ao fato de essa Sua obra ter sido arruinada pelo pecado, ocorre agora um novo ato divino de criação. Porque "se alguém está em Cristo, é nova criatura" (2 Co 5:17; Ef 4:24; G1 **6**:15; Cl 3:10). *Em Cristo Jesus* — e essa expressão aparece já pela terceira vez em apenas cinco versículos — numa união de fé com Ele, homens cujas vidas corrompidas e arruinadas pela falha e pelo pecado são feitos novos.

As "obras" foram excluídas como meio de conquistar méritos e de ganhar o favor de Deus. O abismo entre Deus e o homem deve ser superado pela ação do próprio Deus. A nova vida de comunhão com Deus deve ser criação divina e não obra humana. Não obstante, a qualidade essencial da nova vida é *boas obras.* A preposição aqui *(para,* no grego *epi)* mostra que o significado é muito mais profundo do que o de dizer meramente que as boas obras eram o propósito da nova vida, ou que os homens foram redimidos a fim de serem um povo "zeloso de boas obras" (Tt 2:14; Cl 1:10); significa que as boas obras "fazem parte" da nova vida "como uma condição inalienável" (Abbott). Sua nova criação deve ser encarada como sendo para uma vida "em justiça e retidão" **(4:24).** É desta espécie de vida a nova criação, a qual deverá e irá se expressar desta maneira.

Para demonstrar ainda mais isto como sendo o propósito divino, Paulo acrescenta com referência às boas obras que *Deus de antemão preparou para que andássemos nelas.* Isto não significa necessariamente existirem boas obras especificas que sejam o propósito de Deus para nós. Não pode haver objeção esse conceito, desde que se considere não ser o conhecimento prévio de um Deus altíssimo e onisciente oposto ao dom de livre-arbítrio por Ele concedido ao homem. Provavelmente, porém, o que se tem em vista aqui é todo o curso da vida. A natureza e o caráter das obras e a direção do andar diário do cristão (veja comentário sobre **2**:**2**) estão predeterminados. Esta afirmativa, então, está intimamente ligada a **1:4** que diz que o fim e o objetivo da eleição é "sermos santos e irrepreensíveis perante Ele".

b. A reconciliação de judeus e gentios (2:11-12)

11. O propósito da obra de Cristo pela salvação do homem não se limita à doação de nova vida individualmente a homens e mulheres, que anteriormente estavam mortos no pecado, tal como descreveu a última seção. O capítulo **1** sugeriu que o propósito divino vai além, e esta seção mostra agora que ele implica trazer aqueles indivíduos seja qual for sua

raça ou origem, à união do povo de Deus. A este respeito tal propósito implica uma grande transformação na situação dos gentios, e esta seção, semelhantemente aos versículos 1-11, começa por mostrar qual era a condição dos gentios no passado, conclamando-os à lembrança *(lembrai-vos),* para, dessa forma, serem movidos ao amor e à gratidão. Primeiramente, deveriam lembrar-se da grande mudança que ocorreu em seu relacioamento com os judeus, suas relações com aqueles que eram chamados povo de Deus. Do mesmo modo que os gregos desdenhavam os que viviam fora de suas cidades, chamando-os *ethnê* (pagãos), assim também faziam os judeus em sua maneira superficial e pouco espiritual *(na carne)* de pensar, pois em vez de considerarem as outras nações como aquelas com quem deveriam ter compartilhado seu conhecimento de Deus (Gn 12:3; ls 42:1, 6; 49:6), simplesmente se *referiam* a elas desdenhosamente como *gentios (ethnê).* [1] Eles os chamavam de *incircuncisão,* os homens que não possuíam a marca da aliança de Deus com Seu povo. Este era o orgulhoso julgamento por parte daqueles que chamavam a si mesmos *circuncisão,* embora do ponto de vista do homem em Cristo esta marca seja apenas *na carne, por mãos humanas.*

Alhures nas epístolas paulinas encontramos este contraste entre a circuncisão que é do Espírito e a que é apenas da carne, obra de mãos humanas; e podemos comparar o modo pelo qual o tabernáculo e o templo são assim descritos no Novo Testamento (Mc 14:58; At 7:48; Hb 9:11, 24) quando contrastados com o templo espiritual de que Paulo fala aqui no versículo 21; Paulo não menosprezou a circuncisão como instituição. Para ele era o sinal da aliança, instituído por Deus; mas se o sinal externo não fosse acompanhado pela fé interior e pela obediência de vida à aliança, tornava-se sem valor e apenas obra da carne (I Co 7:19; G1 5:6; 6:15). A circuncisão que importava, houvesse ou não sinal exterior, era a circuncisão espiritual, ou seja, abandono do pecado e obediência a Cristo (Rm 2:25-29; Fp 3:2; Cl 2:11).

12. A mudança fundamental para os gentios, entretanto, não era apenas na maneira pela qual os judeus os consideravam, mas em sua atual condição. Sua completa falta de privilégios e oportunidades está descrita aqui nos termos de longo alcance deste versículo. *Naquele tempo,* antes que viessem a conhecer e a experimentar a graça de Deus, eles estavam *sem Cristo.* Estas palavras podem ter o sentido de primeira descrição da situação dos gentios, ou mais provavelmente, o de descrição da situação básica da qual todas as outras dependem. No último caso podemos ver toda esta seção como que traçando o contraste entre o que os gentios eram sem a esperança do Messias, e tudo o que decorria dessa

---

[1] Barclay ilustra muito bem as formas extremas pelas quais se expressava o desprezo dos judeus para com os gentios (p. 125).

situação, e aquilo que vieram a ser, quando foram admitidos "em Cristo Jesus", (v.13).

Eles estavam *separados da comunidade de Israel,* à qual não pertenciam, e estavam alheios à comunhão e aos privilégios (tal como Rm 3:1 e 9:4 descrevem) daqueles que verdadeiramente se chamavam povo de Deus. A palavra usada para *separados* é a mesma usada em 4:18 e Colossenses **1:21** para descrever a separação feita pelo pecado entre o homem e Deus. Apesar de qualquer propósito que tenha sido expresso por Deus para com os gentios no Antigo Testamento, na realidade permaneciam quase que totalmente alheios aos privilégios espirituais de Israel. É verdade que os judeus realmente admitiam os gentios como prosélitos, mas a maneira de entrar era difícil, e mesmo então, o sentido de alienação não estava completamente removido. Em particular, eles eram *estranhos às alianças da promessa.* A promessa para os judeus, a promessa do Messias, estava envolvida nas alianças com Abraão e os patriarcas (Gn 17:1-4; 26:24; 28:13-15), e com a nação sob Moisés (Êx 24:1-11). As alianças trouxeram Israel a uma relação especial de graça com Deus, e assim à esperança de uma libertação e glória futura que seria deles. Mas até este ponto, os gentios não tinham sido incluídos nestas alianças. De maneira que permaneciam como um povo *sem esperança.*

De fato, eles não apenas estavam sem a esperança que Israel possuía, como também totalmente sem qualquer outra esperança real. E essa era uma característica bem evidente do mundo gentio ao tempo em que Jesus veio. Eles não tinham qualquer expectativa quanto ao futuro, nenhuma certeza acerca da vida futura. Os gregos, por exemplo, olhavam para uma era dourada no passado, em vez de esperarem uma glória futura; ou, mais filosoficamente, possuíam uma visão cíclica da história. Como conseqüência não havia qualquer ideiá de um alvo para o qual todas as coisas estivessem convergindo, e essa ausência de esperança era notada com mais evidência na maneira como entendiam a morte.

Finalmente Paulo diz que eles estavam *sem Deus.* A palavra grega aqui *(atheoi)* não significa que eles se recusassem a crer em Deus, ou que fossem abandonados por Deus, ou que fossem ímpios em sua conduta, e sim que não possuíam um conhecimento verdadeiro de Deus. Em inúmeros casos possuíam muitos objetos de culto — "muitos deuses e muitos senhores" —mas que eram deuses apenas de nome (1 Co 8:4s; G1 4:8). Alguns procuraram-nO na filosofia, outros O procuraram passando para o judaísmo. Mas levando-se tudo isso em conta, os gentios tiveram de viver *no mundo* vidas limitadas pelas coisas do mundo e tiveram de enfrentar sofrimentos, tristezas e perplexidades do mundo sem o conhecimento de Deus para interpretar tudo.

13. Agora, todavia, para estes gentios, tudo se tornou diferente, porque estando "sem Cristo" (v. 12), passaram a estar *em Cristo Jesus* —

vieram a achar nEle suas vidas. Eles que haviam estado *longe* — longe de Deus, e frente a um grande abismo que os separava do povo da Sua aliança — foram agora *aproximados.* Os rabinos referiam-se aos gentios que, estando longe dos privilégios da aliança, eram "aproximados" como prosélitos.[1] Mas Paulo menciona uma maneira bem mais fundamental e maravilhosa de fazer essa aproximação, isto é, pelo *sangue de Cristo* (veja comentário sobre 1:7). Porque a causa básica da separação do homem é seu pecado, e Cristo deu-Se a Si mesmo como sacrifício pelos pecados de todo o mundo (Jo 3:16; 12:32; 2 Co 5:19; 1 Jo 2:2). Tanto os pecados dos judeus quanto os dos gentios podem ser perdoados em virtude da Sua morte, e esses dois grupos podem ser aproximados de Deus tal como nunca acontecera antes, e assim, aproximados também um do outro. As divisões são superadas, não por uma aproximação ou por uma acolhida de lado a lado, mas tão-somente porque Cristo veio e fez a paz por ambos.

14. Não é suficiente dizer que Cristo traz a paz. *Ele é a nossa paz.* À medida que os homens passam a estar nEle, e continuam a viver nEle, encontram paz com Deus, e, dessa forma, também um ponto de encontro com o seu semelhante, quaisquer que tenham sido anteriormente as divisões de raça, cor, posição social ou credo. Ele veio com este propósito (Lc 2:14), para ser o Príncipe da paz, e, de fato, foi assim que os profetas predisseram Sua vinda (Is 9:6; 53:5; Mq 5:5; Ag 2:9; Zc 9:10). Por Sua vinda, e de forma suprema, por Sua cruz, *de ambos fez um.* O grego diz literalmente que Ele fez dos dois uma coisa única (no versículo seguinte é usada a idéia de uma única pessoa). As organizações do judaísmo e do mundo gentílico não mais estão separadas como outrora. Divisões e distinções não mais existem conforme a posição de cada um perante Deus. Deus usou de um meio para os que antes estavam divididos se tornassem um (Jo 10:16; 17:11; ICo 10:17; 12:13).

Todavia, Paulo está com sua atenção voltada para aquilo que era, para eles, a maior de todas as divisões, a saber, aquela que separava judeus de gentios. Sempre houvera uma *parede de separação que estava no meio,* um muro de divisão entre os dois grupos. Havia uma barreira tanto literal quanto espiritual. Em Jerusalém, entre o recinto do templo propriamente dito e o pátio dos gentios havia um muro de pedra no qual existia uma inscrição em grego e latim que "proibia qualquer estrangeiro de entrar, sob pena de morte." [2]

É singular o fato de que Paulo finalmente tenha sido preso e condenado pelos próprios judeus em Jerusalém sob a falsa acusação de ter

---

1 Veja citações dos escritos rabínicos em Abbott, p. 60.

2 Josefo em *Antiguidades* 15:11, 5 e em *As Guerras dos Judeus* 5:5, 2; 6:2, 4; fala acerca disto, e essa inscrição foi descoberta pelo arqueólogo francês M. Clermont Ganneau em 1871.

levado um efésio, Trófimo, a ultrapassar aquela barreira (At 21:29). Mas Cristo derrubou a barreira entre judeus e gentios, da qual aquele muro de divisão no templo era uni símbolo.

15. Entretanto, a fim de que aquele muro particular de divisão entre judeus e gentios pudesse ser *derrubado,* duas coisas que permaneciam intimamente ligadas nas mentes dos judeus ortodoxos tinham de ser resolvidas. Primeiro, a velha *inimizade* tinha de desaparecer. O sentimento de animosidade e hostilidade devia ser substituído por um sentido de comunhão. Em segundo lugar, *a lei dos mandamentos na forma de ordenanças* devia ser abolida (Cl 2:14, 20). Esta frase talvez deva ser entendida como um qualificativo de *inimizade,* ou então que a "inimizade" estaria relacionada com o termo precedente, que trata do muro de separação. Na realidade, a lei constituída de ordenanças, cerimônias e regulamentos detalhados acerca do que era limpo ou impuro tinha o efeito de impor uma barreira e de causar inimizade entre judeus e gentios.

Pelo fato de Cristo ter vindo, e pelo que Ele fez *na sua carne,* especialmente pela Sua morte (Cl 1:22), a salvação e a aceitação da parte de Deus são oferecidas em Seu povo a todos os homens, condicionadas ao arrependimento e à fc. Pedro foi enviado a Cornélio e proibido de continuar a fazer distinção entre pureza e impureza cerimonial (At 10). A Igreja em seu concílio de Jerusalém concordou em que não mais seria uma barreira o fato de os judeus terem circuncisão e todas as outras ordenanças da lei, e os gentios não (At 15). O Senhor não veio para destruir a lei. mas para cumpri-la (Mt 5:17). Muitas dessas coisas (como o sacrifício ritual) eram uma preparação e uma prefiguração da obra de Cristo, e foi dessa maneira cumprido por aquilo que Ele fez quando veio. As exigências e princípios morais da lei não foram afrouxados por Jesus, e sim tornados mais amplos e de maior alcance (Mt 5:21-48). Na disciplina da obediência que seus regulamentos detalhados exigiam e que atuava como reveladora do certo e do errado, o alvo da lei era conduzir a Cristo (G1 3:24). Não se pode dizer em absoluto que a lei foi anulada em Cristo (Rm 3:31). Mas como "código específico, rígido e externo, cumprido por ordenanças externas" (Westcott), e dessa forma servindo para separar judeus de gentios, foi abolida (Cl 2:20-22).

A vinda do Senhor tinha por propósito fazer a paz entre judeus e gentios pela retirada da causa da divisão. A lei não mais podia ser a maneira pela qual os judeus, e somente os judeus, pudessem tentar chegar até Deus. A maneira de se aproximar agora, é pela graça, por um novo trabalho criativo de Deus, tanto para os judeus quanto para os gentios. O propósito de Cristo, a partir dos dois grupos, é criar em si mesmo uma única e nova humanidade. *Em si mesmo,* isto é, em Cristo, existe uma nova humanidade, a qual é uma única entidade. Deus agora trata

com judeus e gentios como com um só indivíduo. Além do mais, os gentios não apenas subiram para a posição dos judeus, mas ambos se tornaram algo *novo* e maior; e é significativo que a palavra *novo* aqui *(kainos)* quer dizer não apenas novo no tempo, mas como diz Barclay, "novo no sentido de que traz ao mundo um novo tipo de criação, uma nova qualidade de criação, que não existia antes" (veja comentário sobre 4:23).

16. Bem através desta passagem os temas gêmeos da reconciliação dos homens com Deus e dos homens uns com os outros estão inextricavelmente entrelaçados. *Por intermédio da cruz* o propósito de Cristo foi reconciliar *(reconciliasse)* os homens com *Deus* (Rm 5:10; 2 Co 5:18-20; Cl 1:20). Quando ele estava morto na cruz, estava matando, *destruindo... a inimizade* que existe entre o homem e Deus devido ao pecado, pois Ele carregou os pecados do homem e tornou possível o seu perdão. De forma que Ele reconciliou *ambos* (judeus e gentios) com Deus, mas também reconciliou-os (e pessoas de todas as diferentes divisões da humanidade) uns com os outros e os tornou *em um só corpo,* levando à morte a inimizade existente entre eles. Aquilo que Ele efetuou uma vez e para sempre "no corpo da Sua carne, mediante a Sua morte" (Cl 1:22), agora realiza no corpo *único* que é a Sua Igreja. Mas deveríamos notar aqui que a ênfase não é a mesma de 1:23, da Igreja como Corpo *de Cristo,* mas recai sobre o fato de existir um organismo vivo ao qual membros tão diversos pertencem (4:4; 1 Co 10:17; 12:13; Cl 3:15).

17,18. A mesma ligação do pensamento da nova relação do homem para com Deus e para com seus semelhantes continua nestes próximos dois versículos. A vinda de Cristo significou que a *paz* pôde ser pregada *(evangelizou)* àqueles que estavam *longe,* os gentios, que anteriormente não tinham "esperança" e estavam "sem Deus no mundo", e àqueles *que estavam perto,* os judeus, possuidores das "alianças da promessa" e pertencentes ao povo de Deus (Dt 4:7; SI 148:14). Para ambos isto era a paz com Deus, da qual ambos necessitavam; e sua conseqüência era também paz e concórdia uns com os outros. Nas palavras deste versículo há uma alusão (como também provavelmente no versículo 13) a Isaías 57:19, e talvez também a Isaías 52:7, que fala da pregação da paz. Estas passagens do Antigo Testamento (citadas também em At 2:39 e Rm 10:15) originalmente não falavam em caminho de paz para os gentios, mas tais palavras das Escrituras, profundamente arraigadas na mente do apóstolo, aplicam-se de modo adequado a esta nova e maravilhosa situação. A forma de expressão, que neste caso depende das palavras do Antigo Testamento, não deve ser explorada em demasia. Não devemos perguntar a que pregação do evangelho da paz isto se refere — antes ou depois da ressurreição, antes ou depois de Pentecostes. O importante é que Cristo veio

"com um evangelho de paz " (Moffatt). Através de Sua cruz foi feita a paz, e Ele através de sua Igreja proclama a mensagem de reconciliação e paz ao mundo (At 10:36; 2 Co 5:18-20).

Prosseguindo, o apóstolo diz, *por Ele,* Cristo Jesus, *temos acesso ao Pai. Acesso* é provavelmente a melhor tradução de *prosagõgê,* embora possa ter o sentido de "introdução". Nas cortes orientais havia um *prosagoges* que introduzia as pessoas à presença do rei. O pensamento pode ser o de considerar Cristo como o *prosagoges,* mas a forma da expressão na cláusula inteira sugere antes que por Ele há um caminho de aproximação (3:12) Ele é a Porta, o Caminho para o Pai (Jo 10:7, 9; 14:6); por Ele, homens, embora pecadores, uma vez reconciliados, podem se achegar "confiadamente ao trono da graça" (Hb 4:16). Mas acresce-se que o *acesso* é para *ambos,* judeus e gentios, *em um Espírito* (1 Co 12:13). Há um caminho para todos, um Espírito por cuja obra em seus corações têm a certeza de que podem se achegar a Deus como filhos ao Pai (Rm 8:15; G14:6). O que se dá a entender aqui é que se trata da pessoa do Espírito de Deus, e deve ser analisada a forma da frase. Assim como Paulo repetidamente usa as palavras "em Cristo" nesta epístola, assim também inúmeras vezes ele diz "no Espírito", com o propósito de enfatizar que para a nova vida do cristão "o Espírito é o poder envolvente e sustentador" (Westcott).

19. O estudo da unidade de todos os cristãos "em um Espírito" receberá ênfase e será desenvolvido no capítulo quatro, mas aqui o apóstolo volta-se especificamente para os gentios a fim de prosseguir tratando da mudança operada em sua situação, Antes eles estavam "separados da comunidade de Israel" (v. 12). Em relação ao povo da aliança de Deus, eram *estrangeiros e peregrinos (xenoi e paroikoi),* isto é, pessoas que ainda que vivessem no mesmo país, tenham contudo os mais superficiais direitos de cidadania. Essa era sua situação anterior, mas de agora em diante *já não* o é. No dizer do apóstolo, agora são *concidadãos dos santos.* Ele deve ter pensado nos santos do Antigo Testamento, ou nos membros da Igreja Cristã, aos quais a palavra se aplica (veja comentário sobre 1:1); provavelmente pensou naqueles que, em todos os sentidos, podiam ser chamados povo de Deus, e assim disse aos gentios que eles agora estavam incluídos entre os santos, e em igualdade de condições.

Cidadania do povo de Deus, eis um modo expressivo de estabelecer a verdadeira posição que judeus e gentios igualmente partilhavam com Deus e entre si. Mas essa ilustração conduz a uma outra verdade mais profunda, qual seja a intimidade maior que os cristãos têm com Deus, e também uns com os outros. Judeus e gentios, homens de quaisquer raças, cores ou posições, estão juntos na *família de Deus,* na mesma família. Gálatas 4:10 usa a mesma palavra *oikeioi* para falar da "família da fé". Embora tal palavra não seja perfeita para expressar completamente a

verdade de serem todos "filhos de Deus, mediante a fé em Cristo Jesus" (G1 3:26; e veja também o comentário sobre 1:5), ainda assim o pensamento se refere mais a pessoas da casa, do que ao edifício em si (Hb 3:2, 5; 1 Pe 4:17).

20. Todavia, no trecho seguinte, há verdades que podem ser melhor entendidas pela ilustração da casa *(oikos)* como um edifício. Aqueles cuja fé está em Cristo Jesus são semelhantes a um edifício construído *(epoikodomêthentes) sobre o fundamento dos apóstolos e profetas.* A pergunta que surge é se esta afirmação não contradiz a ilustração paulina da casa em 1 Coríntios 3:11, onde se lê que "ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo". Para resolver esta dificuldade, alguns têm sugerido que deveríamos interpretar as palavras aqui como o fundamento sobre o qual apóstolos e profetas foram edificados, o fundamento que eles lançaram nas vidas de outros, ou que edificaram sobre o próprio trabalho. Não cremos seja isto necessário. O que temos aqui pode ser considerado simplesmente como uma apresentação um pouco diferente da mesma metáfora que aparece em 1 Coríntios
3. (Compare Ap 21:14 para um outro uso também diferente, mas não contraditório). Aqui o apóstolo se refere a si mesmo e aos outros como pedras do edifício, ao passo que em Coríntios (3:10) a referência é a construtores. Como diz Allan, "A Igreja descansa sobre o acontecimento totalmente único de ser Cristo o centro, mas na qual os apóstolos e profetas, na plenitude do Espírito e guiados por Ele e fazendo suas obras em intimidade única com Cristo, tiveram uma parte indispensável e intransmissível". Aos apóstolos e profetas a palavra de Deus em Cristo foi revelada de um modo único (3:5). Devido a terem recebido, crido e testemunhado aquela palavra, foram eles o início da construção sobre a qual outros deviam ser edificados (Mt 16:16-18). A ordem da frase *apóstolos e profetas* deixa claro que a menção aqui é aos profetas da Igreja cristã e não no Antigo Testamento, o que também acontece com a mesma frase usada em 3:5. (Sobre a obra destes profetas cristãos veja o comentário sobre 4:11).

Retomando a metáfora da construção, aplica-se aqui, a *Jesus Cristo* como sendo ele mesmo a *pedra angular.* Este pensamento está no Salmo 118:22, passagem citada por nosso Senhor mesmo (Mc 12:10), e posteriormente pela Igreja primitiva (At 4:11; 1 Pe 2:7), "a pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular". Denota basicamente a honra de Sua posição no edifício e também a maneira pela qual cada pedra é encaixada nEle, e pela qual acha verdadeiro lugar e utilidade apenas em relação a Ele (Cl 2:7; 1 Pe 2:4). Há diferentes opiniões sobre o lugar preciso da pedra angular no edifício, a qual provavelmente era colocada nos alicerces, nos cantos, a fim de ligar tudo e dar às paredes linha certa. Isaías 28:16, que é citado junto com o Salmo

118:22 em 1 Pedro 2, fala da pedra colocada em Sião como "pedra preciosa, angular, solidamente assentada". Assim Paulo nega nesta descrição qualquer idéia sobre o Senhor como Fundamento a ser substituído pelos apóstolos.
ponto central da metáfora torna-se claro ao dizer-se agora que, em Cristo, tudo que é construído no edifício é *bem ajustado.* Cada pessoa descobre seu verdadeiro lugar e função relativamente a Cristo à medida que vai sendo edificada nEle. Embora, tal como no grego, *todo edifício* não possua artigo, é difícil pensar tenha o apóstolo sugerido que a Igreja é

21,22. Seja qual for a posição exata da pedra angular, o ponto central da metáfora torna-se claro ao dizer-se agora que, em Cristo, tudo que é construído no edifício é *bem ajustado.* Cada pessoa descobre seu verdadeiro lugar e função relativamente a Cristo à medida que vai sendo edificada nEle. Embora, tal como no grego, *todo edifício* não possua artigo, é difícil pensar tenha o apóstolo sugerido que a Igreja é constituída por vários edifícios. A palavra usada *(oikodomê)* tem uma grande gama de significados. Um deles é o de edifícios individuais (Mc 13:1), porém, mais freqüentemente no Novo Testamento é usada para representar toda a obra de construção com o sentido espiritual de "edificação" (4:12, 16, 29). É toda a obra de construção que está sendo vista aqui (e provavelmente de modo semelhante em 1 Co 3:9), tal como o indicam o particípio presente "bem ajustado" e o verbo que o segue, ou conforme traduz Phillips, "cada pedra distinta do edifício".

O trabalho ainda está se desenvolvendo; a Igreja não pode ser considerada como um edifício terminado enquanto não chegar o dia final quando o Senhor virá (Ap 21). Ela está crescendo mais e mais até que venha a ser o que está no propósito de Deus. A metáfora realmente termina nessa altura. Ê adicionada, então, a idéia de crescimento orgânico; não são simples pedras, e sim "pedras vivas" (1 Pe 2:5). Para expressar essa idéia é mais adequado representar a Igreja como figura de um corpo vivo, (tal como em 4:15). Mas a metáfora do edifício ainda não foi totalmente explorada, e a principal razão para seu uso só agora vai ser mencionada. Existe uma analogia já exarada no Antigo Testamento que converge para uma verdade muito profunda: que este edifício *cresce para santuário dedicado ao Senhor.* Percebemos esta verdade ao atentarmos para a palavra aqui empregada. Aqui não é empregada a palavra comum *(hieron)* que é usada para o templo e suas dependências de uma forma geral, mas é usada a palavra com que se designa o santuário interior *(naos).* O templo, nos dias do Antigo Testamento, quando considerado como *naos,* era acima de tudo o lugar especial do encontro de Deus com Seu povo. Era o lugar aonde a glória de Deus descia e se manifestava pela Sua presença. Cristo ao vir à terra tornou obsoleto o tabernáculo, templo feito por mãos humanas. Ele mesmo (Jesus) tornou-se o lugar de

habitação divina entre os homens, uma verdade que é expressa especialmente em João 1:14 e 2:19-21. E este templo já não está mais entre os homens, e agora Deus procura para Sua *habitação* as vidas de homens que O permitirão entrar por Seu Espírito.

Dois pontos devem ainda ser notados quanto ao pensamento do apóstolo. Primeiro, o versículo 21 termina com as palavras *ao Senhor,* e o versículo 22 com *no Espírito,* para enfatizar mais uma vez que somente quando uma pessoa está em Cristo, no Espírito (veja comentário sobre 2:18), é que a obra de edificação para ser habitada por Deus pode ocorrer. O estar o homem em Cristo e Cristo estar no homem estão inextricavelmente juntos (Jo 15:4-7). Ninguém pode tomar lugar algum no eterno edifício de Deus, a menos que tenha achado vida em Cristo. Em segundo lugar, somos lembrados de quão longe o pensamento do Novo Testamento está de nossos conceitos individualistas. Em 1 Coríntios 6:19 Paulo fala do corpo de cada crente como o "santuário (*naos)* do Espírito Santo", embora seu pensamento cuide mais da comunidade de cristãos como o templo (2 Co 6:16), e como um organismo habitado pelo Cristo vivo. Realmente, unidade não é uma questão de organização, mas o compartilhar da vida comum e da atividade do corpo, pois é conveniente todo crente considerar-se advertido do perigo do serviço cristão individualista, para levar seriamente em conta as coisas que impedem a expressão daquela vida comum e o cumprimento das tarefas. Em Filipenses 2:1-3 e 4:2 Paulo teve de falar contra o perigo de divisões em facções por amor, mais à lealdade às pessoas, do que a Cristo. Neste trecho ele teve em mente as animosidades existentes entre judeus e gentios, as quais ameaçaram[1] em dias anteriores criar duas igrejas em vez de uma única, e agora, aos cristãos gentios Paulo diz aquilo que muitos judeus cristãos relutavam em aceitar, *vós igualmente estais sendo edificados* em Seu *santuário,* que é a *habitação de Deus no Espírito.*

c. O privilégio da proclamação (3:1-13)

1. Há uma norma de desenvolvimento nestes três primeiros capítulos da epístola. No capítulo 1 a meditação do apóstolo sobre as riquezas das bênçãos de Deus em Cristo levou-o naturalmente à oração. No capítulo 2 ele prossegue desenvolvendo seu grande tema sobre o propósito de Deus em Cristo, ao falar da surpreendente graça de Deus que traz aqueles que estavam mortos em pecado a uma nova vida em Cristo, e de quanto significava a reconciliação de judeus e gentios resultando num único povo de Deus. Sua expressão destes grandes fatos, os quais possuem uma importância prática para a vida, em todos os seus aspectos, leva-o naturalmente a orar de novo. De maneira que recomeça: *Por esta causa* (1:15), e mais adiante ele dirá "me ponho de joelhos" (v. 14), mas profun-

damente cônscio de sua posição e da natureza de seu relacionamento para com aqueles a quem escrevia, e pelos quais iria orar, diz, *eu, Paulo, o prisioneiro de Cristo Jesus, por amor de vós, gentios,* e isto afasta-o por alguns momentos de sua oração.

Como vimos no início **(1:1)** era o apostolado de Paulo que determinava toda sua vida, a obra que realizava e a natureza de seu relacionamento com os homens. Paulo não deixaria nunca de estar cônscio disso, quer ao escrever, quer ao orar. A repetida expressão *eu, Paulo* de suas cartas mostra isto (2 Co 10:1; G1 5:2; Cl 1:23; 1 Ts 2:18; Fm 19), Agora neste caso "ele ouve o tinido de suas cadeias, e se lembra de onde está e por que está lá" (Robinson). Pois era apóstolo dos gentios, como resultado direto de posição que assumiu em favor da igualdade entre judeus e gentios como povo de Deus (At 21:17-34; 22:21-24; 26:12-23) ele estava na prisão. Por amor aos gentios fora aprisionado, e agora seu isolamento resultava em vantagem para eles (v, 13). Escreve assim não porque estivesse desanimado ou desapontado. Não queria compaixão, nem iria permitir que alguém ficasse abatido devido à sua prisão. Encarava esse fato como luz que dissipava toda autocompaixão. Pela aparência externa era tão-somente o prisioneiro de Roma, confinado pela vontade dos homens. Mas como sua vida espiritual "em Cristo" importava para eles bem mais do que as circunstâncias externas e o ambiente, agora se considerava prisioneiro pela vontade de seu Mestre. Portanto podia prazerosamente chamar-se *o prisioneiro de Cristo Jesus* **(**4:1**;** 2 Tm 1:8; Fm 1:9); pois em cada aspecto de sua vida podia chamar-se o escravo de Cristo (Fp 1:1).

2. Este assunto levou-o, antes de continuar sua oração, a tratar de sua chamada como o apóstolo dos gentios, e do que isto significava para ele. Fora-lhe confiada uma especial *dispensação da graça de Deus* com referência específica aos gentios. Ao considerarmos esta palavra *dispensação* em **1**:**10**, verificamos que significa basicamente a administração da casa, ou ofício de alguém que a administrava. Paulo faz aqui referência especial à mordomia a ele confiada (1 Co 4:1; 9:17), embora não esteja ausente a idéia de disposição ou propósito de Deus. Em Colossenses 1:25 temos um texto paralelo bem próximo, a mesma idéia encontramos também em Gálatas 2:7 onde Paulo diz que "o evangelho da incircuncisão" lhe fora confiado, enquanto que a Pedro "o da circuncisão".

Para expressar essa sua confiança ele emprega a palavra *graça,* usada aqui em seu mais amplo e pleno sentido de significado, que é o de favor imerecido de Deus, que traz ao homem a salvação (1:6; 2:5-8), e que gratuitamente lhe oferece tudo o que precisa para levar a vida cristã (At 13:43; 14:26; 2 Co 9:8). Mas Paulo também serve-se de tal palavra, inúmeras vezes, a fim de expressar o privilégio de pôr-se alguém a serviço de Cristo, e para referir-se à tarefa específica por Ele designada (Ef 4:7;

Rm 12:3, 6). Em seu próprio caso, era surpreendente o favor de ser chamado para apóstolo (RM 15:15; 1 Co 3:10; G1 2:9), e apóstolo dos gentios. Existe uma outra aplicação da palavra, que se encontra em Atos 11:23, e que ressoa por toda esta seção, de que, na verdadeira extensão dos privilégios do evangelho aos gentios, a misericórdia particular de Deus tem sido manifesta. Há a graça para os gentios pelo fato de os apóstolos do evangelho lhes terem sido enviados, e a graça para Paulo de ser apóstolo deles; os dois pensamentos estão entrelaçados pelo uso da palavra *graça* nesta seção.

Paulo sente ser necessário, entretanto, reafirmar a seus leitores o fato de lhe terem sido confiadas esta graça e responsabilidade; e já vimos ser este um forte argumento em favor da tese que afirma não ter sido esta carta enviada originariamente aos cristãos em Éfeso, mas a um grupo mais amplo. [1] *Se é que tendes ouvido* não condiz bem com a força da partícula *eige* que se encontra no texto grego. Não tanto expressa dúvida (seu uso em 4:21; 2 Co 5:3; G1 3:4; Cl 1:23), mas desafia os leitores a verificarem da veracidade do que o autor está dizendo. Assim, esta seria uma tradução melhor: "porque certamente tendes ouvido...". O argumento com referência ao destino da epístola ainda se aplica, pois dificilmente ele diria isto a uma igreja que o conhecesse tão bem, como a de Éfeso, mas o diria certamente àqueles entre os quais havia alguns que o conheciam apenas "de nome" (Scott).

3. Se eles apreciavam a maneira pela qual recebera um conhecimento especial do propósito de Deus para com os gentios, e do aspecto particular no desenvolvimento daquele propósito, concordariam que por meio de *uma revelação.* Deus havia *dado a conhecer* a Paulo *o mistério.* **1:9** vimos que a "revelação" e o "tornar conhecido" são expressões que se harmonizam com a palavra *mistério,* quando esta é usada em conexão com o evangelho. Porque esta é a verdade de Deus, que não mais está escondida, mas sim manifesta aos que estão desejosos de recebê-la. Para Paulo fora uma revelação num sentido especial. Antes ele era um judeu ortodoxo do partido exclusivista dos fariseus, e foi necessário uma clara revelação de Deus para convencê-lo. Além do mais, naquela época os apóstolos que o precederam não estavam suficientemente esclarecidos e seguros quanto à posição deles a respeito da igualdade dos gentios no poder de Deus, e assim, sob este aspecto, também uma revelação se fazia necessária, tal como Paulo mostra em Gálatas 1 e 2. Ele não está aqui preocupado em comunicar como recebeu a revelação, mas em seu conteúdo. E é isto o que ele expressou — a inclusão dos gentios com os judeus em um único corpo , e mesma casa — o que também se diz nesta epís-

[1] Veja pp. (17ss).

tola, e não em alguma carta anterior, quando relata: *conforme escrevi há pouco, resumidamente.*

4. Já se sugeriu que *quando lerdes* podia ser uma referência à leitura do Antigo Testamento, dando apoio ao que Paulo entende ser o propósito de Deus para com os gentios. Menciona-se Mateus 24:15, comparativamente, indicar que tal expressão podia se referir ao Antigo Testamento. Mas em nenhum outro lugar do Novo Testamento se faz referência ao Antigo sem mencioná-lo especificamente. É muito mais natural entender que ao lerem o que já tinha sido escrito "resumidamente" (v.3), irão *compreender* o seu *discernimento no mistério de Cristo.* Mas não é necessário supor-se que, sendo este o sentido, tenha Paulo um espírito orgulhoso e de vanglória pessoal, ou que nos induza a duvidar da autenticidade da epístola. Este assunto já foi considerado ao tratarmos da questão da autoria na Introdução. O fato é que neste contexto, como repete com freqüência em outros lugares, Paulo se esforça por enfatizar que toda sua compreensão é dom de Deus, e unicamente possível quando Ele revela Sua verdade. O conhecimento do *mistério* não era uma descoberta pessoal da qual podia se vangloriar. Era o dom de Deus pelo Seu Espírito (1:8, 9, 17, 18). Ele podia se orgulhar neste conhecimento, tal como o faz em 2 Coríntios 11:5, mas reconhece que é apenas pela iluminação dada por Deus que ele possui a verdade. Além disso, seu propósito não é a autoglorificação, mas ajudar homens a reconhecerem este ensino da Palavra de Deus e dessa forma aceitarem a autoridade dessa palavra.

A esta altura deveríamos também olhar para uma outra dificuldade encontrada nesta seção. Qual é o sentido do *mistério de Cristo* aqui? Em particular, é diferente do sentido de Colossenses? Tem-se afirmado que a diferença é muito grande, a ponto de tornar a autoria comum impossível.[1] Em Colossenses 1:27 afirma-se especificamente que o mistério é "Cristo em vós, a esperança da glória", isto é, o verdadeiro mistério, a maravilhosa verdade revelada, é que Cristo vem habitar agora nos corações dos homens, trazendo-lhes a esperança de viverem, no futuro, na própria presença de Deus. No versículo 6 deste capítulo o mistério pode ser entendido assim: "que os gentios são... co-participantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho". São, estas duas idéias, incompatíveis, num mesmo autor? Não poderão ser aspectos diferentes da revelação central? Em Colossenses 2:2 o mistério é simplesmente "Cristo", e, de fato, é possível interpretar o genitivo aqui como apresentando o mesmo que lá. Nesta mesma epístola (Ef 1:9) note-se o fato de Paulo poder falar do mistério sem qualquer referência específica aos gentios; é o propósito de Deus "fazer convergir nEle... todas as coisas". Parece,

[1] Veja pp. (23s).

portanto, desnecessário considerar contraditório o sentido de *mistério* em Efésios e Colossenses. Parece mais fácil aceitar que Paulo pensou no mistério como o grande propósito de Deus em Cristo. Ora sua mente tratava de um aspecto dessa verdade, ora de outro; e até na mesma epístola há pequenas diferenças quanto ao uso da palavra. Identidade de autoria nâo deve ser questionada com base em tais diferenças.

5. Em Romanos 16:25 Paulo fala do mistério (que ali tem o sentido de pleno evangelho de Cristo) como "guardado em silêncio nos tempos eternos, e que agora se tornou manifesto". Em Colossenses 1:26, que está em paralelo íntimo com esta seção, fala do "mistério que estivera oculto dos séculos e das gerações; agora, todavia, se manifestou aos Seus santos". Aqui ele diz a mesma coisa, particularmente acerca do ajuntamento dos gentios. O que não significa negar a existência de vislumbres do propósito de Deus quanto a este assunto no Antigo Testamento (tal como nas passagens que o apóstolo cita em Rm 15:9-12); mas é verdade, não inteiramente compreendida, que judeus e gentios deveriam realmente se tornar um só povo, e, isso, certamente, nâo fora levado a efeito. *Em outras gerações* o mistério *não foi dado a conhecer aos filhos dos homens, como agora foi revelado;* e podemos entender o *como,* com o sentido de "em tal medida como" ou "com tal clareza como" agora.

Aos... apóstolos e profetas (os profetas da nova ordem, tal como vimos em 2:20, o *Espirito* tem procurado revelar isto. (A frase "no Espírito", discutida em 2:18 e 22, repete-se aqui). O livro de Atos dos Apóstolos registra como o Espírito fez a revelação desta verdade a Pedro, e já relembramos como Gálatas conta a maneira pela qual foi feita a revelação a Paulo. Tal como vimos, [1] a frase *santos apóstolos* não deve ser considerada estranha, ou sinal de orgulho, pelo fato de ter sido escrita por um apóstolo. *Santo (hagios,* veja comentário sobre 1:1) não tem, no Novo Testamento, o mesmo sentido que em português; e sem qualquer vanglória Paulo repetidamente chama a si mesmo de apóstolo.

6. Paulo referiu-se à maneira pela qual os judeus consideravam os gentios (**2**:**11**), inclusive à situação em que eles realmente estavam em relação ao povo de Deus (2:12). Ele mesmo havia sido um orgulhoso fariseu, e partilhava do desdém geral dos judeus para com os gentios. Sua conversão significou transformar completamente o seu pensamento. Foi levado a reconhecer Jesus, a quem perseguira, como o Cristo, o Filho de Deus, e o único Salvador. Toda sua atitude para com os gentios foi também revolucionada por esta sua crise de experiência. Através da revelação ele veio a verificar que judeus e gentios podem agora permanecer juntos com o povo de Deus . São *co-herdeiros ,* participam da mesma herança nas

---

i Veja pp. 42s.

riquezas celestiais de Deus (1:11-14; G1 3:29; 4:7). São *membros do mesmo corpo.* No grego é usada uma só palavra para expressar esta verdade *(sinsõma);* tal palavra é desconhecida da literatura que antecedeu ao apóstolo, e talvez tenha sido criada por ele mesmo para expressar esta verdade, de que os gentios são incorporados com os judeus no Corpo único de Cristo (2:16). São também *co-participantes da promessa* — participam em bases iguais da promessa de vida e salvação (2 Tm 1:1), embora anteriormente os gentios tenham sido "estranhos às alianças da promessa" (2:12). Podem participar de todos estes privilégios junto com os judeus porque, do mesmo modo que estes, os gentios podem agora encontrar sua vida *em Cristo Jesus por meio do evangelho.* O evangelho, tal como é pregado e crido, é o meio efetivo, humanamente falando, pelo qual os homens passam a estar em Cristo (em 1 Co 4:15 é usada a mesma frase). Tal evangelho é, portanto, o único meio de profunda unidade espiritual entre homens de diversas origens raciais, culturais e políticas.

7. Devido a este fato, Paulo só pôde falar com alegria exultante do privilégio, responsabilidade e significado de ter sido feito *ministro* desse evangelho (G1 1:13-16; Cl 1:23-29; 1 Tm 1:12-16). A palavra grega aqui empregada *(diakonos)* aparece às vezes no Novo Testamento em referência àqueles que têm um ofício específico (Fp 1:1; 1 Tm 3:8-12; e At 6:2 onde é usado o verbo *diakonein;* mas aparece bem mais freqüentemente para designar aquele que vive e trabalha no serviço de Cristo (*diakonia,* 4:12; 6:21 e 2 Co 3:6; 11:23; Cl 1:23; 1 Tm 4:6). Paulo aceitou com alegria o título de servo, mas compreendeu ser totalmente incapaz de comunicar a outrem a palavra e as boas novas de Deus (2 Co 3:5; 4:1; 12:9), pois somente através de um duplo dom de Deus lhe seria possível transmitir o evangelho. Ele era ministro *conforme o dom da graça de Deus,* a ele *concedida.*

Em nosso estudo sobre o versículo 2 vimos os vários significados que a palavra *graça* adquire no Novo Testamento e, em particular, nos escritos paulinos. Ele era indigno de ser pregador da palavra de Deus, porque havia sido perseguidor da igreja; mas a graça de Deus o transformou em um novo homem em Cristo (1 Co 15:10). Também o fez servo de Cristo para a proclamação de Seu evangelho, e para a tarefa específica de ministrar aos gentios. Mas misericórdia não era suficiente. Ele era um ministro também *segundo a força operante do Seu poder.* A obra para a qual fora chamado não necessitava de força, paciência e poder de tolerância meramente humanos. Necessitava, sim, do poder de Deus, e, tal como em 1:19, Paulo mostra que aquele poder é dado, não apenas como algo abstrato, ou como uma força aplicada à distância, mas como um poder *(energeia)* energizador operante pela habitação do Espírito em sua vida. Em Colossenses 1:29 ele se exprime de maneira mais completa ao falar da sua obra da pregação , "eu também me afadigo , esforçando-

me o mais possível, segundo a Sua eficácia que opera eficientemente em mim", pela graça de Deus fora chamado e recebido como servo do evangelho, e pelo poder de Deus fez tudo o que era útil naquele serviço.

8. Paulo não pôde cingir-se àquilo que já dissera, pois tem de tratar mais ainda da inefável graça de Deus e da pouca valia da sua pessoa. Ele era *o menor de todos os santos.* Ele fez uso de um comparativo e de um superlativo para conseguir expressar-se mais fortemente.[1] Isto não é nenhuma humildade fingida. É a atitude inevitável de alguém prostrado ante a maravilhosa graça de Deus em Cristo. Aqui não se trata tanto do caso de Paulo se comparar conscientemente aos outros; se assim o fizesse, teria falado como fez em 2 Coríntios 12:11. Nem é também o caso, em especial, de levar em consideração o fato de ter sido um perseguidor (1 Co 15:9; G1 1:13-15; 1 Tm 1:12-14). Mas sim que, quanto mais meditava sobre as bênçãos de Deus em Cristo, e sobre a infinita graça de Seus dons, tanto mais se apercebia de que em si mesmo nada tinha para merecer tal misericórdia. Sabia que ele, por si mesmo, não possuía posição, nem valor pessoal, nem reivindicações, nem capacidade ou dons naturais, que o habilitassem a receber a graça da reconciliação, e a tornar-se pregador dessa graça. Ele era o *menor.* O evangelho era tudo, as *insondáveis riquezas de Cristo.*

Já vimos o amor do apóstolo por expressões que falam de riquezas para exprimir as bênçãos de Cristo que infinitamente transcedem as riquezas do mundo (veja comentário sobre **1:7).** Aqui ele acrescenta um adjetivo (*anexichniaston)* que fala de alguma coisa que não pode ser obtida mediante esforços humanos. Esse adjetivo é usado para as obras de Deus em Jó 5:9 e 9:10. Caso Paulo, alguma vez, tivesse tentato medir e definir aquela graça, logo compreenderia estar agindo como um homem que "ao medir as margens de um lago, descobrisse que aquilo que lhe parecera um lago era um braço de mar, e que agora tinha pela frente o próprio oceano, imensurável".[2] Aquelas *riquezes insondáveis* não eram apenas o evangelho, nem doutrina, mas o próprio Cristo (Mt 13:44). E o privilégio inestimável da chamada de Paulo foi apresentar Cristo aos gentios que ainda não tinham ouvido falar dEle, nem tinham sido incluídos em Seu reino (At 9:15; 22:21; 26:17; Rm 11:13; 15:16-21; G1 2:7-9).

9. Primeiramente, a tarefa do apóstolo era apenas tornar conhecidas as insondáveis riquezas de Cristo àqueles que delas não tinham sequer ouvido. Mas à medida que os homens vieram a ter fé nEle, a obra do

---

[1] Há um comparativo duplo *(meizoteran)* em 3 Jo 4, e outras formas duplas foram usadas por poetas e prosadores posteriores. (No original em inglês temos: "o menor dos menores").

[2] JOWETT, J.H., *The Passion for Souls,* p. 10.

pregador era prosseguir em compartilhar o conhecimento do propósito maravilhoso de Deus. De forma que Paulo descreve sua tarefa como sendo *manifestar* esta grande verdade. E novamente encontramos o termo *dispensação (oikonomia*, *veja* 1:10 e 3:2), e aqui seu sentido deve ser o de plano ou propósito de Deus. Desta forma Paulo está mais uma vez expressando o fato de que sua obra é mostrar e ensinar o grande propósito de Deus em Cristo. É um *mistério* (como já disse nos versículos 4 e 5) não totalmente comunicado aos homens anteriormente, mas de modo algum uma reflexão na mente de Deus sobre um evento passado. Faz-se aqui referência a Deus como Aquele *que criou todas as coisas,* de modo a sugerir que este era Seu propósito desde o princípio da criação, embora em Sua sabedoria tenha escolhido revelar ao homem tal mistério, de forma gradual.

10. O que simplesmente em 2:7 foi sugerido está aqui expresso plenamente. Que este grande propósito de Deus para a Igreja vai além desta ordem do mundo e do tempo presente. E isso deve ser declarado agora a todos os homens, mas as hostes celestiais, que conhecem a glória da criação de Deus, são esclarecidas através da Igreja a respeito de Sua obra pela salvação do homem. Os seres espirituais, *principados e potestades nos lugares celestiais,* tal como vimos no comentário sobre **1**:**21**, receberam nos sistemas gnósticos primitivos um tal lugar de destaque que estavam se desenvolvendo por volta dessa época. Paulo, ao aceitar a existência de tais seres, não apenas insiste em que todos foram criados por Cristo e lhe estão sujeitos, mas também mostra que, pelo menos num sentido, os seres humanos pertencentes à Igreja de Deus comprada por sangue, possuem uma posição superior a todos eles. Conhecem e devem declarar a estes poderes espirituais (1 Pe 1:12) o propósito redentor e a respectiva obra do Altíssimo, os aspectos da *multiforme sabedoria de Deus* que de outra sorte não poderiam conhecer. Aqui, semelhantemente ao versículo **8**, é usado um adjetivo descritivo, repleto de significação. O adjetivo é *polupoikilos* (a forma simples *poikilos* é usada em 1 Pe 4:10), uma palavra que significa "variegado", e que foi usada por escritores gregos clássicos com referência a roupas ou flores, de modo que aqui ela sugere "a emaranhada beleza de um bordado" (Robinson) ou a intérmina variedade de matizes nas flores. Eis, diz o apóstolo, como é a sabedoria de Deus que a Igreja declara.

11. A conexão deste versículo com o precedente não é tanto que a declaração aos anjos seja de propósito eterno, mas, sim, que a sabedoria de Deus diz respeito *ao eterno propósito que estabeleceu em Cristo Jesus nosso Senhor.* Estamos novamente de volta a este grande tema central da epístola. Por trás de todos os eventos da história deste mundo existe um propósito eterno em desenvolvimento. O plano de Deus não é um plano

ad hoc, e sim, um plano concebido desde a eternidade e com um objetivo eternal. E Cristo é o agente deste propósito. O verbo aqui significa, literalmente um propósito que Deus "fez" ou "criou". Alguns interpretam isto como sendo o propósito que Deus desenvolveu ou realizou (NEB) em Cristo. Parece mais provável que o sentido correto seja "o propósito *a que se propôs",* embora não seja esta a forma grega usual para expressar tal idéia. A diferença de sentido não é grande, pois esta epístola mostra que tanto o princípio como a consumação do propósito ocorrem nEle, e a ênfase sobre Seu trabalho é manifesta pelo uso do Seu nome completo neste contexto, que poderíamos traduzir por "o Cristo, o próprio Jesus nosso Senhor". Cada um dos nomes que Ele possui seja aquele que fala da preparação para a Sua vinda, seja aquele que se refere à Sua vida encarnada, seja aquele que mostra a Sua posição no universo todo, acrescenta algo mais à nossa compreensão de Sua obra.

12. Agora, a partir do elevado ponto de vista cósmico, o apóstolo se volta para o significado mais prático que isso tem para a vida diária do cristão. A este Deus poderoso, cujo propósito abrange os céus e a terra, o tempo e a eternidade, por intermédio de Cristo, *temos ousadia e acesso com confiança.* A palavra *ousadia (parrêsia)* é basicamente "expressar-se com liberdade". Freqüentemente há referência à ousadia perante os homens, como 6:20, Atos 4:31 e Filipenses 1:20, relacionando-a com a ausência de timidez ou vergonha. Refere-se também a uma ausência semelhante, de temor ou timidez ou vergonha de se aproximar de Deus. Hebreus 4:16 e 10:19 são os mais claros exemplos e explicações do sentido exato deste trecho. Ligado a esta palavra está aquela que já foi usada em 2:18, traduzida por *acesso*; e à luz das seguintes frases torna-se claro que é novamente o uso intransitivo da palavra que está certo. *Acesso com confiança* exprime um pensamento bem semelhante ao de ousadia, sendo entretanto, mais pessoa. *Fé nEle* é o meio de acesso (Rm 5:1). O perdão dos pecados que torna possível o acesso é o dom da graça de Deus recebido, por parte do homem, pela fé (**2**:**8**), fé que, em geral nas epístolas paulinas, significa não uma mera crença intelectual, mas um conhecimento pessoal de Cristo e ligação com Ele.

13. Devido àquela liberdade de aproximação para junto do próprio Senhor eterno, e devido à grandeza de Seu propósito dentro do escopo e da glória concedida por Ele a cada cristão, o apóstolo roga: *Portanto vos peço que não desfaleçais nas minhas tribulações.* Paulo sabia que estavam sendo tentados a esmorecer, pelo fato de ele, o apóstolo e campeão dos gentios, estar na prisão (Veja comentário sobre 6:21). Não deviam desanimar e sim, perceber que os sofrimentos do apóstolo eram lucro e *glória* para eles mesmos. Na verdade, Paulo estava na prisão sofrendo *por* eles, pois dera sua vida para pregar o evangelho aos gentios, e lutara

pela igualdade entre gentios e judeus no seio do único povo de Deus (veja comentário sobre **3:1).** Mas, no desejo que possuía de fazer isto, e na graça de Cristo que lhe fora dada na prisão, podiam se gloriar. Paulo, apóstolo deles, continuava a viver e a mostrar os sofrimentos de Cristo (Cl 1:24), e uma vez que isto estava totalmente dentro da sabedoria e propósito amorosos de Deus, podiam estar certos de que Cristo estava sendo engrandecido pela fraqueza e confinamento dele, Paulo, até mesmo mais engrandecido do que por meio de alguma missão não interrompida e bem sucedida. (2 Co 4:7-12, 12:9-12; Fp 1:12).

d. Oração renovada (3:14-21)

14. Paulo agora utiliza as mesmas palavras com que principiou o capítulo 3, *por esta causa,* e então, profere a oração ali iniciada. Agora porém, Sua prece possui uma renovada força à luz do que ele acabou de dizer. Paulo não é apenas levado a orar pelo pensamento da grandeza da graça de Cristo que dá vida àqueles que estavam mortos em pecados, e pela conscientização da unidade à qual judeus e gentios foram trazidos a formar uma só família, mas também pela contemplação do propósito maravilhoso de Deus como um todo, a que ele tem sido conduzido a expressar mais pessoal e profundamente. A luz disto tudo e, devemos acrescentar, por causa da tentação de seus leitores de esmorecerem, é que ele faz agora uma oração. É uma oração semelhante à de **1:15,** mas possui maior intensidade, tal como está implícito nas palavras *por esta causa me ponho de joelhos diante do Pai.* Entre os judeus era comum ficar em pé para orar (Mt 6:5 e Lc 18:11, 13). Ajoelhar-se para oração, embora se tenha tornado uma atitude cristã comum, era anteriormente sinal, de profunda emoção ou fervor, e com base nisto podemos compreender as palavras do apóstolo aqui. Salomão ajoelhou-se quando da dedicação do templo (1 Rs 8:54); Estevão durante seu martírio (At 7:60); Pedro ao lado do leito de morte de Tabita (At 9:40); Paulo em suas despedidas por ocasião de sua última viagem a Jerusalém (At 20:36; 21:5); nosso Senhor mesmo, quando de Sua agonia no Getsêmani (Lc 22:41).

15. Algumas versões, (Como a "Revista e corrigida" (IBB) em português), acrescentam ao final do v. 14 a expressão *de nosso Senhor Jesus Cristo* porém, essas palavras não constam dos melhores manuscritos, pois como ocorre freqüentemente, o nome d'Aquele a quem Paulo ora é mencionado para expressar a relevância e o significado da sua oração em toda a profundidade (cf. **1:17).** Deus não apenas é Pai, mas também é o Único através de quem toda a paternidade existente recebe seu significado e inspiração. Este versículo tem sido traduzido de inúmeras maneiras. As palavras gregas *pasa patria* não podem ser entendidas como *toda a família,* pois nesse caso o artigo estaria presente no grego. Portanto o significado não é simplesmente que tudo que há nos céus e na terra tem a

Deus como Pai. Uma tradução mais adequada seria "cada família". E a palavra "paternidade" não traduz totalmente a idéia, pois significa estritamente "linhagem" ou "origem genealógica" (do lado paterno), ou ainda, mais freqüentemente, uma "tribo" ou até mesmo uma "nação", mas pelo contexto e pela derivação da palavra ("pai" é *pater* em grego), a idéia de paternidade está presente. Com efeito, o apóstolo se refere a qualquer "grupo que possua um homem à frente (Allan) *tanto no céu como sobre a terra.* Cada um tem autoridade vinda dEle. Cada um recebe dEle sua existência, seu conceito e experiência de paternidade. Severian (citado por Robinson) se expressa da seguinte maneira a respeito, "O nome do pai não emergiu de nós, mas veio do alto até nós". A um Pai assim, Pai de todos, o único em quem a paternidade é vista com perfeição, é que os homens se dirigem quando vêm orar.

Esta expressão qualificativa, tal como a de 1:17, dá força à oração. Nela podemos ver um paralelo com a comparação específica feita pelo Senhor, entre a paternidade divina e a humana, em Mateus 7:11, quando Ele fala sobre dar "boas coisas aos que lhe pedirem". Podemos também notar o uso que o apóstolo faz dos relacionamentos humanos para ensinar a verdade divina. Nosso conhecimento de Deus é ajudado pela sugestão de que tudo o que de melhor sabemos acerca da paternidade humana é válido, mas se aplica, num grau infinitamente superior, a Deus em sua relação conosco. Ao mesmo tempo, o conceito de paternidade humana é muitíssimo enobrecido com esta comparação. O mesmo se dá com respeito à abordagem que o apóstolo faz do relacionamento marido-esposa em 5:22-33.

16. A expressão qualificativa do nome "Pai" foi acrescentada a fim de fortalecer a fé na oração. A lembrança destes recursos agora tem o mesmo propósito. E novamente esta epístola fala da *riqueza* de Deus (veja comentário sobre 1:7), e a preposição tem aqui papel significativo. Paulo não apenas ora para que Deus dê "dos tesouros de sua glória", mas *segundo* tal riqueza (Fp 4:19). Ele dá sem limite porque Ele próprio é infinitamente maior do que "a medida da mente humana", e as riquezas que Ele dá são de Sua própria natureza (veja comentário sobre "glória" em **1:6**).

O primeiro dom pelo qual Paulo ora aqui é força. Tal como em 1:19, este poder de Deus não é expresso por uma simples e única palavra (também 6:10 e Cl 1:11). Que sejam *fortalecidos com poder,* é a oração do apóstolo. O verbo *krataiōthēnai* tem o sentido de fortalecimento ou capacitação. Uma pessoa pode ser fortalecida em amor, conhecimento ou alguma outra qualidade; a esta altura a oração é para que os leitores de Paulo possam ser equipados com o poder *(dinamis)* que os habilita a ficar firmes em Cristo, e a viver e trabalhar para Ele (1 Co 16:13; Fp 4:13). Esta oração, todavia, fala mais sobre os meios e a esfera de

operação deste poder. Ê a pressuposição constante, ou ênfase específica, do ensino do Novo Testamento, de que a força para a vida cristã vem através da habitação do Espirito Santo na pessoa do crente. Em 2 Coríntios 4:16 essa frase é usada para distinguir-se daquilo que é externo, pois Paulo diz "mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo o nosso homem interior se renova de dia em dia". Isto pode incluir, ou pelo menos afetar, tudo o que o Novo Testamento quer dizer por coração, mente, vontade e espírito. É o núcleo central da personalidade, onde o Espírito procura fazer sua habitação e a partir daí transformar toda a vida de um homem.

17,18. Uma outra maneira de expressar a obra que Deus tenciona operar no homem, e que portanto, pode ser um assunto de oração em favor de outros, é habitar *Cristo nos seus corações.* A habitação de Cristo no coração e o fortalecimento pelo Espírito vindo ao homem interior não são duas experiências distintas. Nem sempre Paulo é claro em distinguir a obra de Cristo da do Espírito no homem, como Romanos 8:9 bem ilustra (Jo 14:16-18). Caso estivesse fazendo uso de uma terminologia estritamente teológica, poderia falar simplesmente do Espírito num contexto assim. Mas a unidade do Cristo pregado a eles é de tal ordem, bem como dAquele que neles habita, que algumas vezes o apóstolo prefere falar da maneira como o faz neste versículo. O verbo que utiliza (*katoikein)* é também significativo porque está em contraste com o verbo que se refere à habitação temporária em um lugar *(paroikein,* do qual temos um substantivo empregado em 2:19). E então, novamente, a fé é descrita como o requisito da parte humana, a atitude que O recebe. Cristo espera apenas por esta disposição e desejo de que Ele venha a entrar com toda a plenitude de bênçãos que Sua presença oferece Ap 3:20).

Sua presença significa não apenas poder, mas também sabedoria, inspiração e acima de tudo, amor; e é para o amor que se volta agora a sua oração, e o amor continua sendo o seu tema até o fim. Gramaticalmente a segunda parte do versículo 17 está ligada ao versículo 18. É possível entenderem-se as palavras *em amor* com a primeira parte do versículo (NEB). Essas palavras estão diante de particípios, e é verdade que várias vezes nesta epístola as mesmas palavras dão à sentença um final enfático. (1:4; 4:2, 16). Ainda assim, a frase neste caso parece reforçar o período precedente, e também parece ser necessária com os particípios. De modo que é preferível compreender a oração como um pedido para que Cristo habite neles pela fé, e então, por meio de um firme fundamento de suas vidas em amor, possam seguir em direção a um entendimento de Deus cada vez mais profundo. Assim sendo, é preferível entender toda a oração participial, como pertencente ao período do versículo 18. Não há qualquer problema na mistura das metáforas destes dois particípios (Cl 2:7 e 1 Co 3:9 verifica-se uma com-

binação semelhante). Ambas são freqüentemente utilizadas pelo apóstolo. As raízes do caráter cristão devem se aprofundar bastante, e seu fundamento deve ser firmemente lançado, e o amor é o meio para se alcançar a ambos.

Paulo estava cônscio do perigo, especialmente intelectual (1 Co 1:22; Cl 2:18, 23; 1 Tm 1: 4; 6:4). Não argumenta tanto contra uma abordagem à fé em Cristo que seja estéril por ser meramente intelectual, mas mostra reiteradamente e com clareza, que sua linha característica de abordagem é totalmente outra. Ele se apercebeu de que o "verdadeiro conhecimento", o conhecimento de Deus, "é inatingível sem amor" (Scott). Se não "há amor, o Espírito de Cristo não está presente e por isso não pode haver entendimento. João 7:17 e 15:9 expressam este mesmo fato ao mostrar que a compreensão ocorre só onde há obediência, a qual é fruto do amor. A impossibilidade de se manter a fé em Cristo sem o amor é um dos grandes temas de 1 João. De fato, estes versículos dão duas razões por que a compreensão deriva da necessidade do amor.

Em primeiro lugar, a verdade nâo é apreendida por um indivíduo isoladamente, mas com *todos os santos,* e, em segundo lugar, o conteúdo do conhecimento e sabedoria de Deus é amor. Em **4:7** veremos que os membros individuais do Corpo de Cristo só podem crescer em compreensão e em poder à medida que cada um possui e usa em benefício de todos os vários dons do Espírito, dons que os habilitam a trabalhar como apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres, "para a edificação do corpo". Também é verdade que os homens são limitados no próprio entendimento do propósito de Deus até que o vejam em operação, e percebam que eles mesmos são parte dela, na "comunhão dos santos". A palavra traduzida por *poderdes (exischusete)* e também o verbo *compreender (katalabesthai),* significando um zeloso esforço de aprender, dão mostras da dificuldade da tarefa enfrentada, simplesmente porque não é mera proeza intelectual, mas uma questão de experiência prática, uma convivência em amor, o que nâo é algo fácil. Nâo pretendemos dar explicações detalhadas para os significados de *a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade,* mas sentir com o coração, mente e intuição as "inúmeras dimensões" ao amor, e trabalhar para tecer aquele amor em toda a contextura da vida.

19. Contudo, o alvo definido para os cristãos, e a favor do que o apóstolo ora, é vir a *conhecer o amor de Cristo,* conhecer como Ele amou e ama, e experimentar Seu amor em amá-lO e amar outros por amor s Ele. Mesmo aqui Paulo nâo pode escapar do paradoxo. No grego entre o verbo e seu objeto há este qualificativo que aparentemente contradiz o verbo — o amor *que excede todo entendimento* (Fp 4:7). O amor de Cristo é infinitamente maior do que o homem é capaz de compreender ou imaginar de modo cabal, e é também muito mais do que qualquer objeto

de conhecimento; é superior ao conhecimento (1 Co 8:1), mesmo ao conhecimento espiritual (1 Co 13:2). Esse amor é expresso na experiência, em tristezas e alegrias, em sofrimentos e tribulações, em caminhos por demais profundos para a mente humana alcançar, ou para a linguagem humana exprimir.

O clímax da oração do apóstolo por seus irmãos em Cristo é que eles possam ser *tomados de toda a plenitude de Deus.* Sua oração não é para que eles recebam algum atributo de Deus, ou algum dom de Sua parte, ou amor, ou conhecimento, ou poder, cada um de per si ou todos eles ao mesmo tempo, mas para que recebam o máximo pelo que se pode orar-a habitação plena de Deus. Aqueles que falam da impossibilidade disto estão em perigo de perder o alvo. Não há dúvida que o Deus eterno nunca poderá ser limitado à capacidade de qualquer uma ou de todas as Suas criaturas pecaminosas. Mas o apóstolo ora com insistência, pedindo que o povo de Deus seja cheio até *(eis)o* máximo dEle mesmo, que é o que Ele procura trazer às suas vidas (veja comentário sobre 1:23). Para sua própria vida, e para a daqueles a quem ministra, Paulo deseja nada menos que a habitação plena do Espírito (5:18). De Sua plenitude, e não apenas de uma parte de Sua natureza, todos podem receber (Jo 1:16), e o alvo para o indivíduo e para o Corpo atingir não deve ser menor do que "a medida da estatura da plenitude de Cristo" (4:13).

20. Robinson, com muita felicidade, disse que "Nenhuma oração já idealizada enunciou pedido tão ousado". E embora "envergonhado pela grandeza de sua petição, triunfantemente invoca um poder apto a fazer bem mais do que o que ele pede, e mesmo bem mais do que sua elevada imaginação concebe". Freqüentemente acontece com Paulo que a intercessão surge do louvor, e aqui ela também leva ao louvor devido ao pensamento da grandeza do Senhor e da magnitude dos dons que ele sabe ser capaz de Lhe pedir com fé. Ele *é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos*, *ou pensamos.* Outras doxologias do Novo Testamento falam desta forma de Seu infinito poder (Rm 16:25 e Jd 24), para o qual não há limite; apenas as palavras e pensamentos dos homens a respeito são limitados. Paulo repetirá que este poder, além do mais, é o poder *conforme* o qual (veja comentário sobre versículo 16) Deus age, e isso não como uma força externa, mas como aquilo *que opera em nós.* Está presente nas vidas dos homens em que Cristo habita (v. 17), e quando o Espírito Santo opera no homem interior (v. 16), dando-lhe energia (*energoumai* — veja comentário sobre 1:19).

21. Tal como na maioria das doxologias, Paulo diz que a glória é devida a Deus através de toda eternidade — "para todas as gerações, para sempre e sempre". Se formos analisar tal expressão verificaremos que implica que Seu louvor deve continuar em todas as gerações até a

consumação do tempo na eternidade. O aspecto distintivo desta doxologia reside nas duas maneiras pelas quais se diz ser aquela glória manifesta e o louvor declarado. Primeiro, é na igreja. A Igreja é a esfera da operação do propósito de Deus sobre a terra, e mesmo nos céus ela terá a tarefa de proclamar a multiforme sabedoria de Deus (3:10). Nunca terá glória cm si mesma (SI 115; 1); seu alvo é louvá-lO e glorificá-lO (1:6, 12,14). E, segundo, *é em Cristo Jesus* mesmo, porque é propósito de Deus "em Cristo" — Cristo o Princípio, Cristo o Salvador, Cristo a Origem da unidade — o que tem sido o tema do apóstolo nestes capítulos. Este é o objetivo da visão de Paulo que inspira todo seu trabalho. "Deus é tudo em todos. Neste tão profundo horizonte de pensamento, Cristo e os Seus são vistos juntos rendendo incessante glória a Deus" (Findlay). Formam um par dentro do propósito infinitamente maravilhoso de Deus — talvez já haja uma idéia da ilustração no capítulo 5 e em Apocalipse 21 — Noiva e Noivo, redimida e Redentor. A glória de Deus é mais gloriosamente vista na graça de unir Suas criaturas pecadoras a Seu Filho eterno e sem pecado.

III. UNIDADE NO CORPO DE CRISTO (4:1-16)

a. Mantendo a unidade (4:1-6)

1. Como acontece freqüentemente nas epístolas paulinas a doxologia marca o fim de uma seção. A doxologia no final do capítulo 3 marca o fim da parte da epístola que é predominantemente doutrinária. Os capítulos 4-6 devem mostrar com detalhes práticos como a glória deve ser agora rendida a Deus na Igreja (3:21). O apóstolo começa aqui, do mesmo modo que no capítulo 3, referindo-se a si mesmo como *prisioneiro* (veja comentário sobre 3:1), mas desta vez prisioneiro *no Senhor.* As cadeias de sua prisão limitavam seu movimento físico, mas sua vida era acima de tudo verdadeiramente controlada porque o era *no Senhor.* O fato de sua vida em Cristo e por Ele o haver levado ao aprisionamento não significava que estivesse rogando simpatia por parte de seus leitores; acrescentava, isto sim, intensidade ao seu apelo, pois agora desejava falar-lhe com relação a toda sua maneira de viver. Já lhes havia mostrado o grande propósito de Deus em Cristo para Sua Igreja. Já havia orado para que viessem a conhecer a maravilha de Seu plano, Seu amor, Seu poder, e cada bênção espiritual que Ele oferece. Mas agora, nestes capítulos que restam, vai escrever acerca da qualidade e tipo de vida que se quer individualmente deles e na comunhão da Igreja de Cristo.

Não é um mero *ensino* da Ética Cristã que o apóstolo procura dar. Ele, cuja maior preocupação em vida era apresentar "todo homem perfeito em Cristo" (Cl 1:28 At 20:27, 31), faz um apelo veemente. A

palavra *parakalõ* pode ter o sentido de "exortar", mas neste contexto possui o significado mais forte de "rogar" (2 Co 5:20). A ligação disto com o que precede é dada pela palavra *pois* tal como em Romanos 12:1, indicando que a conduta cristã tem sua origem na doutrina cristã, que o dever cristão deriva diretamente do débito indizível de gratidão que ele tem por tudo aquilo que recebeu em Cristo. Em termos mais gerais, aquele dever é de que eles deveriam andar *de modo digno* de sua *vocação.* Defrontamo-nos novamente com três grandes palavras paulinas (1 Ts 2:12). Passo a passo eles devem andar (veja comentário sobre 2:2) numa direção que corresponda à sua chamada (1:18). Aquela chamada para conhecer a graça de Deus em Cristo, para ser filhos de Deus, e para servi-LO como "servos dedicados" e mensageiros do Seu evangelho, deveria transformar cada parte da vida. Isto porque envolve a obrigação de viver de modo a estar em conformidade com o nome dAquele a quem pertencem e a quem servem (Fp 1:29), agradando-O em todas as coisas (Cl 1:10). "Aqueles que foram escolhidos por Deus para assentar-se com' Cristo nos lugares celestiais devem se lembrar que a honra de Cristo está envolvida em seu viver diário". É assim que Bruce comenta, acrescentando que esta primeira instrução de grande alcance é "um princípio que deve servir de guia em todas as situações".

2. Quatro aspectos dessa vida são agora mencionados, e são bem mais do que qualidades pessoais. Pois a vida digna da chamada de Deus é a que está em comunhão com o povo de Deus, e, para ela ser mantida assim, estas quatro virtudes são vitais. A primeira, enfatizada pelo característico *toda* (1:8; 4:19, 31; 5:3, 9; 6:18), é *humildade.* Muito significativo é o fato de que o substantivo *tapeinophrosinê* não parece ter sido utilizado em tempos anteriores ao Novo Testamento, e que o adjetivo correspondente *tapeinos* tivesse, quase sempre, um significado negativo, sendo associado a palavras que traziam o sentido de baixo, vil, ignóbil. Lições de humildade foram ensinadas no Antigo Testamento, e uma passagem como a de Isaías 56:2 na LXX é uma exceção notável ao uso précristão generalizado de *tapeinos,* pois para os gregos a humildade não era uma virtude. Para eles, como de fato para a maioria dos povos não cristãos em qualquer geração, o conceito de "plenitude de vida... não incluía a humildade" (Robinson). Em Cristo a humildade se tornou uma virtude. Sua vida e morte foram serviço e sacrifício sem qualquer preocupação quanto à reputação (Fp 2:6). Devido ao fato de que o cristão é chamado a seguir Seus passos, a humildade possui uma parte insubstituível no caráter cristão (At 20:19), e também porque, tendo sido levado a constatar a grandeza, a glória e a santidade de Deus, não pode deixar de sentir-se esmagado pela compreensão de sua enorme fraqueza e pecado.

A segunda palavra, *mansidão (prautês),* era usada no grego clássico com o bom sentido de suavidade de trato ou docilidade de caráter . O ad-

jetivo (*praos*), era empregado em especial para designar um animal submetido completamente a disciplina e controle. A palavra *mansidão,* no Novo Testamento, é usada com referência à atitude de uma pessoa para com a palavra de Deus (Tg. 1:21), e, mais freqüentemente, com relação à sua atitude para com os outros (1 Co 4:21; 2 Tm 2:25; Tt 3:2). Está intimamente ligada ao espírito de submissão que será a idéia prevalecente nesta epístola, a partir de **5:21** quando, o apóstolo passa a falar dos relacionamentos humanos. O homem que é manso não reivindica sua própria importância ou autoridade (a palavra foi adequadamente usada em Nm 12:3 para descrever o caráter de Moisés), pois nele "cada instinto, cada um dos sentidos, cada inclinação da mente, do coração, da língua e da vontade, tudo enfim está sob controle perfeito" (Barclay) — o controle de Deus.

Em terceiro lugar aparece a palavra *longanimidade (makrothimia),* que é usada às vezes para indicar a firme paciência no sofrimento ou infortúnio (tal como em Tg 5:10), embora mais freqüentemente, como acontece aqui, indique o não apressar-se em vingar o mal ou em retaliar quando ferido por outrem. Usa-se esta mesma palavra para designar a paciência de Deus para com os homens (Rm 2:4; 9:22; 1 Tm 1:16; 1 Pe 3:20; 2 Pe 3:15), e a qualidade correspondente e conseqüente que o cristão deve manifestar para com os outros (1 Co 13:4; G1 5:22; Cl 3:12; 2 Tm 4:2).

Suportar, o quarto requisito, é também uma qualidade divina (Rm 2:4). É a manifestação prática da longanimidade. "Significa ser clemente com as fraquezas dos outros, não deixando de amar o próximo ou os amigos devido àquelas suas faltas ainda que, talvez, nos ofendam ou desagradem" (Abbott). Essa clemência, e na realidade todas estas qualidades, são possíveis apenas *em amor.* Porque o amor consiste na atitude básica de procurar o melhor que há para os outros e, assim, levará o homem a possuir todas estas qualidades e incluirá todas elas (veja os versículos 15, 16 e o comentário sobre **1:4).** Paulo orou para que seus leitores estivessem "arraigados e alicerçados em amor" **(3:17),** e agora exorta-os a fazerem cada um a sua parte e a prosseguirem no objetivo de alcançar todas estas virtudes *em amor.*

3. Tudo que agora segue no restante da carta pode ser considerado como uma expansão do apelo que ele acabou de fazer. E a sua primeira aplicação específica é quanto à unidade dos cristãos. Alguns interpretaram *a unidade do Espírito* mencionada aqui como a unidade espiritual da Igreja no sentido de que espíritos humanos são ligados onde quer que homens e mulheres se encontrem partilhando das coisas que possuem "em Cristo". Já notamos (no comentário sobre **1:17)** que, às vezes, é difícil dizer exatamente como deveríamos traduzir e interpretar esta palavra "espirito". Aqui, entretanto, é quase certo que o apóstolo tenha

tido em vista a unidade como dom de Deus. Isto só se tornou possível pela cruz de Cristo (2:14), e foi efetivado pela obra do *Espírito* de Deus. Essa unidade não è algo que possa ser criada pelo homem, e sim, que lhe é dada, juntamente com a responsabilidade de preservá-la e de resguardá-la em face das muitas tentativas de dentro e de fora da igreja de destruí-la. A expressão: *esforçando... diligentemente* não traduz toda a força do termo grego *spoudazontes,* pois sugere a legítima possibilidade de falha mas não ressalta que essa unidade requer o empenho ao máximo de todo zelo e cuidado (1 Ts 2:17; 2 Tm 2:15; 2 Pe 1:10,15; 3:14)

Mas como em sua inclinação para o que é prático o apóstolo juntou, no versículo anterior, as duas idéias de "suportar" e ter "longanimidade", semelhantemente aqui, ao conceito abstrato de "unidade" (uma palavra que, de fato, raramente usa) dele acrescenta o meio para se alcançar e manter tal unidade, isto é, guardando o *vínculo da paz.* Se, pelo amor (que a passagem paralela em Cl 3:14 chama de "o vínculo da perfeição") os homens podem viver na paz que Cristo lhes trouxe, então a unidade será realmente mantida.

4. O apóstolo está ciente da variedade incontável de diferentes temperamentos entre seus leitores e também da grande diversidade de origens raciais e sociais daqueles que ingressaram no seio da Igreja cristã; mas queria que eles estivessem mais cônscios ainda das realidades espirituais que agora os unem e que devem superar completamente as diferenças de origem que traziam. Em 1:13, 14 já havia falado das bênçãos espirituais que atualmente são compartilhadas por judeus e gentios, e em **2:11-22** das barreiras antes existentes entre eles: e que foram removidas em Cristo. Todos, diz ele, agora têm direitos iguais aos privilégios da graça (3:6). E como no resumo de um credo, talvez fazendo uso do trecho de um hino cristão primitivo (veja comentário sobre 5:19),' Paulo menciona aqui o que eles têm em comum: uma unidade na Igreja pelo Espírito, uma unidade em que Cristo é reconhecido e confessado como Senhor, em última instância, uma unidade, em Deus, o Pai, *a-* Origem de tudo.

Foram trazidos para serem *um corpo.* Estar "em Cristo" significa estar em Seu corpo (veja comentário sobre 1:1, sendo membros uns dos outros tão verdadeira e intimamente como o são os órgãos do corpo humano. A unidade é, realmente, uma unidade espiritual, e , portanto, transcende e ultrapassa qualquer instituição ou associação que possua suas bases nas coisas deste mundo. Ainda assim, devemos tomar cuidado para não pensar que a unidade seja algo simplesmente espiritual e invisível. Dizer "um corpo" é mais do que dizer que o povo é de "um espírito". Paulo não se satisfez com o sentido de afinidade espiritual. O apóstolo, que vivia tão preocupado com a unidade prática de judeus e gentios na Igreja, e também com o trabalho conjunto de todos os cristãos,

certamente teria rejeitado muitas das divisões aceitas por nós. Onde as diferenças em doutrinas essenciais e contradições nos ensinamentos éticos produzissem divisões, o apóstolo lutaria por saber e manter bem firme o ensino de Cristo em cada detalhe. Mas onde as diferenças fossem causadas apenas por coisas superficiais ou pelo individualismo egoísta dos membros, esforçar-se-ia e lutaria pela remoção das barreiras e pelo desenvolvimento de uma genuína comunhão. Os reformadores agiram correta e necessariamente ao apoiarem com firmeza a doutrina da "Igreja invisível", contrária ao ponto de vista de que, ser membro de uma organização visível signifique, *ipso facto,* ser membro de Cristo. O Novo Testamento mostra que há *um corpo* de Cristo aos olhos de Deus, e, ao mesmo tempo, que a lealdade a Ele leva os cristãos a lutarem para que "as relações da vida e do trabalho prático do cristão venham a corresponder àquele fato, na máxima medida possível" (Moule, *CB).* Existe *um Espírito,* e está absolutamente certa a tradução que torna explícito que aqui se trata do Espírito Santo e não apenas de "um espírito". Os versículos seguintes referem-se ao Pai e ao Filho, [1] e encontramos um paralelo bem parecido em 2:18, que fala de nosso "acesso ao Pai em um Espírito" (1 Co 12:13). Todos que são membros desse corpo único, o são, devido à virtude de o único Espírito de Deus habitar neles (Rm 8:9). Este fato obsta qualquer idéia de ser a Igreja mera organização, pois a presença do Espírito constitui a Igreja e é a base de sua unidade. Então, todos que têm o Espírito possuem uma só *esperança.* Têm várias origens, mas agora seu alvo é o mesmo. O Espírito é o penhor (1:14) e a garantia de que no fim todos permanecerão na presença do Senhor e serão restaurados totalmente à Sua semelhança e possuirão Sua herança. Aqueles que participam da glória daquela esperança (1:18, Rm 5:2; Cl 1:27) e se interessam em dar testemunho disto ao mundo consideram tolice deixar de lutar agora por manter uma unidade em amor e paz.

5. Existe também *um só Senhor,* que é Jesus Cristo. E como 1 Coríntios 12:3 nos mostra, esse era o credo cristão básico primitivo (1 Co 8:6; Fp 2:11). Entretanto, tal credo expressa mais do que uma crença compartilhada, pois fala de uma lealdade comum para com o único *Senhor* transcendente, e, onde não for um culto apenas externo, deverá unir os homens mais do que qualquer outra coisa. Onde existe "o mesmo... Senhor" (Rm 1. 12), judeus e gentios, negros e brancos, ricos e pobres, grandes e pequenos, estão unidos. Se Cristo é cultuado e honrado como

---

[1] Aqui nos versículos 4-6, e de modo semelhante em 1 Co 12:4-6 está implícita a doutrina da Trindade. Embora a palavra Trindade nunca apareça na Bíblia, a doutrina é inegável nestas passagens em que se faz referência conjunta ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo, e também às suas funções divinas (Mt 28:19; 2 Co 13:14).

Senhor, nem ambição pessoal, nem espírito partidário, nem disputas acerca de questões secundárias quebrarão essa unidade.

É possível que *uma só fé* signifique a mesma atitude de confiança que une todos ao Senhor, o mesmo caminho de acesso a Ele e os recursos para viver nEle. Ou então talvez signifique aqui, e conseqüentemente no versículo 13, as mesmas verdades vitais a respeito dEle e de Seu trabalho e propósito. Este modo de falar da "fé" torna-se de fato mais comum, posteriormente (1 Tm 3:9; 4:1, 6; Tt 1:4; Jd 3), mas parece que foi usado em grande parte com este mesmo sentido em Gálatas 1:23, e também em Filipenses 1:25 e Colossenses 2:7.

O sinal exterior desta fé (seja num ou noutro dos sentidos mencionados), — a "palavra visível" que expressa a obra de Cristo — é o *batismo.* Tendo sido instituído pelo Senhor, o batismo era uma experiência que cada cristão partilhava. Todos passavam pela mesma iniciação. Todos foram "batizados em Cristo" (G1 3:27), e não numa diversidade de líderes, como Paulo, Pedro e Apoio (1 Co 1:13), nem numa pluralidade de igrejas. Pois dizem 1 Coríntios 12:13, "Em um só Espírito todos nós fomos batizados em um corpo". O sacramento é, portanto, um sacramento de unidade. Freqüentemente se pergunta por que não existe aqui qualquer referência ao outro grande sacramento do evangelho, o qual expressa de maneira bem mais óbvia a unidade e o partilhar que devem existir entre todos os cristãos. Talvez a resposta seja de que seria necessário todo um argumento para demonstrar isto, em vez de apenas uma única palavra, um argumento como o de 1 Coríntios 10:16. Ou talvez, de acordo com a sugestão de Westcott, "o Apóstolo fale das condições iniciais da vida cristã", enquanto que a "Santa Comunhão pertence ao sustento e desenvolvimento da vida cristã".

6. Em última instância a unidade está em *um só Deus e Pai de todos* (1 Co 8:6; 12:5, 6). Todos são Suas criaturas, são como filhos Seus, feitos à Sua imagem desde o princípio, e são como Seus filhos trazidos de volta por meio de Cristo (veja comentário sobre 1:5). Portanto, todos os cristãos pertencem a uma e à mesma família, e partilha da convicção de que Deus é seu Pai, e que por isso, é *sobre todos, por meio de todos... em todos.* (Rm 11:36). Seja num mundo, como o de Paulo, em que cada cidade, nação ou aspecto da vida, tinha suas deidades, ou seja num mundo que, na prática, renunciou a Deus, essa convicção a Seu respeito deve unir os homens, mais intimamente do que qualquer outro laço humano. Os critãos crêem que "vivem num mundo criado por Deus, controlado por Deus, sustentado por Deus, e preenchido por Deus" (Barclay), e, ainda mais, que Deus habita neles e está operando Seu propósito por meio deles. Onde, uma tão profunda e ampla unidade pode ser encontrada, senão na comunhão daqueles que partilham de tal fé e experiência? A conclusão inevitável é de que as divisões além de serem uma tolice incon-

sistente, enfraquecem o testemunho que a Igreja deve dar ao mundo, da fé tão gloriosa que possui.

7. Todos os cristãos partilham da grande herança da fé e são os responsáveis pela guarda da unidade do Espírito porque têm essa herança. Mas não devem esperar que suas personalidades, dons e tarefas sejam todos iguais. Deus não estabeleceu uniformidade, mas uma variedade infinda de dons para os membros do corpo, porque, em Sua sabedoria, quer que cada um dependa dos outros. Ou como diz Calvino, "nenhum membro do Corpo de Cristo recebe uma tal perfeição que o torne apto a suprir suas próprias necessidades, sem a assistência dos outros". Foram dados *a cada um de nós* dons diferentes para serem usados em benefício de todos. Paulo usa aqui a palavra *graça* com o mesmo sentido que em 3:2,7,**8**: o privilégio de uma chamada especial para o serviço de Deus. A palavra dá idéia de não haver nenhum lugar para vanglória; ninguém possui outra coisa que não seja aquilo que recebeu imerecidamente (1 Co 4:7). Ninguém tem todos os dons, e também é verdade não existir nenhum membro do corpo que não tenha alguma tarefa espiritual a cumprir e o respectivo dom espiritual necessário para executá-la. Cada um — não somente os ministros ou os líderes leigos — recebe essa graça *segundo a proporção do dom de Cristo.* Estas palavras sugerem que o Senhor,, em Sua sabedoria, reparte diferentes tipos de dons a diferentes membros. Em Romanos 12:3-8, Paulo apresenta estas duas palavras: *proporção e graça,* com o mesmo sentido que têm aqui, e em 1 Coríntios 12:4 expressa este mesmo pensamento ao afirmar que "os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo".

8. A esta altura, Paulo passa a um novo pensamento. "A proporção do dom de Cristo" eis a oferta abundante que o Senhor que subiu aos céus prometeu ainda nos dias da Sua carne, para quando retornasse à presença do Pai (Jo 14:12-14). Para expressar isto o apóstolo cita as Escrituras, Salmo 68:18, passagem significativamente associada ao Pentecostes no lecionário da sinagoga (Bruce), e que poderia ser aplicada ao triunfo e ascensão do Senhor, seguidos pela concessão de dons espirituais à Sua Igreja. A ordem original das palavras do salmo retrata a volta triunfal do Senhor (seja ao santuário em Jerusalém, seja o próprio céu) após a derrota dos inimigos de Israel. Tornou cativos Seus inimigos, os quais seguem-nO em Sua procissão triunfal. Por ser o Conquistador recebeu dons (presentes) que pode ofertar. Este salmo, como muitos outros, encontrou pronta aplicação em Cristo. Conquistou Seus inimigos e retornou triunfalmente ao trono de Seu Pai, desta vez para conceder bênçãos a Seu povo. De fato, Seus antigos inimigos, que conduz em triunfo (2 Co 2:14) entre os quais o próprio Paulo se inclui, são Seus dons à Igreja.

Entretanto, devemos notar uma importante mudança nas palavras empregadas. O salmo em hebraico possui palavras que devem ser traduzidas "Recebestes dons entre os homens". Paulo diz que Ele *concedeu dons aos homens.* Já se fizeram várias tentativas de reconciliar as duas frases diferentes, mas os resultados foram mal sucedidos. Calvino e muitos outros não tentaram reconciliar, mas acharam que Paulo mudou as palavras. O apóstolo começou citando as palavras do salmo que verdadeiramente se aplicam ao triunfo e à exaltação de Jesus, e então alterou algumas palavras para expressar a doação, em vez do recebimento de dons, de acordo com a verdade expressa em Atos 2:33. A mudança pode ter acontecido antes de Paulo. Realmente, isto é bastante provável porque a referência à oferta de dons parece ser a principal causa para a citação. Talvez o apóstolo já dispusesse das palavras que citou nesta forma através de intérpretes judeus anterior ao apóstolo, [1] ou através de algum hino cristão primitivo. De qualquer forma, o salmo ajudou o apóstolo a dizer que a ascensão de Cristo tornou possível o derramamento do Espírito (Jo 7:39) e, em conseqüência, o destes vários dons, sobre os quais ainda falará detalhadamente.

9,10. Nestes versículos encontramos uma dificuldade ainda maior a resolver. Quando lemos que Ele *subiu* o sentido está claro. Foi exaltado em glória depois de Sua ressurreição, o que já foi enfatizado em 1:20 e 2:6. E quando Paulo diz *acima de todos os céus,* faz uso de uma linguagem que concorda com a definição judaica de sete céus, embora não esteja necessariamente se limitando a um conceito espacial (veja comentário sobre 1:20). Ele quer dizer que Cristo foi exaltado à mais alta honra e glória possíveis (Fp 2:9-11); Ele retornou ao Pai, de Quem viera ao mundo. Mas qual é o sentido de sua descida? Na tradução AV é usada a palavra *primeiro* no verso 9 que não é encontrada na maioria dos MSS mais antigos, e parece que, seguindo a tendência das versões em inglês mais recentes, deve ser omitida essa palavra, tendo-a como uma interpretação posterior adicionada no texto. [7] Que quis dizer o apóstolo com *descido até as regiões inferiores da terra?* Alguns colocam esta passagem como paralela a 1 Pedro 3:19 e 4:6, pois parecem referir-se à descida de Cristo após Sua crucificação para pregar o evangelho àqueles que

---

1 O Targum sobre os salmos, que pode envolver uma interpretação existente no período pré-cristão, diz "Ascendeste ao firmamento, ó profeta Moisés, tomaste cativo o cativeiro, ensinaste as palavras da lei, deste-as como dons aos filhos dos homens". A tradução Peshita Siríaca de Salmos possui o verbo "dar" em lugar de "receber", mas isto pode ter sido feito' baseado no próprio Paulo (Robinson).

7 Na antiga tradução de Almeida, em português, aparece no texto em foco (Ef 4:9) a palavra *antes* (equivalente à palavra *primeiro* da antiga versão AV, em inglês) porém, nas últimas edições RA, segue-se a orientação mencionada para as últimas versões inglesas, omitindo-se o advérbio (N. do T.).

morreram antes de Sua vinda. O sentido exato das passagens de 1 Pedro é incerto, mas seja qual for o significado correto, não parece haver razão para supor haja aqui referência à Sua pregação aos mortos. Talvez tenha o sentido de ser esta terra tão vil, comparada a Seu lar celestial (Is 44:23), ou pode denotar o fato de ter sofrido a maior humilhação quando suportou a própria morte (Fp 2:8), e assim desceu àquilo que as Escrituras chamam "regiões inferiores da terra" (SI 69:15; Rm 10:7).

Parece que o apóstolo quer, aqui, enfatizar dois pontos. Primeiro, a vontade e o propósito de Cristo é permear tudo com Sua presença (1:10). Ele desceu e subiu *para encher todas as coisas.* Ele é supremo sobre todos os poderes, tanto nos céus como na terra (Cl 1:16). Tudo o que existe está sujeito a Ele, e não há nenhum lugar ou ordem de existência onde Sua presença não se possa conhecer ou sentir. Tanto a descida quanto a ascensão têm este propósito. Em especial, conforme Barclay afirma, "a ascensão de Jesus não significava um mundo de onde Cristo desertou, e sim um mundo preenchido dEle" devido à doação de seu Espírito (Jo 17:7). Segundo, devemos entender que o Senhor que subiu aos céus, o qual presentemente a Igreja adora, é o mesmo que veio e viveu entre os homens, partilhando suas tristezas, tribulações e tentações, sendo, portanto, apto para sentir hoje tudo isso, juntamente com o Seu povo.

11. Paulo passa a falar agora dos dons específicos que Ele deu aos homens. A luz dos versículos 7, **8** não devemos entender *concedeu como* um mero equivalente para "designou". Todos, em seus ministérios particulares, são dom de Deus à Igreja. "Devemos a Cristo o fato de termos ministros do evangelho", diz Calvino. A Igreja pode indicar homens para diferentes trabalhos e funções, mas, a menos que tenham os dons do Espírito e sejam, portanto, eles mesmos os dons de Cristo à Sua Igreja, sua indicação será sem valor. A expressão também "serve para lembrar aos ministros que os dons do Espírito não são para enriquecimento pessoal, e sim para enriquecimento da Igreja" (Allan).

Se esta epístola tivesse sido escrita numa data posterior, conforme o pensamento de alguns, seria quase impossível não existir referência ao ministério local dos bispos, presbíteros e diáconos, os quais se tornaram da maior importância para a Igreja. Assim, o apóstolo não está pensando nos ministros de Cristo em seus *ofícios,* mas sim em seus dons espirituais específicos e suas tarefas, e havia muitos que não estavam limitados a uma determinada localidade no exercício de suas funções para a edificação da Igreja. Este fato explica a seleção que encontramos aqui e na lista semelhante em 1 Coríntios 12:28.

Em primeiro lugar estavam os *apóstolos.* A palavra *apóstolos* é usada no Novo Testamento com três sentidos diferentes. Podia significar simplesmente um mensageiro, como é aparentemente o caso em Filipenses 2:25 sentido esse que podemos deixar de lado aqui. Era usada acima

de tudo para os doze, que por todo o Novo Testamento ocuparam uma posição especial e preeminente (1 Co 15:5; Ap 21:14). Mas lemos a respeito de outros como apóstolos, não apenas o próprio Paulo e Barnabé (At 14:14), mas também Tiago, o irmão do Senhor (G1 1:19), Silas (1 Ts 2:7), e Júnias e Andrônico que são mencionados apenas em Romanos 16:7. De fato, parece terem existido alguns que podem ser verdadeiramente chamados de apóstolos (1 Co 15:7), mas que não conhecemos nem de nome. De acordo com as palavras de Paulo em 1 Coríntios 9:1 parece que uma das qualidades para o apostolado era a de ter visto o Senhor Jesus ressurreto, e de ter sido enviado por Ele, e, dessa forma, ter assumido pessoalmente o compromisso como membro considerado fundador (Ef 2:20), consagrado ao trabalho de edificação da Igreja. [1] Se a qualificação para ser apóstolo era a de ter visto o Senhor ressurreto e de ter sido enviado por Ele, a prova de ser apóstolo eram seus labores no poder de Cristo, inclusive "por sinais, prodígios e poderes miraculosos" (2 Co 12:12).

Os *profetas* (veja comentário sobre 2:20 e 3:5) estavam intimamente associados a eles na obra da edificação da Igreja a partir de seus fundamentos e eram, portanto, essenciais como dons de Cristo à Igreja. É difícil, para nós, ver de uma forma isolada o ministério dos *profetas,* mas eles se destacam claramente no Novo Testamento como homens de fala inspirada, cujo ministério da palavra foi da máxima importância para a jovem Igreja. As vezes podiam prever o futuro, como em Atos 11:28 e 21:9, 11, mas tal como os profetas do Antigo Testamento, sua grande obra era proclamar a palavra de Deus. Isto podia acontecer quando mostravam os pecados dos homens com poder convencedor (1 Co 14:24), ou quando fortaleciam a Igreja pela palavra de exortação. Esta segunda idéia está claramente ilustrada em Atos 15:32, onde se diz que "Judas e Silas, que eram também profetas, consolaram os irmãos com muitos conselhos e os fortaleceram".

A partir da própria definição de apóstolo é evidente que seu ministério devia cessar com a morte da primeira geração da Igreja. O ministério, ou pelo menos o nome, de profeta também logo morreu na Igreja. Sua obra, que era receber e declarar a palavra de Deus sob inspiração direta do Espírito, era mais vital antes da existência de um cânon das Escrituras do Novo Testamento. Em escritos do segundo século lemos acerca de profetas, mas em importância decrescente. Os escritos apostólicos começavam a ser lidos largamente e aceitos como autorizados, e estes foram paulatinamente substituindo a autoridade dos profetas. Ao mesmo tempo, o ministério local assumiu cada vez mais importância,

---

[1] A frase "apóstolos das igrejas" (2 Co 8:23) pode ser entendida em sentido não técnico, como "mensageiros", que é como traduzem na AV, RV e RSV.

maior que a dos ministros itinerantes, e a isto, ascrecentou-se o problema de que surgiram muitos falsos mestres e "profetas" por conta própria que iam de lugar em lugar, como vendedores ambulantes, cada um a oferecer sua mercadoria.

A seguir, vêm os *evangelistas.* Apenas duas outras referências no Novo Testamento aos evangelistas podem nos guiar às suas funções e trabalho. Em Atos 21:8 Filipe, cujas quatro filhas eram profetisas, é chamado de evangelista, e em 2 Tm 4:5 Paulo chama Timóteo para fazer "o trabalho de um evangelista". Podemos presumir que o trabalho deles era uma obra itinerante de pregação orientada pelos apóstolos, e parece ser justo chamá-los de "a milícia missionária da Igreja" (Barclay).

Juntos então, aparecem os *pastores e mestres* (palavras ligadas pelo mesmo artigo em grego). É possível que esta frase descreva os ministros da igreja local, enquanto as três primeiras categorias são consideradas como pertencentes à Igreja universal. Mais provavelmente, o pensamento dominante é ainda de funções e dons espirituais. Apóstolos e evangelistas têm a tarefa específica de plantar a Igreja em cada lugar, profetas a de trazer uma palavra específica de Deus para uma dada situação. Os pastores e mestres são dotados para assumirem a responsabilidade pela edificação da Igreja dia a dia. Não há uma nítida linha divisória entre os dois. Os deveres do pastor são: prover o rebanho de alimento espiritual e procurar protegê-lo de perigos espirituais. Nosso Senhor utilizou esta palavra em João 10:11,14 para descrever Sua própria obra, sendo sempre Ele mesmo, o sumo Pastor (Hb 13:20; 1 Pe 2:25; 5:4), sob Quem os homens são chamados a pastorear "o rebanho de Deus" (1 Pe 5:2; Jo 21:15; At 20:28). Cada pastor deve ser "apto para ensinar" (1 Tm 3,2; Tt 1:9), embora seja evidente que alguns possuem preeminentemente o dom de ensino, e pode-se dizer que formam uma divisão particular do ministério dentro da Igreja e que são um dom especial de Cristo a Seu povo (At 13:1; Rm 12:7, 1 Co 12:28).

12. Agora são usadas neste versículo três frases para descrever o propósito dos dons espirituais que acabam de ser mencionados. A diferença de preposições em grego indica que elas não podem estar separadas, pois a segunda frase é dependente da primeira, e a terceira é dependente das duas que a precedem.[1] Em primeiro lugar portanto, o ministério da Igreja lhe é entregue *com vistas ao aperfeiçoamento dos santos.* A palavra usada (*katartismos*) não se encontra em qualquer outro lugar do Novo Testamento, embora o verbo correspondente seja usado no sentido de consertar alguma coisa (Mt 4:21); de Deus ter formado no

[1] Nas várias traduções essas três frases são ligadas de diferentes modos. Na AV elas aparecem inteiramente separadas.

princípio o universo de acordo com o modelo e ordem pretendidos (Hb 11:3); e de restaurar a saúde espiritual de alguém que sofreu queda (G1 6:1). Todavia, a palavra pode ter o sentido de "aperfeiçoar" o que está deficiente, na fé dos cristãos (1 Ts 3:10; Hb 13:21; 1 Pe 5:10) e podemos dizer com Robinson que a palavra dá a idéia de "levar os santos a tornarem-se aptos para o desempenho de suas funções no Corpo, sem deixar implícita uma restauração de um estado desordenado". Alcançar tal condição não é um fim em si mesmo, mas tem um propósito que é de habilitá-los *para o desempenho do seu serviço.* Tão claramente quanto no versículo 7, isto deixa implícito que cada cristão tem um serviço a desempenhar, uma tarefa e função espirituais no corpo. A palavra empregada aqui *(diakonia;* ou o verbo correspondente) diz respeito ao serviço feito pelos servos da casa (Lc 10:40; 17:8; 22:26s; At 6:2), refere-se, portanto, não só ao trabalho específico daqueles que vieram a ser conhecidos como "diáconos", mas é usada também num sentido mais geral da palavra que se refere a todo "serviço" da igreja (3:7).

O que é feito para os santos, e pelos santos, é *para a edificação do corpo de Cristo.* A palavra *oikodomê* foi utilizada em 2:21, mas tem aqui um sentido mais amplo. A Igreja vai sendo construída e aumentada e seus membros são edificados, à medida que cada membro usa seus dons individuais segundo o que o Senhor da Igreja ordena, e, desta forma, cada crente desempenha um serviço espiritual para com seus companheiros no Corpo e para com a Cabeça. Não há necessariamente confusão de metáforas quanto ao sentido dado a *oikodomê* com o *corpo,* mas o apóstolo acha que a metáfora do corpo é mais adequada do que qualquer outra por causa do que deseja falar logó adiante a respeito do crescimento e unidade da Igreja.

13. Todas as três frases no versículo 12 descrevem o processo que ocorre na vida da Igreja. Mas o apóstolo jamais poderia pensar em um processo sem fixar os olhos no alvo. O verbo empregado no princípio do versículo *(katantaõ)* é usado nove vezes em Atos com referência aos viajantes que chegam a seu destino.[1] (At 26:7 e Fp 3:11 para uso semelhante ao daqui). E o ponto de chegada da jornada da Igreja é descrito de três modos. O primeiro é a *unidade da fé.* Quando a fé (veja comentário sobre o versículo 5) é corretamente participada, pessoas com diferentes origens de erro e ignorância chegam a uma compreensão crescente da única "esperança", a uma dependência também crescente do único "Senhor", e, assim sendo, a uma apreciação progressiva do único "corpo". O alvo, portanto, deve ser a unidade na fé.

Segundo, embora já se tenha dito o suficiente para tornar isto evidente, enfatiza-se que fé não é apenas aceitar-se uma coleção de dog-

[1] A NEB traduz "então nós todos, finalmente..." (At 26:7 e Fp 3:11 têm o mesmo sentido).

mas, e obter-se assim a unidade. É algo mais profundo e mais pessoal. É a unidade no *pleno conhecimento do Filho de Deus* (veja comentário sobre 1:17). Jamais conheceremos uma pessoa apenas com a mente; e o conhecimento de uma tal Pessoa deve envolver a mais profunda comunhão. Pois esta Pessoa é o *Filho de Deus,* e esta é uma das raras vezes, em todas as epístolas paulinas, que este título aparece (Rm 1:4; G1 2:20; 1 Ts *1:10).* Quando Paulo fala da relação do Senhor com Sua Igreja e com o propósito do Pai, em geral usa o título "Cristo", mas "quando O descreve como o objeto daquela fé e conhecimento em que nossa unidade será finalmente compreendida" (Robinson), fala dEle em Sua posição única como o Filho de Deus.

Mas esse conhecimento, que é comunhão com o Filho de Deus, envolve a experiência plena de vida "em Cristo", e, portanto, de desenvolvimento até a *perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo.* Todas as diferentes expressões aqui falam de maturidade. A palavra traduzida por *perfeita (teleios)* possui a conotação de desenvolvimento pleno em 1 Coríntios 2:6; 14:20 e Hebreus 5:14. *Varonilidade* significa aqui o estado de ser adulto, como em 1 Coríntios 13:11, onde a palavra também é contrastada com *nêpios,* que é usada no próximo versículo aqui para designar crianças. O singular, além do mais, expressa novamente o pensamento de que maturidade envolve unidade; os "muitos" devem se tornar um "novo homem" (2:15). Então a palavra usada para *estatura,* que pode ter o sentido de idade (Jo 9:21, 23) ou de estatura física (Lc 19:3), fala figuradamente de maturidade, cujo padrão é nada menos que a *plenitude de Cristo.* Tal como em 1:23, alguns interpretam esta expressão como "a medida do Cristo perfeito", perfeição esta que Ele atinge ao preencher-se de Sua Igreja. Outros entendem a expressão como aquilo que Cristo preenche. Parece-nos que a melhor interpretação é a mesma que de 1:23, isto é, como posse completa dos dons e graça de Cristo, os quais Ele procura dar aos homens. Ele mesmo possui a própria plenitude de Deus (Cl 1:19; 2:9); Ele quer que o cristão seja preenchido de tudo o que Ele possa comunicar. É irrelevante que este alvo possa ou não ser alcançado nesta vida. O importante é que o cristão deve marchar firme para a frente levado por esta alta ambição.

14. *Não mais* deve haver imaturidade, que é própria de *meninos* (*nêpioi*), e que é caracterizada pela instabilidade face às pressões das diferentes doutrinas e padrões de vida. A expressão *agitados de um lado para outro* corresponde à forma verbal do substantivo *kludõn*, que é usado em Lucas 8:24 com referência à "fúria das águas" do mar da Galiléia, e em Tiago 1:6 sobre a "onda do mar"; RV neste último caso é o vento que agita as ondas, mas aqui em Efésios a ilustração diz respeito a um barco sacudido pela tempestade e levado *ao redor.* O verbo grego *periphero* que se encontra traduzido mais vivamente na NEB amiúde

dá a idéia de uma agitação tão violenta que pode tontear uma pessoa. Os cristãos já percebiam a necessidade de se manterem firmes contra os vários tipos de *vento de doutrina* que a epístola correlata — Aos Colossenses — bem mostra. Suas atividades são primeiramente descritas pela palavra *kubia,* que literalmente significa "jogar dados", dando então a idéia de trapaça, fraude ou *artimanha-,* e, segundo, por *astúcia* (*panourgia),* palavra que foi usada como relação aos inquisidores de nosso Senhor em Lucas 20:23 e em 2 Coríntios 11:3 acerca da astúcia da serpente. Quando os homens se desviam do caminho da verdade (a palavra grega *planê,* "erro", significa literalmente "desvio"), não hesitam em usar planos enganosos e meios astutos para levar outros a segui-los. O indivíduo instável e sem leme é facilmente desviado de seu rumo, pois não existem apenas aqueles que são enganados e se desviam sem o perceber, mas há também aqueles que aguardam a ocasião, e induzem outros ao erro (2 Tm 3:13).

15. Os pregadores da verdade, por sua parte, não podem nem devem usar esses métodos (2 Co 4:2); devem agir com toda simplicidade e retidão, mas ao mesmo tempo estarem prevenidos quanto aos métodos que seus inimigos podem usar. São embaixadores da verdade e devem ser encontrados *seguindo a verdade*[1] Além do mais, devem fazê-lo *em amor.* Aquilo que os cristãos defendem e a maneira como o fazem, deve estar em contraste total com os homens mencionados no versículo 14. Estes homens enganam os outros em benefício próprio, ao passo que o cristão deve levar adiante a verdade a fim de trazer benefício espiritual a outros, e deve ser feito de uma forma tão cativante como só o amor será capaz de fazê-lo. Então, por meio de uma metáfora completamente diferente daquela que usou para descrever o indivíduo imaturo como "agitado ao redor", semelhante a um pequeno barco num temporal, diz que eles crescerão em maturidade espiritual e em estabilidade. Esse crescimento é *em* Cristo, e o desenvolvimento da vida de modo a ser encontrado mais e mais nEle; *tudo,* portanto cada parte da vida, encontra seu centro, objeto e alvo em relação a Ele e em união com Ele. A preposição poderia também ser traduzida "em direção de" ou "até", de forma que o crescimento objetivando Sua perfeita humanidade seja o padrão, como ficou expresso no versículo 13.

Não se pense que aqui o apóstolo toma a significação de "crescimento" e de "Cabeça" de forma a confundir ambas as idéias. Devemos con-

---

[1] A RV - Registra: "falando a verdade e seguindo a verdade".

"A palavra grega original *alétheuo* tem os dois significados." (Nota marginal da RV).

siderar primeiro, a idéia de crescimento, e então separadamente, a idéia de *Cristo* como *o cabeça.* Isto já foi expresso em 1:22 e o será novamente em 5:23. Tanto o crescimento, como a própria atividade de cada um dos membros, estão sob Sua direção. Os membros só podem ser saudáveis e fortes quando cada um é obediente ao Seu controle. O próximo versículo desenvolve este ponto.

16. É somente *de* Cristo, como Cabeça, que o corpo recebe toda sua capacidade para crescer e para desenvolver sua atividade, recebendo assim uma direção única para funcionar como entidade coordenada. Colossenses 2:19 é um texto paralelo bem próximo deste versículo, e ambos deveriam ser estudados em conjunto, embora não se encontre ali a palavra que é traduzida por *bem ajustado.* Essa palavra só aparece outra vez no Novo Testamento em Ef. 2:21. Deriva de uma palavra (*harmos)* que designa um tipo de junta ou amarração usada na construção de edifícios, ou para as juntas de articulação do corpo. O segundo particípio *(sunbibazomenon)* é empregado para a ação de reunir, ligar coisas ou pessoas, para reconciliar aqueles que tenham brigado e também para relacionar fatos ou argumentos num plano de aula ou programa de ensino. Assim, ambos os particípios têm o sentido daquela unidade funcional que se torna possível entre os membros, quando orientados pelo Cabeça. Mas depois desses particípios o grego já se torna difícil. A palavra traduzida *junta (haphê)* possui inúmeros significados. Denota basicamente "toque", de sorte que pode significar "contato", "ponto de contato" ou "pegas", e estes sentidos levaram os comentadores a uma variedade de interpretações. O uso da palavra tanto no contexto quanto no âmbito restrito da medicina justifica a sua tradução por "junta", e assim, afirma que é pelo *auxilio de toda junta,* com que o corpo é equipado, é que o crescimento e funcionamento verdadeiros se tornam possíveis. Em outras palavras, o corpo depende para seu crescimento e atividade: da direção do Senhor, de Sua provisão para tudo o que necessita (compare versículos **11**, **12**), e também do bom relacionamento entre os membros.

E agora estamos de volta com uma palavra que se tornou familiar nesta epístola (1,19 e 3:7), pois o apóstolo deixa de considerar os membros e a conexão entre eles para tratar da *justa cooperação* de todo o corpo. A "energizaçâo" de Deus no corpo todo torna possível este funcionamento de *cada parte,* em sua medida e de acordo com sua necessidade. Então menciona-se mais uma vez o propósito do crescimento, e está claro que cada membro não procura o seu próprio crescimento, mas o do *corpo* como um todo: não sua própria *edificação,* mas a *edijicação* do todo. Basicamente, a edificação não é o aumento numérico da Igreja, mas o crescimento espiritual. E este crescimento é acima de tudo *em amor.* Esta pequena frase aparece novamente (1:4; 3:17; 4:2; 5:2), pois o

amor determina que cada membro procurará a edificação de todos. Então, sem dúvida, se houver a comunhão da convivência em amor e a demonstração da verdade em amor, o aumento numérico virá como conseqüência natural.

IV. PADRÕES PESSOAIS (4:17-5:21)

a. Nova vida em lugar da vida anterior (4:17-24)

17, 18. Este capítulo começou com um apelo aos cristãos para andarem de modo digno de sua vocação, e continuou com a exigência de um crescimento espiritual na comunhão do Corpo de Cristo. Agora em termos ainda mais práticos Paulo descreve o modo pelo qual essa chamada deve ser obedecida. Deve haver o abandono completo da velha maneira de viver, e o desenvolvimento da nova maneira, tanto na vida pessoal, como nos relacionamentos humanos. Embora a minoria cristã tenha renunciado à velha vida, eles continuam a viver cercados pelos que ainda *andam* (veja comentário sobre **2:2**) nas trevas de uma vida sem Deus. Por isso é necessária uma advertência, a qual vem expressa nos termos mais fortes. *Isto, portanto,* — isto é, à luz de sua superior chamada — *digo, e no Senhor testifico.* Esta palavra *testifico (martiromai*) é empregada (tal como em At 20:26 e G1 5:3) para introduzir uma declaração solene. Além do mais, essa palavra é proferida por alguém que vive *no Senhor* e é dirigida a outros que devem viver dessa forma. Escreve àqueles que, quanto à raça são gentios, mas que pela graça transformadora de Cristo, tornaram-se diferentes dos outros gentios. Na verdade, o manuscrito original aqui tomado por base omite a palavra *outro,* como que para indicar que, conquanto tivessem sido gentios antes, eles, agora, para todos os efeitos tinham se tornado membros do Israel de Deus (G1 6:16). Portanto *não mais andeis como andam os* (outros) *gentios.* Em terminologia espiritual, bem mais do que racial, a implicação existente aqui é de que outrora foram "gentios" (1 Co 12:2), "separados da comunidade de Israel", com todas as conseqüências disto **(2:12),** mas agora não mais o são.

Uma série de frases devastadoras descreve agora a verdadeira natureza daquela velha maneira de viver. É verdade que havia algumas nobres figuras no mundo antigo da Grécia e Roma em que Paulo vivia, mas a literatura clássica à medida que lança luz sobre a vida das massas indica que a descrição do apóstolo não era incorreta. (Veja Moule, *ES,* pp. 213). Havia uma decedência mental, espiritual e moral naquela

sociedade. Seu modo de vida era vão (1 Pe 1:18) porque, como diz o apóstolo, *vaidade* era algo característico *dos seus próprios pensamentos.* "Ao perder a concepção viva de um Deus vivo", a sociedade pagã "também perdeu a concepção do alvo e da perfeição da vida humana; e, assim sendo, passou a vagar sem alvo, sem esperança, sem cuidado" (Barry). Não está implícito que tudo o que foi dito nesta seção se aplique a todos aqueles que não são cristãos, mas não é incorreto dizer que "essa é a direção que cada vida defronta quando não está em contato com Deus; e uma comunidade em que a influência cristã não é ativa produz este tipo de vida". [1] Sem o conhecimento de Deus, tudo é em última análise vaidade, pois não há qualquer sentido de propósito. Pode haver muito conhecimento (Mt 11:25; 1 Co 1:18), mas não há luz de sabedoria na mente, pois está *obscurecido o entendimento.* Então, como o conhecimento de Deus envolve mais do que a mente (veja comentário sobre versículo 13), e uma vez que esse conhecimento significa comunhão com Ele, a verdadeira vida do homem, a ignorância sobre Ele implica necessariamente estarem *alheios à vida de Deus* (2:1). A palavra *alheios* pode ou não ter o sentido de se tornar estranho àquilo que já foi possuído anteriormente. De um ponto de vista, não era culpa deles se o conhecimento de Deus, conhecimento este que salva e dá vida, não os tivesse alcançado. Mas por outro lado, eles, juntamente com todos os homens, pecaram contra a luz que possuíam (Rm 1:18; 2:12). Não podiam se eximir da responsabilidade pelo "endurecimento do seu coração". O substantivo grego *prõrõsis* — que aqui é traduzido por *obscurecidos,* e em algumas versões por "endurecidos" — é realmente um tanto difícil; pode ter derivado de um adjetivo que tem o sentido de "cego", porém, é mais provável que tenha se originado de um verbo que significa "petrificar" ou "formar calo" e, portanto, pode-se, figuradamente, aplicar-lhe o sentido de "endurecer" ou "ficar insensível". O Novo Testamento usa cerca de oito vezes esse substantivo que aqui encontramos, e também o verbo correspondente. O sentido de "obscurecidos" nem sempre se encaixa nesses contextos. Em Marcos 3:5 e 8:17 por exemplo, refere, uma atitude certamente culpável. "Endurecidos" no sentido de obscurecidos pode ser, talvez, forte demais. Nas palavras de Robinson, "Parece não indicar uma recusa obstinada... mas também não indica uma atitude que seja completamente " [2] Outra tradução aceitável seria: "suas mentes cresceram duras como pedras", pois dá a idéia de uma insensibilidade para com as coisas mais importantes, o que caracteriza uma vida sem lugar para Deus ou para os valores morais.

---

[1]. SCOTF, W. M. F. *op. cit.,* p. 63.

2 Veja Robinson, pp. 264, para um estudo mais completo do significado e do emprego da palavra no Novo Testamento.

19. A expressão que segue, desenvolve a tal idéia de "calosidade" dos gentios. Eles mesmos se mostraram *insensíveis,* pois deixaram de ter qualquer apreciação pela verdade de Deus e perderam a capacidade de sentir vergonha em face do mal. A significação mais forte da palavra original é de não sofrer mais dor ou tristeza, de maneira que pode se aplicar aqui o sentido de que "eles têm a consciência a tal ponto abafada, que não mais sentem remorsos" (Lock) (1 Tm 5:2). O resultado imediato foi a imoralidade. Eles se *entregaram à dissolução,* "abandonaram-se a si mesmos" (NEB), a uma vida que trai o amor-próprio de cada um. Essa é uma vida de *aselgeia,* palavra que significa "licenciosidade" ou "violência libertina" *(LS*), conduta ultrajante de todas as formas, sem qualquer preocupação com padrões pessoais ou sanções sociais. Entregaram-se vergonhosamento a *cometerem toda sorte de impureza.* O substantivo que corresponde ao verbo "cometerem" (*ergasia)* pode, (como em At 16:16, 19; 19:24) ter o sentido de negócio, ou lucros de negócio, de sorte que o pensamento aqui pode ser o de praticar comércio de impureza (RV). Isto, entretanto, seria incorreto como uma descrição do mundo gentílico em geral, mas pelo menos a palavra implica, no dizer de Moule, que tal impureza se tornou uma "ocupação legítima" ou uma "atividade normal" (*CB*).

A palavra seguinte, *en pleonexia,* que se refere a "impurezas", significa essencialmente *com avidez,* que é o desejo de ter mais do que é devido, e a paixão de possuir sem qualquer consideração para com o que seja justo, ou para com o direito das outras pessoas. Essa palavra nem sempre tem a mesma força da palavra "cobiça" (RV). O uso da palavra no Novo Testamento está várias vezes ligado intimamente aos pecados da carne. Ê o que ocorre nas três vezes em que a palavra aparece nesta epístola (aqui e em 5:3,5), e também em Colossenses 3:5 e I Tessalonicenses 4:6 (o verbo correspondente). Pode ser preferível atribuir à palavra a significação fundamental de "avidez" por aquilo que não é seu; algumas vezes é usada no Novo Testamento com referência ao desejo de possuir dinheiro (Lc 12:15; 2 Co 9:5), ao passo que outras vezes, seu contexto dá o sentido (que evidentemente possui aqui) de licenciosidade, e, ou seja, de uma atitude de permissividade sexual recíproca. Relacionado a isto veja Hebreus 13:4, 5 como um determinado tipo de avidez parece levar naturalmente ao outro.

20, 21. "Mas vós", diz o apóstolo a seus leitores, dando ênfase ao pronome pessoal, "não podeis mais andar daquela maneira. *Não foi assim que aprendestes a Cristo.* A verdade de Deus e de Seu propósito veio para dominar vossas mentes, e esta verdade tem implicações éticas. Vossas vidas não são mais obscuras, vossas mentes não são mais vãs. Não estais mais alheios a Deus, e sim caminhando passo a passo na luz plena do Senhor , e em comunhão com Ele . De maneira que vós deveis acabar de

uma vez com toda sorte de imoralidade, paixão pelo que é impuro e por tudo que ultraja as almas e os corpos uns dos outros".

Além do mais, aqueles que vieram a reconhecer que pertencem a Cristo, ouviram dEle, e *nEle* foram *instruídos.* Encontramos aqui novamente a expressão *nEle,* que é o termo chave desta epístola. Cristo não era apenas o assunto, mas "a esfera do ensinamento" (Robinson). Com delicada ironia o apóstolo acrescenta força ao seu argumento aqui. A expressão *se é que é,* a mesma palavra *eige* que vimos em 3:2, mas aqui, sem sugerir (tal como vimos lá) que eles não ouviram. Essa expressão conclamava "o leitor a conferir a afirmativa" (Moule, *CB*), e conseqüentemente deixava claro que, de modo algum deve agir como se nâo tivesse ouvido a voz do Cristo vivo em seu coração. Os leitores aceitaram o fato de que *a verdade* está *em Jesus,* a verdade de Deus, do mundo e da maneira certa de viver. "Quando aprendeis a Cristo", o apóstolo diria, "vós aprendeis a verdade, e isso se dá em Jesus encarnado, em Suas palavras e em Sua vida" (Jo 14:6). Esta parece ser a melhor maneira de entender estas palavras, pois são dependentes dos versículos **20**, **21** como um todo. Entretanto, é possível, sem diferença essencial de significado, entender essas palavras à luz das que seguem. O grego permitiria a seguinte tradução: "A verdade em Jesus" — isto é, o verdadeiro caminho para o homem que é revelado nEle — "é que *vos despojeis...".*

22. A metáfora que aqui exprime a mudança de vida que ocorre quando uma pessoa passa a estar "em Cristo" é familiarmente paulina e comum dentro da Igreja primitiva. De fato, é tão freqüente nas epístolas do Novo Testamento (Rm 13:12; Cl 3:9; Hb 12:1; Tg 1:21; 1 Pe 2:1) que é uma das razões que levaram à sugestão da existência nos próprios tempos apostólicos de um catecismo cristão básico contendo material usado para instruir catecúmenos relativamente ao significado da nova vida em Cristo. [1] O velho deve ser "despojado" e o novo deve ser "vestido", e se uma ilustração tomada do vestuário parece indicar uma mudança meramente superficial, deveríamos compreendê-la como um abandono completo das velhas "vestimentas", não tendo mais de usá-las, é preciso substituí-las por novas. O que deve ser "despojado" é descrito como o *velho homem.* Como os pecados já cometidos são tratados pela graça do perdão, e como o arrependimento determina seu completo abandono, tudo o que pertence ao velho modo de vida, o modo dos pagãos que foi descrito nos versículos 17-19, deve ser posto decisivamente de lado. (O aoristo grego significa um único ato). A velha "maneira de viver" era corrupta e corruptível, pois *se corrompe.* O particípio pode ter o sentido de "perecer" (Rm 8:21; 2 Co 4:16; G1 **6**:**8**) ou de "apodrecer" ou "poluir" (2 Co 11:3).

---

[1] SELWYN, E. C., o*p. cit.,* p. 393.

Talvez ambos os sentidos estejam presentes aqui (veja comentário sobre o negativo da mesma raiz em 6:24). *As concupiscências,* os desejos centrados em si mesmo que pertencem àquela velha maneira de viver, procedem *do engano,* visto que prometem alegria e lucro, mas não podem cumprir a promessa. Toda a Bíblia, desde o relato da primeira tentação do homem, apresenta a persuasão ao pecado como engano (Mt 13:22; Rm 7:11; Hb 3:13). E isso leva a poluir e a inutilizar o que Deus fez e planejou, e por fim leva o homem que assim age a perecer nisso (Jo 3:16; 2 Ts 2:10).

23. O "velho homem" deve ser despojado e os cristãos devem ser "renovados". O grego possui dois adjetivos para novo: *kainos,* que significa novo no sentido de recente, e *neos,* que significa novo no sentido de jovem. Ambos possuem verbos correspondentes que são usados no Novo Testamento com respeito à vida em Cristo. Em 2 Coríntios 4:16 e Colosseneses 3:10 aparece o verbo que é formado a partir de *kainos,* que por isso tem o sentido de nova criação de Deus, substituindo o que é velho por um novo tipo de vida que não se conheceu anteriormente (veja comentário sobre 2:15). Aqui temos o verbo formado a partir de *neos,* o que dá então o sentido de "despojar-se da decrepitude do velho homem e de recuperar a juventude imortal" (Barry). O tempo presente do verbo enfatiza ainda mais que, aquilo que é requerido e feito possível em Cristo, é continuamente renovado. O lugar desta renovação ou rejuvenescimento constante é o *espírito do... entendimento.* A construção aqui nos impele a entender *pneuma* como o espírito humano e não como o Espírito divino, embora a expressão não encontre paralelo no Novo Testamento. A mente de uma pessoa é o centro do seu pensamento e o apóstolo chama atenção para o fato de que ela pode ser usada tanto para pensar sobre coisas espirituais como sobre coisas meramente naturais. Pode ser mantida em coisas efêmeras (versículo 17, e Cl 2:18), como também pode ser elevada às coisas espirituais. Essa renovação da mente (Rm 12:2) ou no *espírito do... entendimento* é possível pela habitação do Espírito de Deus. Então, haverá, de fato, um novo modo de pensar, e, em conseqüência, um novo modo de vida.

24. Agora Paulo usa *kainos,* a segunda palavra para "novo"; porque no lugar da velha natureza, caracterizada pelo egoísmo e pecado, e cercada pelo mal e suas conseqüências, está o *novo homem,* a nova natureza, que é criação de Deus (veja comentário sobre 2:10, 15 e 2 Co 5:17; G16:15; Cl 3:10; Tt 3:5). Além domais, como já estava implícito no despojamento da velha vida, o fato do verbo estar no aoristo implica o ato decisivo de revestimento desta vida criada por Deus e também doada por Ele. O cristão deve ter as duas verdades deste versículo e do anterior perante si. Como diz Westcott, "Requerem-se duas coisas para a for-

mação positiva do caráter cristão, a renovação contínua e progressiva de nossa mais alta faculdade, e a aceitação decisiva do "novo homem". Este *novo homem* é *criado segundo Deus.* Isso poderia ser interpretado por "de acordo com a vontade e propósito de Deus", mas o texto paralelo existente em Colossenses 3:10, devido à sua maior amplitude, deve ser analisado para auxiliar a interpretação, desta passagem. Lá se diz que "o novo homem... se refaz para o pleno conhecimento, segundo a imagem dAquele que o criou". No princípio o homem foi feito à Sua imagem (Gn 1:27), e quando aquela imagem foi distorcida pelo pecado e a vida em comunhão com Deus se perdeu, houVe em Cristo uma nova criação, uma restauração à imagem divina com todas as suas implicações daí decorrentes. Acima de tudo, a imagem de Deus se manifesta no caráter *em justiça e retidão.* Se não se vêem estas qualidades, pelo menos em parte, é porque não há evidência de ter ocorrido realmente qualquer obra divina de recriação. Em Filo e em Platão, bem como no Novo Testamento, o termo "justiça" se refere ao desempenho do homem de seus deveres para com os semelhantes, e "retidão", à observação pelo homem de seu dever para com Deus. A versão AV traduz a forma genitiva "de verdade" ou, mais restritamente "da verdade" simplesmente como, *verdade.* (Lc 1:75, 1 Ts 2:10; e Tt 1:8, tal como aqui, as duas palavras, ou suas formas cognatas, aparecem juntas). A presença do artigo na expressão *da verdade* indica provavelmente um contraste deliberado entre o que já foi dito ser fruto do engano (especialmente no versículo 22), e a justiça e retidão que se acrescenta ao caráter quando se aceita e se segue a verdade que está em Jesus. (Compare o contraste semelhante nos versículos 14, 15). Outra tradução possível seria "a nova natureza do ato criador de Deus, que se mostra ela própria na vida justa e devota exigida pela verdade".

b. Verdade e amor em lugar de falsidade e amargura (4:25-5:2)

25. A última seção tratou em termos gerais do despojamento da velha vida caracterizada pela ignorância, vaidade e engano, bem como impureza e concupiscência. Em seu lugar deve ser colocado o novo homem, que significa um novo modo de viver caracterizado pela retidão e justiça. Nesta seção o apóstolo passa a falar especificamente dos pecados que devem ser despojados, e das qualidades positivas ou tipos de ação que devem existir na vida do cristão. Primeiro, em contraste com a palavra "verdade" que finaliza o versículo 24, passa a falar da maneira pela qual a "falsidade" deve ser banida. A palavra grega traduzida por mentira refere-se, com toda a probabilidade, ao falar do que não é verdadeiro e ocorre de modo particular, embora não único na mente (veja comentário sobre a qualidade oposta no versículo 15). Pois no lugar dessa falsidade reconhece-se o dever de falar *cada um a verdade com o seu próximo.* Estas palavras são uma citação da LXX de Zacarias 8:16, mas

com uma pequena mas significativa mudança. A preposição "para" se torna *com,* de modo a "destacar com mais precisão o relacionamento de homem para homem" (Lock), o que é enfatizado na cláusula seguinte.

Somos membros uns dos outros. Para reforçar seu argumento contra a falsidade, Paulo apela não apenas para a lei moral que seus leitores conheciam tão bem[1] Ele insiste também em afirmar que os cristãos estão rompendo os Jaços de amor e comunhão a que foram trazidos, quando tentam enganar uns aos outros. Pertencem uns aos outros como membros do único corpo (Rm 12:5), de sorte que devem ser totalmente honestos uns com os outros. Crisóstomo diz com muita propriedade, "Se o olho vê uma serpente, ele engana o pé? se a língua sente o gosto daquilo que é amargo, ela engana o estômago?" Mentira é um grande obstáculo para o bom funcionamento do corpo. Quando os membros são francos e têm perfeita confiança uns nos outros, o corpo trabalhará em harmonia e, portanto, eficientemente. Não havendo franqueza e verdade, só pode haver desunião, desordem e problemas.

26. Uma outra característica da velha natureza é o temperamento deliberadamente mau, qual seja, a ira injustificada. De novo Paulo cita o Antigo Testamento, a LXX de Salmo 4:4, quando diz, *Irai-vos, e não pequeis.* O verbo hebraico *ragaz* significa basicamente "tremer", quer por temor quer por ódio *(BDB).* Seja qual for o pensamento do salmista, a LXX é significativa e relevante. Há uma ira que é justa, tal como a que vemos em nosso Senhor mesmo (Mc 3:5; Jo 2:13-17); mas Sua ira nunca O levou a pecar, porque mantinha Suas emoções sob perfeito controle. O cristão deve estar certo de que sua ira provém de justa indignação, e que não exprime apenas provocação pessoal ou orgulho ferido. Não deve possuir motivos pecaminosos, nem permitir que o leve de qualquer forma ao pecado.

Além disto, o apóstolo, com seu correto conhecimento da natureza humana, está cônscio de que o sentimento que começa como justa ira "contra os pecados" muito facilmente torna-se pervertido e em amargo ressentimento "voltado contra nossos irmãos" (Calvino). Acrescenta, portanto, a sábia instrução prática, *não se ponha o sol sobre a vossa ira.* Há uma notável mudança na palavra usada aqui. Ela significa estritamente, "provocação", (paraorgismos; o verbo correspondente é usado também em 6:4), e significa o ressentimento pessoal em que a ira justa pode se transformar quando acolhida e alimentada nos corações dos homens, que, a todo momento são atacados pela tentação da malícia e da amargura. Não se deve guardar sentimentos passionais contra as pessoas

[1] Para um estudo valioso da base da ética paulina e dos argumentos que Paulo apresenta, especialmente nesta epístola, sobre a conduta ética, leia Findlay, p. 305.

ou suas ações, para que não seja destruído o amor que procura tirar o bem do mal. É possível que Paulo ao dar este conselho estivesse seguindo conscientemente o que os pitagóricos recomendavam. Plutarco disse deles que, "quando atraídos ao revide irado, tinham por norma reconciliarem-se antes do pôr do sol". Mas talvez ainda estivesse na mente do apóstolo o Salmo 4:4. Porque aquele versículo citado continua, "Consultai no travesseiro o vosso coração, e sessegai", e Paulo sabia que essa consulta, essa conversa, era impossível a menos que se tivesse posto a ira de lado antes de se deitar.

27. Este versículo talvez esteja intimamente ligado ao que o precede. O perigo da irá é que ela dá *lugar ou* oportunidade ao *diabo.* Ela oferece "uma porta meio aberta" (Moule, *CB*), uma oportunidade de se alimentar o espírito de orgulho ou ódio. Se a repentina indignação instintiva contra aquilo que é injusto e errado, indignação que é boa em si mesma, for retida e tratada como uma mágoa, permitirá ao diabo levar sua vítima a pensamentos, palavras e ações errados, de sorte a agir destrutivamente nos relacionamentos pessoais. Deve-se resistir ao diabo (Tg 4:7), e não dar a ele qualquer lugar, seja a vida espiritual individual, seja o bem-estar da comunhão que esteja em perigo (1 Pe 5:8). Como já notamos,[1] Paulo geralmente emprega a palavra "Satanás", e não *diabo* para referir-se ao maligno. Isto levou alguns, pelo menos a partir do tempo de Erasmo e Lutero, a entender a palavra *diabolos* no sentido literal de "difamador", mas o uso da palavra em **6:11** e o emprego comum não-paulino da palavra: sugerem a alternativa.

28. Voltando-se para outra característica da velha vida, pelo menos de alguns de seus leitores, diz que, *aquele que furtava, não furte mais.* Tal como deixa claro em 1 Coríntios 6:10; havia aqueles, nas comunidades a que o apóstolo se dirigia, que anteriormente tinham tido o hábito de viver de pequenos roubos (o particípio presente dá a entender isto, em vez de roubo em qualquer outro sentido). Tais práticas não devem mais existir, mas, ao contrário, um trabalho honesto e esforçado. A palavra aqui usada, (*kopiaõ*), significa o trabalho vigoroso que produz fadiga, palavra usada em 1 Timóteo 4:10 e 5:17 para o ativo serviço cristão, mas que também é usada para o próprio trabalho manual de Paulo em 1 Coríntios 4:12. O cristão nunca deve se envergonhar nem temer o trabalho árduo, o qual é dever de todos (1 Ts 4:11; 2 Ts 3:10-12).

Além do mais, ao rejeitar tudo o que em qualquer emprego passado tenha sido, de uma forma ou de outra, desonesto, o cristão deve trabalhar, *fazendo com as mãos o que é bom.* De novo Paulo passa do

[1]Veja p. (35).

negativo para o positivo. Em vez de roubar o fruto do labor dos outros, o cristão deve trabalhar para seu próprio sustento. Mais do que isso, deve trabalhar de modo a ganhar *para que tenha com que acudir ao necessitado.* A motivação cristã para ganhar não é ter o suficiente somente para si e para os seus, e então talvez para conforto e luxo, mas ter para dar aos necessitados. A filosofia cristã do trabalho é dessa maneira elevada bem acima do pensamento acerca do que é certo ou correto no campo econômico; é elevada a uma posição em que não há lugar para o egoísmo nem motivo para o lucro pessoal. Dar torna-se a motivação de obter. Podemos perceber a importância que o dar aos pobres teve da parte de nosso Senhor e Seus discípulos, em teoria e prática, embora seus recursos devam ter sido bastante limitados (Mt 19:21; Lc 14:13; Jo 13:29). E então desde o princípio a Igreja sentiu uma grande responsabilidade quanto a este assunto (At 11:44; 4:32; 6:1). O próprio Paulo deu grande ênfase à provisão para os pobres (Rm 15:26; 2 Co 8 e 9; G1 2:10), e foi um exemplo, apesar de todo o seu ministério da palavra, tanto em trabalhar com suas próprias mãos para sustento próprio (1 Ts 2:9; 2 Ts3:8), como também em sustentar outros em necessidade (At 20:34).

29. O apóstolo volta então a considerar a fala e a conversação do cristão. Deve-se evitar não apenas a "mentira" e tudo o que é enganoso, mas toda "má linguagem". O adjetivo empregado no grego *(sapros)* significa, basicamente, "podre", derivando, então, daí o sentido de "sem valor". É a conversa "podre" e que "espalha podridão" (Barry) é como um mau fruto; além de não ter valor, leva outros a pensarem naquilo que não tem valor. Deve-se substituí-la com o que pode ser descrito clara e simplesmente como a palavra *que for boa para edificação, conforme a necessidade* (Fp 4:8). Essa expressão não traduz extamente o grego. A palavra *chreia* (traduzida por *necessidade),* tal como em Atos 6:3, significa mais precisamente "assunto em questão", de modo que aqui poderíamos literalmente traduzir "para a edificação do assunto que estiver sendo tratado" — "palavras adequadas para a ocasião", é como Phillips traduz muito bem. O mesmo pensamento é encontrado em Provérbios 15:23: "A palavra a seu tempo, quão boa é!" Relativamente ao trabalho e salário, o modelo cristão é elevado acima da conveniência pessoal, e acima mesmo da questão sobre o que seja moralmente certo ou errado. O teste que um homem faz do uso do dinheiro é: "O que darei aos necessitados?" O teste de sua conversa não é apenas "Estou mantendo verdadeiras e puras minhas palavras?", e sim "Minhas palavras estariam sendo usadas para transmitir *graça aos que ouvem?"* A graça das próprias palavras do Senhor, o amor e a bênção que elas transmitem, é mencionada em Lucas 4:22. O falar do cristão deve se caracterizar pela mesma graça (Cl 3:16; 4:6).

30. Depois das instruções acerca da ira vem a advertência quanto a dar lugar ao diabo. Agora, depois dessas instruções sobre a conversação cristã, vem a advertência: *Não entristeçais o Espírito Santo de Deus.* É necessário lembrar que todo pecado, e não apenas aquele da língua, é causa de tristeza da parte de Deus, pois fomos chamados à comunhão com Ele. A referência ao Espírito, em vez de a Cristo ou ao Pai, deriva provavelmente de Isaías 63:10 , e é particularmente apropriada porque o Espírito é o vínculo da vida de comunhão, e o pecado de ofender um irmão através de palavra ou ato de falsidade, O entristece sobremaneira. E como Robinson sugere também, que talvez o Espírito "reivindique especialmente encontrar expressão na conversação dos crentes" (veja 5:18s), e "o uso incorreto da fala é conseqüentemente, um erro feito ao Espírito, e sentido por Ele, que reivindica o controle da língua". Temos então um outro ponto que é ressaltado no grego. Estamos tão acostumados a "Espírito Santo" como um título para a terceira Pessoa da Trindade que esquecemos o significado do adjetivo, colocado para dar ênfase no grego aqui, de sorte que é mais um adjetivo que um título. O Espírito de Deus que habita agora em nós é *Santo.* Além do mais, os crentes são por Ele *selados para o dia da redenção.* A presença do Espírito agora é o selo e a certeza da vida e da herança que o cristão possuirá plenamente no fim, e essa própria contemplação deveria levá-lo a purificar sua vida (1 Jo 3:2). Também pode haver aqui o pensamento de que a obra do Espírito é guardar integro o crente sob Seu selo para o dia da redenção (Scott).

31. Mais uma vez o apóstolo volta a falar daqueles pecados que tão prontamente encontram expressão na fala, para finalmente colocar contra eles o caminho que tem sido aprendido em Cristo. Mencionam-se aqui seis coisas que devem estar *longe* dos cristãos. A primeira é a *amargura (pikria),* que Aristóteles definiu como "o espírito ressentido que recusa reconciliação". Em seu modo típico, o apóstolo diz que *toda a amargura* (veja comentário sobre 4:2) deve ser retirada, todo o traço de tal aspereza de temperamento. Vêm então a *cólera (thimos)* e *ira (orgê*), mencionadas juntas também em Romanos 2:8 e Colossenses 3:8 (Ap 16:19; 19:15), e que devem ser distinguidas tal como o irromper de paixão (Lc 4:28; At 19:28) o é do sentimento permanente de ira. *Orgê* é usada para a ira de Deus (veja 5:6), e o verbo é usado no versículo 26 para a ira justa do homem. Aqui é usada para referir-se à ira que surge de animosidade pessoal, o surgimento súbito de irritação e agressividade devido à provocação pessoal; e a única regra cristã a respeito é abster-se totalmente destas coisas. Aparece então a palavra *kraugè,* traduzida por *gritaria,* "a reivindicação da parte do homem irado em alta voz, fazendo com que todos ouçam sua queixa" (Findlay). *Blasfêmia* (do grego *blasphèmia)* é uma palavra freqüentemente empregada na Bíblia para o falar contra

Deus, mas é também usada para a acusação falsa ou abusiva contra um outro homem (1 Co 10:30; Cl 3:8; Tt 3:2). Por fim o apóstolo acrescenta toda a ***malícia,*** isto é, "todo o tipo de mau sentimento", o que implica dizer que na vida cristã, deve-se abster completamente de todo o pensamento que leve alguém a fazer ou talar mal de outrem.

32. A erradicação das más palavras e ações depende, em última instância, da purificação do pensamento. Deste modo, falando positivamente, o apóstolo diz, ***sede uns para com os outros benignos...*** O trecho paralelo em Colossenses 3:12 diz, "Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de ternos afetos de misericórdia, de bondade, de humildade, de mansidão, de longanimidade". Três destas qualidades Paulo mencionou neste capítulo no versículo 2; aqui ele trata das outras. Bondade, usada com referência a Deus em 2:7, é aqui proclamada como uma virtude cristã fundamental. É o amor na prática; ou no dizer de Barclay, é "a disposição mental que pensa nos interesses do próximo, como o faz com o seus próprios". Ao acrescentar ***compassivos (eusplanchnoi)*** — palavra que é encontrada no Novo Testamento apenas aqui e em 1 Pedro 3:8 — o apóstolo deixa claro que não se pode entender que ele esteja requerendo atos de bondade sem um coração de simpatia e amor dispostos a tais atos (1 Co 13:1).

Ele sabe, entretanto, que o ressentimento de algum mal feito contra alguém, ou um agravo mantido é, freqüentemente, obstáculo à prática da bondade e à da compaixão; por isso ele passa a falar de perdoarem-se ***uns aos outros.*** A palavra pode ter o sentido mais lato de "tratar graciosamente" uns aos outros, mas isto inclui o perdão, que é provavelmente o pensamento predominante aqui. Em Colossenses 3:13 o acréscimo "caso alguém tenha motivo de queixa contra outrem" torna este sentido bastante restrito. O exemplo e o motivo supremos para todo perdão da parte do crente é o perdão do próprio Deus. ***Deus em Cristo vos perdoou*** (2 Co 5:19). Isto Ele já o fez de uma vez por todas. Portanto, os homens devem perdoar-se por amor e gratidão a Ele. Os próprios evangelhos enfatizam que o coração que não está perdoando não pode receber o perdão de Deus (Mt 6:12, 14; 18:21-35). Mas o ***como também (kathos***) significa mais do que "porque", pois deve haver uma semelhança real entre o perdão de Deus e o ato cristão de perdoar. Este último deve ser tão livre e completo como o dEle, que coloca os pecados do homem tão longe quanto o Oriente dista do Ocidente, e nunca mais os põe diante dele.[1]

---

1 Aqui e no versículo seguinte os manuscritos variam entre "nós" e "vós", e não é possível ter certeza quanto ao pronome que foi escrito originalmente em cada lugar. "Uma razão pela qual os manuscritos gregos oscilavam tanto entre *hemeis* ("nós") e *hymeis* ("vós") é que a pronúncia destes dois pronomes era quase idêntica a partir do 1.° século d. C. De modo que se um escriba estivesse copiando por ditado, facilmente podia trocar um pelo outro, especialmente num contexto como este, onde ambos os pronomes fazem bom sentido" (Bruce).

5:1. Neste assunto de perdão, a chamada dos cristãos é para serem ***imitadores de Deus.*** De fato, ***mimêtai (imitadores)*** é mais do que meros seguidores, palavra usada inúmeras vezes no Novo Testamento para indicar o ato de seguir um exemplo humano, mas só aqui aparece com o sentido de imitar o próprio Deus. Além do mais, o verbo significa estritamente "tornar-se". Aqueles que são feitos ***filhos*** de Deus pela graça devem tornar-se mais parecidos com o Pai celestial (Mt 5:44, 48; Lc 6:36) pela perseverança constante e imitação do modelo divino (1 Pe 2:21). Tendo recebido o incrível privilégio e graça de serem Seus ***amados,*** devem corresponder mostrando "bondade em perdoar" (Moule, ***CB).***

2. De fato, o apóstolo alargaria a esfera de "imitação de Deus", de um simples espírito perdoador, para uma manifestação do ***amor*** em todos os outros sentidos. Esse amor deve ser demonstrado com a constância indicada por mais um outro uso da palavra ***andai*** (veja comentário sobre **2**:**2**). O amor deve caracterizar o progresso diário do cristão ao longo da estrada da vida. Realmente este versículo resume toda a seção, e põe de lado todas as negativas com seu único mandamento positivo. Há um exemplo perfeito, mesmo na carne humana, que foi dado e que pode servir de cópia. Amor respondendo ao amor, amor motivado pelo amor, amor tornado possível pelo amor inicial de Cristo, é um dos grandes temas da literatura joanina (Jo 13:34; 1 Jo4:10, etc.); mas Paulo também o tem.

Como em 4:32, a conjunção ***kathõs*** indica um modelo de comparação, e demonstrações particulares práticas de amor encontradas na vida de Cristo devem ser seguidas na vida cristã. Seu amor foi expresso em dar, e isto até o ponto de sacrifício (G1 2:20). Isto implica dizer que o amor cristão deve ser semelhantemente expresso em doação e em sacrifício. No versículo 25 deste capítulo o apóstolo aplica isto ao amor dos maridos para com suas esposas. E 1 João 3:16 o amor está posto de maneira mais genérica, e aquele versículo diz mais especificamente o que está implícito aqui, ou seja, que o fato de ter dado Sua vida por nós requer a resposta de darmos a "nossa vida pelos irmãos" (Jo 15:12). Entretanto, não há um único lugar nos escritos paulinos, nem no restante do Novo Testamento, onde se fale da morte de Cristo apenas como um exemplo a ser seguido, sem a expressão mais profunda de seu significado expiatório. Afirma-se isto aqui quando se diz que Ele morreu ***por nós,*** apresentando-Se a Si mesmo ***como oferta e sacrifício a Deus.*** Não há nenhum propósito no argumento de alguns comentadores de que a referência à Sua oferta de Si mesmo não esteja aqui relacionada à necessidade que tem o homem de receber perdão. Não está diretamente ligada à exortação de 4:32, mas os termos do ritual de sacrifício do Antigo Testamento são utilizados, e Sua morte é descrita como sendo ***por nós.***

As duas palavras aqui, *prosphora* e *thisia,* são usadas juntas na LXX do Salmo 40:6 (citado em Hb 10:5), e a primeira delas talvez se refira a toda uma vida de obediência, e a última, em particular, à Sua morte sacrificial, mas o uso pelo Novo Testamento não permite forçar esta distinção. Aqui o pensamento principal diz respeito àquilo que no Filho amado, e, conseqüentemente, naqueles que nEle são "filhos amados", agrada ao Pai. Os sacrifícios do Antigo Testamento são mencionados como "aroma agradável", para expressar metaforicamente sua aceitabilidade perante Deus (Gn 8:21; Ex 29:18, 25, 41; Lv 1:9, 13, 17). O sacrifício de Cristo foi agradável ao Pai num grau infinitamente superior. Para nossos olhos a cruz pode apenas apresentar, nas palavras de F.B. Meyer, uma "terrível cena de horror", mas "em amor tão imensurável, tão sem levar em conta o seu alto custo, concedido àqueles que, por natureza, eram indignos dele", que se tornou uma ação que "encheu o céu com fragrância".[1] E a conseqüência é que a vida que um homem em Cristo vive em doação sacrificial de si mesmo a Deus e a seus semelhantes possui uma fragrância perante Deus e no mundo. Os outros dois usos paulinos da expressão ilustram bem este ponto. Para o apóstolo a fragrância das ofertas dos cristãos de Filipos era desse tipo (Fp 4:18), e semelhantemente pensava a respeito de sua própria chamada de vida, a qual devia ser "para com Deus o bom perfume de Cristo" (2 Co 2:14-16), e manifestar "em todo lugar a fragrância do seu (de Cristo) conhecimento"; (também Jo 12:3).

c. *Luz em lugar das trevas* (*5:3-14)*

3. Em 4,17-24 Paulo falou em termos gerais do despojar-se do velho homem e revestir-vos do novo. Na última seção (4:25-5:2) falou mais particularmente em abandonar-se o sentimento de engano e animosidades pessoais, substituindo pelo de verdade e amor em palavra, pensamento e ação. Agora somos tirados repentinamente da contemplação do amor sacrificial e doador de Si mesmo, por parte de Cristo, para a perversão do amor no adultério e abuso sexual. O apóstolo conhecia os perigos que ameaçavam a vida de seus leitores na sociedade deles, e assim sendo, falou-lhes francamente a este respeito.[2] A palavra *pomeia (impudicícia)* pode incluir a idéia de "imoralidade" e perversão sexual de quase todos os tipos, ou seja, envolve tudo que opera contra a união, que deve durar toda a vida, entre um homem e uma mulher, dentro da san-

---

1 MEYER, F. B. *Ephesians: A Devotional Commentary* 1953, reimpressão, p. 48.

2 Barclay! (pp. 191, 199) pinta um quadro da vida do mundo greco-romano e judaico que é bem relevante como pano de fundo para as instruções de Paulo aqui, e para suas palavras quanto ao casamento nos versículos 22-23.

tidade dos laços matrimoniais. Pode-se considerar essa imoralidade tanto como *impurezas* ou como *cobiça*, no sentido que a palavra *pleonexia* foi usada em 4:19. A conjunção *ou* dá apoio a nosso argumento, no comentário sobre aquele versículo, de que "avidez" está sendo empregada nestas passagens especialmente para os "pecados da carne". Imoralidade é impudicícia ou impureza porque pureza significa o controle e direção dos poderes e impulsos sexuais de acordo com a lei e propósito de Deus. É "avidez insensível" porque é indulgência egoísta à custa dos outros. Esse abuso dos poderes dados por Deus e essa contradição com a amorosidade do padrão de vida de Deus *nem sequer* deviam ser nomeados entre eles. A frase relembra a proibição do Antigo Testamento de se mencionar até mesmo os nomes dos deuses pagãos e de se falar sobre seu modo de culto (Êx 23:13; Dt 12:30; SI 16:4). É incongruente que aqueles que foram chamados para serem *santos* (veja comentário sobre **1:1**) tenham prazer em falar acerca dessas coisas, aprovem ou desculpem os pecados através de conversas, ou os levem em pouca conta em seus mexericos, ou então excitem paixão sexual no incauto (veja também versículo **12**).

4. Antes de se voltar para o lado positivo o apóstolo usa mais três palavras para descrever a conduta e a conversa que não devem existir na vida do cristão. Primeiro, aparece *conversação torpe faischrotês),* palavra mais genérica do que *aischrologia,* "linguagem obscena", de Colossenses 3:8. Deve-se excluir tudo o que é vergonhoso, tudo o que deixa envergonhado um homem moralmente sensível. Então proíbe *palavras vãs*, o tipo de conversa que, segundo Plutarco, provém de um homem bêbedo, palavras tanto sem sentido quanto sem utilidade. *Chocarrices* também são proibidas, e se distinguem da palavra anterior assim como a conversa inútil do homem inteligente é distinguida da conversa do homem tolo. O uso desta palavra *eutrapelia* no grego clássico não era depreciativo, podia significar "versatilidade" ou "resposta arguta", mas o contexto indica que são coisas *incovenientes* para o homem cristão; e provavelmente Paulo pensava na "leviandade da palavra mordaz" que permanece "freqüentemente fronteiriça da indecência" (Robinson).

Com um jogo de palavras insiste na substituição de *eutrapelia* por *eucharistia* — "que a graça daquilo que é sarcástico seja substituída pela mais verdadeira graça do agradecimento", conforme Robinson traduz. Calvino e outros entenderam *eucharistia* como "falar gracioso", e em **4:29** Paulo falou da substituição do "falar corrupto" pela conversa que dá "graças". Não se sabe se o substantivo grego foi usado com este sentido mais lato, embora o adjetivo correspondente o tenha sido. Pelo menos podemos interpretar como *ações de graça* em seu significado mais amplo. Paulo terá mais a dizer sobre a graça de gratidão no versículo 20. Quer insistir aqui que o agradecimento é o melhor uso da fala. Não

proíbe melindrosamente conversação sobre sexo, nem exclui o humor, mas nâo quer que haja "conversa desrespeitosa" (NEB) que prejudique a vida espiritual. Pelo contrário, insiste em que se a conversa é sobre sexo, posses ou pessoas, deve ser dirigida pelo espírito de agradecimento e louvor (Hb 13:15; 1 Pe 4:11), para ver e reconhecer a amabilidade e beleza dos dons de Deus. Se este é o caso, a conversa se manterá pura e elevada.

5,6. O apóstolo tem palavras solenes acerca das conseqüências dos pecados que acabou de enumerar, nas vidas dos homens. Eles, em comum com todos os pecados não abandonados, excluem os homens do reino de Deus, *Sabei, pois, isto,* ele diz, fazendo uso de dois verbos num modo que seria melhor traduzido, "Vós sabeis, reconhecendo a verdade disto" (Lock). Ou o verbo pode ser um imperativo, e o sentido então será "estai certos disto", do que lhes foi ensinado desde que ouviram o evangelho de Cristo pela primeira vez, mas *ninguém* deve enganá-los. Havia então, como sempre há, aqueles que faziam pouco caso do pecado e que encolhiam os ombros ao pensar em suas conseqüências, ou talvez Paulo estivesse escrevendo por ter descoberto entre seus leitores, aqueles representantes do gnosticismo primitivo que proclamavam que os pecados da carne eram irrelevantes para a vida espiritual, e aqueles que entendiam que a libertação da lei lhes dava o direito de continuar em qualquer tipo de pecado (Rm 6:1). As palavras desses homens, ele volta a insistir, eram *palavras vãs.* A palavra de Deus é solene e verdadeira. *Nenhum incontinente, ou impuro, ou avarento, que é idólatra, tem herança no reino de Cristo e de Deus.* Somente com o abandono do pecado, em verdadeiro arrependimento, a fé pode abrir caminho para os homens terem herança no reino de Deus. De outro modo, *por estas coisas* os homens permanecem *filhos da desobediência* (veja comentário sobre 2:2), "filhos da ira" (2:3), em vez de herdeiros do reino de Deus pela graça. À parte o dom de perdão, os homens permanecem sob a ira de Deus devido ao pecado, sujeitos ao Seu julgamento, que em parte já é um fato real por estarem presentemente excluídos da vida de Deus (Rm 1:18-32), mas em maior parte esperam pelo dia em que todos terão de se apresentar perante seu Senhor e Juiz.

Na menção de pecados específicos, temos aqui essencialmente as mesmas palavras do versículo 3, e a mesma conexão da palavra *avarento* ou "ávido" com relação à imoralidade sexual. Há, todavia, o relacionamento adicional deste pecado de "avidez", com o pecado da idolatria (Cl 3:5). Pois paixão, seja por dinheiro, seja por atividade sexual desordenada, é, com efeito, colocar um ídolo e objeto de desejo no lugar de Deus. Para os judeus a idolatria era o pior dos pecados, e talvez Bruce esteja certo ao dizer que "a parte que o mandamento contra a cobiça teve na própria experiência espiritual de Paulo (Rm 7:7) sem dúvida alguma

tornou-o bem cônscio da mortalidade especial deste pecado sutil". A advertência solene de julgamento que está ligada aqui aos "pecados da carne" levanta certas perguntas nas mentes de muitos. São estes pecados piores do que todos os outros? Está implícito aqui que o pecado sexual é o pecado imperdoável, que impede definitivamente o homem de participar do reino de Deus? As passagens paulinas bem semelhantes à de 1 Coríntios 6:9-11 e Colossenses 3:5ss, respondem à segunda pergunta. Paulo pôde contar aos seus leitores que alguns deles haviam sido outrora culpados destes pecados, mas agora foram feitos novos homens, perdoados e purificados. Na verdade, não podemos dizer que estes pecados sejam encarados no Novo Testamento como piores do que os pecados do orgulho e as formas mais sutis de egoísmo. Como também nem a Lei nem os Profetas do Antigo Testamento, nem os Evangelhos, nem as Epístolas do Novo Testamento, permitem aos homens considerar superficialmente os pecados que quebram os laços do matrimônio, destroem a santidade da família, e fazem com que crianças nasçam sem terem pais responsáveis por seu crescimento e educação. Finalmente deve-se dizer uma palavra sobre a forma da expressão *reino de Cristo e de Deus.* O reino de Deus é o reino de Cristo. Cristo não é explicitamente chamado Deus, mas na construção os dois estão incluídos sob o artigo definido de tal maneira que, no dizer de Westcott, Eles são levados "a uma conexão que torna impossível manter-se a idéia de ser meramente humana a Pessoa do Senhor (compare Tt 2:13; 2 Pe 1:1)".

7. *Portanto,* à luz do julgamento de Deus e da incompatibilidade de tais pecados com o fato de serem membros do reino de Deus, Paulo conclama seus leitores a *não* serem (literalmente "tornarem-se") *participantes com eles.* Unir-se a esses pecados vergonhosos, "filhos da desobediência", é negar completamente sua profissão de fé cristã, e está implícito na advertência o perigo de participar das mesmas conseqüências do pecado no julgamento de Deus.

8. A esta altura Paulo inicia uma das mais comuns e mais fortes ilustrações no Novo Testamento sobre a diferença absoluta entre a velha vida pagã e a vida "em Cristo". "Deus é luz" (1 Jo 1:5). A luz expressa Sua majestade e glória (1 Tm 6:16) e Sua perfeita santidade, mas expressa também a verdade de que Ele quer se revelar ao homem (SI 43:3). O oposto daquela glória, santidade e sabedoria de Deus são trevas, e o mundo separado de Deus habita em tais trevas (veja comentário sobre 1:18). Aqueles que encontram vida "em Cristo" são essencialmente pessoas que foram transferidas do domínio das trevas para o domínio da luz (At 26:18; Rm 13:12; 2 Co 4:6; Cl l:13;1 Pe 2:19). Tanto nos Atos dos Apóstolos quanto nas epístolas podemos ver a grande parte que este simbolismo teve na pregação e no ensino de Paulo em particular.

O ponto essencial a ser destacado aqui é que ele não diz simplesmente, "estivestes outrora nas trevas"; havia na realidade alguma luz no mundo ao redor deles, pois Deus não deixou de ter uma testemunha de Si próprio. Ao contrário, diz que "as trevas estavam... neles" (Abbott). *Éreis trevas,* ele diz. Suas vidas, e não apenas seu ambiente, eram escuras. *Porém agora,* ele continua, *sois luz no Senhor.* Com efeito diz, "Se estais no Senhor, estais na luz, e a luz está em vós". Receberam a luz, e eles se tornaram em si mesmos, luminosos (Mt 5:14). Novamente o mandamento do apóstolo é, "Sede o que sois . Vós vos tornastes luz. Podeis, aqueles cuja própria natureza é luz, ser chamados de *filhos da luz.* " Devem conduzir o dia-a-dia de suas vidas de acordo com esta nova natureza que lhes foi dada em Cristo, e para expressar isto mais efetivamente o apóstolo volta a usar a palavra *andai* (veja comentário sobre 2:2). Na luz que ilumina o caminho da vontade de Deus, e com luz em seus corações, e irradiando luz de suas vidas, devem prosseguir a jornada da vida.

9. A mesma coisa pode ser descrita de uma outra maneira, como a produção do *fruto da luz.*[1] Paulo não deve ter pensado conscientemente na luz como uma semente plantada na vida, que no devido tempo dá o seu fruto, mas sim nos resultados que devem aparecer, o tipo de caráter que deve ser visto na vida da pessoa que foi iluminada por Cristo. Em muitas passagens *justiça* refere-se ao fruto da vida em Cristo (Rm 6:21s; Fp 1:11; Hb 12:11). Nada do que é corrupto e injusto nos relacionamentos do homem para com seus semelhantes (veja comentário sobre 4:24) deve existir. Então em vez de "toda a malícia" (4:31) deve haver *toda a bondade,* a procura ativa pelo bem em cada área da vida. Há uma distinção muito instrutiva entre "bondade" e "justiça" em Romanos 5:7, mostrando que a primeira, além da idéia de retidão moral e integridade, expressa também a força atrativa de um belo caráter. E terceiro, quando as trevas da ignorância, cegueira, erro e engano se vão **(4:14, 17, 22),** surge a *verdade* como o fruto da luz que Cristo traz.

10. Além do mais, suas vidas, como filhos da luz, deviam obrigá-los a uma escolha do *que é agradável ao Senhor.* O versículo 9 é parentético, de sorte que está intimamente ligado ao versículo **8**. Em matéria de vida e de decisões deviam descobrir a vontade de Deus e agir de acordo com ela. Este pensamento será mais desenvolvido no versículo 17. O particípio aqui *(dokimazontes)* vem de um verbo que às vezes significa "aprovar" (como em Rm 14:22 e 1 Co 16:3), porém mais comumente sig-

---

[1] Esta tradução que é aceita por todas as versões recentes está mais de acordo com os melhores MSS do que a antiga AV que diz *fruto do Espírito,* apesar de a autoridade mais antiga que temos *de Efésios* (o papiro "Chester Beatty") favorecer a tradução da AV e indicar que a mudança para o *Espírito* deve ter sido feita bem cedo.

nifica "provar" para si mesmo, ou seja, "escolher". Isto indica a exigência de pensar e discernir cuidadosamente. A luz de Deus é dada, mas isto não tira dos homens a responsabilidade de pensar e escolher. Romanos 12:2 é muito semelhante a este, pois fala em experimentar "qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus". Em ambos os textos aceitável *ieurestos)* traduz-se melhor por "aprazível" (RV). Os desejos e as escolhas daquele que anda na luz são controlados pela determinação prévia de não procurar ser agradável a si mesmo (G1 1:10), mas a seu Senhor (2 Co 5:9; Fp 4:18; Cl 1:10).

11-13. A velha vida, que era "trevas", caracterizava-se por obras *infrutíferas* (Rm 6:21). O apóstolo não estabelece um tipo de fruto em contraste com outro. A questão é haver, ou não, fruto, aos olhos de Deus; trigo ou joio; colheita de boas obras, ou apenas de obras — a luta interminável, cansativa, mas também inútil, do homem, em lugar do desenvolvimento natural da vida de Deus no homem interior e que conduz à sua manifestação exterior através de maneiras que constituam bênçãos para todos (G1 5:16. Uma vez que as trevas foram banidas com a vinda da luz, não devemos ser *cúmplices* delas. No versículo 7 Paulo proibiu os crentes de serem participantes com os ímpios; aqui enfatiza que não deviam participar de suas obras.

A responsabilidade do cristão com respeito às obras dos ímpios é *antes, porém,* reprová-las. O verbo *elenchõ* é daqueles que possui uma gama variada de significados, de modo que é o contexto que deve nos guiar na interpretação deste passo. Originalmente significava "desonrar" ou "envergonhar"; depois passou a ter o sentido de "examinar" a fim de reprovar ou condenar, daí, o sentido de "rejeitar" ou "refutar" (LS). O Novo Testamento fala de pessoas sendo julgadas pela Lei (Tg 2:9), pela consciência (Jo 8:9), e pela operação do Espírito (Jo 16: 8). Este não é exatamente o sentido aqui. Nem pode ser simplesmente reprovar, como está claro em Lucas 3:19 e em passagens como 1 Timóteo 5:20 e Tito 2:15, onde se mostra que o dever do líder cristão é reprovar pecados específicos. Pois o versículo seguinte aqui (de um modo bem parecido com o versículo 3) continua, *Porque o que eles fazem em oculto, o só referir é vergonha.* De modo que o sentido aqui é de que o cristão, por meio de uma vida essencialmente diferente da daqueles que o cercam, mais do que pela reprovação verbal, deve "expor" os pecados desses ímpios. "A idéia de Paulo é a de um processo silencioso, comparável à ação da luz" (Scott). O uso da palavra, e todo o pensamento da passagem, são semelhantes ao de João 3:20. À medida que a luz mostra toda a sujeira, a vida (e não apenas as palavras) da pessoa que se tornou luz no Senhor (versículo 8) mostra as *obras infrutíferas das trevas.*

O apóstolo pensa acerca do desenvolvimento da obra da graça nas vidas daqueles que não crêem, efetivando-se em três etapas: — primeiro,

são expostos, conseqüentemente, permitem ser manifestados, e então, se tornam luz. No começo seus atos vergonhosos são feitos nas trevas — "não vêem sua própria baixeza, nem sequer admitem que ela seja vista por Deus" (Calvino). Mas então irrompe a luz de Cristo, brilhando por meio das vidas daqueles que vieram a conhecê-lO. Tal irrupção da luz envolve uma crise ou julgamento (Jo 3:19-21). Se os homens odeiam a luz, tentarão evitá-la e procurarão manter-se fora do foco a fim de que suas obras não sejam vistas. Mas se permitem que suas vidas sejam expostas, então suas obras se *tomam manifestas* da forma como são. (1 Co 14:24). Suas vidas podem assim ser trazidas totalmente a Cristo; e quando os homens estão preparados para submeter-se à Sua análise cuidadosa, transformam-se em luz por Sua misericórdia. As trevas são variadas pela luz "e tudo, assim iluminado, é totalmente luz". Este é o objetivo, tal como o versículo 8 já havia adiantado — os homens não apenas recebem luz, tornam-se eles mesmos, luminosos. Esta é a obra do evangelismo cristão, cada alma acesa, utilizando sua luz para acender outra luz. Na nossa tradução (bem como na AV) *tudo que se manifesta é luz* depende da interpretação que se der o particípio (*phaneroumenon*) que está na voz média, o que não encontra paralelo no Novo Testamento, e aqui é particularmente improvável porque a mesma forma acaba de ser utilizada na voz passiva, e na verdade a voz passiva dá um sentido muito mais vigoroso a toda esta passagem.

14. Segue-se então uma citação relevante, cujo conteúdo é tirado diretamente do Velho Testamento (Is 9:2; 26:19; 52:1; 60:1), mas cujas palavras não correspondem exatamente às do texto bíblico. A forma dessas palavras (no que dizem respeito à obra de "Cristo") evita que pensemos tratar-se de algum dito do próprio Senhor que não tenha sido registrado. A explicação mais provável é de que se trata aqui de mais um caso de fragmento de algum hino cristão primitivo (veja comentário sobre versículo 19). Provavelmente um hino batismal, visto que se referia ao fato de vir a Cristo e ser batizado como iluminação (Hb 6:4; 10:32). "É significativo" também, Bruce destaca, que o "compasso exato" aqui usado "era especialmente associado com os cânticos de iniciação religiosa", e surge um reforço desta possibilidade ao sugerir que "cristãos fizeram uso significativo daquele ritmo para o ato de iniciação cristã". Nele estão implícitas três metáforas que se aplicam ao ato de voltar para Deus — acordar do sono, ressuscitar da morte e sair das trevas para a luz. O desafio para despertar da insensatez e do pecado aparece de forma semelhante em Romanos 13:11, que foi a passagem que levou Agostinho a converter-se (1 Ts 5:6). O início do capítulo 2 já descreveu o pecado como morte espiritual e mostrou que o dom de Deus é, nada menos que, uma nova vida. O simbolismo luz e trevas é o tema dominante destes versículos. O verbo empregado aqui é *epiphauõ,* equivalente a *epiphaus-*

kõ, que é usado na LXX em Jó 25:5 e 31:26 com referência ao brilho do sol e da luz, e *epiphõskõ,* que é usado em Mateus 28:1 e Lucas 23:54 com respeito ao raiar de um novo dia. Por isso *e Cristo te iluminará* parece-nos ser a tradução mais correta (RV).

d. Sabedoria em lugar da insensatez (5:15-21).

15. O apóstolo falou sobre os pecados da vida pagã que devem ser abandonados, e ao fazê-lo, referiu-se ao abandono da escuridão daquela velha vida e ao tornar-se luz no Senhor. Mas luz é um símbolo tanto de conhecimento, como de pureza. Seus leitores foram iluminados em Cristo. Por isso devem viver — e novamente o verbo "andar" é usado *(andais,* veja comentário sobre 2:2; — dia a dia, *não como néscios, e, sim, como sábios.* Receberam sabedoria (1:8) e podem orar em tudo pelo espírito de sabedoria (1:17), de sorte que devem demonstrar a sabedoria de Deus em suas vidas (3:10). Tal como o contexto mostra e como Paulo apresenta na passagem paralela de Colossenses 4:5 — "portai-vos com sabedoria para com os que são de fora" — o que ele tem em mente aqui é a vida dos leitores cristãos perante os olhos do mundo não-cristão.[1] A forma mais adequada à gramática grega é aquela que apresenta o advérbio antes da conjunção, que se traduz *"portanto vede prudentemente como andais",* (RV) e segundo Moffat, significa "sede estritamente cuidadosos acerca da vida que levais". O apóstolo "ordena que os leitores mantenham um controle bem de perto os princípios pelos quais governam suas vidas" (Murray). Este é um mandamento essencialmente típico da pena de Paulo: andar "precisamente" ou "estritamente" dentro dos princípios. Paulo bem podia usar esta palavra na sua forma superlativa como bom fariseu que tinha sido (At 26:5), mas no uso cristão essa palavra assumia muito mais a forma de uma sugestão de renovação do espírito legalista.

16. Mais uma vez ele é bastante prático. Andar em sabedoria diz respeito em particular ao uso adequado do tempo, não apenas o espaço de tempo que cada dia apresenta para ser dedicado ao trabalho de Deus (caso em que a palavra grega *chronos* teria sido utilizada), mas, sim, o tempo apropriado, a oportunidade dada por Deus *(kairos* — veja comentário sobre 1:10). Gálatas 6:10 é um trecho paralelo, "Por isso, enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos". "Remindo o tempo" (RV) é como melhor se traduz essa expressão. O verbo empregado é *exagorazõ,* que significa literalmente "comprar de". Este verbo possui o

[1] A tradução inglesa AV adota aqui o termo *circunspectly,* porém não muito corretamente. Em vários MSS o advérbio *akribõs* aparece em posições diferentes. A AV traduz assim esses MSS, quando esse advérbio vem após o verbo *andar* e depois da conjunção *pós* (RV "como").

sentido de "resgatar" em Gálatas 3:13 e 4:5, mas o prefixo *ex-* pode ter simplesmente uma força intensiva, e talvez a palavra tenha perdido sua conotação comercial, passando à significação restrita de "usar plenamente". Paulo lembra que *os dias são maus,* e mostra que está cônscio da grande pressão quanto ao mau uso do tempo e das oportunidades. O crente não deve relaxar, mas supera essa pressão em sua vida, e usar de cada oportunidade para conduzir outros das trevas para a luz. Pode também existir a sugestão de que, os dias, sendo maus, estão sob o julgamento de Deus, e por esse motivo "o tempo se abrevia" (1 Co 7:29), e cada oportunidade deve, portanto, ser aproveitada antes que seja tarde demais.

17. Aqui diz que não devem ser *insensatos (aphrones*); uma palavra que sugere não tanto uma ausência básica de sabedoria (como é o caso de *asophoi* no versículo 15), e sim, estupidez moral no agir. Mais uma vez utiliza o verbo que significa estritamente "tornar", dando a entender que corriam o risco de saírem do estado de integridade e bom senso com que começaram a agir. Na sua busca sincera de cada dia, se quiserem aproveitar as oportunidades, deviam *compreender,* e a coisa mais prática e mais necessária de ser compreendida é, *qual a vontade do Senhor.* O versículo 10 já falou de provar "sempre o que é agradável ao Senhor". Romanos 12:2, como já vimos, combina ambas as expressões ao dizer "para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus". De forma que Paulo repetidamente apresenta esta procura em conhecer, compreender, e então fazer a vontade de Deus como prioridade no andar diário do cristão.

18. Uma evidência particularmente notória e facilmente verificável da inconsistência da velha vida é a embriaguez. Desde as eras mais primitivas, tal como nos dá testemunho a literatura, desde o período mais antigo, o homem tem procurado escapar de suas preocupações e adquirir um sentimento de alegria e divertimento lançando mão de bebidas alcoólicas. As Escrituras nunca exigem abstinência completa de bebidas alcoólicas (exceto no caso daqueles que fizeram voto especial), sendo tal decisão deixada à consciência de cada indivíduo, mas freqüentemente elas falam contra a embriaguez. Este era um perigo no seio da Igreja nos dias do Novo Testamento, principalmente entre aqueles que viessem a ser escolhidos para funções de liderança, tal como mostram 1 Timóteo 3:3, 8 e Tito 1:7 e 2:3. A objeção específica aqui exarada para que *não vos embriagueis com vinho* decorre da idéia de que aí *há dissolução.*[1] *A.* palavra

[1] A AV traduz por *excess* ("excesso") e a RV por *riot* ("descontrole" ou "devassidão").

asõtia envolve não apenas a ação descontrolada do homem bêbedo (compare o uso da palavra em Tt 1:6 e 1 Pe 4:4), mas também a idéia de desperdício. A NEB traduz por "dissipação". O advérbio correspondente é empregado na conhecida expressão "vivendo dissolutamente", conforme se encontra na parábola do filho pródigo (Lc 15:13). Mas o desperdício e a ausência de autocontrole implícitos nesta palavra são coisas que não devem ser vistas nas vidas daqueles que encontraram em Cristo a origem e o caminho da sabedoria.

Mas de novo o apóstolo não se limita ao aspecto negativo. Ele nâo quer ser simplesmente um acaba-com-a-festa ou desmancha-prazeres nas vidas dos homens, e sim quer substituí-las por algo superior e melhor. Não é mera coincidência que em Atos 2 também o encher-se de vinho e o encher-se do Espírito estejam lado a lado. Lá está implícito, e repete-se aqui, que o cristão conhece um caminho melhor do que o vinho para sair da depressão e da monotonia insípida da vida, um meio mais eficiente de remover as preocupações pessoais e estimular a mente, a palavra e a ação, do que pelo uso de bebidas alcoólicas. Para isso, *enchei-vos do Espírito.*

Aqui, a construção da frase no grego apresenta uma dificuldade que nos conduz a uma tradução alternativa: "enchei-vos em espírito". Geralmente o Novo Testamento grego possui o caso genitivo depois do verbo ou do adjetivo empregado para descrever o enchimento do Espírito Santo. (Este é o caso em At 2:4; 4:31; 9:17; 11:24 e 13:52). A preposição "em" (no grego *en)* não é comum neste caso, embora não seja errada, como Atos 1:5 mostra quando fala do batismo "no Espírito Santo". Romanos 8:9 fala de estar "no Espírito" ao descrever a experiência cristã, em oposição à vida do não-cristão que ainda está "na carne". Além do mais, Efésios atribui um significado especial a esta frase "no Espírito" (2:18, 22; 3:5; 6:18), como também à expressão "em Cristo". É como se as duas idéias, de ser cheio com o Espírito, e de viver uma vida "no Espírito" (veja comentário sobre 2:18), estivessem sendo expressas simultaneamente; e isto encontra apoio no fato de que a pequena preposição *en* no Novo Testamento pode ter um significado equivalente a "com", e também no fato de *en* ser usada com o relativo na cláusula precedente. Entender a expressão como tendo apenas o sentido de "ser cheio em espírito, senão pelo próprio Espírito Santo de Deus? Finalmenela claramente possui no contexto, e de fato, como pode o cristão ser cheio em espírito, senão pelo próprio Espírito Santo de Deus? Finalmente, o tempo do verbo, o presente do imperativo no grego, deve ser observado, estando implícito que a experiência de receber o Espírito Santo de forma a cada parte da vida ser permeada e controlada por Ele não é uma experiência que ocorre de "uma vez por todas". Nos primeiros capítulos de Atos dos Apóstolos repete-se inúmeras vezes que os mesmos apóstolos ficaram "cheios com o Espírito Santo". A implicação prática é

que o cristão deve deixar sua vida aberta para ser constante e repetidamente cheia pelo Espírito divino.[1]

19. Em vez de expressões de dissolução *asõtia* em embriaguez deve haver um extravasamento do Espírito na forma de cântico e louvor. A luz da seqüência deste versículo, tem sido sugerido que a embriaguez era acontecimento corrente até mesmo nas reuniões dos cristãos (1 Co 11:20). Mas nem a embriaguez, nem o uso de cânticos precisam receber tal limitação. *Falando entre vós* significa "falando uns aos outros", o mesmo sentido do reflexivo grego que já tivemos em 4:32 e em Cl 3:16. A plenitude do Espírito manifestar-se-á na comunhão onde quer que os crentes se encontrem reunidos, e expressará o seu gozo por meio de cânticos e louvor. Os *psalmos* eram originalmente o que se cantava com acompanhamento à harpa, e aqui talvez inclua não apenas os salmos do Antigo Testamento, mas aqueles cânticos que eram novos salmos (Lc 1:46-55, 68-79 e 2:29-32), mas no mesmo espírito e à maneira dos antigos. Os *himnos,* no grego clássico eram cânticos líricos festivos em louvor de um deus ou herói. Já vimos nesta epístola evidências possíveis de primitivos hinos cristãos (4:4-6 e 5:14), e podemos encontrar outros fragmentos em 1 Timóteo 1:17; 2:5; 6:15; 2 Timóteo 2:11-13; e Apocalipse 4:11; 5:13; e 7:2. E duvidosa a possibilidade de se forçar uma distinção entre *hinos* e *cânticos espirituais.* Cada expressão de gozo do crente é benvinda, e todas devem surgir do *coração* — de fato a melodia pode estar algumas vezes no coração e não ser expressa por meio de sons — e serem dirigidas *ao Senhor.* Várias passagens semelhantes a esta (At 16:25; 1 Co 14:26; Cl 3:16; Tg 5:13) indicam o lugar da música na Igreja primitiva; e no segundo século Plínio e Tertuliano dão o mesmo testemunho. O cantar tem tido sempre um grande lugar na vida e na adoração da Igreja, e cada novo movimento do Espírito tem trazido uma refrescante explosão de cânticos.

20. E o apóstolo instrui que o cristão, seja em cânticos, seja de outras maneiras, deve viver dando *sempre graças.* Repetidamente, como já vimos (comentário sobre 1:16), ele dá esta instrução, sendo seus próprios escritos, como indubitavelmente toda sua vida, um exemplo disto. Assim, tem o direito de dizer aos outros para darem *sempre* graças, e *por tudo,* uma vez que ele próprio pôde dar graças mesmo pelas fraquezas, aflições e perseguições (2 Co 11:18 e 12:5). *O Deus e Pai* é a fonte de toda bênção, e deve, portanto, ser Ele próprio abençoado, isto é, bendito (1:3), mas isto se dá *em nome de nosso Senhor Jesus Cristo,*

---

[1] A NEB traduz: "deixe que o Espírito Santo encha você", ("let the Holy Spirit fill you").

porque cada bênção vem até nós através dEle, e nosso louvor e agradecimento vai ao Pai através dEle e em Seu nome.

21. Neste versículo há uma volta inesperada, embora não ilógica, na exortação do apóstolo, e que o leva às instruções que se seguem, em toda a próxima seção, 5:22-6:9. Ele deixou implícito no versículo 19 que o entusiasmo que o Espírito inspira não deve ser expresso individualisticamente, mas em comunhão. Viu os perigos do individualismo numa comunidade cristã, e em 1 Coríntios 14:26-33 censura este erro (Fp 2:1 e 4:2). Sabia, por experiência, que o segredo de manter uma comunhão de gozo na comunidade era a ordem e a disciplina que vêm da submissão espontânea de uns aos outros (4:2,3). O orgulho de posição e o espírito autoritário são sentimentos destrutivos para a comunhão. Para Paulo, a importância de todo o conceito de submissão é evidente ao verificar-se ocorrência da palavra mais de vinte vezes nas suas epístolas. Irá aplicar isto em exemplos especiais na próxima seção, mas devemos notar que ele primeiramente oferece uma aplicação de forma bastante geral. Deve haver o desejo, dentro da comunidade cristã, de servir, aprender e de ser corrigido por qualquer pessoa sem levar-se em conta a idade, sexo, classe social ou qualquer outra distinção. A idéia do *temor de Cristo* tem sua origem num grande princípio de vida enunciado repetidamente no Antigo Testamento, "o temor do Senhor". Para o cristão esta idéia continua válida (2 Co 7:1; 1 Pe 2:17), pois ele conhece o Deus que está em Cristo, é chamado ao discipulado de Cristo, e toda sua vida está "em Cristo". De forma que todas as relações interpessoais, como Paulo passará a mostrar, encontram seu modelo, significado e expressão formal na submissão à autoridade de Cristo (2 Co 4:5). Os relacionamentos mais vitais são os familiares, visto que em todas as idades o lar deve ser o lugar onde, acima de tudo, a paz, a harmonia, o amor e a disciplina de Cristo sejam mais claramente manifestos.

V. RELACIONAMENTOS (5:22-6:9)

a. Maridos e esposas (5:22-33)

22. Ao tratar agora das relações pessoais, Paulo principia por aquilo que é básico para a vida do lar, relacionamento entre maridos e esposas. É significativo, tal como Moule destaca, que nesta seção, os maridos e esposas sejam lembrados de seus deveres e não de seus direitos. No caso das esposas o dever é submissão aos maridos (1 Co 11:3 ; Cl 3 :18; Tt 2:5; 1

Pe 3:1). No texto original grego, não há verbo aqui, mas toda a estrutura do versículo está presa ao particípio que aparece no versículo 21. Através de todo o Novo Testamento dá-se ênfase à dignidade da mulher, e é fato indiscutível que o ensino e o exemplo de Cristo elevaram a mulher, país após país, e sociedade após sociedade, a uma posição que não ocupava antes. Enquanto em muitas das grandes religiões, até mesmo no judaísmo e no islamismo, a mulher ocupa lugar bem inferior ao do homem, o Novo Testamento enfatiza que homem e mulher possuem uma perfeita igualdade espiritual (G1 3:28). Além do mais, como vemos notavelmente em 1 Coríntios 7:3-5, Paulo também "advoga uma verdadeira reciprocidade no campo da relação sexual" (Allan). Entretanto, na família, por uma questão de ordem e unidade, deve haver liderança, a qual cabe ao marido e pai, e sua autoridade deve ser aceita. Quando o apóstolo acrescenta a pequena frase *como ao Senhor*, não quer dizer que a relação da esposa para o marido seja diretamente comparável à sua relação para com o Senhor celestial, mas, sim, que quando um dever é cumprido "no Senhor" (que é a expressão encontrada na passagem paralela de Colossenses 3:18), é então feito *como ao Senhor (6:1,5).*

23,24 . **0** lugar do homem na família é de liderança e, conseqüentemente, de autoridade, que é qualificada pela mais alta exigência de amor nos versículos que se seguem. Mas o apóstolo faz muito mais que apresentar o dever da esposa como tendo de ser feito "como ao Senhor". Marido e esposa devem entender que seu relacionamento deve seguir o modelo do relacionamento entre Cristo e Sua Igreja. *O marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da Igreja.* No resto da seção o apóstolo usa essas mesmas idéias, uma para ilustrar a outra, ora na mesma ordem ora na ordem inversa. Ele usa o relacionamento matrimonial para ilustrar a profunda relação espiritual de amor e dependência, de autoridade e obediência entre Cristo e Sua Igreja. E no dizer de Allan, "O casamento ilustra a relação da Igreja para com Cristo de modo mais adequado do que a ilustração da relação do Templo com a Pedra Angular, ou mesmo que a relação do Corpo com seu Cabeça. Saímos aqui de ilustrações inanimadas ou do campo biológico para uma ilustração tirada já do campo mais profundamente pessoal. "Há, logicamente, um pano de fundo do Antigo Testamento para tudo isto, no fato de os profetas terem considerado o Senhor como o Marido de Seu povo, tendo estabelecido uma aliança matrimonial com esse mesmo povo e amando-o com um imutável amor, mesmo quando, devido à sua idolatria, tinha sido como uma esposa infiel que houvesse adulterado (Is ,54:1-8; 62:4; Jr 3:6-14; 31:32; Ez 16:23; Os 1-3). Nosso Senhor em suas parábolas usou e estendeu a aplicação da mesma analogia (Mt 9:15; 22:2-13; 25:1-10). Por outro lado, a relação do casamento é infinitamente enobrecida por comparar-se com a relação entre Cristo e Sua Igreja.

Quando se diz que Cristo é o Cabeça da Igreja (1:22; Cl 1:18; 1 Co 11:3), estão implícitas duas coisas: a responsabilidade que Ele sente pela Igreja, e a responsabilidade que a Igreja tem para com Ele. Há, aí, implicações comparáveis às das relações do casamento.

O apóstolo, entretanto, não pode se limitar a descrever a relação de Cristo para com Sua Igreja, como Cabeça do Corpo. Deve acrescentar *sendo este mesmo salvador do corpo.* Talvez queira dizer que há limitações para a analogia que acabou de apresentar. Mas à luz dos versículos seguintes, podemos indagar se, ao contrário, seu objetivo não seria começar a exprimir uma outra parte da analogia. A preocupação sacrificial do Senhor pela salvação da Igreja deve encontrar um paralelo, mesmo num nível bem inferior, no amor e na preocupação sacrificial do marido para com o bem-estar de sua esposa. Ele é "o protetor de sua esposa" (Bruce).

Mas antes de desenvolver este ponto, ele enfatiza novamente o dever da esposa. Não é necessário nenhum argumento para provar que *a igreja está sujeita a Cristo;* mesmo *assim,* ele diz, *as mulheres sejam... submissas a seus maridos.* O acréscimo *em tudo* pode parecer mais do que seria aceito como o propósito de Deus pela geração atual, com toda sua ênfase sobre a emancipação da mulher e o lugar da mulher fora do lar, em toda esfera da vida que o homem ocupa. Não tem a mulher direitos à autodeterminação iguais aos do homem? Não pode uma mulher casada seguir uma carreira profissional, tal qual seu marido? A resposta que o Novo Testamento dá é, sim, contanto que não signifique o sacrifício do modelo divino para a vida no lar, para o relacionamento em família e para toda a comunidade cristã. Pode cumprir qualquer função e qualquer responsabilidade na sociedade, mas se aceitou perante Deus a responsabilidade do casamento e de uma família, deve ser esta a sua principal preocupação, a qual é aqui expressa em termos de relacionamento para com o marido como o cabeça do lar. "Assim como a Igreja de todo coração se devota a Cristo, também a esposa de todo coração aceita seu lugar na família e se entrega sem reserva para se desincumbir da função de esposa e mãe" (Allan). Sujeita *em tudo* ao seu marido não significa, todavia, que esteja nas mãos de alguém que tenha autoridade para ordenar o que bem entender. Deve ser submissa àquele cujo dever para com ela é expresso em nada menos do que a mais alta exigência de amor sacrificial. Sua sujeição, à luz disto, e à luz do alto ideal de unidade que será expresso nos versículos 28-31, é de tal espécie que "ela nunca há de sentir-se ofendida ou humilhada" (Allan).

25. Agora o apóstolo se dirige aos *maridos.* Como Crisóstomo se expressa, "Já viste a medida da obediência? Pois ouve também a medida do amor. Desejas que tua esposa te obedeça como a Igreja a Cristo? Então cuida bem dela, como Cristo o faz com a Igreja". A qualidade do amor

que os maridos devem oferecer a suas esposas é primeiramente mostrada pelo verbo "amar". Duas outras palavras poderiam ter sido empregadas com respeito ao amor do marido para com a mulher, e os escritores clássicos as teriam empregado mais naturalmente. Havia a palavra ***eraõ*** que expressava a profunda paixão sexual do homem pela mulher, e também a palavra ***phileo*** que era empregada para referir-se à afeição existente no seio da família. Mas nenhuma destas duas palavras foi usada; pelo contrário, Paulo escolhe a palavra tipicamente cristã ***agapaõ,*** amor que não guarda qualquer resquício de egoísmo, que não procura a satisfação própria, nem mesmo afeição como resposta à afeição, irias que luta pelo mais alto bem da pessoa amada. Este amor tem por padrão e modelo o amor de Cristo para com Sua Igreja. Já se ensinou ser dever de cada cristão manifestar tal amor em todas as suas relações. (4:2,15; 5:2). Agora é empregado para lembrar os maridos que não devem pensar no que esperam lhes seja devido pelas esposas, mas no que eles devem fazer em sacrifício e devoção.

26,27. Caracteristicamente, Paulo não pode fazer referência ao que Cristo fez em amor por sua Igreja sem desenvolver o assunto. Cristo se entregou até a morte de cruz por Sua Igreja ***para que a santificasse, tendo-a purificado.*** Este foi o propósito de Seu sacrifício (Hb 10:29; 13:12). Amiúde distinguimos entre justificação como um ato e santificação como um processo. Algumas vezes o Novo Testamento pode permitir tal distinção. O tempo do particípio aqui, traduzido por ***tendo... purificado,*** pode sugerir isto neste tempo — primeiro purificando, depois santificando — mas na realidade o verbo é um aoristo no grego, indicando um único ato, em vez de uma experiência continuada. Inúmeras vezes o Novo Testamento refere-se à santificação como um ato realizado no passado, tal como a justificação ou o perdão (1 Co 1:2; 6:11; 2 Tm 2:21; Hb 10:29). As duas palavras emprebadas aqui descrevem dois aspectos da mesma experiência; a obra de Cristo é "purificar do velho, e consagrar o novo", e "no tempo os dois aspectos são coincidentes" (Robinson).

São descritas duas maneiras de tornar possível a purificação, Ê ***por meio da lavagem de água e pela palavra.*** Como pode a lavagem de água, o sacramento cristão do batismo, ajudar a santificar e a purificar o coração dos pecados? As duas idéias estão reunidas novamente em Tito 3:5. Sem dúvida Calvino oferece o sentido verdadeiro ao dizer, "Tendo mencionado a santificação interior e invisível, agora acrescenta o símbolo exterior, pelo qual é visivelmente confirmada; é como se ele dissesse que o penhor daquela santificação nos seja entregue pelo batismo". Qualquer pensamento de o próprio rito externo implicar automaticamente em graça espiritual interior é excluído pelo acréscimo da expressão ***pela palavra.*** Provavelmente o que tem em mente é a palavra do evangelho (Rm 10:8; 1 Pe 1:25), em vez da palavra da confissão de fé (Moffatt e

outros). Esse é o meio pelo qual a santificação se torna efetiva na vida dos homens, e apenas na medida em que o evangelho é crido. Como João 15:3 e 17:17 expressam, a palavra recebida purifica e santifica. O apóstolo faz grande economia de palavras, e pode ser que em cada expressão tenha em mente a analogia do casamento. Aqui pode existir uma referência implícita ao banho cerimonial tomado pela noiva antes do casamento. Há também um costume judaico que pode ser encontrado mesmo naqueles dias, pelo qual, ao dar a aliança, o noivo dizia, "Olha, tu estás santificada para mim" (Murray).

Há ainda uma maneira mais óbvia pela qual pode-se traçar uma analogia do casamento com o que Cristo procura fazer por Sua Igreja. O leitor é chamado a pensar nos preparativos que uma noiva faz para o casamento, de forma que possa aparecer perante o marido em toda sua beleza. Ela quer ser vista como amável e ***gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante.*** Ê assim que a Igreja deve procurar apresentar-se perante o Noivo Celeste (Ap 21:2). Mas a diferença neste caso é que ela nada pode fazer para parecer bela aos olhos do seu Senhor. Por necessidade, tudo isso é obra dEle. Ê ele quem deve apresentar a Igreja ***a si mesmo*** como ***igreja gloriosa.*** Ela é devedora de "toda sua glória ao Seu trabalho" (Moule, ***CB).*** Ela apenas pode ficar ***sem mácula, nem ruga,*** sem as manchas do pecado, e sem a decadência da idade, através daquilo que é efetuado pela Sua obra santificadora e renovadora. Paulo emprega novamente a expressão que utilizou em 1:4, ***santa e sem defeito.*** Este é o objetivo da obra purificadora do Senhor; realmente, fala-se sobre isto no capítulo 1 como o propósito e objetivo da obra de Cristo. Era o objetivo que Paulo mantinha perante si em seu próprio ministério. Em 2 Coríntios 11:2 fala de seu "zelo piedoso" para com a Igreja, com vistas a "apresentar" a mesma "como virgem pura a um só esposo, que é Cristò". Em Colossenses 1:28 fala de modo semelhante acerca de seu trabalho, não simplesmente em termos de conduzir homens ao conhecimento da salvação, mas de apresentar todos os homens perfeitos em Cristo Jesus.

28,29. De forma que o pensamento e o argumento vão e voltam. O amor dos maridos para com suas esposas tem como modelo o amor de Cristo para com Sua Igreja. O amor de Cristo e Seu desejo por Sua Igreja são retratados na preparação de uma noiva para seu marido. Agora prossegue dizendo, ***assim também os maridos devem amaras suas mulheres.*** Embora haja algo sem paralelo na aplicação dos versículos 26, 27 à obra de Cristo por Sua Igreja, ainda assim parece inevitável a idéia de que, mesmo a um nível incomparavelmente inferior, o marido deve amar sua esposa, não apenas por causa da beleza que nela encontra, mas para torná-la mais bela ainda. Cristo vê a Igreja com todas suas fraquezas e falhas, e ainda assim a ama como a Seu corpo, e procura a sua verdadeira santificação. Exatamente ***assim*** os maridos devem amar suas esposas,

como a seus próprios corpos. Parece que Gêneses 2:24 já estava na mente do autor, muito embora este não o cite até o versículo 31. E quando diz que *quem ama a sua esposa, a si mesmo se ama,* não está exortando o marido a amar sua esposa como uma extensão do amor-próprio, ou porque seja para sua própria vantagem. De novo a palavra *agapaõ,* usada para amor, mostra que não é este o caso. Um homem deve procurar um nível altíssimo de bem-estar espiritual pessoal, e, conseqüentemente, o melhor para sua esposa a cada dia, pois ela está unida a ele pelos laços matrimoniais.

Paulo desenvolve um pouco mais a idéia e se aproxima dos termos de Gêneses 2:24 quando diz: *Porque ninguém jamais odiou a sua própria carne.* A esposa é, para um homem, segundo as palavras de Moule, "num sentido profundo e sagrado uma parte essencial de sua própria estrutura viva" (CB). Um homem alimenta e cuida de seu próprio corpo, Paulo diz, utilizando palavras também encontradas em 6:4 e em 1 Tessalonicenses 2:7, palavras estas que se referem à alimentação de crianças, com o que mostra casualmente que ele não dá valor algum ao ascetismo pelo fato de amar a si mesmo. (Cl 2:23). Esse amor a si mesmo não é errado. É a lei da vida, e sua aplicação ao cuidado semelhante com a companhia eleita para sua vida é a lei do casamento. Mas este pensamento de cuidado e amor íntimos que um marido é devedor para com sua esposa, e, conseqüentemente, deve oferecer-lhe, Paulo não pode deixar de aplicar de volta àquilo que é perfeita e mais maravilhosamente verdadeiro, que *também Cristo o faz com a igreja.*

30. Agora, restringindo-se apenas a esta analogia espiritual, diz: *porque somos membros do Seu corpo.* Em 4:25 o pensamento é de serem os cristãos "membros uns dos outros"; em 1:23 e 4:12, 16 é de a Igreja ser o corpo do qual Cristo é Cabeça. Aqui [1] o contexto mostra que o pensamento do apóstolo a esta altura é ainda mais profundo a respeito da íntima relação do crente com Cristo. Os membros são parte dEle, como os ramos são parte da videira no ensino de João 15. Tal como, no propósito divino, a esposa se torna parte da própria vida do marido, e este a alimenta e dela cuida, assim também o Senhor faz a nós, como membros de Si mesmo, parte de Sua própria vida que Ele agregou a Si mesmo.

31. Finalmente aparece a citação de Gêneses 2:24 que esteve influenciando por todo o pensamento do apóstolo. Esta afirmativa do relato da criação é a mais profunda e fundamental que é feita em toda a Es-

---

1 A AV vai além, e traduz: "Porque nós somos membros *do seu corpo, de sua carne e dos seus ossos".* Entretanto o original grego não entra assim em detalhes, e parece ter sido esta tradução influenciada pelas palavras de Gn 2:23.

critura com respeito ao plano de Deus para o casamento. Foi o principal baluarte da Igreja contra os argumentos em favor da permanência da poligamia nas sociedades aonde o cristianismo chegara; é o principal argumento contra a promiscuidade; é a principal razão contra ser aprovada pela Igreja a dissolução do casamento pelo divórcio. Quando nosso Senhor foi indagado a respeito da permissão legal dada ao divórcio, respondeu algo que ainda é válido hoje. Numa sociedade imperfeita, necessitada de tais leis, e devido à "dureza dos corações dos homens", o divórcio pode ser permitido, mas é um desvio do propósito divino, e jamais poderá ser visto sob outro prisma. O Senhor não deu um novo ensinamento sobre o assunto, mas dirigiu Sua orientação até este versículo (Mt 19:3-9 e Mc 10:20-12). Antes do casamento o homem e a mulher têm seus laços mais íntimos de relacionamento com os pais, e a eles devem a maior obrigação. Os novos laços, e a obrigação que o casamento acarreta, transcendem os velhos laços. O dever filial não cessa agora, porém, o relacionamento mais íntimo e o mais alto dever de lealdade, é o que passa a existir entre os cônjuges, e qualquer tentativa dos pais de interpor-se entre ambos só fará periclitar esse relacionamento. Portanto, marido e mulher devem deixar pai e mãe, e da parte dos pais deve haver uma atitude correspondente de renúncia aos direitos paternos.

32. Todavia, o próprio Paulo em seu trabalho como apóstolo já estava imbuído da idéia da Igreja como uma noiva preparada para o casamento, e, como esposa, vivendo em amor, união e lealdade para com o marido. Viu a beleza do modelo ideal e divino para o casamento, e exortou maridos e esposas a desenvolverem aquele modelo em seu simples viver diário. Mas para ele, em sua própria vida e trabalho pessoais, esse ensino era acima de tudo a mais alta analogia, de que tinha conhecimento, para a relação ainda mais maravilhosa de Cristo para com Sua Igreja, analogia a que nâo podia deixar de voltar repetidamente. Diria o apóstolo que há verdades literais para serem aplicadas em cada lar. Mas há também um *mistérion.* Vimos esta palavra ser usada com referência ao grande segredo eterno do propósito de Deus para com a humanidade, escondido no passado, mas agora revelado em Cristo (veja comentário sobre 1:9, e também 3:3s, 9; 6:19). Ê empregada com mais freqüência no plural ao referir-se a verdades divinas (como em 1 Co 4:1; 12:2 e 14:2), mas o é algumas vezes no singular, tal como aqui, com o intuito de destacar alguma verdade profunda do plano divino que foi revelado (Rm 11:25; 1 Co 15:51) *Grande é este mistério* (AV) ou "este mistério é grande" (RV) não são traduções adequadas devido a que a palavra "mistério" significa, para o leitor moderno, algo que não é bem o que estava na mente de Paulo. O sentido certo é, que "A verdade que se encontra aqui escondida, mas revelada em Cristo, é maravilhosa". Ou então, "É uma grande verdade a que está escondida aqui". (1 Tm 3:16 oferece

um paralelo muito próximo desta expressão neste ponto) [1]. Mas também não se deve entender, com as palavras que concluem este versículo, que o autor não tivesse qualquer pensamento sobre a aplicação literal de Gêneses 2:24. Westcott diz que depois de falar de *mistêrion,* "São Paulo parece fazer uma pausa e contemplar as múltiplas aplicações da ordem dada no princípio... e então destaca a maior de todas". *Eu me refiro a Cristo e à Igreja.* Os dois, juntos, tornam-se um. A posição do marido como o cabeça, e o seu dever de amor sacrificial e desvelo devotado para com sua esposa não passam de ilustrações imperfeitas, embora sejam as melhores que esta vida pode oferecer, de Cristo como Cabeça e de Seu amor, sacrifício próprio e preocupação por Sua Igreja. A dependência que a esposa tem do marido e o dever de ser submissa, são uma figura de como a Igreja deve viver e agir para com seu divino Senhor.

33. *Não obstante* a última palavra deve ser de ordem prática quanto ao assunto que o apóstolo se dispôs a escrever. Deixando de lado por agora a analogia a que fora levado, resume, que *cada um* pode aplicar a si mesmo *de per si* a injunção *ame a sua própria esposa como a si mesmo.* Amor, puro e simples, mas transcendente, o amor verdadeiramente cristão *(agapẽ)* que abrange o que é puro em todos os outros tipos de amor, é o dever do marido. *E a esposa respeite a seu marido,* pois é esse o seu dever. O verbo empregado aqui é literalmente "temer", da mesma raiz do substantivo encontrado no versículo **21**, mas aquela palavra desperta em nossas mentes a idéia de medo, que é bem diferente do verdadeiro significado aqui. O amor não pode coexistir com esse medo (veja 1 Jo 4:18), mas um profundo e forte amor da esposa pelo marido só pode ser baseado no "temor" que é tanto "reverência" quanto "respeito". Este é o tipo de "temor" que a Biblia tão freqüentemente requer que cada indivíduo demonstre diante de Deus (veja comentário sobre versículo 21), e que também se aplica de forma especial aos deveres, nas relações interpessoais dos filhos com os pais (Lv 19:3), dos súditos com os governantes (Js 4:14; Pv 24:21), dos servos com os seus senhores (1 Pe 2:18), e agora das esposas com seus maridos.

b. Filhos e pais (6:1-4)

1. O apóstolo passa agora da relação entre maridos e esposas para aquela existente entre pais e filhos. E da mesma forma que aquele relacionamento começou com a chamada à submissão, aqui também os

---

[1] — A tradução latina de *mistêrion,* do grego, para *sacramentum,* no latim, levou o casamento a ser considerado como um sacramento; mas no sentido comum que atribuímos à palavra "sacramento" o casamento dificilmente pode ser considerado como tal, nem tampouco pode ser colocado entre os dois grandes "sacramentos do evangelho".

filhos são chamados: *obedecei a vossos pais.* Tanto aqui como em Colossenses 3:20 a "honra" do primeiro mandamento recebe a orientação especifica de obediência. Então, no modo típico desta epístola, o apóstolo acrescenta a expressão *no Senhor.* Seu uso aqui não se deve ao fato de o apóstolo ter em mente "a situação onde as ordens dos pais possam contrariar a lei de Cristo" (Bruce), e sim, a situação de um lar cristão. A epístola aos Colossenses pode ajudar a interpretar esta passagem quando diz que o fato de os filhos obedecerem aos pais "é grato diante do Senhor". (RV) . Mesmo uma criança em sua simplicidade pode saber o que significa amar *no Senhor* e obedecer por Sua causa. Então a razão dada para a obediência choca por sua austeridade: *pois isto é justo.* Talvez seu pensamento seja o de que isso é aceito como correto em cada sociedade; é certo segundo a lei do Antigo Testamento; está de acordo com o exemplo do próprio Cristo (Lc 2:51). Ou pode ser que a forma de sua expressão tivesse o objetivo de lembrar que em algumas coisas as crianças devem aceitar e obedecer antes de poderem compreender todas as razões.

2. O quinto mandamento é citado praticamente como se encontra na LXX em Êxodo 20:12 e Deuteronômio 5:16. Tal como Murray diz, "No caso dos filhos era comum reforçar a instrução, citando-se os Mandamentos, os quais já lhes haviam sido ensinados anteriormente". Mas, apesar de sua austera afirmação do versículo 1, o apóstolo não fica só na afirmação de que a lei deve ser obedecida. Há uma *promessa* ligada à lei. É, todavia, difícil precisar quanto ao que quis dizer com o quinto mandamento ser *o primeiro mandamento com promessa.* Pergunta-se: Mas no segundo mandamento não há também uma promessa? Ou então: Se a referência feita nesse segundo mandamento à misericórdia de Deus como sendo manifesta a milhares de gerações deve ser considerada uma afirmação, em vez de uma promessa, não será então o quinto mandamento o único com uma promessa? Foram sugeridas várias explicações. Alguns entendem "primeiro" como o primeiro na segunda tábua do Decálogo, pois os judeus freqüentemente dividiam os Dez Mandamentos em duas tábuas de *cinco.* De fato, não há qualquer necessidade de se tomar o Decálogo como a soma total dos mandamentos. Ou como Moule se expressa, "O Decálogo é, de certa forma, a primeira página do Livro-Lei da Revelação" *(CB).* Outros interpretam *primeiro* como o primeiro a ser aprendido pelas crianças, e então as palavras "com promessa" são acrescidas como lembrança para encorajá-las. Todavia, talvez especialmente por não haver artigo antes do substantivo no grego, devêssemos interpretar isto como sendo o quinto mandamento um "mandamento básico". Mateus 23:23 e Marcos 12:28 falam em termos de mandamentos de maior importância, e é digno de nota que em Levítico 19:1 a chamada à santidade seja seguida por uma referência a vários mandamentos, entre os quais este aparece primeiro. De forma que entendemos seja

este mandamento destacado para os filhos como uma prioridade para eles, mas também possuindo, simultaneamente, uma grande promessa.

3. Na citação da promessa há dependência de Êxodo 20:12 e Deuteronômio 5:16, mas a LXX é usada mais livremente, e em particular a referência à "terra que o Senhor teu Deus te dá" é resumida pela omissão da cláusula qualificadora que não mais se aplicava, como nos dias do Antigo Testamento. Por isso tornou-se mais natural traduzir *sobre a terra.* Não é necessário interpretar a promessa num sentido individualista, ou então como uma promessa de longevidade. Embora no original grego o pronome tenha sido usado no singular, é de se duvidar que as pessoas mais elevadas espiritualmente, mesmo nos dias do Antigo Testamento, considerassem o significado de "maior mandamento" como sendo uma promessa de atendimento pessoal àqueles que como filhos, tivessem um comportamento piedoso. Mesmo porque, podia ser constatado que a força da vida familiar, tanto naquela como em qualquer geração, e o treinamento dos filhos em hábitos de obediência e ordem, eram os meios e os sinais de estabilidade numa comunidade ou nação. Quando se quebram os laços familiares, quando deixa de existir o respeito aos pais, a comunidade se torna decadente e não terá *longa vida.*

4. E, como no caso de maridos e esposas, nem todas as obrigações são exclusivas de apenas uma das partes. Sabemos que os pais têm deveres, o que torna necessária uma advertência para eles, e é muito provável que, quando o apóstolo usa a palavra *pais* tenha em mente tanto o pai como a mãe, o que, aparentemente, é o mesmo caso de Hebreus 11:23. *Não provoqueis vossos filhos à ira* é a palavra dirigida aos pais. O substantivo do verbo utilizado aqui, *parorgizõ,* o foi também em 4:26, e o próprio verbo se encontra em Romanos 10:19, numa citação de Deuteronômio 32:21. É correto os pais exigirem obediência, mas não deve haver "abuso de autoridade" (Robinson). Disciplina é essencial ao lar, mas esta não é constituída por regras e regulamentos desnecessários, nem por pequenas e intermináveis correções, os quais deixam os filhos "desanimados" (Cl 3:21). Uma palavra já empregada em 5:29, onde foi traduzida por "alimenta", expressa de forma positiva o dever dos pais. Originalmente empregada para a nutrição corporal, a palavra veio a ser usada para a alimentação do corpo, da mente e da alma. E com a preposição intensiva (*ek-*) prefixada, sugere "desenvolvimento pelo cuidado e esforço" (Moule, *CB).* "Que eles sejam criados amorosamente", diz Calvino. Mas, as mais das vezes, e, em especial, nas mentes dos pais, não devem estar apenas as relações harmoniosas do lar, nem só a felicidade dos filhos, mas a atitude delas para com o Senhor. O maior dever dos pais é criar os filhos *na disciplina e na admoestação do Senhor.* Os dois substantivos merecem um estudo mais cuidadoso. O substantivo *paideia* sig-

nifica mais do que, simplesmente "cuidar", e tanto esse substantivo como o verbo correspondente podem possuir a força de "punir" ou "castigar", como em 2 Coríntios 6:9, ou de "disciplinar" como em 1 Coríntios 11:32 e 2 Timóteo 2:25, embora possa ter, também, o sentido positivo de "ensinar" ou "educar" como em Tito 2:12. "Disciplina", portanto, é a melhor tradução no caso. *Nouthesia* traz a idéia de *admoestação* ou "correção" e em 1 Coríntios 10:11 refere-se ao propósito do Antigo Testamento. De fato, é significativo que ambas as palavras sejam usadas para expressar o propósito das Escrituras, e que em Timóteo 3:16 se encontre o único outro uso feito por Paulo de *paideia.* A NEB nos dá uma boa tradução assim: "dêem a eles a instrução, e a correção, próprias de uma educação cristã". 1 A *disciplina* e a *admoestação do Senhor* são as coisas que o Senhor pode trazer à vida de uma criança se seus pais fizerem sua parte no trabalho de ensino e treinamento na Palavra do Senhor. Esté é o mais alto dever dos pais cristãos. Como afirma Dale: "os pais devem se preocupar mais com a lealdade de seus filhos a Cristo do que com qualquer outra coisa, mais mesmo do que com a saúde, com o vigor e brilho intelectuais, com a prosperidade material, com a posição social, ou com que eles estejam livres de grandes tristezas e de grandes infortúnios".

c. Servos e senhores (6:5-9)

5-7. Por último o apóstolo se volta para as relações entre servos e senhores. E fazendo justiça ao texto original e à aplicação à vida daquele tempo, sem dúvida deve-se dizer que o apóstolo ainda está tratando de relações dentro da família ou de área pertinente à família ao escrever esta seção, devendo, portanto, a palavra *servos* ser traduzida por "escravos". Como Bruce destaca, nesta epístola e também em Colossenses e em1 Pedro "os mandamentos dados aos escravos são mais extensos que aqueles dados aos senhores, e fazem-se acompanhar de incentivos especiais, provavelmente refletindo a estrutura social das igrejas às quais foram endereçadas as epístolas". [2] E embora os inúmeros escravos que vieram ao aprisco cristão estivessem na mente do apóstolo ao escrever estas palavras, os princípios de toda a seção se aplicam a empregados e empregadores de todas as épocas, estejam eles no lar, no comércio ou no governo. "A atitude para com o trabalho e o espírito requerido dos senhores e daqueles subordinados são tão relevantes numa sociedade livre,

---

1 "Give them the instructions, and the correction, which belong to a Christian up bringing". (NEB).

2 Sobre a questão da atitude da Igreja primitiva para com a escravidão como instituição, veja Dale, pp. 403ss, e J. B. Lightfood, *St. Paul's Epistles to the Colossians and, to Philemon* (1875), pp. 321ss.

quanto numa economia baseada na escravidão" (Allan). Em primeiro lugar ocorre aqui um outro modo de aplicar o princípio de submissão que é a principal característica desta seção. *Obedecei* é a ordem que os servos recebem, sendo também a mesma palavra utilizada no versículo quando é endereçada aos filhos. A frase escolhida por Paulo conclamando-os a obedecer àqueles que são senhores *segundo a carne,* leva-os imediatamente a lembrar daquele cujo senhorio está acima desta relação. Em cada caso o apóstolo, em sua exigência de submissão, vai além do que poderíamos esperar. E ele o faz aqui pelo acréscimo da frase *com temor e tremor.* De fato, o pensamento que domina toda esta seção sobre relacionamentos é o da submissão "no temor de Cristo" (veja 5:21). A passagem paralela em Colossenses 3:22 ordena aos servos obedecerem "temendo ao Senhor" (1 Pe 2:18). Murray talvez esteja certo ao dizer que "Um elemento de 'temor' entra em todas as relações quando a santidade essencial delas é percebida". Esta santidade é expressa aqui (duma forma que encontra paralelo em 5:22 e 6:1) pela frase *como a Cristo.* O que quer que o cristão faça, deve ser feito como ao Senhor (Rm 14:7-9) e isto é especialmente verdadeiro, quanto à atitude de submissão que deve manifestar para com os outros.

Além do mais, implica a transformação de todos os padrões de trabalho e serviço em algo totalmente diferente dos padrões do mundo. Trabalho e serviço devem ser prestados a um senhor terreno, como se fossem oferecidos ao próprio Senhor celestial. Isto de modo nenhum teria sido mais fácil para quem, nos dias de Paulo, era escravo contra a vontade, do que para um empregado de hoje que deve enfrentar todos os argumentos baseados em conceitos materialistas. Porém, mais uma vez, Paulo não se limita a apresentar um alto ideal espiritual e o deixa onde está. Ele vai adiante procurando ser prático. Requer que o serviço seja efetuado em *sinceridade* de *coração.* Honestidade de propósito e esforço devem caracterizar o empregado cristão. A mesma palavra *(haplotēs)* se aplica tanto ao "trabalho secular" quanto ao "serviço espiritual" dos cristãos; o Novo Testamento emprega mais freqüentemente essa palavra com o sentido de liberalidade ou generosidade na oferta cristã (Rm 12:8; 2 Co 8:2; 9:11,13). A Bíblia não dá margem a qualquer distinção entre o sagrado e o secular. O servir à vista é excluído, e esta palavra, que também ocorre em Colossenses 3:22, parece ter sido criada pelo apóstolo para expressar seu pensamento. O serviço "compelido por fiscalização" (Moule, *CB)* não deve mais ser admitido pelo crente. Se o objetivo dos empregados é *agradar a homens,* servirão apenas naquilo que é visto pelos homens. O ideal do cristão para seu trabalho diário, seja ou não visto pelos homens, é que esse trabalho seja aceito como *a vontade de Deus,* na qual pode se regozijar, e que não seja feito por constrangimento ou descuidadamente, mas porque é Sua vontade. Os empregados cristãos são *servos* — ou mesmo "escravos" — não meramente de homens, mas

de Cristo. Assim sendo, o apóstolo reitera que todo serviço deve ser feito *como ao Senhor, e não como a homens. "A* convicção do trabalhador cristão é de que cada uma das peças de trabalho que produz deve ser bem executada, como para mostrar a Deus" (Barclay). Em todas as coisas o espírito com que é feito o trabalho é o que importa e não simplesmente o produto final tal como o homem o vê — tudo o que se faz, deve ser feito *de coração* e *de boa vontade.* Dessa maneira um homem servirá lealmente e fará o melhor para seu senhor seja qual for a atitude deste para com ele.

8. Finalmente nestas instruções aos servos o assunto passa a ser a recompensa futura. O Novo Testamento freqüentemente oferece duplo incentivo. Serviço digno deve ser prestado como ao Senhor, que mesmo agora é testemunha de tudo que é feito. Mas também deve ser lembrado que *cada um receberá outra vez do Senhor* aquilo que tiver feito, seja *alguma coisa boa,* ou má. Tanto o bem quanto o mal são mencionados no texto paralelo de Colossenses 3:24, em 2 Coríntios 5:10 e nas parábolas do Senhor sobre julgamento, tais como as de Mateus 25. Mas apenas o bem é mencionado aqui, uma vez que o propósito do apóstolo a esta altura é mais de encorajamento que de advertência. Ele bem sabe o que significará para seus leitores escravos praticar o que disse. Por isso lembra-os que o Senhor nada deixa de testemunhar dos céus; nada que tenha sido bem feito o terá sido em vão. Pode não haver agradecimentos na terra. Um homem pode até receber apenas críticas e incompreensão. Mas de uma coisa ele pode estar certo, que há infalivelmente uma recompensa para o serviço fiel (Lc 6:35; 1 Pe 1:17; Ap 22:12). E não devemos pensar que exista qualquer contradição entre este ensino de recompensa e o da justificação unicamente pela fé. Num sentido absoluto um homem que tenha cumprido todos os seus deveres pode descrever-se a si mesmo apenas como "servo inútil" e, seja o que for que tenha recebido, o recebeu como dom da graça. Também é certo que da vida egocêntrica, daquela vida impenitente, sem a fé e seus frutos, não pode vir serviço algum que seja oferecido de coração ao Senhor, e é a esse serviço que Ele recompensa.

Finalmente, como um elo de ligação entre os versículos **8** e 9, são acrescidas as palavras *quer seja servo, quer livre.* Este princípio, como tudo mais que pode ser dito sobre o dever do homem para com Deus e do julgamento do homem por Deus, se aplica a todos igualmente, ricos e pobres, escravos e livres, servos e senhores. Mas é aos senhores que o apóstolo passa a falar.

9. *De igual modo procedei para com* os servos, diz Paulo aos senhores, tornando claro que os mesmos princípios também se aplicam a eles. As ações externas exigidas podem ser bem diferentes, mas ocorre a mesma necessidade de agir com os servos "como ao Senhor", estando a

fazer "a vontade de Deus" e mostrando "boa vontade", tal como os servos foram chamados a agir com eles. "Consultai o bem deles, assim como esperais que eles consultem o vosso bem" é a maneira como Moule parafraseia ***(ES).*** Aborda-se então um item bem prático. No mundo antigo, as *ameaças* aos escravos vinham muito facilmente aos lábios dos seus senhores, e o escravo não podia reagir. Ainda hoje o empregador pode falar ou agir como quem tem o chicote na mão. Mas o patrão cristão deve saber que tudo o que diz ou faz a seu servo deve ser dito ou feito lembrando-se que tem um ***Senhor... nos céus.*** A Ele deve prestar contas, inclusive quanto à maneira como tratou aqueles que deviam chamá-lo de "senhor". A afirmação (que a RSV traduz muito bem) de que, para com ***o Senhor, tanto deles como*** vosso,... não ***há acepção de pessoas*** torna claro o pensamento paulino de que tanto o servo quanto o senhor estão, em termos práticos, no mesmo nível, pois ele (o Senhor) "tanto deles como vosso, está nos céus, e para com Ele não há acepção de pessoas". A Ele, ambos devem prestar contas. Ele observa o relacionamento entre ambos (Tg 5:1). Foi ensinado aos servos fazerem todas as suas tarefas como a seu Senhor celestial. Foi ensinado aos senhores para agirem com seus servos tendo em mente o fato de serem eles mesmos servos, e que o Senhor celestial é a Quem devem prestar contas.[1] Além do mais, eles têm o exemplo que Ele mesmo deu "nos dias de sua carne" (Jo 13:13) a todos que se encontram em posição de autoridade.

VI. CONCLUSÃO (6:10-24)

a. O conflito cristão (6:10-20)

10. ***Quanto ao mais,*** diz o apóstolo, ao iniciar o final da carta. Tendo já falado da grandeza do propósito de Deus em Cristo, da glória de Sua alta vocação e a vida que deve seguir-se a isto. Foram estabelecidos os padrões, padrões tanto para a vida pessoal, como para a vida de comunhão na comunidade cristã e no círculo mais íntimo, que é o lar. Ainda assim ele quer lembrar seus leitores que tal vida não pode ser alcançada sem uma batalha espiritual, de cuja intensidade se tornou mais e mais cônscio por experiência própria. Para isso a suprema necessidade é

---

[1] *"...He who is both their Master and yours is in haven, and there is no partiality with him".* (RV).

Tanto a RV como a RVS traduzem de forma mais próxima do original grego do que a AV, que simplesmente diz de *seu Senhor.* (A versão Almeida, em português, tanto a antiga como a atualizada também mencionam "... *tanto deles como vosso").*

o poder de Deus. ***Sede fortalecidos*** significa que uma pessoa não pode fortalecer a si própria, pois necessita receber poder, nâo uma única vez, mas constantemente, e isso é que indica o tempo do verbo no grego.[1]. Além disso, o apóstolo nao diz "pelo Senhor", embora seja esta a verdade, mas simplesmente repete ***no Senhor.*** Quando se vive em união com Ele, dentro dos limites de Sua vontade e, conseqüentemente, de Sua graça, não pode haver falha devida à falta de poder (1 Jo 2:14). Fora dEle o cristão nada pode fazer (Jo 15:1-5), mas toda a ***força do Seu poder*** está à nossa disposição. Esta frase nos leva de volta a duas das palavras que já foram empregadas em 1:9 (e uma terceira, ***dinamis,*** que ocorre no verbo empregado), e a repetição dá a mesma ênfase sobre o poder prevalecente e triunfante de Deus, tal como percebemos naquela passagem.

11. Esse fortalecimento se faz necessário para que o conflito que é violento possa ser suportado. E Paulo expressa agora de outra maneira o equipamento que o cristão necessita — é ***a armadura de Deus,*** a ***panóplia*** (Rm 13:12; 1 Ts 5:8), a soma total de todas as peças de armadura ***(hopla)*** que descreverá nos versículos 14-17. ***A armadura de Deus*** tanto pode significar a armadura que Ele mesmo usa, quanto a que Ele fornece. Talvez ambas as idéias estivessem na mente de Paulo. A esta altura de sua prisão (veja comentário sobre versículo **20**), o apóstolo estava, provavelmente o dia todo, e todos os dias, preso algemado a um soldado romano. Sua mente deve freqüentemente ter-se voltado do soldado romano para o soldado de Jesus Cristo, e do soldado ao qual estava preso, para o Guerreiro celestial, e a Quem sua vida estava ligada por laços mais sólidos, embora invisíveis. Estava em sua mente, como veremos à frente com mais detalhes, a descrição da armadura do Guerreiro celeste, tal como é feita em Isaías 59:17; e Paulo teria pensado na relação entre as armas de Sua armadura e aquelas dadas por Ele aos soldados que lutam na guerra a Seu comando. Devia, também, ter em seu pensamento, outros detalhes da armadura do soldado que estava ali junto dele, e seus equivalentes sob o ponto de vista da estratégia para habilitar o crente a enfrentar o conflito espiritual. Essas armas, que irá descrever, são dadas para que os homens possam ***ficar firmes contra as ciladas do diabo.*** E na realidade ***ficar firmes é*** a expressão chave da passagem, pois, tal como Moule diz, "esta não é a descrição de uma marcha, ou a de um assalto, mas a de manter-se firme a fortaleza da alma e da Igreja para o Rei celeste" ***(CB).*** A palavra traduzida aqui como ***ciladas*** é a mesma empregada em 4:14, onde vimos que envolvia a idéia de "meios astutos". Esta é a primeira indicação da dificuldade da luta. Não é uma luta apenas contra

---

1. A RV bem como a SBB traduz pela forma passiva: "sede fortalecidos", já a AV e a RSV optam pela forma ativa "sede fortes" *(be strong)* como em 2 Timóteo 2:1 "fortifica-te".

a força do homem, mas contra os estratagemas de um inimigo espiritual, contra os planos sutis do inimigo das almas, e acerca do qual cada guerreiro cristão bem experimentado deverá pôr-se alerta (2 Co 2:11).

12. O pensamento de um demônio pessoal, embora encontrado em toda parte no Novo Testamento (Mt 4:1-11; Tg4:7; 1 Pe 5:8; 1 Jo 5:18), não é aceitável em todos os lugares hoje em dia. Menos ainda o é a idéia de ***principados e potestades*** do mal e ***dominadores*** espirituais ***deste mundo tenebroso.*** Mas não devemos ter pressa em rejeitar a linguagem bíblica que descreve a vida espiritual e seus conflitos, e, sim, compreender que nosso conhecimento grandemente aumentado do universo físico não aumentou, necessariamente, nosso sentido do espiritual e pode mesmo tê-lo embotado. Devemos hesitar em nos considerarmos mais sábios do que os apóstolos ou mesmo que nosso Senhor encarnado, no que se refere ao mundo invisível. Como C. S. Lewis e outros escritores contemporâneos demonstraram, as ciladas das tentações espirituais dificilmente podem ser mais adequadas ou poderosamente descritas do que em termos de agências pessoais do mal, e na realidade a sua explicação em termos puramente materiais é mais do que difícil. O homem moderno sente-se capaz de lutar contra poderes que, mesmo sendo descritos em termos materiais, estão além do seu controle, apesar de toda sua habilidade em penetrar nos mistérios do universo material e trazê-lo à sujeição. De qualquer modo, o apóstolo, em sua época, não encontraria seus leitores subestimando o poder das forças que agiam contra eles. Podemos trazer à luz a ênfase original traduzindo, "Não é para nós a luta contra carne e sangue". Momentaneamente ele deixa de lado a ilustração de um soldado armado para a batalha, mudando-a para a de um lutador de luta livre, pois este último oferece a ênfase que Paulo quer dar à natureza pessoal do conflito, e nos lembra que tanto o engano quanto a força bruta devem ser enfrentados. Encontramos então uma lista de sinônimos semelhantes àqueles de **1:21** para as forças que são inimigas do cristão, mas a preposição é repetida com cada uma, de forma a denotar que "cada uma deve ser enfrentada severamente" (Westcott). No grego há apenas uma palavra ***(kosmokratoras)*** para a trase ***dominadores deste mundo.*** Pode-se empregar a frase para designar aquele que é dominador de todo o mundo, ou aquele cuja autoridade está no mundo, no sentido em que o diabo é descrito em João 12:31; 14:30 e 2 Coríntios 4:4. Amiúde se descreve o mundo, no Novo Testamento, como estando debaixo do poder do maligno (1 Jo 5:19), e, conseqüentemente, sendo ***tenebroso*** (Lc 22:53; Rm 13:12; Cl 1:13). Os cristãos devem batalhar contra aqueles que, debaixo da autoridade do próprio diabo, possuem tal poder no mundo e, em conseqüência, mantêm os homens nas trevas. São ***as forças espirituais do mal,*** e o cristão está envolvido num conflito que não é físico, mas espiritual, contra elas. De fato. Como suas próprias

vidas são descritas como elevadas acima deste mundo material para os "lugares celestiais" onde vivem "em Cristo" (2:6), assim também lá ocorre o seu conflito espiritual, e sâo suas posses espirituais que lá estão **(1:3)** que os poderes do mal tentam roubar-lhes.

13. *Portanto,* Paulo diz aos leitores, que quando chegam a compreender o horrível poder e a procedência dos nossos inimigos espirituais, devem *tomar toda armadura de Deus.* A rejeição disto implica um grande perigo. E agora repete três vezes a palavra que já utilizara no versículo 11, quando diz que o grande objetivo dos guerreiros cristãos é serem capazes d *e ficar firmes.* De fato, o primeiro uso da palavra neste versículo se encontra no verbo composto *antistênai* (o verbo simples é *sténai),* que dá a idéia de uma firme resistência a uma forte oposição (Tg 4:7 e 1 Pe 5:9, onde a mesma palavra é empregada para o mesmo conflito espiritual). O *dia mau,* a que se faz referência particular, indica uma época em que o conflito será muito severo, devido tanto à perseguição vinda de fora da comunidade cristã quanto a tribulações de dentro. As passagens apocalípticas dos evangelhos (Mc 13:4-23) e as de Paulo em suas epístolas (2 Ts 2:3) referem-se ao apressamento do conflito, o aumento de intensidade desse estado de guerra, num grande "crescendo", antes da vinda do "dia do Senhor" (1 Jo 2:18). Para este em particular, bem como para cada dia um pouco "menos mau", o cristão deve estar preparado. Há muita coisa a ser feita na vida do cristão, muitas oportunidades de serviço, mas Paulo podia antever a possibilidade de uma pessoa fazer grandes coisas, mesmo as obras de um apóstolo, e ainda assim ser desqualificado no final (1 Co 9:24-27). Por isso enfatiza aqui o máximo possível que *depois de* terem *vencido tudo,* depois de terem feito grandes coisas (o que o verbo deixa implícito), devem estar certos de *permanecer inabaláveis.*

14. *Estai, pois, firmes* nessa armadura completa, diz o apóstolo, a qual é a única maneira de tornar você invencível. A expressão *cingindo* é, no grego, um particípio, dando a idéia de uma ação pessoal deliberada. A ordem em que as peças da armadura são descritas é a mesma em que o soldado as vestia. Estritamente falando, a cinta não fazia parte da armadura, a verdade é que a armadura não podia ser vestida, sem que antes as roupas debaixo não estivessem bem presas. A metáfora do ato de cingir-se é muito freqüentemente usada na Bíblia porque descreve uma ação preparatória muito necessária para uma pessoa que estivesse usando as roupas esvoaçantes daqueles dias, antes de poder realizar algum trabalho, participar de uma corrida, ou lutar em uma batalha (veja Lc 12:35; 1 Pe 1:13). Em Isaías 59:17 e em 1 Tessalonicenses 5:8 a descrição da armadura cristã não mencionam a cinta, mas Isaías 11:5 diz a respeito do "rebento" que sairá "do tronco de Jessé" que "a justiça será o cinto dos seus lombos, e a fidelidade o cinto dos seus rins". Podemos com isso

concluir que a referência não é feita à verdade do evangelho, mas ao ato íntimo de cingir-se com a verdade no sentido de integridade, a "verdade no íntimo" de que fala o Salmo 51:6. Assim como "o cinto... dá facilidade e liberdade de movimento", também "é a verdade que nos dá esta liberdade conosco mesmos, com o nosso próximo e com Deus. A falta de perfeita sinceridade nos embaraça a cada movimento" [1].

Em segundo lugar, há a *couraça da justiça* que deve ser vestida. Esta descrição surge daquela do Guerreiro celestial em Isaías 59:17, e isso, bem como a referência de 2 Coríntios 6:7 às "armas da justiça, quer ofensivas, quer defensivas", parece indicar que o que Paulo tinha em mente não era a justiça de Deus que nos foi imputada (Rm 3:21), e que implica a nossa justificação e o perdão dos nossos pecados; e sim, como Calvino, Westcott, Moule e muitos outros interpretam a passagem, implica a retidão de caráter, "lealdade quanto aos princípios e aos atos, para com a santa lei de Deus" (Moule, *CB).* Negligenciar quanto ao que sabemos ser uma ação justa é como deixar um buraco aberto em nossa armadura. Compare-se este uso da palavra *justiça* com os usos que se faz no versículo de 5:9 e em Romanos 6:13 e 14:17.

15. Em terceiro lugar, Paulo diz "tendo calçado os pés com a preparação do evangelho da paz", que é como traduz a RV,[2] sem dúvida uma tradução preferível a *calçai os pés...* (RAB). A palavra aqui traduzida por preparação pode ter dois sentidos bem diferentes. Pode significar um estado de prontidão, e alguns, tomando isto como o sentido correto aqui, presumem que, embora a defesa esteja em primeiro lugar na mente do apóstolo nesta passagem ao descrever o conflito, o cristão não pode pensar só em se defender, e sim, deve pensar em ir adiante, atacar com o evangelho. Parte de seu equipamento é, portanto, a prontidão de, a qualquer momento, levar as boas novas aos outros. Tem-se argumentado que o pensamento do apóstolo pulou, em Isaías de 59 para 52:7, que era o texto que tinha em mente em Efésios 2:17. Todavia, um outro significado do substantivo grego *hetoimasia* é "preparação" no sentido de "fundamento preparado", e com este sentido parece ser usado na versão grega do Salmo 89:14 (88:15 na LXX). Isto oferece aqui o significado de que o conhecimento e a dependência do evangelho, pelo qual o homem obtém paz em seu coração e também vida, é um equipamento necessário (por exemplo, as sandálias do soldado romano possuíam cravos na sola, assim como, hoje, com o mesmo fim também os têm às chuteiras de futebol), para que o soldado não escorregasse quando em luta. Por isso pode-se traduzir o versículo assim: "deixai que o evangelho

---

[1] Goudge, H. L. *Three Lectures on the Epistle to the Ephesians* (1920), p. 76.

[2] "... and having shod your feet with the equipment of the gospel of peace"; (RSV).

da paz seja, como os sapatos em vossos pés, para dar-vos firmeza". Este segundo sentido se encaixa melhor no contexto, com o pensamento dominante de capacidade de ficar imóvel contra o inimigo. Mesmo assim as palavras usadas dão idéia de que o estado de guerra não descreve de maneira completa o trabalho do crente — ele é também um mensageiro com boas novas. Há também um belo paradoxo, o de que, em meio ao fragor da batalha o crente possui paz interior (Jo 16:33); ele luta contra o mal de dentro e de fora de si, mas com este propósito, o de afastar tudo o que o estiver impedindo de levar o evangelho da reconciliação e da paz ao mundo.

16. A seguir, "para tudo o mais" (Scott), vem o *escudo,* e a palavra usada aqui é a que descreve o grande *scutum* que, com efeito, cobria grande parte do corpo. O *escudo* é *fé,* com o que — como em 1 Tessalonicenses 5:8 quando Paulo se refere a "fé e amor" como a couraça — quer dizer a confiança em Deus. "A verdadeira proteção no dia mau", diz Moule, "nunca está na introspecção, mas naquilo que se volta para fora, para Deus, e que é a essência da fé (SI 25:15)" *(CB).* Ele reitera a necessidade de se ter uma visão do inimigo. Nos dias do Novo Testamento os dardos freqüentemente eram feitos com estopa embebida em substância combustível e então acesos, de modo que os escudos de madeira necessitavam de uma cobertura de couro a fim de extinguir o fogo rapidamente. Paulo sabia que "as ciladas do diabo" incluíam esses *dardos inflamados,* a saber, as línguas dos homens que agem como flechas, as setas de impureza, egoísmo, dúvida, medo, desapontamento, que são planejadas pelo inimigo com o intuito de queimar e destruir. O apóstolo sabia que somente a dependência de fé em Deus podia debelar e anular o efeito de tais armas, sempre que fossem atiradas no cristão.

17. *Tomai também o capacete de salvação,* diz Paulo em seguida, e o verbo usado aqui é bem apropriado para referir-se à salvação como um dom de Deus (Barry). Implica também, que *salvação* é uma provisão para o homem que pode ser recebida de forma tão definida quanto qualquer outra parte da armadura cristã — a salvação da alma não é uma questão de incerteza até o fim. Em Isaías 59:17 o Guerreiro divino veste o capacete da salvação como Aquele que opera a salvação e a traz. Para o crente, salvação é parte da armadura defensiva que é essencial à sua segurança na luta. Podemos interpretar isto como o dom de Deus de salvar da pena do pecado, porém, mais ainda, como ajuda salvadora Sua para proteger do poder do pecado, e o texto paralelo em 1 Tessalonicenses 5:8 sugere que aqui também podemos interpretar a expressão de forma a incluir "a esperança" do livramento final da própria presença do pecado. Sem aquela esperança fortalecedora, sem o livramento presente,

e a confiança de resgate do cativeiro passado, o cristão pode ser facilmente ferido mortalmente no conflito.

Finalmente há *a espada do Espírito.* O Antigo Testamento freqüentemente se refere à língua como uma espada. Diz que as palavras dos homens iníquos ferem como espada (Sl 57:4; 64:3). Mas a Bíblia, a própria palavra de Deus também é comparada a uma espada em Sua mão, uma espada que permanece desembainhada e que separa o falso do verdadeiro (Hb 4:12), que traz julgamento (Is 11:4; Os 6:5), e também a salvação. Dessa forma Sua palavra pode ser usada por Seus mensageiros nas vidas de outros (Is 49:2), mas aqui a idéia é de que a palavra de Deus é uma arma defensiva para a pessoa que a maneja. Os genitivos usados nos versículos precedentes são genitivos de aposição, o que levou algumas pessoas a interpretar isto como se o próprio Espírito fosse a palavra. Claramente, todavia, o que a palavra representa é explicado não pelo genitivo, mas pela cláusula seguinte. A palavra é a espada do Espírito, [1] porque é dada pelo Espírito (3:5; 2 Tm 3:16; Hb 3:7; 9:8; 10:15; 1 Pe 1:11; 2 Pe 1:21), e "à medida que Ele opera no crente como o Espírito da verdade (Jo 14:17) e fé (2 Co 4:13) coloca a palavra ao seu alcance e o habilita a usá-la" (Moule; *CB).* O uso do texto das Escrituras pelo Senhor Jesus, por ocasião de suas tentações no deserto (Mt 4:1-10) é ilustração e incentivo suficiente para que o cristão fortaleça a si mesmo com o conhecimento e a compreensão da "Palavra", para que com convicção e poder semelhantes seja capaz de se defender das investidas do inimigo por intermédio dela.

18. A oração não pode ser bem descrita como uma parte da armadura, mas ao descrever-se o equipamento cristão para o conflito não se pode deixar de incluir referência à oração. O particípio presente *orando* pode, de fato, ser entendido junto com todas as ordens precedentes. As diferentes partes da armadura foram descritas; e na realidade o apóstolo diria "vesti cada peça com oração", e então continuai ainda em *toda oração e súplica.* A palavra *todo,* ou seus equivalentes, é usada quatro vezes neste único versículo. A oração, que é efetiva em todas as suas inúmeras formas, atende em todas as ocasiões, e deve ser oferecida com a mais profunda sinceridade e constância por toda a alma crente. O Novo Testamento freqüentemente exorta o crente a orar sem cessar, (Lc 18:1; Rm 12:12; Fp4:6; Cl4:2; 1 Ts 5:17), e aqui se destaca em particular que cada incidente da vida (*kairos, tempo,* é a palavra usada — veja comentário sobre 1:10 e 5:16), deve ser tratado em oração. O apóstolo sabe que esta não é uma exigência fácil de ser cumprida. O homem facilmente leva

[1] A referência não *é* apenas às Escrituras, mas a todas as "palavras que vêm de Deus" por Seu Espírito (NEB); nós, entretanto, simplesmente pensamos na Bíblia primeiramente Veja (22).

suas dificuldades aos seus semelhantes, em vez de levá-las a Deus. "O poder da oração é ganho pela disciplina sistemática", diz Westcott sabiamente. A constância na oração e o do crente recorrer naturalmente à oração ocorrem apenas quando esta já se tornou um hábito da vida e quando a pessoa aprendeu a vigiar *com toda perseverança.* "Vigiai" era como freqüentemente exortava o próprio Jesus aos Seus discípulos, e mais significativamente no momento em que necessitaram encontrar, pela oração, força para a hora de tentação no Getsêmani.

Mas novamente há um maravilhoso equilíbrio na apresentação de Paulo. Mesmo esta vigilância e disciplina não se constituem apenas uma questão de luta humana, pois a verdadeira oração cristã é oração *no Espírito.* O Espírito é dado como Ajudador, inclusive para a tarefa de oração (Rm 8:26); mas como acontece com outros usos da frase nesta epístola *(2:18, 22; 5:18), no Espírito* significa mais do que pela ajuda do Espírito. O Espírito é a atmosfera da vida do crente, e à medida que vive no Espírito receberá graça para vigiar, bem como poder para continuar em oração.

Essa oração, Paulo finalmente diz, ilimitada quanto ao tempo e ao modo por que pode ser oferecida, deve ser ilimitada quanto ao alcance em favor daqueles por quem é feita. O crente não deve pensar apenas individualmente em seu próprio conflito espiritual, e sim preocupar-se com toda a Igreja de Cristo, e desejar a vitória de todos os seus companheiros de luta (1 Tm 2:1). E como diz Moule, "Na verdade, o cristão não pode fazer-se armar por Cristo, e usar essa sua armadura, sem também encher-se de simpatia pela irmandade dos santos de Cristo" *(CB).* Há um pensamento semelhante em 1 Pedro 5:9, onde aqueles que são chamados a resistir ao diabo são lembrados de que "sofrimentos iguais aos vossos estão-se cumprindo na vossa irmandade espalhada pelo mundo".

19. A esta altura, como Paulo havia pedido orações pelos outros, não pode deixar de pedir a seus leitores súplicas sinceras por ele próprio. Como orava pelas igrejas, constantemente pedia suas orações por ele mesmo (Cl 4:3; 1 Ts 5:25; 2 Ts 3:1). Estava cônscio de sua posição na frente de batalha, embora estivesse na prisão, sabia da sua vulnerabilidade. Seu maior desejo não era que orassem tanto por sua libertação, mas que intercedessem pelo grande ministério da palavra que ainda lhe cabia. Para essa tarefa ele precisava de duas coisas: sabedoria e coragem. Aqui, a RV (assim como, em português a RAB) traduz de forma mais acurada que a AV, "Abrir a boca" é uma expressão usada apenas onde algum assunto grave está em questão", diz Abbott. Paulo sempre reconhece sua responsabilidade por lhe ter sido confiado o evangelho da salvação eterna dos homens, de modo que deseja acima de tudo, que, sempre que tenha oportunidade de falar do evangelho, Deus lhe dê as palavras (SI 51 : 15). Além disto , assim como reconhece que pela graça de

Deus lhe foi dado compreender o *mistério do evangelho* (veja comentário sobre 3:3 e 9), também necessita receber constantemente poder para proclama-lo *com intrepidez,* sem de forma alguma, abandonar ou diminuir "o desígnio de Deus" (At 20:27), seja para obter o louvor dos homens, seja para evitar seu escárnio ou oposição. Da mesma forma que os primeiros apóstolos, (At 4:29), orava, não por seu próprio sucesso, nem por ficar livre de perigo ou sofrimento, mas por lhe ser dada intrepidez na proclamação do evangelho de Deus que lhe fora confiado.

20. Até este ponto o apóstolo pouco disse acerca de si mesmo, exceto para lembrar seus leitores que, dali da sua prisão mesmo confinado continuava exortando, suplicando e orando **(3:1;4:1).** Agora, a fim de que pudessem orar por ele, objetivamente lembra-os mais especificamente de sua condição. Ele é um *embaixador em cadeias.* Sabia que inúmeros embaixadores, de perto e de longe vinham até Roma; ele, embora na prisão por vontade do poderoso Imperador romano, sentia a dignidade e a tremenda importância de sua posição como representante do Rei dos reis. Ele era o portador da palavra de seu real Senhor, a palavra que conclamava os homens que estavam na situação de inimigos dEle a que se reconciliassem com Ele (2 Co 5:20). E era devido ao modo por que havia representado seu Senhor, é que ele estava *em cadeias.* Esta expressão *en halusei* provavelmente, embora sem certeza absoluta, indica a forma de prisão a que estava submetido. Em Atos 28:16 diz-se que, quando veio primeiramente a Roma, "foi permitido a Paulo morar por sua conta, tendo em sua companhia o soldado que o guardava", e então, no versículo 20 do mesmo capítulo, Paulo diz aos judeus que "é pela esperança de Israel" que está "preso com esta cadeia" *(tên halusin tautên perikeimai).* Fala sobre sua prisão de forma a não atrair para si os sentimentos de compaixão de seus leitores; pode desejar inspirá-los e encorajá-los fazendo-os compreender que recebeu alegremente a graça para suportar a prisão, mas acima de tudo quer que orem por ele. A prisão traz sempre consigo a tentação que lhe é própria e especial de levar o homem a ceder ou dobrar-se de medo, perante outro homem. E tem uma responsabilidade que é também um privilégio os quais continuariam seus enquanto vivesse. E Ele sabe como *cumpre falar,* para dar testemunho do evangelho. Portanto, reitera o pedido para que orem a fim de que *seja ousado para falar.*

b. Mensagem final e saudação (6:21-24)

21,22. O apóstolo tem algumas palavras finais de cunho pessoal, e estas são muito semelhantes às de Colossenses 4:7-9, e na Introdução [1]

[1] Veja (22).

consideramos o significado deste fato. Se julgamos corretamente toda situação e propósito desta epístola, o apóstolo evitou referências pessoais, seja a si mesmo seja a seus leitores, a fim de dar à carta uma utilização mais ampla entre as igrejas da Ásia. Mas há fortes elos pessoais que o ligam à maioria dessas igrejas. Como já havia tido notícias deles de inúmeras maneiras, ele quer, agora dar novas a seu *respeito* e das circunstâncias que o cercam. Pode ter havido uma necessidade especial disso devido à ansiedade que nutriam por ele (Fp 1:12), e também à tentação de serem desencorajados devido ao seu aprisionamento (veja comentário sobre 3:13). A ênfase dada à expressão: "para que (vós) *saibais também"* é devida a que, tendo o apóstolo ouvido as notícias dos trabalhos deles, quis, de sua parte, dar-lhes a oportunidade de ouvirem a seu respeito. Havendo entretanto, acabado de escrever a conclusão da epístola aos Colossenses, é natural que escrevesse desse modo, sem um pensamento rápido sobre se os leitores desta carta tinham ou não, conhecimento da outra que havia escrito aos Colossenses.

Tíquico era o mensageiro de Paulo, a quem podia chamar de o *irmão amado e fiel ministro* (veja comentário sobre 3:7), e agora acrescenta, pela última vez nesta epístola, a frase que condiciona toda vida, serviço e relacionamentos cristãos, *no Senhor.* Tíquico é o portador de Colossenses, e, forçosamente, de Filemom também. Primeiramente ouvimos a respeito dele como um dos representantes da igreja asiática e que foi com Trófimo da Grécia presumivelmente até Jerusalém por ocasião do final da terceira viagem missionária de Paulo (At 20:4, e veja também 21:29). Em Tito 3:12 Paulo fala de enviar Tíquico ou Ártemas até Tito, enquanto em 2 Timóteo 4:12 fala dele como realmente enviado de Roma a Éfeso, pelo que fica implícito ser ele um dos que fielmente serviram com Paulo até seus últimos e penosos dias. Existem tradições, mas de modo algum uma tradição concordante, com respeito ao seu trabalho como bispo em dias posteriores. O propósito a esta altura de enviar alguém tão chegado como Tíquico, era que ele transmitisse notícias corretas acerca do apóstolo, e através de tais notícias, e não há dúvida de que também, através de outras exortações espirituais, pudesse consolar os *corações* dos leitores.

23. Segue-se uma saudação, que semelhante àquela do princípio da epístola (veja comentário sobre 1:2) é uma verdadeira oração. Paulo apanha as três grandes qualidades da vida cristã, as três bênçãos que tanto mencionou nesta epístola, e ora para que seus leitores possam possuí-las. *Paz* — paz com Deus, paz no coração, paz uns com os outros — *seja com os irmãos.* Então *amor com fé.* Num certo sentido o amor surge da fé, e sem a união da fé com Cristo o amor não pode começar a crescer. Fé no sentido de fidelidade é (veja comentário sobre 1:1), entretanto, um fruto do amor. Todas essas bênçãos vêm *da parte de Deus Pai,* a Fonte de

tudo, *e do Senhor Jesus Cristo,* que é Mediador para nós de cada bênção espiritual que possamos ter (1:3).

24. Agora a oração final é por *graça,* a graça com que a carta principiou, e que foi o tema de toda ela. É digno de nota que quando a palavra é usada na saudação introdutória das epístolas, aparece geralmente sem o artigo no grego, mas quando a palavra está na oração final o artigo é usado (2 Co 13:14; Cl 4:18; 1 Tm 6:21; 2 Tm 4:22; Tt 3:15; Hb 13:25). Talvez devamos ver a influência de forma litúrgica de uma oração final já existindo mesmo nesta época do culto cristão. Talvez a implicação esteja apenas numa referência à "graça da qual tanto falei". Quando qualifica *todos* os que são recipientes da graça com as palavras *os que amam... a nosso Senhor Jesus Cristo,* não o faz com o desejo de sugerir uma exclusividade da graça divina, mas com a lembrança de que somente onde há um amor correspondente, o amor e a graça de Deus podem continuar a ser recebidos em sua medida plena e maravilhosa.

A variedade de traduções da expressão *en aphtarsia* (a versão RAB traduz por "sinceramente") revela a dificuldade de se determinar exatamente seu sentido. É empregada para designar incorruptibilidade no sentido de imortalidade em Romanos 2:7, 2 Timóteo 1:10 e em outros lugares. O adjetivo correspondente *aphtartos* é usado em 1 Pedro 3:4 para referir-se ao adorno "incorruptível" do caráter das mulheres cristãs, que é, pelo menos, meio caminho em direção do sentido de "ausência de corrupção" moral ou *sinceridade* (veja também comentário sobre 4:22). Talvez não necessitemos ser pressionados a decidir entre alternativas. O que é imortal por natureza deve ser mantido incorruptível em essência. O que é espiritual e eterno no amor que Deus derrama em nossos corações pelo Espirito Santo (Rm 5:5) deve ser mantido longe de todo tipo de corrupção e decadência. O amor de Deus é um amor eterno, e o amor que responde a esse amor deve ser mantido firme (1 Co 13:8), e brilhar mais e mais até o dia perfeito de Deus.

COMENTÁRIOS BÍBLICOS DA SÉRIE CULTURA BÍBLICA

Os comentários da Série Cultura Bíblica foram elaborados para ajudar o leitor a alcançar uma compreensão do real significado do texto bíblico.

A introdução de cada livro dá às questões de autoria e data um tratamento conciso, embora completo. Isso é de grande ajuda para o leitor, pois mostra não só o propósito de cada livro como as circunstâncias em que foi escrito. É também de inestimável valor para professores e estudantes que buscam informações sobre pontos-chaves, pois aí se vêem combinados o mais alto conhecimento e o mais profundo respeito com relação ao texto sagrado.

Veja a riqueza do tratamento que o texto bíblico recebe em cada comentário da Série Cultura Bíblica:

- Os comentários tomam cada livro e estabelecem as respectivas seções, além de destacar os temas principais.
- O texto é comentado versículo por versículo.
- São focalizados os problemas de interpretação.
- Em notas adicionais, as dificuldades específicas de cada texto são discutidas em profundidade.

O objetivo principal dos comentários é buscar o verdadeiro significado do texto da Bíblia, tornando sua mensagem plenamente compreensível.

ISBN 978-85-275-0115-6





VIDA NOVA